

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

Amanda Mello Andrade de Araújo

**A formação do *habitus* de enxadristas:
corpo, performatividades e emoções em jogo**



Niterói, RJ

2024

Amanda Mello Andrade de Araújo

**A formação do *habitus* de enxadristas:
corpo, performatividades e emoções em jogo**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Antropologia da Universidade Federal
Fluminense, como requisito parcial para obtenção
do Grau de Doutora em Antropologia

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo

Niterói, RJ

2024

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

A658f Araújo, Amanda Mello Andrade
 A formação do habitus de enxadristas: : corpo,
 performatividades e emoção em jogo / Amanda Mello Andrade
 Araújo. - 2024.
 205 p.

 Orientador: Luiz Fernando Rojo.
 Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto
 de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2024.

 1. Antropologia. 2. Antropologia dos Esportes. 3.
 Antropologia das Emoções. 4. Antropologia do Corpo. 5.
 Produção intelectual. I. Rojo, Luiz Fernando, orientador.
 II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências
 Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD - XXX

Amanda Mello Andrade de Araújo

**A formação do *habitus* de enxadristas:
corpo, performatividades e emoções em jogo**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Antropologia da Universidade Federal
Fluminense, como requisito parcial para obtenção
do Grau de Doutora em Antropologia

Aprovada em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo (Orientador)
Universidade Federal Fluminense (PPGA–UFF)

Prof. Dr. Edilson Márcio Almeida da Silva
Universidade Federal Fluminense (PPGA–UFF)

Profa. Dra. Claudia Barcellos Rezende
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Profa. Dra. Verónica Moreira
Universidade de Buenos Aires (UBA)

Profa. Dra. Mariane da Silva Pisani
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Niterói, RJ
2024

Para minha mãe, Cléa (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Foi com uma dose de medo e atrevimento que eu me aventurei pela Antropologia. Mais do que por terminar esta tese, minha alegria é por ter feito essa escolha. Pouco êxito eu teria tido, não fosse a gentil condução de meu orientador: obrigada, Luiz! Que essa parceria prossiga.

Aos meus interlocutores enxadristas, em especial aos colegas do Núcleo de Xadrez de Niterói (NXN), por compartilharem comigo seus conhecimentos sobre xadrez e por terem aceitado participar da pesquisa.

À Micheli, que intermediou meu primeiro contato com Luiz.

Aos meus chefes do Instituto de Educação Física (IEF) da UFF, Tadeu e Tininha, que viabilizaram meu afastamento integral para estudo.

Aos colegas técnicos do IEF.

Aos professores Edilson, Cláudia, Verônica e Mariane, pela leitura deste texto e por aceitarem participar da banca.

Aos colegas do grupo de orientandos e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS), pelo aprendizado compartilhado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), não apenas por estar aberto a pessoas com formação em outras áreas, mas por viabilizar esta empreitada, promovendo, na ocasião da minha candidatura, um edital com reserva de vaga para servidores técnico-administrativos por meio do Programa de Qualificação Institucional (PQI/UFF).

À Universidade Federal Fluminense (UFF), por implementar ações como o PQI/UFF. Que iniciativas como essa se multipliquem.

À bibliotecária Camila Roque, da Biblioteca Central do Gragoatá (BCG), sempre muito prestativa em atender minhas demandas por bibliografias inacessíveis.

Ao Flávio, meu companheiro da vida, e à Bia, minha enteada querida, por todo o afeto.

RESUMO

Esta tese tem por objetivo analisar a formação do *habitus* de enxadristas de um clube de xadrez de Niterói, cidade no estado do Rio de Janeiro (RJ, Brasil), com ênfase em três aspectos específicos: os discursos sobre as emoções, a dimensão da corporalidade e as performances. Tomo como pressuposto a ideia de que se confere protagonismo a noções como mente, razão, genialidade e cálculo devido ao imaginário e às representações sociais presentes nas mídias televisivas e literárias, bem como nas pesquisas científicas que têm o xadrez como objeto. A partir de dois anos de observação-participante em um clube de xadrez, analiso como as performances, a corporalidade e as emoções articulam-se às disposições específicas desse princípio gerador que é o *habitus*. A composição desse princípio estruturante implica certos processos sociais: a formação de um gosto pelo jogo sério; o cultivo de um exercício do pensamento que é transmitido como herança cultural; a valorização da fruição estética, em detrimento dos objetivos de jogo; e até a renúncia da noção de genialidade, em favor do culto à disciplina. Discuto ainda como as corporalidades e as emoções não somente se mostram presentes nos discursos associados à prática do xadrez, mas também como em determinados momentos elas ganham centralidade na experiência desses jogadores, o que aponta para uma inversão hierárquica de antigos dualismos do Ocidente (corpo/mente, razão/emoção) no contexto estudado.

Palavras-chave: Esporte. Xadrez. Corpo. Emoção. Performance.

ABSTRACT

This doctoral dissertation aims to analyze the *habitus* acquisition of chess players at a chess club in Niteroi, city in Rio de Janeiro, a southeastern state of Brazil. Three specific aspects of investigation were emphasized: the discourses on emotions, the dimension of corporality, and performance. The research at hand is premised on the idea that the imaginary and social representations present in television and literary media, as well as in scientific research that has chess as its object, give protagonism to notions such as mind, reason, genius, and calculus. Stemming from two years of participant observation in a chess club, this paper exams how performances, corporalities, and emotions are articulated to the specific dispositions of this generating principle known as *habitus*, whose composition involves certain social processes. These processes may range from: building a taste for the serious game; to cultivating mind exercises transmitted as cultural heritage; to valuing aesthetic enjoyment over the own objectives of the game; and even to renouncing the notion of genius, in favor of the cult of discipline. Thus, it is discussed in what manner corporality and emotions are not only present in the discourses associated with the practice of chess, but also how at certain moments they gain centrality in the experience of these players, which indicates a hierarchical inversion of old Western dualisms (body/mind, reason/emotion) in the studied context.

Keywords: Sport. Chess. Body. Emotion. Performance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 — Grupo feminino, 2021	28
Foto 2 — O clube, 2023	62
Foto 3 — Palestra do Mestre FIDE, sobre o torneio de candidatos, 2022	63
Gráfico 1 — Faixa etária dos sócios do Núcleo de Xadrez de Niterói (NXN)	64
Gráfico 2 — Frequência por gênero dos associados do NXN.....	65
Gráfico 3 — Renda dos associados do NXN por salário-mínimo.....	65
Gráfico 4 — Município de residência dos associados do NXN	66
Gráfico 5 — Frequência por raça dos associados do NXN	66
Gráfico 6 — Frequência por escolaridade dos associados do NXN.....	67
Gráfico 7 — Frequência por transporte usado para ir ao clube dos associados do NXN.....	67
Gráfico 8 — Nuvem de palavras representando a frequência de profissões dos associados do NXN	68
Gráfico 9 — Idade em que os associados do NXN começaram a jogar xadrez	68
Gráfico 10 — Como os associados do NXN aprenderam a jogar xadrez	69
Figura 1 — Ilustração da defesa siciliana.....	113
Figura 2 — Estudo tático, tema: ataque cavalo de Tróia.....	116
Figura 3 — Captura de tela dos comentários no Youtube sobre a vitória de Ding Liren, na final do Campeonato Mundial de Xadrez de 2023	185
Figura 4 — Captura de tela dos comentários no Youtube sobre a vitória de Ding Liren, na final do Campeonato Mundial de Xadrez de 2023 (2)	186
Figura 5 — Captura de tela dos comentários no Youtube sobre a vitória de Ding Liren, na final do Campeonato Mundial de Xadrez de 2023 (3)	186

LISTA DE ABREVIATURAS

ALEX – Associação Leopoldinense de Xadrez

CBGE – Confederação Brasileira de Games e *E-sports*

CBX – Confederação Brasileira de Xadrez

CM – Candidato a Mestre da FIDE

FEXERJ – Federação de Xadrez do Estado do Rio de Janeiro

FIDE – Federação Internacional de Xadrez

GM – Grande Mestre

LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação

LIE – Lei de incentivo ao Esporte

MF – Mestre FIDE

MI – Mestre Internacional

MN – Mestre Nacional

NXN – Núcleo de Xadrez de Niterói

SNE – Sistema Nacional de Desporto

WCM – Mestre Candidato Feminino

WFM – Mestre FIDE Feminino

WGM – Grande Mestre Feminino

WIM – Mestre Internacional Feminino

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Primeiros lances	12
A construção de uma questão.....	15
A organização da tese.....	19
CAPÍTULO 1 QUESTÕES DE MÉTODO	21
1.1 Etnografias com esportistas: zona livre e o trabalho de campo	22
1.2 A questão de gênero e os desvios da pesquisa: passando de um problema analítico para um problema prático	26
1.3 Um jogo de identidades: antropóloga-enxadrista-mulher.....	30
1.4 Aspectos práticos do trabalho de campo	38
CAPÍTULO 2 ORIGENS E MARCADORES HISTÓRICOS DO XADREZ.....	42
2.1 Uma breve história do esporte xadrez.....	43
2.2 O campo enxadrístico brasileiro	54
2.3 O Núcleo de Xadrez de Niterói.....	58
2.4 Perfil socioeconômico do associado	63
CAPÍTULO 3 <i>HABITUS</i> E PERFORMATIVIDADES ESPORTIVAS.....	73
3. 1 O gosto por um jogo sério.....	74
3.2 A disposição escolástica no xadrez	81
3.3 A disposição estética	86
3.4 A disposição ascética e o mito do gênio	89
3.5 Entre performances e performatividades esportivas: interpretações sobre a categoria nativa do <i>rating</i>	91
3.6 Um enquadramento teórico necessário	93
3.7 Performatividades esportivas no xadrez	95
3.7.1 Dos mestres às “capivaras”	104
3.8 A recepção dos novatos.....	106
3.9 Os estudos de quinta-feira: momento de produção do <i>habitus</i>	111
CAPÍTULO 4 A CORPORALIDADE DOS ENXADRISTAS	120
4.1 A questão do corpo e do movimento.....	121
4.2 Nas bordas do tabuleiro: o corpo como peça de jogo	124
4.3 O corpo nos discursos sobre saúde dos enxadristas.....	132
4.4 Cansaço como categoria relacional.....	136
4.5 A questão do corpo na disputa pelo significado legítimo na definição institucional de esporte	144
CAPÍTULO 5 AS EMOÇÕES ENTRE OS ENXADRISTAS	154

5.1 Primeiro, um comentário teórico	155
5.2 Emoções de valência positiva no xadrez	158
5.3 O <i>rating</i> como regulador dos discursos sobre as emoções	161
5.4 A honra e a dor da derrota	164
5.5 A disjunção entre razão e emoção no acionar do relógio	178
5.6 Emoções e diferenças de gênero no xadrez	186
CONCLUSÃO	191
REFERÊNCIAS.....	195

INTRODUÇÃO

Primeiros lances

Considerando aspectos como performance, corporalidade e emoções, como se dá a formação do *habitus* de enxadristas integrantes de um clube de xadrez? Essa foi a questão que norteou esta etnografia, concentrada na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. O trabalho de campo teve início ao final do ano de 2020 e foi encerrado em abril de 2023, com algumas interrupções nesse interstício. Esta pesquisa vem se somar a outras no contexto mais amplo da Antropologia dos Esportes, dialogando fortemente também com os estudos da Antropologia das Emoções e do Corpo.

Depois de aprovada na candidatura para o doutorado, segui um pouco incerta se que aquele projeto de pesquisa – que apontava para um outro objeto, antes explorado sociologicamente em minha dissertação de mestrado (ARAÚJO, A. 2015)¹ – deveria ser o caminho seguido em terras antropológicas. As hesitações ficaram para trás logo no primeiro semestre do doutoramento, por ocasião de um comentário desprezioso do meu orientador, em uma das aulas da disciplina de Antropologia dos Esportes. Entre as conversas corriqueiras que precedem o início da aula, alguns estudantes mencionavam a série da Netflix (2020) “O Gambito da Rainha” – lançada nessa plataforma de *streaming* naquele mesmo ano –, quando meu orientador questionou em sua fala a ausência de pesquisas, no âmbito da Antropologia dos Esportes, que tivessem como ponto basilar de investigação a prática do xadrez.

Por alguma razão que ignorei naquele momento, o comentário despertou uma curiosidade sobre aquele universo completamente estranho a mim. Logo, as motivações que guiaram esta tese tiveram sua origem em uma situação puramente acidental. Diferente, portanto, de muitas pesquisas de mestrado ou de doutorado em Antropologia, nas quais a escolha pelo objeto parece ser norteada por um encantamento quase romântico e pautado, muitas vezes, em uma vivência ou uma adesão anterior do pesquisador como nativo daquele grupo – o que, certamente, traz suas respectivas vantagens e desvantagens ao trabalho.

Se, de acordo com Mariza Peirano (1990), o acaso se contrapõe a qualquer explicação globalizante, por outro ângulo, parafraseando Howard Becker (1994), a escolha de um campo

¹ Em julho de 2015, apresentei minha dissertação sobre a corporalidade de pessoas praticantes de *body modification* e de suspensão corporal pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

de pesquisa é um evento suficientemente relevante para qualquer pesquisador, a ponto de que não raro lhe seja exigida uma breve explicação sobre a escolha. Assim, ao escrever estas linhas introdutórias, foi inevitável empreender a seguir algum exercício de autorreflexão para buscar entender como uma situação ocasional, tal qual aquela, pôde ser determinante para o meu interesse investigativo, cujo resultado se materializa neste texto.

O primeiro ponto, penso, tem a ver com algo que já estava contido no comentário original do professor, segundo o qual haveria uma completa ausência de pesquisas sobre o xadrez na Antropologia brasileira. De fato, como trato melhor adiante, não há nenhum trabalho extensivo sobre o tema publicado até o momento². Em tempos de produção acadêmica acelerada e de grande volume, é contraintuitivo pensar que ainda não há qualquer pesquisa da área dedicada a esse tema. Isso, no entanto, avalio ter menos a ver com um desinteresse pelo xadrez como modalidade de desporto, e mais com a recente maturidade do campo da Antropologia dos Esportes como área de estudo (CAMARGO; PISANI; ROJO, 2021). Se é verdade que já não é possível afirmar a hegemonia dos estudos sobre futebol na referida área, tampouco parece haver condições suficientes para declarar que todos os recônditos de uma Antropologia das práticas esportivas foram explorados. Nesse sentido, a lacuna sobre o tema do xadrez se apresenta como um dos móveis, se não o principal, para a execução desta pesquisa.

A ausência de literatura relativa ao campo de estudo em questão, com a qual um diálogo poderia ser estabelecido (ROJO, 2015), pode ser considerada um desafio. A despeito disso, o fato de não conhecer absolutamente nada a seu respeito possibilita um contato com a alteridade que tanto guarda uma riqueza de dados potencialmente maior, como também permite exercitar a perspectiva antropológica em sua inteireza. Condição essa que muito me interessava, sendo a primeira vez que eu atuava neste ofício.

O segundo aspecto subjacente que me mobilizou a esta investigação se expressa bem por um famoso ditado popular: “a fruta não cai longe do pé”. Aqui, refiro-me especificamente à opção de dar ênfase às questões do corpo. Em que pese ter sido a primeira vez que eu acionara as teorias antropológicas para pensar essas questões, esse tipo de indagação norteadora já se fazia presente em minha formação desde os tempos da graduação no curso de Licenciatura em Educação Física – por exemplo, quando no Trabalho de Conclusão de Curso fiz pesquisa com

² Ao longo do trabalho de campo, tomei ciência de que Gustavo Guedes Brigante desenvolve uma pesquisa de doutorado pelo programa de pós-graduação em Ciência Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tendo como temática a aprendizagem do xadrez. O artigo em que o autor apresenta sua intenção de tese pode ser lido em Brigante (2021). Ainda assim, nessa primeira apresentação do tema, o autor não articulou o xadrez à prática esportiva.

mulheres praticantes de fisiculturismo. Conforme explicado com maiores detalhes no capítulo um desta tese, inicialmente a problemática da pesquisa estava voltada a explorar as relações de gênero. Estou inclinada a pensar que, se não houvesse esse desejo latente de analisar as questões do corpo e o campo fortemente apresentasse dados nessa direção, como o fez, é provável que eu tivesse insistido na primeira formulação. Recordo-me, nesse sentido, das palavras de Mônica Araújo (2010, p. 8): “olhamos para os novos e velhos objetos, assim como para os novos e velhos debates, tentamos planejar o nosso futuro como profissionais, mas sempre queremos ter prazer com o tema que escolhemos”. É claro, a rota dos caminhos prazerosos da pesquisa antropológica não se dá distante daquilo que o campo apresenta a nós. Assim, pesquisar o *habitus*, o corpo, as emoções e a performance desses jogadores somente fizeram sentido porque para aquele grupo, conscientes disso ou não, esses aspectos lhes eram caros.

No que tange os conceitos e as categorias analíticas engajadas nesta tese, por outro lado, digo que há um trajeto relativamente pavimentado de diálogo com outros trabalhos da área. O conceito bourdieusiano de *habitus* não é apenas central para esta investigação, como também tem mostrado ser de significativa relevância para pensar criticamente os objetos estudados na Antropologia dos Esportes. Esse impacto, sobretudo, vem em razão da natureza dialética do conceito, cuja capacidade de articular a dimensão da prática com as de ordem estrutural o torna de grande valor analítico. Somado a ele, as análises aqui empreendidas levarão em conta a categoria da corporalidade. Uma corporalidade recolocada à luz de um contexto no qual a questão do movimento não tem protagonismo, como costuma ser o caso nas demais pesquisas em âmbito esportivo. Por sua vez, a atenção às emoções nesta pesquisa se assenta em uma ainda modesta articulação dessa perspectiva aos problemas da Antropologia dos Esportes. Portanto, a definição de emoção mobilizada tem menos a ver com processos intrassubjetivos e mais com a dinâmica social local.

Quanto ao *lôcus* de pesquisa, o trabalho de campo se concentrou nas atividades regulares do único clube de xadrez da cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, sem ter se limitado a esse, no entanto. Assumir inicialmente a posição de aluna e posteriormente de sócia-aprendiz, aliada à dinâmica competitiva do clube, levou-me durante a pesquisa de campo a tomar parte nos torneios estaduais e nacionais, além dos amistosos que aconteciam, fosse em Niterói, fosse na cidade do Rio de Janeiro. Algum leitor poderia questionar: “por que efetuar o trabalho de campo em apenas um clube?” A resposta está no âmbito metodológico. Ao escolher prosseguir mediante a observação-participante, quando se trata do processo de associação a um clube, seja ele qual for, a dimensão de participação ganha relevância, convertendo-se em uma espécie de

lealdade ao clube. A participação deve ser entendida não apenas como tomar parte nas atividades semanais da instituição, como os estudos e os torneios amistosos. Mas também em jogar os torneios oficiais como integrante do time. Caso fosse feita a opção de frequentar dois ou mais clubes, a dimensão de participação precisaria ser ressignificada e talvez não pudesse ser aprofundada como acabou sendo.

Ademais, cabe dizer que o momento de escolha do tema se mostrou oportuno. Não é demais lembrar que entre 2020 e 2022 o mundo enfrentava a crise global de pandemia da COVID-19. De todas as práticas esportivas afetadas por essa crise de saúde pública, o xadrez talvez tenha sido aquela em que as medidas de isolamento social para conter o vírus positivamente interferiram no esporte. Uma percepção que, como o leitor verá ao longo do texto, é compartilhada pelos próprios interlocutores. Nesta pesquisa, a redescoberta da prática enxadrística pelos seus praticantes, de um modo geral, foi positiva por dois motivos: primeiro, por conta do trabalho de campo tanto não ter sido interrompido por completo em razão das medidas de isolamento, como ainda ter mostrado o quanto o jogo do tabuleiro físico está entrelaçado ao modelo virtual do xadrez (aspecto também abordado adiante). E segundo, pelo fato de que, uma vez suspensas/cessadas as ações sanitárias de contenção do vírus e podendo tomar parte nas atividades presenciais, tive contato com uma grande diversidade de interlocutores, de novatos aos mais experientes. Por isso, aqueles que estavam há algum tempo sem ir ao clube, quando houve o retorno das atividades, fizeram-se presentes, enquanto os que acabaram de conhecer o jogo também em maior quantidade buscavam visitar o espaço. Retornamos, assim, à problemática da tese – a formação do *habitus* desses enxadristas –, desenvolvida na sequência.

A construção de uma questão

Quando decidi que meu tema de investigação abordaria diretamente o jogo de xadrez, procurei me cercar de elementos da cultura que o envolvem. Por mais que o jogo não seja, digamos, popular no Brasil se comparado ao futebol, por exemplo, não faltam referências literárias e cinematográficas ao esporte ao alcance de um grande público. Em última instância, essas referências culturais, a meu ver, contribuem para uma composição mais ampla de representações sociais (MOSCOVICI, 2007) que carregamos e compartilhamos no senso comum sobre enxadristas, ainda que pouco se conheça sobre a modalidade enquanto esporte.

Assim, no processo de construir a questão desta pesquisa, uma parte do meu trabalho foi dedicada a compreender essas representações que circulam em torno dos jogadores, buscando entender como tais representações se relacionam e reverberam no terreno da etnografia: o clube de xadrez de Niterói. Afinal, as representações sociais são metáforas e imagens que nos ajudam a tornar o não-familiar, em familiar, conhecido, etc. (MOSCOVICI, 2007). Foi assim que me deparei, por exemplo, com a última obra do autor austríaco Stephan Zweig (2021) “O livro do xadrez”, republicada em português pela editora Fósforo.

A história se passa em um navio que sai de Nova Iorque para Buenos Aires, poucos anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Encontrava-se a bordo Mirko Czentovic, personagem fictício, campeão mundial de xadrez que estava a caminho de mais um torneio, agora em terras argentinas. Figura “arrogante e pouco sociável”, segundo o narrador (ZWEIG, 2021, p. 6). Durante a viagem, Czentovic dispôs-se a jogar algumas partidas contra um grupo de cavalheiros entusiastas do jogo e empenhados fervorosamente em juntos derrotar o grande mestre. Depois de algumas vitórias de Czentovic sem grandes dificuldades, junta-se ao grupo de competidores um desconhecido que, embora nunca tenha tido contato com um tabuleiro de xadrez, passa a sugerir lances que colocam o campeão mundial à prova.

Mais importante do que o desenrolar da trama em si, é a descrição dos principais personagens da história. Czentovic, na obra, é descrito a partir de um par oposto identitário – “gênio insólito” e “tolo enigmático”(ZWEIG, 2021, p. 11). Sua identidade é marcada, de um lado, por um brilhantismo no esporte – cuja origem não explicada faz o leitor acreditar se tratar de um talento inato – e, de outro, por uma “incapacidade de escrever, em qualquer língua, uma única frase sem erros ortográficos” (ZWEIG, 2021, p. 6). Tal inabilidade estendia-se aos números e à compreensão do mundo, segundo o narrador. Oriundo de uma família pobre eslava, após a morte dos pais, o jovem foi acolhido por um padre da região em que vivia, que tentou sem muito sucesso recuperá-lo em sua alfabetização tardia. Descrito como um sujeito indiferente ao mundo, “Mirko sentava-se no quarto com aquele olhar vazio de ovelha no pasto, sem o menor interesse pelos acontecimentos ao redor” (ZWEIG, 2021, p. 6). Acostumou-se a observar em silêncio e de modo “apático” as partidas diárias que o padre jogava com um sargento local, até que certa vez foi convidado pelo sargento para prosseguir uma partida inacabada. Para a surpresa do sargento, naquela ocasião Mirko o venceu em quatorze lances.

O narrador prossegue relatando as sequências de vitórias ao longo da vida e os ganhos financeiros que o desempenho no jogo proporcionou ao prodígio. E conclui que “a consciência de ter vencido todos esses oradores brilhantes, exímios escritores, deslumbrantes no campo

deles, e sobretudo o fato de ter ganhado mais dinheiro do que eles, transformaram sua insegurança original numa presunção fria” (ZWEIG, 2021, p. 11). Além das expressões acima, que compõem a construção da personalidade do campeão mundial no enredo, constam também as ideias de que o jogador era alguém com uma “rigidez impassível”, “desumana máquina de xadrez”, “frio”, “inabalável”. Todos esses descritores remetem à imagem de um sujeito cuja razão é imperativa, prevalecente na constituição de uma identidade de enxadrista.

A composição do personagem que viria a ser o seu adversário na principal partida do enredo literário, o Doutor B., é também relevante para o ponto em que eu quero chegar. Trabalhador em um escritório de advocacia em Viena, Dr. B foi detido pela Gestapo e durante quatro meses ficou preso em um hotel da cidade para ser interrogado. Como o próprio relata, embora não tenha sido enviado para nenhum dos campos de concentração nazistas, o tratamento que lhe foi dado não foi mais humano por isso. Sem contato com nenhum objeto que não fosse a mobília do quarto, Dr B. foi privado de qualquer relação com o mundo externo e com a cultura. Ele não tinha nada consigo, além de seus próprios pensamentos. Até que certa vez, aguardando em uma antessala o momento do interrogatório, Dr B., encontra no bolso do casaco de um de seus algozes um livro com cento e cinquenta partidas de xadrez dos grandes mestres. Mesmo sem conhecer o jogo e tampouco ter às mãos o tabuleiro e as peças, furtou o livro. Debateu-se inicialmente para aprendê-lo, mas como era o único passatempo que tinha, logo já era capaz de reproduzir todas as partidas graças à capacidade que desenvolvera: “eu projetava dentro de mim o tabuleiro e suas peças, e aquelas simples fórmulas me bastavam para ter uma visão clara da posição de cada peça” (ZWEIG, 2021, p. 44). Como alguém que estava exilado do mundo, o trabalho mental que o jogo lhe impunha naquelas circunstâncias foi o que não apenas o manteve vivo, mas o que mais tarde o possibilitou sair vitorioso em uma partida contra o campeão mundial.

Dou sequência ao pensamento agora por meio de uma produção televisiva mais amplamente conhecida que a anterior obra, a supracitada série da Netflix (2020), o “Gambito da Rainha”. Baseada em um romance homônimo de Walter Tevis, conta a história de uma criança também órfã³, Elizabeth Harmon, que luta para se tornar campeã mundial de xadrez em uma época na qual a modalidade era dominada por homens. Harmon aprendeu a jogar no orfanato em que vivia, após de longe observar algumas vezes o solitário zelador jogar contra si

³ A coincidência de que ambos os protagonistas das duas produções abordadas sejam órfãos é um aspecto que chama a atenção. Tendo a pensar que essa característica partilhada pelos dois personagens é um elemento que busca reforçar a ideia da produção de um talento inato, que prescindiria da transmissão do saber.

mesmo no porão da instituição. Depois de muita insistência, o zelador ensinou a Harmon as regras básicas. Demonstrando algum talento, a jovem foi apresentada ao presidente de um clube de xadrez local, com quem jogou uma partida em que Harmon vencera seu oponente com xeque-mate em três lances. Quando perguntada se costumava jogar com as outras jovens do orfanato, Elizabeth respondeu: “*No, I play all in my head*”.

Não há necessidade de me alongar mais do que o necessário na descrição dessas histórias. O ponto que eu quero ressaltar é o de que em ambos os enredos, e na própria construção dos personagens, depreende-se certa primazia da mente e do intelecto. Essa primazia converge para um monopólio de representação a respeito desses jogadores que destaca, seja uma genialidade inexplicada e quase divina, seja um intenso exercício do pensamento que o jogo supostamente impõe. Consequentemente, com um apagamento das outras dimensões de formação dos jogadores. No caso do enredo de Stephan Zweig, o deslumbramento do próprio narrador reforça essa ideia de que :

[...] qualquer criança consegue aprender suas regras básicas, qualquer diletante pode arriscar; e ainda assim esse jogo consegue, dentro de um quadrado limitado , criar mestres incomparáveis, pessoas com um talento direcionado só para o xadrez, gênios específicos (ZWEIG, 2021, p. 14).

O Grande Mestre russo Garry Kasparov (2017a), que fora campeão mundial algumas vezes, reconhece em seu livro que a mística da relação direta entre a habilidade de jogar xadrez e a dotação de uma inteligência global acompanhou a história mais ampla do esporte. E não é apenas na cinematografia e na literatura que encontramos as habilidades do intelecto associadas ao xadrez. Desde as últimas décadas do século XX, o xadrez é usado como ferramenta privilegiada no âmbito das ciências cognitivas: no desenvolvimento de pesquisas sobre memória especializada (GOBET, 1998), no processo de pensamento (GROOT, 1968), na resolução de problemas (CHARNESS, 1981) e na percepção (CHASE; SIMON, 1973). Segundo Fernand Gobet (1998), a razão pela qual o jogo tem sido a principal ferramenta para esses estudos está no fato de que ele é considerado um domínio “limpo” em termos metodológicos para essas ciências. Isto é, controlável e sem interferências de fatores externos. Além disso, o xadrez ainda tem uma estrutura que possibilita o registro a longo prazo, é matematicamente traduzível para linguagem de computadores, bem como faz uso de uma escala que quantifica a experiência dos jogadores.

Ao examinar esse material, tornou-se praticamente inevitável questionar se os estereótipos se aproximariam ou se distanciariam do que está envolvido na formação de

enxadristas no contexto dos clubes brasileiros. Haveria uma manutenção do aspecto da genialidade e da supremacia da atividade intelectual? E quanto ao destaque dado às habilidades intelectuais consideradas necessárias para o xadrez? Por sua vez, a hegemonia dessas representações parece, em uma primeira mirada, ofuscar elementos como a dimensão emocional do jogo, a performance, as hierarquias internas e a relação com o corpo.

Dessa forma, é diante de tal lacuna que proponho analisar a formação do *habitus* do enxadrista amador, no contexto de um clube de xadrez em um município do estado do Rio de Janeiro. A partir do foco em três aspectos específicos: as emoções, a corporalidade e as performatividades esportivas. Acredito que as perguntas direcionadas a essas dimensões abranjam aspectos mais amplos da formação desses jogadores, traços geralmente ignorados por representações como as acima apresentadas.

A organização da tese

Os capítulos estão organizados da seguinte maneira. No primeiro deles, descrevo com detalhe os caminhos teóricos-metodológicos que guiaram esta investigação. Não apenas isso, problematizo o fazer antropológico no contexto das pesquisas com práticas esportivas, a partir do conceito de zona livre de Eduardo Archetti (1999). Descrevo, na sequência, os desvios da pesquisa e os motivos que levaram à mudança de percurso, associados fortemente à dinâmica vivida no interior do campo. Falo também sobre como o fato de ter sido, na maioria das vezes, a única sócia mulher trouxe dados relevantes acerca do grupo em questão. Em tempo, relato ainda as condições práticas de condução das vinte e seis entrevistas, bem como o modo em que foram feitos os registros das notas de campo.

No capítulo dois, discorro brevemente sobre as origens do jogo de xadrez e seu processo de esportivização. Explicação que vai do contexto mais amplo de constituição do esporte no molde europeu, ao contexto local de organização da modalidade segundo as normas da Federação de Xadrez do Estado do Rio de Janeiro (FEXERJ). Na sequência, apresento um histórico do Núcleo de Xadrez de Niterói (NXN), feito principalmente a partir dos relatos dos enxadristas presentes desde sua inauguração, visto que não há registros nem documentos escritos que contem essa história. Trago ainda um perfil socioeconômico dos associados, com o intuito de fornecer ao leitor um maior conhecimento sobre o grupo.

No capítulo três, intitulado “*Habitus* e performatividades esportivas”, inicio tecendo uma interpretação sobre o valor da formação do gosto por um jogo sério no contexto pesquisado. Bem como, sobre as disposições específicas implicadas na formação dos enxadristas do clube e que, por sua vez, integram o *habitus* local. De forma paralela, mas não tão distante, sigo os passos de Cilene Oliveira (2016) e desenvolvo a respeito das performatividades esportivas que se estruturam a partir de uma noção nativa de *rating*. Tal categoria tão cara aos jogadores de clube corresponde a uma taxa de performance esportiva que, de tão relevante, parece orientar condutas, ações, falas e comportamentos dos agentes em campo. Ainda nesse capítulo três, retrato como os novatos que chegam no clube são recebidos pelos jogadores mais antigos e como isso ressalta essas performatividades.

No capítulo quatro, inicialmente procuro tecer algumas reflexões em relação aos estudos sobre corporalidade, visando pôr em questão o motivo pelo qual tais estudos pressupõem implicitamente uma ênfase no movimento corporal. Em seguida, a partir dos dados produzidos em campo, teço interpretações sobre o lugar do corpo durante as partidas de xadrez. Adiante, trato dos discursos sobre saúde proferidos pelos interlocutores em sua relação com a prática esportiva. E sobre como o significado do cansaço no discurso local se torna uma noção que aproxima e relaciona as dimensões mente e corpo, no caso dos jogadores. Por fim, retomo a discussão sobre a questão da corporalidade e do movimento, problematizando a disputa institucional e política pela definição de esporte e o seu impacto para o campo esportivo do xadrez.

O capítulo cinco é dedicado aos discursos sobre as emoções expressos pelos enxadristas, considerando-se os diferentes contextos de enunciação.

CAPÍTULO 1
QUESTÕES DE MÉTODO

1.1 Etnografias com esportistas: zona livre e o trabalho de campo

No conhecido texto “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, Roberto Cardoso de Oliveira (2000) desenvolve um cuidadoso e importante argumento sobre a relevância dos três atos cognitivos – explícitos no título – para o trabalho antropológico. A ênfase da referida obra de Cardoso de Oliveira está na importância do que ele chama de domesticação desses atos, os quais, com o estudo sistemático e o domínio adequado das teorias antropológicas, passam a ser educados para o trabalho.

Se tanto o ouvir como o olhar integram a dimensão da observação durante o trabalho de observação-participante, gostaria, no entanto, de chamar a atenção para a outra parte que não é central no texto supracitado, mas aqui se faz relevante para a discussão empreendida nesta seção: a da participação. Cardoso de Oliveira (2000) afirma que a observação-participante pode ser considerada uma espécie de ideia-valor constitutiva do ofício do antropólogo. É por meio dela que o pesquisador se integra à sociedade observada com uma aceitabilidade razoável por parte de seus membros, o que lhe permite colocar em prática os atos cognitivos interrelacionados de ouvir e ver. Todavia, se tais atos estão inscritos numa definição ampla de observação, eles somente podem ser postos em operação uma vez instaurada a participação naquela comunidade. É a partir dela, e portanto participando, que o antropólogo consegue criar “um espaço semântico partilhado” de entendimento mútuo, junto a seus interlocutores (OLIVEIRA, R. 2000, p. 24).

Considerando esses pressupostos, não me parece leviano afirmar que as etnografias acerca de questões relativas às práticas esportivas possuam um espectro amplo de possibilidades de participação do antropólogo. Com isso, não quero dizer que tal especificidade seja um dado absoluto nas pesquisas feitas dentro dessa temática, afinal não é o tema o que define a facilidade ou não do antropólogo ter êxito na entrada em campo. Esta depende da combinação e do equilíbrio entre diferentes fatores. Tampouco quero dizer que de alguma maneira esse leque de possibilidades de inserção torne o trabalho do antropólogo de esportes mais “*light*”, perspectiva que Luiz Rojo (2015) já criticou em outra ocasião.

O que quero dizer é que a natureza das práticas esportivas possibilita que as enquadremos como zonas livres para o exercício da Antropologia, no sentido defendido por Archetti (1999). As zonas livres configuram-se a partir de propriedades anti-estruturais, isto é, espaços em que há abertura suficiente para a liberdade e criatividade cultural, com a suspensão

(ainda que momentânea) das tendências ordenadoras da sociedade. Em outras palavras, as práticas esportivas em si – com ênfase no substantivo “prática” –, quando consideradas em seu caráter lúdico mais fundamental, podem deixar em suspenso qualquer relação mais ampla com as instituições sociais envolventes. O que, portanto, produz oportunidades de interações diversas. Nesse sentido, sou levada a pensar que, tal como zonas livres, as etnografias nesses espaços criam condições para maior tolerância à circulação do antropólogo.

Recordo-me aqui do trabalho de Rojo (2022), no qual o autor diz ter sido “positivamente surpreendido” com a imediata permissão para que ele e sua equipe iniciassem a pesquisa junto aos velejadores do Iate Clube de Niterói, no mesmo dia em que a solicitaram. É claro que para se tomar determinado campo de pesquisa na área dos esportes como zona livre, é preciso levar em conta o grau de institucionalização da modalidade nos contextos de pesquisa. É provável que pesquisadores em ambientes de esportes de alto rendimento, cuja estrutura ao redor da prática conferem um ar mais formalizado, enfrentem mais barreiras para acesso e cooperação.

Um exemplo de zona fechada ou estruturada para um antropólogo, se assim quisermos chamar, poderiam ser as instituições da administração pública. Michel Alcoforado (2010), por exemplo, descreve com detalhes seu périplo para conseguir a autorização que o permitisse pesquisar nas dependências do Senado Federal, mais especificamente a partir da perspectiva dos que ficam na Tribuna de Honra. O que lhe rendeu um capítulo inteiro de sua dissertação.

Em contrapartida, um emblemático trabalho no contexto de uma zona livre é a já clássica etnografia, para os estudiosos do corpo e do esporte, do sociólogo francês Loic Wacquant (1995), traduzida para o português com o título “Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe”. O desenvolvimento do que o autor chama de uma sociologia carnal – projeto brilhantemente posto em prática durante os seus três anos de trabalho de campo como pesquisador/boxeador – foi possível, justamente, porque a academia de boxe no bairro pobre de Woodlawn (em Chicago, Illinois, EUA), com sua população majoritariamente negra, era o espaço possível para ingresso de um pesquisador francês, branco, intelectualizado e de classe média interessado em pesquisar aquele universo. Como Wacquant mesmo escreve:

Após vários meses da busca infrutífera de um lugar onde me imiscuir para observar a cena local, um amigo francês e judoca levou-me ao *gym* da rua 63, somente a dois blocos de minha casa, mas situado em um outro planeta, por assim dizer. Matriculei-me imediatamente, por curiosidade e porque estava evidente que aquele era o único meio aceitável de treinar ali e de me encontrar com os jovens do bairro (WACQUANT, 1995, p. 14).

Comecei a refletir sobre a condição de zona livre do esporte, do ponto de vista da pesquisa antropológica, ao ler os registros que escrevi nos momentos da minha entrada em campo. Quando determinei que faria a pesquisa com enxadristas, não gastei muito tempo para decidir qual seria o melhor jeito de participar. Tomei imediatamente como certo de que a opção ideal seria jogar com eles. E para isso eu deveria aprender ao menos minimamente os fundamentos do jogo. Escrevendo esta tese, ocorre-me que essa possa ter sido uma conduta um tanto ingênua da minha parte: a adoção irrefletida de tal entrada em campo, sem ponderar as consequências dessa decisão.

Por outro lado, talvez eu possa atribuir à sorte de principiante em etnografias o fato de que o trabalho de campo, no fim das contas, transcorreu de modo relativamente próximo àquele idealizado por seu maior difusor, Bronislaw Malinowski, guardadas as devidas disparidades de contexto, tempo e espaço. No sentido de que tudo transcorreu como o previsto no que tange à observação e à participação, enquanto uma combinação desejável de um método no qual os “relatos dos informantes” e “os imponderáveis da vida real” articulam-se para formar “a carne e o sangue da vida real [para preencher] o esqueleto vazio das construções abstratas” (MALINOWSKI, 1978, p. 75, grifo meu).

Assim, em novembro de 2020, encontrei por meio do site da FEXERJ, o endereço de e-mail de um professor de xadrez do município em que resido. Enviei-lhe imediatamente uma mensagem dizendo que, além de ter interesse na modalidade como pesquisadora, eu estava interessada em ter aulas de xadrez. Não demorou nem dois dias para que eu obtivesse uma resposta bastante receptiva de Cláudio⁴. Niteroiense de 36 anos que, apesar de formado em Administração em uma universidade federal, dedica-se como profissional exclusivamente ao ensino de xadrez.

Alguns dias depois, eu iniciara minhas aulas. Para a minha sorte, Cláudio, que viria não apenas a ser o meu professor durante os meses subsequentes e meu principal interlocutor nos dois anos de pesquisa de campo, era também, na ocasião, diretor do único clube de xadrez da cidade: o Núcleo de Xadrez de Niterói (NXN). O que facilitou o começo do segundo momento da pesquisa, a entrada efetivamente no clube.

Essa interlocução foi muito frutífera, pois com Cláudio havia espaço para discutir questões práticas, e algumas teóricas, da pesquisa, fora dificuldades e estratégias de aproximação aos outros enxadristas. Ele também era um interlocutor disposto a compartilhar

⁴Trata-se de um pseudônimo. A questão do anonimato é discutida no capítulo 2, seção 2.3.

sua visão particular sobre a comunidade, problemas institucionais que o xadrez carioca enfrentava, questões políticas dentro do clube, etc. Ao ler as páginas de “Sociedade de esquina” em que William Foote Whyte (2005) se dedica a descrever sua relação com Doc, imediatamente reconheci que o papel de Cláudio também poderia análogo ao de um tal colaborador da pesquisa. De tal forma que minha aceitação dentro do clube e a relativa facilidade de interação com os entrevistados se deram, sem dúvida, em parte porque eu era aluna dele.

Depois de algumas conversas exploratórias por vídeo chamada, iniciamos as aulas de xadrez na modalidade virtual. Assim, é possível dizer que a primeira fase do contexto etnográfico se restringiu a uma chamada de vídeo semanal de duas horas por meio da plataforma do Google Meet. Iniciada a ligação, era feito o compartilhamento da imagem da plataforma de xadrez *Lichess*, usada como suporte pedagógico para as aulas. Um leitor mais atento poderia intuir que esse formato de aula fosse resultado exclusivamente das medidas de isolamento social impostas pela pandemia da COVID-19, as quais ficamos submetidos entre os anos de 2020 e 2022.

Se, por um lado, isso poderia ser verdade, pois se não fosse a pandemia eu certamente teria proposto que as aulas fossem presenciais, por outro, o que pude notar à medida que as aulas iam passando, é que Cláudio já estava habituado a ministrar aulas de xadrez de forma virtual, antes mesmo da decretação desse estado excepcional de vida. Isso ficou evidente em nossa primeira aula, quando percebi pela transmissão de vídeo que ele dispunha de um aparato tecnológico adaptado às circunstâncias, bastante familiar a ele e que claramente não era improvisado. Segundo ele me contou na época, as pessoas preferiam ter aulas na modalidade virtual porque jogavam muito online. E para ele, como professor, esse era um ótimo formato visto que otimizava seu tempo e lhe poupava gastos com deslocamento. Logo, dada a pandemia, ao contrário do que aconteceu com muitos trabalhadores brasileiros que perderam seus empregos ou enfrentaram escassez de demanda por seus serviços, a procura por aulas online de xadrez aumentou; sendo inclusive o período em que Cláudio mais trabalhou, conforme me disse certa vez.

Como dito anteriormente, as primeiras aulas aconteceram no final do ano de 2020, momento crítico em escala global e de muitas incertezas relativas ao futuro. Muitos países, sobretudo o Brasil, registravam – e permaneceram registrando pelos próximos dois anos – altas taxas de transmissão do vírus e alto número de óbitos. Além da crise na vida pessoal e social, muitos pesquisadores enfrentaram dificuldades das mais diversas no aspecto profissional, seja por uma interrupção brusca em suas pesquisas de campo, seja por precisarem replanejar um

projeto em vias de iniciar, com a implementação das medidas de isolamento. Tendo a pensar que, apesar de todas as dificuldades que se impuseram à categoria de antropólogos durante a pandemia, a opção por centrar esta pesquisa em um grupo de esportistas permitiu que meu trabalho pudesse prosseguir sem grandes impasses. Dado que a especificidade da prática garantia uma adaptação relativamente rápida ao contexto de isolamento, ainda que não no molde (desejável) de uma etnografia clássica desde o primeiro instante. Ademais, por ora, tratava-se de um nível preliminar, pois a delimitação da questão de pesquisa foi feita apenas depois das primeiras interlocuções.

Em outras palavras, os enxadristas não deixaram de jogar ou estudar xadrez por causa da pandemia – segundo alguns relataram, jogaram até mais que o habitual. Valendo-me do que era possível nessa situação, continuei a me inserir entre eles, fosse através das aulas com Cláudio, aprendendo os fundamentos e códigos do xadrez e trocando informações sobre a comunidade. Fosse através das interações nos grupos de enxadristas pelo aplicativo de mensagem *Whatsapp*⁵, nos quais fui adicionada a cada torneio virtual que jogava.

Assim sendo, embora essa tenha sido a única condução possível de uma pesquisa diante da crise sanitária que vivíamos, não houve elementos que indicassem prejuízos na investigação. Sobretudo, se considerarmos que nos anos subsequentes de 2021 e 2022 (com a imunização progressiva da população contra o vírus), o arrefecimento das medidas de isolamento e a retomada gradual das atividades começou a acontecer. Costumo pensar que ter me apresentado primeiro virtualmente tornou até mais fácil o processo como um todo, principalmente no que tange à interação com os jogadores sócios do clube; que se deu com maior intensidade no segundo semestre de 2021 e durante todo o ano de 2022, o que explicarei nas a seguir.

1.2 A questão de gênero e os desvios da pesquisa: passando de um problema analítico para um problema prático

Quando conversei com Cláudio na primeira chamada de vídeo que fizemos em 2020, em determinado momento falamos sobre o aspecto do gênero no xadrez. À época, eu não conhecia em absoluto como se davam as relações de gênero no contexto daquele esporte.

⁵ Durante a pesquisa, fiz parte de pelo menos seis grupos sobre xadrez. Nesses grupos, os jogadores interagem majoritariamente compartilhando partidas, problemas táticos, vídeos explicativos, além de tirarem dúvidas sobre arbitragem. Utilizam esses espaços também para promover torneios amistosos online ou apenas para encontrar alguém interessado em jogar naquela hora.

Apenas sabia que, via de regra, não se segregam os gêneros nas competições oficiais. No entanto, com uma pesquisa rápida na internet sobre a história do esporte, já é possível perceber que não se trata de uma modalidade na qual as mulheres sejam protagonistas. Conclusão que viria a ser aprofundada não somente junto aos interlocutores, mas também com o acesso à bibliografia a respeito (JUN, 1998; YALOM, 2004). Levantei todos esses pontos na conversa e eis a resposta de Cláudio na ocasião:

Então... é difícil ter uma cultura feminina no xadrez. Mas assim do ponto de vista assim de que eu dou aula, crianças é 50/50. Na verdade, para idosos...hoje eu dou aula só para idosas e não para idosos. Então assim, o interesse para mim é equivalente. O que acontece é que talvez seja um funil e que as instituições já estão estabelecidas e a cultura dos locais estão estabelecidas, então pode ser que isso crie uma identificação negativa ou uma falta de identificação positiva. Não tem jeito, você tem grupos de afinidades. A retenção feminina no clube é uma coisa que me preocupa, porque é uma coisa em que a mesma causa é o efeito. Por exemplo: “ah, no clube não tem nenhuma mulher”, logo, quando uma mulher chega lá ela não tem nenhum senso de pertencimento e por isso ela não fica, logo, continua sem ter mulher...e logo se chegar outra ela fica sem ter..., entende? Parece ser um círculo vicioso. E eu fico numa questão assim: eu crio à força uma cultura, tipo assim, um favorecimento para assim sendo ter uma cultura para depois deixar à vontade ou não? Porque aí a gente fala: “vamos fazer um dia só das meninas”, mas aí eu segrego. Será que isso é positivo? Entendeu? A gente começa a ter essas ideias e a ter esses conflitos. E é difícil acertar (Conversa com Cláudio, novembro de 2020).

Basicamente, o que Cláudio me dizia era que ele, como professor em diferentes contextos de ensino⁶, notava o interesse pelo xadrez por parte de mulheres, porém isso não se refletia em uma participação expressiva delas nas atividades regulares do clube. Como vim a descobrir posteriormente, ao longo dos mais de vinte anos de existência da instituição, a majoritária presença sempre foi de homens, não raro com períodos de completa ausência do público feminino em suas dependências. O impasse de Cláudio como presidente, conforme compartilhou comigo nessa ocasião e em tantas outras em que voltávamos a conversar sobre o assunto, era encontrar a melhor forma para que as enxadristas se sentissem à vontade⁷ para frequentar aquele espaço. Em uma dessas iniciativas de “forçar uma cultura feminina”, participei em 2021 de uma atividade voltada para o grupo feminino do NXN. Na verdade, as minhas primeiras idas ao clube foram justamente para tomar parte dessas atividades. Entre um período e outro de isolamento social, ainda na retomada parcial das atividades e seguindo os

⁶ Além de dar aulas online, Cláudio, durante o período que esta pesquisa durou, foi professor em escolas particulares do ensino básico e em centros com foco na manutenção cognitiva de idosos.

⁷ Voltarei a problematizar esse aspecto do “sentir-se à vontade” no capítulo em que trato das emoções.

protocolos de segurança sanitária estabelecidos⁸, Cláudio buscava promover encontros de estudo, prática livre ou torneios amistosos no clube com as enxadristas interessadas.



Foto 1 — Grupo feminino, 2021 (Acervo da autora)

Foram algumas tentativas naquele ano e poucas efetivamente concretizadas. Era sempre difícil conciliar a agenda de todas⁹; quando isso acontecia, tais encontros não passavam de quatro pessoas. As participantes que conheci eram todas crianças, com idade entre 9 e 16 anos, que iam ao clube pela primeira vez e não voltavam. Em resumo, por mais que houvesse uma política de valorização do xadrez feminino por parte da gestão masculina do clube, as atividades voltadas para esse grupo apresentavam inconstância e em certos momentos não existiam. Toda essa vivência e o posterior encontro com os frequentadores (homens)¹⁰ regulares, me chamaram a atenção para o fato de que a ausência de mulheres tornava o clube um ambiente quase exclusivamente de homossociabilidade masculina. E, portanto, um espaço potencialmente propício para analisar aspectos relativos à construção social de masculinidades.

⁸ Durante a pandemia, o clube teve restrição de número de pessoas que podiam frequentar as dependências. Sempre que havia alguma retomada das atividades, era obrigatório o uso de máscaras.

⁹ A dificuldade de conciliar as agendas mostra que ir ao clube dificilmente era uma prioridade para as mulheres, situação que nunca aconteceu quando penso na dinâmica do grupo de homens.

¹⁰ Embora não tenha colocado isso como questão explícita aos interlocutores, pela forma como se comportavam (gestos, falas, vestimentas, etc.) e se relacionavam, não me parece equivocado afirmar que todos os homens frequentadores do clube eram heterossexuais. Se havia algum homossexual entre os enxadristas, essa certamente não era uma informação a ser compartilhada com o grupo.

Assim, formulei o projeto submetido à avaliação da banca de professores justamente com a problemática nesse rumo. O objetivo, pois, era examinar como as performances da masculinidade se davam no contexto da prática enxadrística de clube. De um ponto de vista teórico, recorri aos estudos que investigavam essa interface entre esporte e masculinidade (CAMARGO, 2012; RIAL, 2011; WACQUANT, 1995). Tendia a pensar que se tais estudos enfatizavam elementos como a força física e os músculos na produção do *ethos* masculino, seria preciso compreender a quais símbolos e elementos daquele contexto a performance masculina de enxadristas recorria. Acreditava ainda que o clube, como um espaço de homossociabilidade, poderia ser analisado nos termos do conceito de casa dos homens¹¹ (WELZER-LANG, 2001). Assim, por algum tempo de campo disciplinei meu olhar nessa direção.

Embora o projeto em questão tivesse sido avaliado e aprovado pela banca examinadora, de um lado, em meus pensamentos permaneceram ecoando as sugestões dos professores acerca da possibilidade de direcionar o olhar para outros aspectos e ampliar o escopo. O que garantiria certa originalidade e profundidade à investigação, componentes desejáveis quando se trata de uma tese de doutoramento. De outro lado, cada vez que ia ao campo, questionava se a problemática – nos termos em que fora desenvolvida – sustentaria por si só esta tese. Se é verdade que o ambiente do clube se sagrava como um espaço de explícita competitividade e de hierarquias entre os enxadristas (sobretudo, como se lerá adiante, porque o tema do *rating* era predominante nas conversas), tais fenômenos se justificavam pura e exclusivamente pelo fato de ser um ambiente masculino?

Outra pergunta que frequentemente visitava meus pensamentos era: como mulher, teria eu condições de compreender o plano mais particular das performances masculinas dentro do clube? Afinal, como sujeito generificado naquele contexto (única mulher), tinha total noção de que a minha presença influenciaria a produção dos dados ali (DEVEREUX, 1967). Engodo semelhante foi descrito por Lila Abu-Lughod (1986), em sua pesquisa no contexto da sociedade beduína. A forma como a antropóloga foi introduzida à comunidade – através de seu pai, cuja origem étnica e proficiência na língua árabe facilitaram o estabelecimento de uma relação com o líder da comunidade local –, impactou diretamente na natureza do trabalho a ser desenvolvido, que inicialmente tinha um caráter amplo, voltado para ouvir homens e mulheres locais. Ao ser acolhida praticamente como filha de uma importante família beduína, esse papel não veio sem

¹¹ Conforme o autor, o conceito de casa-dos-homens pode ser lido como espaços monossexuados aos quais os homens se atribuem a exclusividade de uso e/ou presença. Não somente isso, em tais ambientes os modos de sociabilidade entre homens – protegida do olhar das mulheres – seria em certo sentido o fator que estruturaria o masculino.

condições e restrições implícitas, as quais a impediram de estabelecer qualquer relação com os homens da comunidade. Como a autora relata, havia um conjunto de tópicos limitado sobre os quais poderia conversar com os homens do local, o que fez com que ela redefinisse sua pesquisa para o universo feminino.

Nesse sentido, voltando ao meu contexto etnográfico, recordo-me de uma situação que em certo sentido exemplifica a delimitação de tal barreira entre códigos de gênero, que poderia ter de enfrentar. Certa vez, dia em que acontecia um torneio amistoso no clube, os organizadores finalizavam os preparativos para dar início ao evento. Enquanto isso, os enxadristas que já se faziam presentes sentavam-se à mesa para jogar o famoso *ping*. O *ping* é uma combinação do jogo de xadrez, com troca de insultos jocosos entre os jogadores, geralmente ocorre antes de torneios ou após algum estudo sistemático. Em uma das mesas, um dos jogadores começou a usar insultos que depreciavam o feminino. Prontamente, um enxadrista que jogava *ping* em outra mesa em voz alta interrompeu o primeiro, dizendo “shhhh, pessoal, vamos manear, temos meninas na sala”. Apesar do plural, a única mulher no recinto era eu. Foi a única ocasião em que ouvi algo do tipo.

Em resumo, o clube se mostrou um espaço não ameaçador para mim, mas certamente a minha presença modificava as relações locais, de modo ainda que poderia me escapar uma série de aspectos sobre as performances masculinas. Assim, como verá o leitor, a questão do gênero não estará completamente ausente deste trabalho. Porém, acabei optando por reformular o problema e direcioná-lo para a formação do enxadrista, dando ênfase nas dimensões emocionais e da corporalidade. Até porque, ao longo da pesquisa, questões nesse escopo saltaram aos olhos.

1.3 Um jogo de identidades: antropóloga-enxadrista-mulher

O clube, por mais que tivesse o histórico de ser mantido por homens, não era explicitamente exclusivo para eles. Ao menos seus dirigentes empreendiam esforços para que não o fosse. Isso ficava claro não apenas na fala do presidente, tal qual reproduzida acima, como também no estatuto do clube (NXN, 2016), na condução institucional dos dirigentes em casos limítrofes¹² e na própria forma como eu fui recebida pelos demais jogadores, quando tomei

¹² Obtive a informação de que, em período anterior no clube, houve uma situação em que a direção deliberou pela expulsão de um sócio por ter assediado uma jogadora mulher.

parte mais ativamente nas atividades. Por mais que a minha presença chamasse atenção por ser a única mulher do recinto, para além desse fator, não percebi haver fortes barreiras simbólicas que constrangessem minha participação naquele ambiente. Contudo, é importante destacar que, como aprendi desde pequena, em qualquer ambiente em que se é a única mulher, permaneci vigilante a meu próprio modo de agir, gestos e comportamentos, para que não transmitisse mensagens duvidosas em relação ao meu real interesse ali. As roupas que escolhia para frequentar o clube, por exemplo, eram sempre pensadas para serem neutras e que não marcaram o corpo. Sabe-se que isso não é o suficiente para se blindar de uma situação de assédio, mas é uma das ferramentas que as mulheres dispõem e que durante o trabalho de campo foi necessário mobilizar.

Portanto, na maior parte das vezes me sentia relativamente confortável para permanecer no clube. Houve apenas uma situação em que a conversa com um enxadrista, sobre seus hábitos em relação ao jogo, fora interpretada por ele como interesse afetivo da minha parte. Foi uma situação pontual, mas que me gerou incômodo. Depois de pensar bastante, achei por bem comentar com o presidente do clube. relatei a Cláudio toda a situação e ele perguntou qual conduta como presidente ele poderia tomar e que fosse a mais confortável para mim. Por fim, agradeceu que tivesse compartilhado o ocorrido, principalmente porque o fez pensar justamente nas razões pelas quais “as mulheres não voltam”. Ele concluiu que seria importante uma figura feminina atuando na direção do clube, justamente para que toda enxadrista que viesse, e passasse por algo semelhante, se sentisse à vontade de compartilhar com a direção. Em vez de simplesmente abandonar o clube. Na ocasião, Cláudio chegou a questionar se eu não queria assumir esse posto.

Fora isso, considerando a grande maioria do grupo, a percepção que tive no início foi a de uma assunção implícita de que eu era uma jogadora “forte” o suficiente, ou ao menos com potencial crescimento, – já que era aluna de Cláudio¹³ – para frequentar o clube, enfrentar os jogadores e participar de torneios¹⁴. Essa imagem não se sustentou por muito tempo, evidentemente, devido ao meu desempenho ser bastante inferior em relação aos demais jogadores nas competições. Mas essa imagem foi uma aliada, ao menos nesses primeiros meses, para me integrar ao grupo. Eu também tentava correspondê-la mostrando-me atenta aos jogos, às análises, fazendo perguntas, etc. Ao longo do tempo, fui percebendo que outra imagem se

¹³ Ser aluno de fulano ou ciclano é uma forma de ser conhecido naquele contexto.

¹⁴ Quando conversei com jogadoras que ocasionalmente apareciam no clube, observei que esse era um discurso relativamente comum: para frequentar o clube, seria preciso antes melhorar o nível do xadrez, fora dele.

mesclava a essa e igualmente autorizava a minha participação naquele grupo sem grandes impasses.

Por mais que Cláudio e os demais integrantes¹⁵ soubessem que o meu principal objetivo no clube fosse dar conta da produção de dados para a minha pesquisa, eu tinha a impressão de que, na maior parte do tempo, essa informação era esquecida¹⁶. E eu era integralmente vista como alguém interessada em xadrez. Os exercícios pós-aula que Cláudio me passava, as análises didáticas das minhas partidas de torneios, as mensagens que recebia perguntando se eu havia praticado os cem exercícios de tática do dia, bem como as dicas fornecidas espontaneamente por algum jogador após uma partida ou outra – tudo formava um conjunto de elementos que diziam não sobre a minha posição como pesquisadora, mas sobre o que significava o clube ter uma enxadrista mulher atuante no NXN. Trago uma situação específica que me fez ter clareza sobre essa percepção.

Em meados de 2021, interrompi as aulas com Cláudio por sentir que estava dispendioso demais dar conta do aprendizado do xadrez¹⁷ junto com toda a demanda acadêmica do doutoramento e do trabalho de campo em si. Se nos primeiros meses de campo eu de fato dedicava algumas horas da semana ao solitário estudo do xadrez, porque sentia que precisava fazer como eles faziam – inspiração advinda do trabalho de Wacquant (1995) –, pois isso levaria a uma interação mais efetiva. No meio desse percurso, faltaram-me condições de produzir a disposição ascética¹⁸ demandada quando se trata da formação do enxadrista. No meio do período de trabalho de campo, posso dizer que o *anthropological blues* (DA MATTA, 1978) me atravessou fortemente, a ponto de me questionar de modo similar ao que fez Claude Lévi-Strauss (1957), “por que estou me submetendo a isso?”.

Interrompi as aulas por um curto período e, em janeiro de 2022, sabendo que seria importante para a pesquisa manter o contato semanal com Cláudio, enviei-lhe uma mensagem manifestando interesse em retomar o aprendizado. A resposta que tive foi: “então, tenho uma proposta para te fazer”. Foi quando em uma chamada de vídeo, Cláudio propôs que fechássemos um preço mais em conta para as aulas, de modo que a contrapartida seria melhorar meu desempenho nos torneios: “eu quero resultados, Amanda”, disse a mim. Retomamos as

¹⁵ Nem todos os frequentadores souberam de imediato que eu era pesquisadora. Para alguns, a apresentação dessa identidade aconteceu muito tempo depois de conhecê-los.

¹⁶ É esse o aspecto que diferencia Doc de Cláudio (ver subseção: Etnografia com esportistas)

¹⁷ Refiro-me aqui, especificamente, aos momentos de estudo individualizado a que era necessário me submeter para aprimorar meu jogo. Cabe ressaltar ainda que, no mesmo contexto, passei por uma situação de falecimento na família, o que exigiu interrupção de tudo o que eu fazia na minha vida.

¹⁸ Abordarei a formação dessa disposição no capítulo três.

aulas por mais um tempo, visando a preparação para o campeonato estadual de 2022 que estava para acontecer. Não entreguei os resultados esperados, frustrando as expectativas – dele e as minhas. De toda forma, esse ultimato ecoou como uma espécie de chave mestra para um enigma à primeira vista insolúvel.

Todas as palavras de incentivo/cobrança que, não somente Cláudio como os demais dirigentes, manifestavam em relação a minha atuação como enxadrista sintetizavam-se em uma determinada ideia. Segundo a qual, era importante para o clube ter uma enxadrista mulher com nível de jogo competitivo o suficiente para disputar colocações melhores nos torneios estaduais. Embora seja verdade que no estado do Rio de Janeiro como um todo o número de jogadoras seja consideravelmente menor se comparado ao de homens, é fato que alguns clubes têm mais tradição de ter um corpo de enxadristas mulheres mais atuantes¹⁹, o que nunca foi o caso do NXN.

Havia uma expectativa – a qual por algum tempo tentei corresponder – de que as aulas e a minha participação nas atividades me levariam a galgar alguns resultados nas competições, levando, por efeito, o nome do clube para patamares do xadrez que o NXN ainda não tinha chegado. Lembro-me do comentário de Fernando durante uma conversa com outros enxadristas, com quem tive aula por dois meses no final de 2022 e início de 2023, que disse que o nível do xadrez feminino em geral é tão baixo que um trabalho sério de treinamento e preparação, de pelo menos seis meses, poderia trazer boas classificações nos torneios. A tentar indiretamente me convencer de seguir estudando. Pelo que pude perceber, mesmo que os meus resultados não tenham sido expressivos, ter uma atuação feminina engajada seria bastante relevante para a instituição.

É claro que isso que acontecia comigo, quer dizer, ter boas condições de trabalho de campo, em troca de uma expectativa tácita ou explícita de alcance de outras vantagens por parte do grupo não era nenhuma novidade em termos de ofício antropológico. Cristina Marins (2018), por exemplo, em sua etnografia junto a fotógrafos de casamento, lançou a hipótese de que uma relação com uma antropóloga seria uma forma de seus interlocutores adquirirem capital simbólico. Como se sua participação fosse mais um elemento importante na construção das reputações. A diferença entre este trabalho e o de Marins reside no fato de que a vantagem não adviria da minha participação como antropóloga, mas sim de minha conversão em enxadrista.

¹⁹ Tijuca Tênis Clube, Clube Municipal de Xadrez e a Associação Leopoldinense de Xadrez (ALEX), por exemplo, têm maior tradição nesse quesito.

Tal situação se estendeu a ponto de me tornar a pessoa responsável por administrar o grupo feminino no *WhatsApp*. Ficou sob minha coordenação tentar “motivar as meninas” a frequentarem o clube, de promover encontros do grupo e recebê-las no clube na eventualidade de uma visita. Até aquele momento, era Roberto que vinha sendo o responsável por isso.

O ponto a que eu quero chegar é o de que, se por um lado como disse no início desta seção, foi relativamente fácil entrar no clube, não tendo sido gerado nenhum tipo de desgaste para nenhum dos lados. Bem como ser aceita pelo grupo, face a quem o marcador de gênero da pesquisadora poderia ter sido uma barreira, caso fosse diferente o contexto. Por outro lado, essa condição de poder estar lá teve sua contraparte na minha subjetividade, resultando em um conflito interno entre as personas de pesquisadora e de enxadrista. O ápice do meu envolvimento com aquele universo foi a participação no torneio interclubes de 2022, cujo relato eu trago abaixo:

Particpei do interclubes carioca, um dos principais torneios estaduais – se não for o mais importante – de xadrez que aconteceu no Tijuca Tênis Clube. No grupo dos classe A, estavam 17 equipes participando. No classe B, 18 equipes e no C, 24 equipes. Cada clube poderia ter mais de uma equipe. O NXN, por exemplo, no classe C levou 4 equipes, sendo que cada equipe tinha quatro jogadores. Ou seja, eram pelo menos 16 jogadores classe C do NXN presentes. É bastante gente se comparado à quantidade de participantes que tomam parte dos torneios absolutos. Ouvi de alguns jogadores que a dinâmica de lutar pelo clube faz do torneio um dos mais animados e também um dos mais tensos, como me disse José “não se assuste se você ver gente saindo no tapa aqui no salão, no interclubes a galera faz isso”. Como eu me referi anteriormente, o NXN havia conseguido montar quatro equipes classe C para o interclubes. Obviamente, a minha era a equipe NXN C4, de jogadores de rating mais baixo. Nosso reserva, Pablo, havia faltado, o que significava que eu, Marcelo, Raí e Carlos teríamos que jogar todas as seis rodadas, tarefa extremamente cansativa. No emparceiramento da primeira rodada, jogamos contra o time do NXN C2, composto por Paulo, Daniel, Murilo e Anderson. Já é sabido que no sistema suíço de emparceiramento a primeira rodada é sempre a mais difícil. A tendência é que os jogadores mais fracos joguem contra os jogadores mais fortes nessa rodada. Foi uma surpresa para todos enfrentar o NXN C2, não obstante isso, todos estavam crendo também que seria algo positivo para a equipe principal, pois era quase que garantido que eles ganhariam. Eu – e toda equipe C4 – jogava de brancas contra Murilo. Apesar de ser classe C, Murilo era um sujeito bastante dedicado ao xadrez, queria virar mestre, disse-me em entrevista. Eu que praticamente não estudei mais xadrez desde o Niterói Chess Open, estava certa de que jogaria a abertura Bird (caracterizada pelo primeiro lance ser f4), considerada pouco usual e por alguns uma abertura fraca. Por alguma razão, era a abertura que me fez subir o rating em partidas no *Lichess* e, assim como a defesa siciliana na variante das trocas, era a abertura em que eu mais me sentia confortável de jogar de negras. Eis que após a autorização do árbitro eu inicio com o lance f4. Murilo pensa por cerca de um minuto e faz o lance considerado adequado para essa abertura, d5. Eu prossigo com meu plano e jogo e3. Ele, por sua vez, faz Cf6. Eu prossigo com Cf3 e ele responde com c5. Nesse momento, meu bispo de casas brancas fica livre para chegar na casa b5, possibilitando um xeque. Uma ameaça não tão perigosa, mas boa o suficiente para forçá-lo a fazer um lance de defesa. Murilo defende o xeque com cavalo de f em d7. Na hora lembro-me de ter estranhado essa defesa, pois isso impediria que ele desenvolvesse o bispo de casas claras e também o outro cavalo. O jogo prosseguiu empatado, apenas com a troca de um bispo meu por um cavalo dele, até o lance 19 em que consegui posicionar dama e torre em uma mesma coluna,

estratégia essa que é considerada muito forte. Quando eu me dei conta disso, notei que meu jogo talvez não estivesse tão fraco assim, algo pouco usual para meu curto histórico como enxadrista. Neste momento de tomada de consciência, senti meu coração acelerar e minhas mãos suarem, mesmo no dia frio em que fazia em um setembro atípico do Rio. Além disso, Murilo tinha gastado muito tempo pensando nos lances de abertura, o que significava que ele, no meio jogo, já estava em “apuro de tempo”²⁰. À medida que eu ia entendendo que a minha posição estava muito mais forte que a dele, comecei a ficar muito nervosa. A vitória estava muito perto. Percebia a presença dos colegas do clube se acumulando ao redor da mesa para acompanhar a partida, o que me deixou ainda mais tensa. Fui tomada por um sentimento de incredulidade. Até o momento em que eu, com o peão avançado na coluna f, não fui capaz de ver que a captura do bispo em g7 tornava o jogo praticamente perdido para ele. Em vez disso, avancei o peão para f7. Eu fiquei cega pela promoção do peão. Esse foi o lance que destruiu o meu jogo, a famosa “capivarada” que permitiu que Murilo, mesmo com apenas 4 minutos de tempo, melhorasse sua posição. Quando eu me dei conta disso no alto do meu conforto de tempo (em torno de 15 minutos), eu pedi empate. Murilo suspirou e disse “não, vamos seguir jogando”. E aí continuei e então depois de 5 ou 6 lances eu pedi empate novamente. Murilo retrucou que se não fosse pela equipe, ele aceitaria. Até que sem acreditar que eu tinha perdido, pois àquela altura eu já tinha entregue uma peça, eu abandonei a partida ganha. Ao estender a mão para cumprimentá-lo (gesto que anuncia o abandono), Murilo deu um suspiro longo e falou “essa partida era sua”. Nesse momento, meus olhos encheram de lágrimas, meu corpo tremia, eu estava sem acreditar que eu quase ganhei uma partida de um jogador considerado forte em um torneio oficial. O sentimento era de derrota. Eu simplesmente não conseguia parar de chorar ao final da partida, tendo sido consolada por alguns colegas de clube. Parecia que meu corpo, minha carne, ganhava protagonismo cada vez que minha posição no tabuleiro melhorava. Murilo falou que é assim mesmo. Disse que ele estava sentindo a mesma coisa, o coração palpitar e o nervosismo bater à medida que sua posição piorava. Terminada a partida, demorei para me recompor. Eu ainda tinha que jogar as outras rodadas. Me sentia tão derrotada que quase abandonei o torneio, não conseguia parar de pensar em como eu havia deixado de capturar aquele bispo. Quando as emoções arrefeceram, comecei a pensar como era possível eu ter chegado a esse ponto de envolvimento? Se eu estava ali somente interessada nos dados a serem produzidos, por que meu emocional ficou abalado daquele jeito? Por um lado, talvez eu estivesse vivendo na carne a afetação mesmo da qual fala Favret-Saada, ou seria um sinal de que eu precisaria me retirar um pouco? (Diário de campo, 18/09/2022).

Eu, que não tinha nenhum motivo para me envolver emotivamente com o xadrez, vi-me nele completamente absorvida (intelectual e emocionalmente) naquela situação. Mas o ponto que eu gostaria de destacar nesse trecho é sobre como as emoções suscitadas naquela ocasião me disseram sobre a relação que estabeleci com o campo. Após o torneio interclubes daquele ano, eu me retirei um pouco. Foi necessário. Aproveitei para iniciar a sistematização dos dados produzidos até aquele momento. Eu precisava parar de jogar xadrez e entender se os registros e as entrevistas feitas até então davam conta de responder às perguntas elaboradas, ao mesmo tempo em que me desviava das expectativas depositadas sobre mim.

Verifiquei que o material era significativo, no entanto, algumas questões ainda não tinham sido devidamente atacadas. Por isso, dei prosseguimento ao trabalho de campo com um

²⁰ A expressão refere-se a ter pouco tempo no relógio para efetuar os lances.

plano de atuação diferente do que vinha fazendo. Embora depois do interclubes eu ainda tenha participado de dois torneios e tido aulas (agora com Fernando), busquei deslocar a ênfase da participação para a observação. Empreendi um distanciamento progressivo do xadrez²¹ (mais interno do que externo naquele momento), pois julguei necessário para não me perder por completo, o que me fez lembrar do movimento empreendido por Dorinne Kondo (1990), em sua etnografia em um bairro tradicional da cidade de Tóquio.

A pesquisadora, norte-americana por naturalidade mas de ascendência japonesa, realizava uma investigação sobre a relação entre parentesco e economia acompanhando a vida de algumas famílias proprietárias de fábricas e lojas. Kondo teve condições de alcançar posições privilegiadas no interior daquela sociedade em razão de sua etnia, que a fazia passar por uma mulher da região facilmente. Ao mesmo tempo, faltava-lhe uma competência cultural à altura (KONDO, 1990, p. 11). Conforme ela relata, havia não somente uma expectativa, mas um esforço coletivo por parte de seus interlocutores de torná-la uma japonesa de fato, guiando-a para se portar como tal. Ainda que isso significasse suprimir certos aspectos da cultura norte-americana na qual fora criada, Kondo colocou-se disponível para dominar o idioma no sentido mais amplo do termo:

[...] durante minha estadia com os Sakamoto, fiz o que pude para me conformar ao que supus serem as suas expectativas quanto a uma visita/filha. Isso, por sua vez, aparentava agradá-los e, ao mesmo tempo, reforçava a tendência de me comportar nos termos do que percebia que fosse minha persona japonesa (KONDO, 1990, p. 12, tradução própria).²²

Em determinado momento, a autora descreve o que ela chama de fragmentação da identidade. Ao perceber que os papéis de pesquisadora e de filha/hóspede, no contexto de uma família tradicional japonesa, ao invés de coexistirem tranquilamente, levaram-na a um colapso de autoimagem. Cito a autora mais uma vez:

A identidade pode sugerir unidade ou fusão, porém para mim o que ocorreu foi uma fragmentação do *self*. Essa fragmentação foi incentivada pela minha própria participação na vida japonesa e pela ação de meus amigos e conhecidos. No seu ponto mais extremo, tornei-me “o Outro” em minha própria mente, onde a identidade que

²¹ Adquiri o hábito de jogar partidas pela internet nos momentos de descanso das atividades da tese, prática essa que fui abandonando aos poucos posteriormente.

²² No original, lê-se: [...] during my stay with the Sakamoto, I did my best to conform to what I thought their expectations of a guest/daughter might be. This in turn seemed to please them and reinforced my tendency to behave in terms of what I perceived to be my Japanese persona.

eu conhecia em outro contexto simplesmente colapsou (KONDO, 1990, p. 16, tradução própria).²³

Inspiro-me nesse trabalho de Kondo justamente para refletir sobre o momento descrito acima, em que me vi diante da necessidade de minimizar a minha participação no clube. Isto é, desfiliando-se da identidade de enxadrista imputada a mim, e que me foi conveniente por um tempo, para resgatar a de pesquisadora. Em certo sentido, seria necessário romper com as expectativas: de que eu me tornaria inteiramente uma enxadrista do NXN e de que seguiria participando daquele grupo com a intensidade inicial (seja atuando junto ao grupo feminino, seja participando dos torneios). E ainda com a expectativa de que cumpriria o calendário de torneios estaduais do ano que iniciaria. Há certos limites na participação que precisam ser respeitados.

Talvez seja melhor dizer que o antropólogo vive simultaneamente em dois mundos mentais diferentes que se constroem segundo categorias e valores muitas vezes de difícil conciliação. Tornamo-nos, ao menos temporariamente, uma espécie de duplo marginal, alienado de dois mundos (EVANS-PRITCHARD, 2004, p. 303).

A partir de então, eu, que durante esse período havia trocado o caderno de campo pelos áudios gravados no celular durante o caminho de volta para casa²⁴, passei a levá-lo novamente ao campo. Como uma espécie de marcador identitário, recorria a ele diante dos interlocutores sem melindres²⁵. Uma conduta que se contrapõe a de muitos antropólogos, que se sentem desconfortáveis ou constrangidos em fazer anotações em frente aos interlocutores (SANJEK, 1990, p. 11), mas que naquele momento foi necessária para reequilibrar os pontos. Conjugado a isso, recusei também alguns convites para jogar partidas amistosas de *blitz*, dizendo “hoje vim para observar e anotar”. Assim como a proposta de “um treinamento sério” feita por Fernando precisou ser recusada. A alegação para essas recusas era de que eu precisava finalizar a pesquisa e meu tempo estava escasso. Ademais, o ponto alto desse momento foi a minha ida a um torneio estadual absoluto, no início de 2023, apenas para observar, entrevistar e conversar

²³ No original, lê-se: Identity can imply unity or fusion, but for me what occurred was a fragmentation of the self. This fragmentation was encouraged by my own participation in Japanese life and by the action of my friends and acquaintances. At its most extreme point, I became “the Other” in my own mind, where the identity I had known in another context simply collapsed.

²⁴ Minha residência é no mesmo bairro em que está localizado o clube de xadrez. Meus deslocamentos eram sempre a pé. Era durante a caminhada de volta que eu gravava os áudios referentes ao que aconteceu no campo.

²⁵ Recordo-me que eram nessas situações que aqueles que não ainda sabiam sobre meu objetivo ali, o descobriram.

com alguns jogadores. Tudo isso em certo sentido preparou a minha saída de campo, que se deu mais especificamente em abril de 2023.

1.4 Aspectos práticos do trabalho de campo

Durante 2020, havia uma expectativa da minha parte para iniciar o trabalho de campo, no sentido clássico, o quanto antes. Por mais que tenha sido fundamental o período em que me dediquei exclusivamente às aulas online com Cláudio – e que coincidiu com os momentos de isolamento social –, a maior parte da produção dos dados aconteceu depois, quando passei a encontrar o grupo no clube ou nos torneios. Chegado esse momento, vivenciei uma desorientação em campo, atrelada a uma insegurança em relação à minha competência profissional como antropóloga. Tentei apaziguar isso efetuando uma descrição bastante objetiva e detalhada do que via, sentia e observava. Não obstante, sempre com a sensação de insuficiência do registro. À medida que fui compreendendo o grupo e o meu lugar nele, bem como ganhando clareza quanto às perguntas que eu haveria de responder na tese, as notas ganharam melhores contornos e se tornaram mais significativas. Embora perguntas como “quando eu sei que os meus registros são suficientes?”, ou ainda, “qual critério eu tenho para determinar aquilo que é relevante, ou que não é?”²⁶, ainda pairassem constantemente em meus pensamentos.

Como eu disse, nas primeiras incursões levava um pequeno bloco de anotações, mas com o tempo, o recurso de gravação de áudio no celular mostrou-se mais prático e efetivo. Esse recurso tornava o processo mais fácil porque, findada uma situação tida como significativa, eu me retirava do local e, onde ninguém pudesse me ouvir, efetuava a gravação do áudio em meu aparelho. Nas ocasiões em que não era possível gravar o áudio imediatamente após, eu escrevia uma nota no próprio celular e então gravava o áudio durante o percurso de volta para casa que, pela proximidade dela ao clube, era feito sempre a pé.

Uma das características do xadrez competitivo é ser uma modalidade jogada em completo silêncio. Inicialmente, considerei que tal especificidade pudesse ser uma barreira para a pesquisa. Ao longo do tempo, porém, isso não se mostrou um grande problema, pois trata-se

²⁶ Muito tempo depois, deparei-me com a referência de Roger Sanjek (1990), na qual o autor faz entrevistas com antropólogos experientes sobre a produção das suas notas de campo. Algumas das reflexões que esses antropólogos trouxeram seguiam essa mesma direção de questionamento.

de um grupo que interage bastante nos momentos de não-jogo e no qual os assuntos rendem. Lembro-me de um árbitro comentar da dificuldade que é manter o silêncio no salão durante as partidas oficiais: “não sei que tanto assunto o enxadrista tem.”

Nesse sentido, os momentos iniciais e finais de um torneio e os intervalos entre uma rodada e outra – quando há muita conversa –, apresentaram-se como cruciais para a produção dos dados. Sempre que havia um torneio no clube ou em outro local eu fazia questão de estar presente um pouco antes do horário de início do congresso técnico, de modo que fosse possível conversar com os jogadores e acompanhar as conversas cotidianas entre os enxadristas que já estivessem por ali. Um excelente momento não apenas para conversar e ouvir histórias, mas mesmo para efetuar algumas entrevistas se deu nos intervalos entre uma rodada e outra, a depender do ritmo de jogo do torneio em questão.

Sobre as entrevistas, ao todo foram vinte e seis, cinco delas com mulheres. A faixa etária do grupo masculino entrevistado variou entre 17 e 60 anos, enquanto a do grupo feminino entre 25 e 35 anos. Cabe ressaltar que o grupo feminino entrevistado não era de associadas do NXN. Tratavam-se de jogadoras de clubes de xadrez da cidade do Rio de Janeiro, as quais pude conhecer durante os torneios estaduais. No que tange a gravação das entrevistas, a duração desses registros variou entre quinze minutos a duas horas e meia. Com o principal interlocutor, Cláudio, tive a oportunidade inclusive de efetuá-la com gravação mais de uma vez. No caso dele, especificamente, esse instrumento não se mostrou como um dispositivo que pudesse constranger ou cercear a fala, pelo contrário. Pareceu-me que nossas conversas lhe serviam de oportunidade para uma espécie de exercício de autoanálise sobre sua carreira como enxadrista e para proferir reflexões sobre o espaço social do clube, ou do campo esportivo do xadrez.

Lancei mão do gravador por ser uma forma de aprofundar determinados assuntos (por exemplo, relacionados à emoção), sem, no entanto, perder de vista as limitações que esse instrumento impõe. Ainda que no âmbito do xadrez os discursos sobre emoção circulassem sem que eu precisasse provocar os interlocutores com alguma pergunta, tive a impressão de que perguntas mais específicas, feitas em uma entrevista, poderiam aprofundar a discussão. Em todo caso, dispor do recurso da entrevista pode ser metaforicamente lido, a meu ver, como um salto no escuro. Da mesma forma que não se sabe onde irá aterrissar, também nunca se sabe exatamente qual o rumo aquela entrevista tomará. Como destaca Pierre Bourdieu (2008), trata-se de um arbitrário, cujas regras na maioria das vezes são impostas pelo entrevistador de forma unilateral e, mesmo assim, tal propriedade não lhe fornece nenhuma garantia de total controle sobre a situação. Ao mesmo tempo, tendo ou não consciência disso, o entrevistador precisa

estar sensível a reduzir ou minimizar qualquer violência simbólica que possa ser exercida em razão dessa dissimetria entre pesquisador e pesquisado. No contexto deste trabalho, posso afirmar que tal dissimetria inerente à situação de entrevista tinha menos um caráter social do que contextual. Em outras palavras, se em outra situação a distância entre antropólogo e interlocutor poder-se-ia ser mais expressiva, considerando capitais culturais e simbólicos, esse não veio a ser o presente caso. A distância cultural e de classe não se mostrou um fator relevante na relação, não mais que o fator de gênero. Por diversas vezes, por exemplo, dei-me conta de que tentava encontrar o melhor momento para efetuar o convite da entrevista ao participante. Ou ainda, de excluir determinadas perguntas por intuir que, para aquela pessoa, tal questão poderia ser mal interpretada, tal como mesmo interromper a entrevista antes do previsto, por supor que o interesse da outra parte havia sido perdido.

Os contextos em que as entrevistas aconteceram foram diversos. As primeiras foram feitas no clube, com os jogadores que eu já conhecia e que estavam mais próximos. À medida que o meu círculo social se ampliava, eu convidava novos jogadores para participar delas. Isso se deu também nas situações de torneios. Um detalhe importante a destacar é o de que nas primeiras vezes a intermediação de Cláudio foi, digamos, fundamental. Em alguns casos, eu apenas me apresentava como enxadrista, mas Cláudio na sequência mencionava que eu era pesquisadora e, como uma espécie de porta-voz meu, questionava o outro interlocutor se haveria o interesse em participar. Com o tempo, a intermediação de Cláudio passou a ser dispensável, pois criei laços e estabeleci vínculos não apenas com os colegas do clube.

Essa estratégia, isto é, estabelecer uma aproximação e um vínculo para então propor à pessoa a participação em uma entrevista, pareceu-me bastante apropriada ao longo do campo. Visto que assim, por um lado, eu já dispunha de algumas informações a respeito daquele interlocutor em específico (ou mesmo já tinha observado algo da sua conduta de jogo que poderia ser mencionado durante a entrevista). E, por outro, na maioria das vezes, tinha a impressão de que o vínculo prévio ajudava a tornar aquele momento, potencialmente tenso, o mais espontâneo possível. Não afirmo, contudo, que isso aconteceu de modo absoluto. Ocorreu de ter a impressão de que algum interlocutor, com quem eu conversava descontraidamente, poderia falar por horas em uma entrevista, mas uma vez ligado o gravador, mostrou-se tímido.

Em determinado momento, senti confiança o suficiente para ampliar mais uma vez o grupo de entrevistados. Frequentando os torneios estaduais, pude conhecer os frequentadores mais assíduos do xadrez competitivo carioca e por eles ser conhecida. Refiro-me àqueles que disputavam as primeiras colocações nas competições, tal como os que frequentavam os torneios

para socializar, os dirigentes dos clubes, os árbitros, etc. O que me permitia uma maior abertura para um posterior convite à entrevista. Quando não era possível realizá-la nos locais de torneio, enviava uma mensagem por celular ou pela rede social do Instagram e marcava uma conversa virtual. Estratégia que se mostrou, na maioria das vezes, surpreendentemente positiva. Houve apenas dois casos, de duas enxadristas mulheres, que se recusaram a participar da pesquisa.

Dispus de um roteiro semiestruturado de perguntas para as entrevistas. Porém, quando notava o entrevistado direcionando a conversa para outros pontos, geralmente eu não interrompia, deixava-o seguir seu fluxo discursivo. Nas primeiras vezes em que isso aconteceu, por mais que eu não o interrompesse, sentia certa frustração em não dar conta daquilo que havia planejado, em termos de expectativa de registros. Mas, gradualmente, consegui me desprender desse enquadramento projetado, entendendo o valor do conteúdo de cada entrevista em particular. Cito a seguir um exemplo em que entrevistei um enxadrista “da velha guarda do xadrez carioca”, conforme se intitulou.

Embora esse interlocutor tivesse respondido algumas perguntas sobre os aspectos emocionais e relativos ao corpo – parte do que eu julgava importante para a pesquisa –, sua narrativa desembocava sempre em temas em torno de questões políticas da FEXERJ. Era sobre isso que ele queria falar e eu não poderia cerceá-lo. Ainda que especificamente o conteúdo dessa entrevista pouco me ajudou nos capítulos sobre corpo e emoções, seu teor foi de grande valia na seção dos aspectos históricos, conscientizando-me disso apenas *a posteriori*. Situações como a descrita fizeram-me lembrar que, parafraseando Bourdieu (2008), por mais virtuoso na condução da entrevista que um pesquisador possa ser, os interlocutores têm condições de instituir – intencionalmente ou não – os rumos daquele diálogo, direcionando-o não apenas a favor de seus interesses, como também a favor da imagem que têm de si mesmos e da que pretendem transmitir.

Por fim, cabe lembrar que no capítulo seguinte abordo os aspectos históricos relativos à esportivização do xadrez. O que exigiu algumas consultas a fontes históricas, mais especificamente às edições antigas de jornais da imprensa nacional, de modo a complementar certas informações acerca da história desse esporte no Brasil, que, a meu ver, ainda está por ser contada.

CAPÍTULO 2
ORIGENS E MARCADORES HISTÓRICOS DO XADREZ

2.1 Uma breve história do esporte xadrez

Nesta seção, faço uma breve apresentação histórica do xadrez como prática esportiva. Pretendo não apenas descrever os aspectos que marcaram a passagem do jogo para o esporte²⁷, como também abordar os registros mais importantes sobre a consolidação do xadrez como um subcampo esportivo no Brasil. Mais especificamente, no estado do Rio de Janeiro, o qual, adianto, tem uma relevância histórica no desenvolvimento da modalidade no país.

Existe um consenso entre os estudiosos de que o xadrez tem uma origem milenar, com os primeiros registros encontrados em regiões do Oriente Médio, estendendo-se posteriormente aos outros continentes a partir, sobretudo, das rotas comerciais. Diferentes obras tratam dessas origens, com variados graus de detalhamento (BIRD, 2002; KASPAROV, 2017b; MURRAY, 1913; SHENK, 2007; YALOM, 2004). Apesar de ter sido publicada há pelo menos 100 anos, a considerada de maior importância por seu significativo levantamento de fontes, é a de Harold Murray (1913) “*A history of Chess*”. Logo, não pretendo abarcar toda a extensão histórica do jogo. Estabeleço o recorte temporal e geográfico desta descrição com referência ao xadrez jogado na Europa medieval²⁸, período anterior ao surgimento do chamado xadrez moderno, este último considerado de fato uma criação europeia.

Destaco, entretanto, que estabelecer esse ponto de partida não significa falar de uma homogeneidade do jogo. Pelo período entre os séculos X e XI em diferentes regiões da Europa, conforme explicita Murray (1913), coexistiram sistemas de jogo semelhantes ao xadrez, mas que se diferenciavam por determinados elementos como, por exemplo, as nomenclaturas e a força das peças, ou por uma variação no tamanho do tabuleiro, bem como por diferenças nas regras. Mas se é necessário definir uma unidade para distinguir o que chamamos do jogo europeu dos jogos observados nos países do oriente²⁹, duas características podem ser elencadas: a primeira é o aspecto simbólico da guerra. Na Europa medieval, as peças foram modificadas para refletir a estrutura feudal e passaram a ter uma dimensão social expressa, por exemplo, na substituição da peça do elefante pela do bispo, ou a do cavalo (*horse*) pela do cavaleiro (*knight*).

²⁷ Aqui entendido de um ponto de vista sociológico.

²⁸ E quando me refiro à Europa, considerando as fontes consultadas, trato das regiões da Espanha, Itália, França, Inglaterra e, em menor proporção, Alemanha. Embora o trabalho de Harold Murray (1913) seja bastante detalhado ao discutir fontes que tratam do xadrez em regiões como a Islândia, achei prudente limitar a discussão àqueles países.

²⁹ A generalização com o termo oriente serve mais para estabelecer um limite para a discussão teórica do que representa descuido ou desconhecimento em relação às características dos jogos naquelas regiões. Em outras palavras, o xadrez jogado na Índia era distinto em regras e peças do xadrez jogado no Japão e no Oriente Médio.

Outra marca dessa diferenciação, destaca Marilyn Yalom (2004), é a substituição da peça do vizir (*vizier*) pela da dama³⁰, cujos primeiros achados arqueológicos evidenciam que essa substituição data dos anos 1000 em território europeu. Segundo explica a autora, a força da peça que fica ao lado do rei estaria relacionada ao poder do feminino no cristianismo da idade média. O segundo aspecto da forma europeia de jogar xadrez na idade média, por sua vez, diz respeito ao uso das peças para formular alegorias da sociedade medieval. Tais alegorias eram de grande serventia para os sermões católicos da época.

É a partir do século XIII, especialmente, que há um incremento nos registros relativos ao jogo em questão e, portanto, uma popularização do mesmo. Popularidade bem notada em regiões da França, Inglaterra e Itália; nesta última especificamente, com registros dos primeiros escritos científicos a respeito. Se em tempos anteriores a Igreja nutria algum preconceito em relação ao jogo, isso aos poucos se enfraqueceu. A ponto de as ordens monásticas aceitarem o xadrez como uma atividade bem-vinda à classe eclesiástica. Considerando as fontes consultadas pelo historiador Murray (1913) – majoritariamente textos literários (poemas e romances que tematizam o xadrez) –, depreende-se que de modo geral a popularidade do jogo estava entre a nobreza e o clero, só posteriormente estendendo-se para as classes que trabalhavam para a nobreza. Foi com a inclusão dos burgueses das cidades em organizações feudais que, eventualmente, o xadrez se espalhou também entre esses grupos. No entanto, como infere Murray, é muito improvável que o jogo tenha chegado às camadas mais baixas da sociedade, em razão da severidade da vida imposta a esses³¹. De toda forma, não seria equivocado afirmar que o xadrez se tornou uma prática de distinção social, associação fortemente vinculada à prática do jogo nos momentos de lazer.

Em algumas regiões da Europa, o jogo desfrutou de uma popularidade tão distinta a ponto de um livro de autoria de um frade dominicano italiano³², *“The Book of Chess”*, ter sido uma das publicações mais populares no início do advento da imprensa, ficando apenas depois da Bíblia. O livro em questão foi publicado pela primeira vez por volta de 1450 e reeditado diversas vezes posteriormente. Em contrapartida, há registros de que entre os séculos XIII e XV o jogo perdera espaço para os jogos de cartas – introduzidos mais amplamente nas cortes por

³⁰ Embora a peça da dama seja popularmente conhecida como rainha, entre os enxadristas, o uso do termo "dama" é mais comum. Dessa forma, optei por manter esse referente ao longo do texto.

³¹ O próprio autor (MURRAY, 1913) chama a atenção para os registros que apontam não ter se tratado de uma difusão homogênea entre as classes, levando-se em conta as diferentes regiões da Europa. Murray destaca ainda que, na Alemanha, o xadrez alcançou apenas as classes mais abastadas, enquanto na França o conhecimento do jogo pela população se deu de forma mais abrangente.

³² De nome Jacob de Cessolis, ou, Jacobus de Cessolis.

volta do século XIV, nos momentos de lazer. Murray (1913) sugere que a mudança ocorreu devido ao extenso tempo que levava cada partida, naquele momento ainda longe de ter o relógio como parte integrante do jogo. Algumas tentativas de adaptação foram feitas, como por exemplo, a inserção de dados, ou mesmo a troca da posição de certas peças. Porém, todas essas modificações tornaram o jogo ainda mais difuso e com variações significativas entre as regiões. E não mais interessante que os outros jogos da época. Se por um lado, o longo tempo do jogo dava espaço ao interesse por outras atividades de lazer, a demora também possibilitava que o xadrez fosse jogado sob a rubrica mais da sociabilidade – fomentando o convívio entre homens e mulheres da aristocracia –, do que a da competitividade, mais afeita à acepção moderna. Ademais, é preciso lembrar que não há registros do xadrez ter sido em algum momento uma atividade proibida para as mulheres na Europa. Na realidade, era jogando partidas de horas e, não raro, até dias, intercaladas com momentos de danças, jantares, conversas e romantismo, que homens e mulheres das cortes alimentavam interações entre si (YALOM, 2004).

Não obstante, foi com a reforma do século XV que o jogo ganhou uma dinâmica completamente diferente. Ocorrida mais precisamente na Espanha (depois alcançando outras regiões), em que os movimentos da dama e do bispo foram ampliados até o que conhecemos hoje. Tal reforma intensificou a batalha das peças, tornando o xadrez muito mais competitivo. Há quem diga que o poder da peça da dama teria sido aprimorado não somente em razão do protagonismo político de algumas rainhas, como Isabel de Castela e Catarina de Aragão, mas também pelo fato de que muitas dessas rainhas eram consideradas proeminentes enxadristas³³ (SHENK, 2007; YALOM, 2004)). Essa mudança implicou em um novo método de jogo, o qual resultou na possibilidade de ataques mais fortes na abertura da partida, tornando cada vez mais comuns os momentos de análise dos jogos. Atividade que se consolidou como tradicional entre os enxadristas nos anos posteriores.

Por volta de 1700, Londres e Paris figuravam como as cidades com a maior quantidade de jogadores dedicados ao xadrez, reunindo-se nos cafés e bares locais. Logo, não demorou para que os primeiros clubes fossem criados³⁴. Todavia, é no século XVIII que o jogo ganhará um caráter mais racional. Um marco nesse sentido é a publicação do livro do enxadrista e compositor francês François-André Philidor, no qual constam não somente os registros de

³³ Ver parte cinco do livro “*Birth of the Chess Queen*”, de Marilyn Yalom (2004).

³⁴ O primeiro clube de xadrez surgiu em 1807 na Inglaterra, em Londres. O clube foi chamado de “*The Chess Club*” e criado com o objetivo de reunir jogadores de xadrez de todo o país, promovendo o jogo. Além de realizar partidas regulares, o clube também publicava uma revista e organizava torneios e campeonatos, segundo Murray (1913).

partidas, mas também os ensinamentos relativos aos fundamentos e princípios do jogo. A partir daí, as bases científicas do jogo se desenvolvem cada vez mais nos séculos seguintes³⁵, a ponto de, retrospectivamente, ser possível definir as diferenças entre as tradições do xadrez jogado em cada época e lugar³⁶.

Mas, voltando ao século XVIII, é importante citar que nesse período de grande interesse pelo xadrez entre os homens, é o momento em que há um declínio da popularidade do jogo entre as mulheres. Segundo a tese da historiadora Yalom (2004), ironicamente, tudo indica que a introdução e a consolidação justamente da peça da dama estaria em estreita relação com o desinteresse progressivo do xadrez entre as mulheres. É quando o jogo deixa de ter o caráter de um passatempo desinteressado, para se tornar altamente competitivo e dinâmico. Além disso, nos séculos subsequentes, fica evidente que a prática deixa de ser restrita ao ambiente da corte, ou à dimensão doméstica, para ser jogada nos espaços públicos. E esses ambientes passam a se configurar exclusivamente para os homens.

Essa situação histórica de ausência de mulheres envolvidas com o jogo nesses ambientes, mostra-se compatível, a meu ver, com aquilo que Richard Sennett (2014) descreveu acerca das diferenças de significado do domínio da vida pública para homens e mulheres. Se para os homens no capitalismo industrial, a esfera pública possibilitava viver experiências consideradas imorais com uma certa liberdade, para as mulheres, a esfera pública era uma região de risco de perda da virtude. O próprio autor ilustra isso:

Uma mulher sozinha, respeitável, jantando com um grupo de homens, ainda que seu marido estivesse entre eles, causaria uma sensação pública, ao passo que o fato de um burguês jantar fora com uma mulher de extração interior era tácita porém conscienciosamente evitado como tópico de conversa entre todos os que lhe eram próximos (SENNETT, 2014, p. 45).

³⁵ Para ilustrar essa inserção do xadrez no universo de significados afeito às ideias racionalistas, remeto ao prólogo de um dos livros mais tradicionais sobre o ensino de xadrez intitulado “Meu Sistema”, de Aaron Nimzovitsch (2007, p. 7), cuja primeira edição foi publicada em 1925 e é recomendado por muitos enxadristas até hoje. Nele, lê-se: “meu novo sistema não surgiu do nada, por geração espontânea, mas de forma progressiva e, de certo modo, orgânica. A ideia central ou motriz era a de passar em revista todos e cada um dos elementos estratégicos do xadrez e analisá-los em profundidade, sem levar em conta a intuição.”

³⁶ Posso listar ao menos quatro escolas bem difundidas no xadrez: romântica, clássica, moderna e hipermoderna. A escola romântica é conhecida como o jogo dos ataques e sacrifícios de peças. A escola clássica se fundamenta, sobretudo, nos aspectos estratégicos e “posicionais” do jogo e não só pela definição das fases do jogo (abertura, meio jogo e finais). Na escola moderna, popularizam-se conhecimentos como “o domínio do centro do tabuleiro na fase de abertura” e a necessidade de elaboração de um “plano” ou estratégia no meio jogo. Por último, a escola hipermoderna fica conhecida por buscar o domínio à distância do centro do tabuleiro na fase de abertura do jogo, entre outros elementos.

Conforme Yalom (2014), apenas na virada do século XIX para o XX que se tem registro da criação de clubes exclusivamente femininos na Inglaterra. No século XIX, particularmente na França e na Inglaterra, já havia jogadores intitulados por seus pares como “mestres”, devido à expertise que desenvolveram e por conseguirem “ganhar a vida” apenas por meio do jogo. Também nesse período, intensificam-se os *matches* (embates na presença de árbitros) entre jogadores de toda a Europa. Constatam muitos registros de que filósofos como Jean-Jacques Rousseau e Voltaire eram jogadores fervorosos, evidenciando que o xadrez nunca deixou de figurar entre os intelectuais da época (MURRAY, 1913).

Portanto, segundo as fontes consultadas, é na segunda metade do século XIX que um momento de virada na história do xadrez é instaurado. Principalmente porque, apesar de nessa altura ainda não haver uma federação internacional que regule torneios e competições de xadrez, como nos diz Daniel Johnson (2013), o crescimento do capitalismo global gerou prosperidade suficiente para apoiar uma comunidade de xadrez transatlântica. Pela primeira vez, campeões nacionais na Europa e nos Estados Unidos despertaram o que o autor supracitado chama de um orgulho patriótico em seus respectivos países. É também a partir desse momento que o xadrez passa a ser observado como uma atividade desafiadora do ponto de vista cognitivo, muito associado à popularidade das partidas jogadas de olhos vendados e das simultâneas³⁷. Alfred Binet foi o primeiro psicólogo a dirigir uma pesquisa sobre memória tendo mestres de xadrez da época como o objeto de estudo. Desde então, o jogo passou a ser uma ferramenta utilizadíssima na ciência, contribuindo fortemente para a criação de áreas de estudo específicas, como as ciências cognitivas, consoante David Shenk, reproduzido a seguir.

Durante a década de 1890, Binet tentava compreender a dinâmica da memória, como parte do que provou ser a busca principal de sua carreira: definir e medir a inteligência humana. Ficou fascinado com os jogadores que disputavam xadrez de olhos vendados e com suas espantosas demonstrações de memória visual. Como seria exatamente que conseguiriam aquilo? (SHENK, 2007, p. 129).

Mas o que temos a dizer sobre o processo de esportivização do xadrez? É curioso notar que as referências históricas a que tive acesso, a maioria delas escrita por enxadristas ou acadêmicos-enxadristas, não descrevem os acontecimentos quanto ao jogo associando-os à estrutura e à organização esportiva de modo geral, que estava em franca ascensão durante a virada do século. Não se pode esquecer que esse é o período, especialmente na Inglaterra, em

³⁷ Simultânea é uma modalidade em que um único enxadrista joga com as peças brancas N partidas contra N adversários.

que a prática esportiva no seu modelo organizado passa a figurar como atividade relevante no cotidiano das classes médias e da aristocracia (HOBSBAWN, 2015).

Baseando-me nas fontes históricas usadas por Peter Gay (1995), tenderia a afirmar que esse distanciamento entre o xadrez e os esportes se deve aos modos de compreensão sobre o fenômeno esportivo, nesse período, pautarem-se em uma concepção de esporte à serviço do apaziguamento da agressividade. Sob tal perspectiva, poderíamos pensar que, não obstante a alegoria bélica seja aplicada ao xadrez desde seus primórdios, esta foi uma prática demasiadamente simbólica para estar a serviço da contenção dos impulsos de agressividade.

Um ponto em que se pode talvez traçar certa proximidade entre os esportes e o xadrez naquele momento, é quando Emanuel Lasker³⁸, um dos jogadores de maior destaque do início do século XX, torna-se o primeiro a reivindicar a garantia de direitos autorais dos jogadores sobre suas partidas (KASPAROV, 2016). Isto é, respaldo legal, para além de somente um caráter de profissionalismo à prática enxadrística, frente àqueles que defendiam o contrário. É preciso pontuar que a reivindicação de profissionalização não se dá porque Lasker era um simples operário de fábrica que precisava ser reembolsado pelo tempo que passava jogando, como os escritos históricos sobre o profissionalismo esportivo apontam ter acontecido no caso de outras modalidades (GAY, 1995). Embora Lasker seja originário de uma família simples na antiga Prússia, tornou-se um acadêmico, um homem “culto e de vasta cultura” (KASPAROV, 2017b, p. 97) como praticamente todos os jogadores que figuram no rol de celebridades históricas do xadrez. Segundo destacam Juliano de Souza e Wanderley Marchi Júnior (2012), o profissionalismo no xadrez figura a partir do momento em que se testemunha um desenvolvimento posicional e defensivo do jogo cada vez maior. O xadrez tornava-se cada vez mais complexo e com a exigência de uma maior dedicação por parte dos jogadores, a modalidade foi compelida na direção de um profissionalismo, nos mesmos moldes dos esportes de performances físicas da época.

Antes mesmo que qualquer instituição reguladora tivesse sido criada, pode-se dizer que a segunda metade do século XIX foi marcada pela consolidação de um processo de codificação das regras (DAMO, 2005). Processo que ocorreu em grande parte devido ao incremento na promoção de *matches* e competições internacionais entre clubes franceses, ingleses, alemães e italianos. Em outros termos, diferente do que aconteceu com o *football*, no qual uma das causas

³⁸ Lasker foi o segundo campeão mundial de xadrez – concedido informalmente – e manteve o título por vinte e sete anos.

para o processo de codificação foi a necessidade de distinção dessa modalidade em relação às outras práticas mais populares, conforme aponta Arlei Damo (2005). No século XIX, as regras relativas aos movimentos das peças já eram amplamente reconhecidas e não havia qualquer jogo similar representando o mesmo sucesso. Era preciso, isso sim, apenas alinhar as normas que regiam as competições de modo que elas tivessem validade global. Foi inclusive nesse momento que o uso do relógio passou a compor o conjunto de materiais requeridos nos jogos mais importantes.

Além disso, os meios de comunicação em massa impressos começaram não apenas a confeccionar revistas e boletins de xadrez especializados, mas também a disponibilizar colunas semanais voltadas para o assunto nos jornais. Dentro desse caldeirão de acontecimentos históricos que impulsionaram a expansão da modalidade, faltava ainda a organização do torneio mundial, que somente teve lugar no ano de 1851, em Londres (BIRD, 2002; MURRAY, 1913). Atentando-se para a existência de uma comunidade internacional de jogadores os quais duelavam nos torneios (com nomes relativamente bem conhecidos entre eles), alguns campeonatos reconhecidos pelos enxadristas como mundiais se sucederam nos anos posteriores. Porém, não sem faltarem polêmicas em torno da legitimidade de concessão dos títulos, dos valores dos prêmios e das condições de organização dos *matches*.

Alegava-se, por exemplo, que o portador do que seria o “título mundial” exercia excessiva influência na elaboração das condições e dos regulamentos do torneio seguinte. Assim, o primeiro registro público de um movimento de enxadristas em busca de institucionalização do xadrez é de 1900, na ocasião de um torneio em Munique (Alemanha), no qual foi instituída a Associação Internacional de Mestres de Xadrez. Apesar dessa iniciativa não ter ido adiante, outras tantas foram colocadas em curso nas décadas posteriores. A que resultou em frutos foi a encabeçada pela Federação Britânica de Xadrez. Até que, em 1914, o estatuto da federação internacional é publicado (WINTER, [s.d.]). O controle sobre as regras, assim como a organização e a promoção dos Campeonatos Mundiais, dos Torneios de Candidatos, das Olimpíadas³⁹ e de outros torneios, bem como a responsabilidade pela concessão dos títulos de Mestre, portanto, passaram a ficar ao cargo da Federação Internacional de Xadrez (FIDE). Atualmente, com pelo menos 152 confederações filiadas.

³⁹ No início desta seção, afirmei que trataria da descrição histórica relativa ao xadrez destacando a relevância apenas dos países europeus nesse processo. Porém, seria leviano da minha parte ignorar a relevância da União Soviética, sobretudo no século XX, para a modalidade. Para uma detalhada história do desenvolvimento do xadrez na Rússia desde os tempos czaristas, ver Daniel Johnson (2013)

No entanto, como indicam Souza e Marchi Júnior (2012), esse processo de representatividade não se deu de forma imediata. Isso porque, no início do século XX, uma nação que havia despontado com força nos tabuleiros foi a União Soviética, a qual manifestava divergências em relação à organização dos torneios FIDE. Somente a partir da segunda metade do século XX, com a entrega do título de campeão mundial à Mikhail Botvinnik e a inauguração de um período de sucessivos campeões mundiais russos, que uma aproximação da União Soviética à FIDE se iniciou. A ponto de nos anos 1970 e 1980 a União Soviética, inclusive, dirigir a FIDE. Assim, pode-se dizer que o século passado foi o período de estabilização da estrutura esportiva enxadrística, acima de tudo se observarmos esse processo à luz do modelo de Allen Guttmann (1994). Autor que estabelece tipos ideais para se pensar a formação dos esportes modernos: equidade, secularismo, racionalismo, especialização, quantificação, organização burocrática e busca pelos recordes.

A consolidação da Federação Internacional do século XX para o atual, passa não somente pela estabilização dos processos acima recuperados, mas ainda pelo reconhecimento da comunidade enxadrística da legitimidade de seu poder. Não é por outra razão que o ato simbólico de concessão dos títulos vitalícios de Mestre, que passou a acontecer desde a década de 50 do século passado, é considerado o ápice da carreira de muitos jogadores. Atualmente, a FIDE pode conceder até quatro títulos de Mestre na categoria mista, ou seja, homens ou mulheres. A depender do desempenho na categoria mista, poderão receber os seguintes títulos, listados em ordem crescente de relevância: Candidato a Mestre FIDE (CM), Mestre FIDE (MF), Mestre Internacional (MI), Grande Mestre (GM). Os títulos exclusivamente femininos passaram a ser concedidos somente no final da década de 1970. São eles: Candidata a Mestre Feminino (CMF), Mestre FIDE Feminino (MFF), Mestre Internacional Feminino (MIF), Grande Mestre Feminino (GMF)⁴⁰.

Há um conjunto de critérios bastante específicos e que devem ser combinados para que um título de mestre seja concedido a um enxadrista. Dentre todos eles, um dos mais importantes é um determinado patamar de alcance do *rating*⁴¹ – que pode ser definido em um primeiro nível como uma taxa de performance. Para cada título, uma pontuação de *rating* deve ser atingida e quanto maior o título, maior essa pontuação a ser atingida. Os títulos femininos – originários de uma política da FIDE para o incentivo do xadrez de alto nível entre mulheres – possuem

⁴⁰ Uma prática comum da comunidade é a de que, uma vez concedido um título, seu portador sempre que tiver seu nome escrito em algum lugar o terá precedido das siglas indicando a titulação atual.

⁴¹ Tratarei sobre o *rating* com maior detalhe no capítulo posterior.

uma pontuação mais baixa. É possível entender a razão pela qual a federação teria criado os títulos femininos observando os números atuais de Grande Mestre no mundo. Enquanto a população masculina de GM contabiliza 1762, o grupo de mulheres que dispõe do mesmo título atualmente é de 37 (ALBOREDO, 2019). É curioso que essa discrepância se dê justamente em um esporte no qual a segmentarização das categorias de gênero não seja constitutiva da modalidade, como o é na maioria das modalidades esportivas.

Um outro ponto relevante no que tange ao registro histórico é compreender como se desenvolveu a matriz espetacularizada do xadrez. Uma situação de destaque, que é inclusive tratada com detalhes na já citada pesquisa de Souza e Marchi Júnior (2012)⁴², é o campeonato mundial de xadrez do ano de 1972. Conhecido como o *match do século*. A razão de ser dessa expressão decorre de ter consistido de um campeonato mundial em que duelavam o norte-americano Bobby Fischer e o então campeão mundial da URSS, Boris Spassky. Em seu livro, o jornalista Daniel Johnson começa o capítulo em que apresenta a história desse campeonato mundial da seguinte forma:

Durante um glorioso verão, o xadrez ultrapassou todos os outros jogos em popularidade e importância. Por mais remota que Reiquiavique⁴³ fosse, as reverberações foram sentidas por todo o planeta. Mais de uma geração depois, o evento ocorrido ali em julho e agosto de 1972 ressoa até hoje. Fischer-Spassky foi muito mais que um *match* de xadrez. Ganhou a grandiosidade de um épico – talvez o único épico da Guerra Fria (JOHNSON, 2013, p. 174).

Como se lê no excerto, foi um campeonato mundial disputado por um americano e um russo justamente em uma conjuntura macrossocial na qual as tensões políticas globais atravessavam a vida social. Conforme Souza e Marchi Júnior (2012), a própria expressão de “*match do século*” é uma forte campanha midiática. A metáfora da disputa bélica travada no tabuleiro entre as duas superpotências da época era não somente considerada boa demais para os olhares atentos da imprensa mundial. Como também toda a disputa de forças no campo esportivo do xadrez que acontecia nos bastidores, no período que antecedeu o torneio, tornaram a modalidade ainda mais digna de interesse aos olhos da imprensa global. De toda forma, o despontar de um talento enxadrístico norte-americano, que se tornou ao final do *match* o novo campeão mundial, fez com que o xadrez se popularizasse em seu território de origem.

⁴² Justamente porque na análise dos autores a forma mercantil de constituição do campo esportivo do xadrez emerge a partir dessa situação do campeonato de 1972.

⁴³ Capital da Islândia, local em que se realizou o torneio.

Na década de 1990, o xadrez voltou a ser pauta na imprensa mundial, agora não em razão de um embate épico entre potências humanas mundiais mas sim inaugurando uma nova disputa. Uma que somente teria sentido por um curto período de tempo: aquela entre humano e máquina. No ano de 1992, o então Grande Mestre e campeão mundial Garry Kasparov jogou dois *matches* contra o supercomputador da IBM “Deep Blue”. Em que pese as polêmicas em torno do evento, com acusações de trapaças e conspirações, nenhum enxadrista mais tarde duvidaria da supremacia das máquinas sobre os homens no tabuleiro.

Ainda assim, em um primeiro momento poder-se-ia acreditar que a tecnologia ao suplantiar o homem no xadrez poria fim no interesse humano pelo jogo. Entretanto, essa aposta não se converteu em uma realidade. Em termos mais amplos, o que se pode afirmar é que a tecnologia serviu para fomentar o crescimento do que se pode chamar de uma comunidade de enxadristas global. O que podemos chamar de vertente espetacularizada do xadrez atualmente não acontece por meio dos tradicionais canais televisivos, abertos ou fechados, como poderíamos pensar, mas por uma ação conjunta entre a federação, os canais em plataformas de *streaming* e os servidores de xadrez online⁴⁴. O xadrez passou a ter um caráter híbrido, ou seja, ele é jogado tanto em tabuleiros virtuais, como no tabuleiro físico. E como alguns enxadristas já argumentaram (TORRE..., 2022), uma modalidade não exclui a outra.

Uma ilustração disso está nos principais campeonatos mundiais, nos quais tabuleiros e peças possuem um equipamento que permite que cada lance seja remetido diretamente para um tabuleiro virtual, disponibilizado para os canais de *streaming*⁴⁵ que fazem a transmissão online dos jogos. Os canais de *streaming*, mais do que exibir esses torneios, são direcionados especificamente à produção de conteúdo sobre xadrez. Ou seja, existe um universo inteiro de conhecimento enxadrístico disponível na internet e acessível aos interessados. Os comentaristas das partidas, na maioria das vezes, são Grandes Mestres. Estes, por sua vez, podem fazer uso do tabuleiro virtual para exibir os lances efetuados, tal como para testar e comentar sobre outras possíveis sequências de lances.

Esse formato da matriz espetacularizada do xadrez fez com que a modalidade fosse capaz de se adaptar às mudanças tecnológicas dos meios de comunicação sem que houvesse um decréscimo do interesse pela prática. Mesmo com a manutenção de partidas longas, as quais

⁴⁴ Os servidores de xadrez online são plataformas virtuais nas quais é possível que enxadristas do mundo inteiro joguem partidas uns contra os outros. Além disso, nos últimos anos, esses servidores começaram a prover o serviço de transmissão e análise das partidas dos principais torneios mundiais. Os servidores mais conhecidos no Brasil são Lichess.com, Chess.com e Chess24. com.

⁴⁵ *Youtube e Twitch.*

podem chegar a ter seis horas de duração. Julgo relevante realizar a descrição do funcionamento dessa matriz, pois, como pude observar ao longo do trabalho de campo, acompanhar, comentar e discutir os resultados dos campeonatos mais importantes de xadrez esportivo é uma parte importante das formas de interação dos enxadristas dos clubes.

Se no caso do futebol, a FIFA parece se restringir à esfera da matriz espetacularizada, no caso do xadrez, a federação internacional tem um alcance um pouco mais abrangente. A FIDE regula torneios em que jogadores de qualquer clube regulamentado no Brasil podem participar, garantindo uma espécie de excepcionalidade de caso, considerando a organização e hierarquização do sistema esportivo brasileiro. Isso somente foi possível devido ao que é reconhecido nesse meio esportivo como processo de “democratização da FIDE”. Esse tema foi pauta de uma das entrevistas com o enxadrista que mencionei ter se autointitulado “alguém da velha guarda do xadrez carioca”. Roberto, com idade na faixa dos 40 anos e jogador há vinte, viu as mudanças de cunho político que aconteceram no campo e conta o seguinte:

Houve uma democratização de 10 anos para cá. Antigamente para você ter um rating FIDE era uma coisa difícil. Você tinha que jogar 12 partidas, contra 12 jogadores que já tinham rating FIDE e pontuar no mínimo 50% para sair com um bloco de 2000. Hoje meu rating FIDE é de 1600, não existia rating FIDE de 1600, 1700. Era assim para você ter FIDE, você tinha que ter 2000. [...] O torneio FIDE ficou mais acessível. Para você ter uma ideia, hoje tem campeonato mundial sub 1700. Eu posso jogar o campeonato mundial de sub 1700 se quiser [...] As taxas não são mais tão caras, começou a surgir o que você vê hoje, o *Niteroi Chess Open*, o *Rio Chess*, o *Caiobá Chess Open*, o Floripa, o Duchamp... torneios de premiações altas, que englobam jogadores do mundo todo, principalmente daqui da América Latina (Entrevista com Roberto).

Os torneios FIDE no Brasil já aconteciam através da Confederação Brasileira de Xadrez (CBX) pelo menos desde a década de 70, mas conforme explica Roberto, sua participação ficava restrita àqueles enxadristas de grande pontuação. Foi em 2014 que a FIDE, em uma iniciativa estratégica para incrementar os recursos financeiros, ampliou a escala de *rating* possibilitando que qualquer enxadrista do mundo inteiro pudesse ser avaliado em uma mesma base de ranqueamento, graças ao sistema *rating* ELO (FIDE, 2020). Tudo apenas com o pagamento anual de uma taxa e os trâmites burocráticos. Eu participei em ao menos dois torneios FIDE nos anos de 2022, um deles considerado um dos mais importantes da América Latina. Em uma dessas participações, fiz o seguinte registro em meu diário de campo, o que me possibilitou interpretar que “a estratégia de democratização” trouxe um entrelaçamento entre a matriz espetacularizada e comunitária do xadrez.

Eu estava sentada em uma das cadeiras, aguardando o início da cerimônia de abertura do evento. Dois participantes sentaram-se próximos a mim e eles não deveriam ter

mais que 19 anos. Um deles fez o seguinte comentário: "O legal de torneio assim é que você não só vê os mestres, você pode acabar caindo com um deles nas primeiras rodadas!" (Diário de campo 01/09/2022).

2.2 O campo enxadrístico brasileiro

A expansão do xadrez ao longo do século XIX na Europa não demorou muito para chegar às colônias, como foi o caso do Brasil. Conforme aponta Waldemar Costa (2009), antes disso não há registros claros sobre a regularidade e a consistência de sua prática. O que existem são suspeitas de que integrantes da corte portuguesa travavam embates, pois além de alguns livros trazidos das terras portuguesas, tabuleiros e peças também integravam o material despachado em alto-mar. Já na segunda metade do século, havia enxadristas que praticavam com regularidade, a maioria deles era de comerciantes estrangeiros estabelecidos na capital do Império, mas igualmente alguns intelectuais como Machado de Assis e o pianista Arthur Napoleão.

De modo similar ao que aconteceu na Europa, a prática não era dissociada da teoria, assim, nas décadas finais do século XIX surgiram as primeiras publicações e também os primeiros clubes na capital e, posteriormente, na cidade de São Paulo (COSTA, W. 2009). Como vimos na seção anterior, após a Primeira Grande Guerra é que a Federação Internacional finalmente foi fundada. E, segundo Luiz Loureiro (2006), há registros de que a Federação Brasileira de Xadrez teria sido criada no mesmo ano em que a FIDE, mais especificamente, em 6 de novembro. No entanto, demorou um ano até que a fundação saísse de fato do papel, de modo que a filiação desta àquela, por sua vez, deu-se somente em 1935. As razões pelas quais essa demora na implementação da federação brasileira teria acontecido não ficam claras nas fontes consultadas.

Tudo indica que o século XX foi marcado por uma popularização que ainda não tinha sido vista no país. O que é corroborado pelo aumento no número de eventos que as federações estaduais – cada vez mais organizadas em suas estruturas – promoveram nas décadas de 30, 40 e 50. É preciso lembrar, porém, que esse desenvolvimento se deu de forma desigual e heterogênea nas diferentes regiões e cidades do país, embora seja difícil mapear tais diferenças observando apenas as fontes consultadas, o grosso delas escritas por enxadristas. Verifica-se que a maior parte dos registros históricos sobre o xadrez no país descreve esse processo de forma genérica e em uma escala ascendente de desenvolvimento do esporte. Para o presente trabalho, cabe lembrar que esses registros tratam-se de um recorte.

Mas imagino que até aqui o leitor já seja capaz de entender que o xadrez do Ocidente seja uma atividade historicamente praticada por pessoas de classes sociais abastadas. E no Brasil isso não foi diferente. Por esse fator, é de se suspeitar que o desenvolvimento e a expansão da qual viemos tratando tenham predominantemente se dado nas cidades mais desenvolvidas da época, isto é, as da região sudeste e depois sul do país.

Voltemos aos aspectos históricos a que tivemos acesso. Não é por outro motivo que essas mesmas décadas testemunharam um impulso na qualidade técnica dos jogadores. O que ficou evidente com o primeiro título de Mestre Internacional concedido a um brasileiro no ano de 1952. Nos anos posteriores, o Brasil ganha destaque inédito no cenário esportivo internacional, hospedando duas edições do Torneio Interzonal⁴⁶ (1973 e 1979), na cidade de Petrópolis e do Rio de Janeiro, respectivamente. É provável que o desempenho de Henrique Mecking (conhecido como Mequinho), o único a participar de duas edições do Torneio de Candidatos⁴⁷ (1974 e 1977) e o primeiro a se tornar Grande Mestre brasileiro, tenha contribuído para alçar o país a esse nível⁴⁸. Sobre o primeiro GM brasileiro, cabem algumas palavras.

É possível afirmar que na metade do século XX o xadrez não gozava do prestígio midiático que outras modalidades esportivas desfrutavam. Todavia, é provável que as décadas de 70 e 80 tenham sido o período em que mais se ouviu falar sobre o esporte, ao menos nos veículos impressos de comunicação do país. Mequinho, que era atleta do clube de regatas do Flamengo, após receber o título de Grande Mestre foi homenageado em muitas ocasiões (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022), como aquela feita pelo seu clube no Maracanã, antes de uma partida entre Flamengo e Vasco em 19 de janeiro de 1972 (COMUNICAÇÃO FLAMENGO, 2022), tendo recebido aplausos de todos os torcedores presentes.

Que seus jogadores desde cedo davam um jeito de publicarem suas colunas sobre o assunto, isso todos já sabemos. Mas a partir de 1971, conforme os arquivos do Jornal do Brasil (1971a) que consultei, os acontecimentos do xadrez deixam de ter um espaço de algumas poucas linhas informativas, para ter ocasiões de uma matéria inteira. Meses mais tarde, o próprio Mequinho é convidado a ter uma coluna semanal de destaque no caderno de esportes, na qual ele divulga informações sobre os principais torneios da época com análises das partidas

⁴⁶ Na escala de relevância dos torneios mundiais, o Interzonal era o torneio em que se classificavam os enxadristas que jogariam o Torneio de Candidatos, dentre esses, o campeão seria aquele apto a desafiar o portador do título de campeão mundial da vez.

⁴⁷ O Torneio de Candidatos até os dias de hoje é considerado a segunda competição mais importante do xadrez competitivo. Nesta competição é definido quem disputará o campeonato mundial.

⁴⁸ Infiro esse argumento a partir da leitura das fontes.

e apresenta as regras do jogo – em um claro intuito de difundir a modalidade entre os brasileiros. Na coluna, o grande mestre brasileiro ainda fala sobre as iniciativas no país sobre o ensino do xadrez, bem como registra aquelas iniciativas que ele mesmo buscava implementar. Há de se lembrar que, após ganhar o título de GM, Mequinho foi convidado a atuar como assessor do então ministro da Educação, Jarbas Passarinho. No caso, no departamento de Educação Física durante o governo ditatorial do general-presidente Emílio Garrastazu Médici, em 1972.

Mesmo com a projeção do Brasil no cenário mundial do xadrez, conforme as fontes a que tive acesso, até o início da década de 1980 a Confederação Brasileira de Xadrez (CBX) – criada a partir da lei 3.199 de 1941, em substituição à Federação Nacional de Xadrez – padecia de problemas na condução política por parte dos dirigentes. De acordo com Luiz Loureiro:

A presidência da CBX sempre reservou esse cargo para pessoas do meio do xadrez, mas que também eram figuras social, política e financeiramente bem sucedidas e posicionadas. Muitos presidentes anteriores eram homens ricos ou abastados e estavam ligados a uma tradição secular de administrar xadrez mediante mecenato direto ou indireto e também através de contatos com fontes potenciais de patrocínio, ligadas a seus conhecimentos pessoais. Além de atuarem sempre à base de “personalismo”, sem aprimorar a gerência interna do xadrez nacional e sem formular planos e políticas de longo prazo (LOUREIRO, 2006, p. 8).

Essa mesma referência destaca que, em 1988, Jaime Sunyê Neto assumiu a presidência da CBX, estabelecendo uma gerência tida por alguns como “mais profissional”; ao menos em um primeiro momento. Foi sob a atuação desse novo presidente que viu-se, por exemplo, as primeiras iniciativas encabeçadas pelo órgão de implementação de programas de xadrez nas escolas, bem como a organização de torneios infanto-juvenis de alcance nacional. No entanto, segundo registro de Loureiro (2006), na gestão de Jaime bem como naquelas posteriores, surge um novo problema político. Um que é tema de discussão ainda nos dias de hoje nas conversas entre jogadores, conforme pude presenciar em muitos momentos do campo: a questão das funções sobrepostas de dirigente-jogador (JORNAL DO BRASIL, 1971b)⁴⁹. Loureiro ainda relata que o problema desse tipo de situação está no fato de que as decisões que a Confederação precisa tomar partem da premissa jurídica da impessoalidade, no entanto, com a sobreposição de funções, esse processo decisório se torna enviesado. O que incide na convocação dos atletas e na seleção da equipe técnica, entre outras escolhas incumbidas à Confederação.

Pelo que pude perceber ao longo da pesquisa, problemas como esses parecem ser algo crônico no campo esportivo do xadrez. Tanto ao nível nacional quanto ao estadual, discussões

⁴⁹ Ver coluna “Confederação diz que Mequinho não colabora” no referido documento.

eram e ainda são travadas. Muitas delas registradas em blogs pessoais de jogadores e, atualmente, em vídeos publicados no *Youtube* pelos próprios enxadristas. As discussões são não apenas quanto à sobreposição de papéis de dirigente-jogador, mas também quanto às injustificadas modificações de regras (as quais acabam favorecendo determinado grupo), ou a falta de transparência nas regras que regulam a fórmula do *rating*, bem como sobre critérios escusos para a concessão de títulos de Mestre Nacional.

No que tange este estudo, há ainda a necessidade de se apresentar um breve histórico regional do desenvolvimento esportivo do xadrez. Com tudo o que foi apresentado até o momento, deve-se inferir que o estado do Rio de Janeiro – antes mesmo que levasse esse nome – foi protagonista na história do esporte. As fontes a que tive acesso mostram que o estado do Rio viveu um caso atípico nesse contexto, no qual coexistiram duas federações por um bom tempo: a Federação Fluminense de Xadrez (FFX) e a Federação Metropolitana de Xadrez (FMX). Conforme o estatuto vigente (FEXERJ, 2014), apenas no ano de 1976 essas duas entidades se fundiram para formar a Federação de Xadrez do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, dez clubes de xadrez da capital do estado, mais sete da região metropolitana e do interior do estado, estão vinculados à entidade. Esses clubes podem inscrever seus jogadores em cinco torneios estaduais que acontecem anualmente. A federação, por sua vez, tem a gestão renovada a cada triênio. A depender da política e da condução da direção, pode haver alterações no calendário dos torneios promovidos.

Pode-se levantar a questão se a federação estadual não estaria em um processo de obsolescência, devido ao que foi tratado acima sobre o processo de democratização dos torneios da Federação Internacional de Xadrez. Isto é, se todo e qualquer jogador de xadrez pode integrar o sistema da FIDE, qual seria a razão de ser dos torneios estaduais? Ou mesmo, por que então os torneios estaduais não integram o sistema de classificação da FIDE? Já que os resultados ali obtidos não servem para alçar posições melhores no sistema de classificação CBX e FIDE. É preciso considerar pelo menos dois pontos: o primeiro deles é que a democratização da qual o entrevistado mencionou é referente, em especial, à pontuação e não tanto ao aspecto financeiro. Como recuperado com a fala do interlocutor, antes apenas quem tinha *rating* acima de 2000, um feito restrito aos enxadristas mais experientes, podia participar desse conjunto de torneios. Atualmente, não é necessário ter uma pontuação expressiva, basta que seja paga a taxa de anuidade da CBX (cento e vinte reais) para que o jogador participe dos torneios FIDE.

Contudo, conforme me relatou o antigo presidente da FEXERJ em entrevista, pela taxa de anuidade ser de alto valor, para a grande maioria dos jogadores a participação nos torneios

FIDE acaba inviabilizada. A FEXERJ, em contrapartida, exige apenas o pagamento único da taxa de inscrição na federação (quarenta reais), o que torna seus torneios financeiramente mais viáveis ao público. Junto a isso, o segundo aspecto que deve ser pesado diz respeito às condições de implementação dos torneios FIDE na perspectiva da federação.

Ainda de acordo com o que me contou o ex-presidente da FEXERJ, o custo de um torneio nos moldes FIDE é bastante alto. Segundo suas informações, apenas para oficializar o torneio é preciso que a federação pague algumas taxas que, somadas, chegam aos quatrocentos reais. Além disso, ao final do torneio há a taxa – por jogador – para o cálculo do *rating*. Logo, em um torneio no qual participam poucos jogadores, o prejuízo é dado como certo. Ainda que se considere tornar no molde FIDE apenas os torneios de grande porte, como interclubes e o torneio estadual absoluto, a obrigação de pagamento da anuidade, segundo o ex-presidente, de todo modo resultará em desinteresse de uma grande parcela de jogadores.

2.3 O Núcleo de Xadrez de Niterói

Tal qual inicialmente mencionado, a maior parte do trabalho de campo desta pesquisa ocorreu no único clube de xadrez da cidade de Niterói⁵⁰, região metropolitana do Rio de Janeiro: o Núcleo de Xadrez de Niterói (NXN)⁵¹. Embora o clube atualmente esteja hospedado nas dependências do Clube Português, por sua vez localizado no bairro do Ingá e considerado nobre dentro do município, sua história é muito anterior a atual localização.

Antes de seguir com a apresentação histórica do clube, é importante fazer dois destaques. O primeiro diz respeito à questão do anonimato. Durante todo o trabalho de campo, concebi internamente e de forma naturalizada a ideia de que trataria não apenas os interlocutores, como também o nome do clube e seu município de localização por meio do anonimato. Todavia, foi durante a escrita desta tese, mais precisamente enquanto nas linhas relativas à história do clube, que vim a perceber que a omissão e o mascaramento dessas informações comprometeria não apenas a própria descrição densa (FONSECA, 2008; GEERTZ, 2019). Como também estaria falhando com a motivação inicial de preservar a

⁵⁰ O Clube Português foi fundado em 1960 e é um espaço privado que oferece atividades de lazer, escolinhas esportivas e eventos. Não há necessidade de associar-se ao Clube Português para filiar-se ao NXN, ainda que, segundo a política do NXN, todo sócio do clube Português está isento de mensalidade.

⁵¹ Embora eu faça menção explícita ao nome verdadeiro do clube de xadrez, saliento que a identidade de seus membros permanecerá preservada. Os interlocutores eventualmente citados tiveram seus nomes próprios substituídos por outros.

privacidade e a identidade dos jogadores, visto que um leitor mais atento conseguiria depreender que a cidade de localização do clube seria Niterói, por exemplo⁵². Foi quando pus em questão justamente a naturalização do anonimato e a importância de se debruçar sobre isso, compreendendo em todas as dimensões as consequências entre uma escolha ou outra, dentro do que a escrita de um texto antropológico pode acarretar.

O que vale esclarecer é que não houve uma demanda por parte dos interlocutores para que tivessem suas identidades mantidas no anonimato. Afirmando isso tanto do ponto de vista institucional – ou seja, a diretoria do clube –, como do ponto de vista pessoal, dos sócios interlocutores. Com esse cenário como pano de fundo, na primeira versão da seção desta tese sobre a história do clube, empreendi um difícil malabarismo retórico para não passar despercebida nenhuma informação referencial. E percebi que, com isso, estaria deixando para trás a oportunidade de registrar a história daquela instituição, ainda que a partir de uma perspectiva antropológica. O que me leva ao segundo destaque que gostaria de fazer. Não encontrei nenhum registro escrito que contasse minimamente a história do clube. Tal esforço histórico precisou, portanto, ater-se fundamentalmente às memórias partilhadas entre os enxadristas que compuseram o grupo em tempos anteriores. Com relação à identidade dos interlocutores, optei por seguir com o uso de pseudônimos, uma vez que eles compartilham percepções, impressões e valores pessoais relativos ao contexto social do xadrez.

Com relação ao clube, na esteira dos argumentos de Jöel Candau (2013), digo que sua história pode ser pensada como um conjunto de representações de acontecimentos, cuja trajetória coletiva encontra coerência e lógica. Levando em conta as narrativas coletadas, as representações evocadas sobre o passado do clube são muito similares.

Quer se trate de um indivíduo apenas ou de todo um grupo, a força das memórias dependerá da coerência geral do campo memorável, quer dizer, da estruturação mais ou menos homogênea do conjunto de lembranças a partir de um momento de origem e de uma sucessão de fatos. Como demonstrou Hallbwachs, o trabalho de produção de um campo do memorável será mais fortalecido quando encontrar um eco naquilo que ele denomina de pensamento coletivo e que cada indivíduo mantém, ou se esforça em compartilhar com outros membros do grupo (CANDAU, 2013, p. 100).

O ano de criação do NXN foi em 2000. Um grupo de enxadristas niteroienses – por volta de seis pessoas, todos homens –, encontravam-se em algumas mesas localizadas em um pequeno shopping no bairro de São Francisco, em frente à praia. Esse grupo de amigos

⁵² Essa leitura atenta foi feita pelos colegas que discutiram uma das versões do texto em encontros de orientação coletiva.

moradores e enxadristas resolveram se juntar e fundar o Núcleo de Xadrez de São Francisco, cujo o nome foi alterado naquele mesmo ano para o Núcleo de Xadrez de Niterói. Seus fundadores contam que naquele centro comercial, apesar de haver algumas mesas embaixo da marquise no segundo piso (e que tornavam o ambiente agradável), nas ocasiões em que se chovia enfrentavam problemas, pois a brisa marítima frequente na região, juntamente com a chuva, acabava por molhar os jogadores e os materiais.

Ainda assim, essas intempéries climáticas não impediram que os encontros continuassem acontecendo com certa regularidade. Seus fundadores contam também que muitas vezes os comerciantes locais, a partir de determinada hora, forneciam espaços mais protegidos para eles alocarem as mesas. Até que em novembro daquele mesmo ano, os participantes tiveram a chance de alugar uma sala no próprio centro comercial, instituindo assim as primeiras instalações do NXN. Na sequência, vieram os trâmites burocráticos de credenciamento junto à federação e com isso a participação nos torneios estaduais. E já que o grupo era composto por enxadristas experientes, consequentemente os primeiros resultados em torneios. Um de seus fundadores lembra que a primeira participação do NXN no campeonato interclubes – uma das competições mais tradicionais do xadrez carioca – rendeu aos seus integrantes o terceiro lugar na competição.

Um outro enxadrista, que não foi um dos fundadores mas conheceu esse grupo originário, lembrou com saudosismo a antiga localização do NXN no bairro de São Francisco, comparando-a com a atual: “a sala era pequena, mas tinha um pátiozinho, um espaço grande. Era show de bola. Ali era ótimo, tinha um janelão de frente para a Baía de Guanabara. Era assim, digamos, mais luxuoso. A sala aqui é mais escondida e apertada.”

Os fundadores contaram ainda que no ano de 2003 foi elaborado e enviado um projeto à Secretaria de Educação do município, buscando recursos para a manutenção do espaço, cuja toda a verba até ali provinha da cobrança de mensalidade aos associados. O projeto tinha por objetivo promover o xadrez nas escolas. A proposta seria de que o clube cuidaria da gestão, fornecendo materiais e professores de xadrez. A contrapartida de disponibilizar professores para ensinar o xadrez nas escolas municipais seria uma verba destinada não somente para pagamento dos tutores, mas também para a manutenção do espaço do clube. Segundo contaram dois dos fundadores atuantes no projeto, este foi aceito e permaneceu vigente até 2007, com destaque inclusive na mídia local (BASTOS, 2007). Esse é um dado interessante, pois por algum tempo me perguntei em que medida existiria uma articulação entre os clubes de xadrez

e as escolas, posto que entre os jogadores há um consenso sobre a importância de se ensinar a modalidade desde cedo.

Uma vez que se fala tanto sobre os benefícios cognitivos do aprendizado do xadrez em idade escolar, por que seria tão difícil encontrar iniciativas nessa direção por parte dos clubes? Os clubes têm autonomia suficiente para promoverem atividades com o enfoque que melhor entenderem relevante. Há clubes no estado do Rio com tradição de promover aulas e estudos voltados para crianças e jovens, porém outros se atêm a organizar torneios internos absolutos, isto é, para todos os integrantes. A principal função do clube, portanto, é a de promover uma ponte entre o jogador e o seu reconhecimento diante da federação.

Voltando ao aspecto histórico do NXN, com a extinção do projeto de xadrez nas escolas municipais após 2007, manter a ocupação da sala no centro comercial de São Francisco ficou inviável financeiramente. A sede precisou ser transferida para outro local, o Clube de Regatas Icaraí, e naquelas dependências permaneceu até o ano de 2013. Dois enxadristas me afirmaram que aquele foi um período de “baixa” do clube, quer dizer, com poucas iniciativas pensadas para os membros. Um enxadrista disse que “nesse período o pessoal se encontrava só pra jogar *ping* de 5 minutos. Era só isso”. Uma outra história que ouvi desse período foi a de que um dos jogadores ingressante no ano de 2008, com uma certa regularidade “chegava no clube e dava de cara com a porta fechada”. E isso porque, com recorrência, aconteciam situações de desencontro entre os membros responsáveis. Apenas em 2013, com a transferência do NXN para o Clube Português, é que a associação teria “dado uma renovada”, segundo o interlocutor anterior.

Consoante o estatuto vigente do NXN (2016), a diretoria é composta pelos cargos de Presidente, Vice-presidente, Diretor Secretário, Diretor Tesoureiro, Diretor técnico e do conselho fiscal, todos com mandatos bienais. Os recursos atualmente são provenientes majoritariamente das mensalidades (que em 2022 tinham o custo de 20 reais), de doações, dos torneios e das vendas de camisetas.

Ainda segundo o estatuto, as categorias de sócios são: fundadores, grandes beneméritos, beneméritos, proprietários, contribuintes, atletas, femininos, juvenis e infantis. Conforme o parágrafo quatro do artigo 16 do estatuto, “visando o incentivo à prática do xadrez feminino e à prática entre os jovens”, a contribuição mensal para esse grupo é diferenciada. Em medida recente por parte da diretoria passada, foi extinta a obrigatoriedade da mensalidade para mulheres, assim como a contribuição mensal de estudantes. Ademais, para professores de

xadrez e moradores de município vizinho a mensalidade é de valor parcial. São isentos ainda enxadristas titulados. No momento de escrita desta tese, o NXN tem 75 associados que não necessariamente frequentam o local com regularidade, mas que poderiam participar de qualquer torneio a nível estadual pela referida instituição.

A sala do clube é relativamente pequena para a quantidade de associados, com a metragem de 8,5m de comprimento x 3m de largura. Na hipótese da promoção de um torneio em que todos os sócios participassem, seria preciso hospedá-lo em outra localidade. Há espaço o suficiente para dezoito jogadores, que podem ser distribuídos nas nove mesas presentes no local. Além dessa mobília, a sala dispõe de um armário próximo à única janela do espaço, no qual ficam guardados livros, troféus, relógios, tabuleiros e peças, blocos de notação, fora um computador que o clube adquiriu recentemente com a arrecadação das mensalidades. Na sala, encontramos ainda uma TV suspensa, na qual são projetadas as análises de partidas e os estudos temáticos. Próximo à porta, consta uma pequena geladeira e uma mesa com café, oferecido sempre que alguma atividade acontece.

Sempre que um clube de xadrez no estado do Rio de Janeiro regulariza a sua situação do ponto de vista jurídico, ele pode passar a hospedar torneios estaduais e torneios FIDE. Uma das tradições do NXN que os seus membros fazem questão de destacar é da “qualidade” e do “nível” de organização desses eventos. Os critérios levados em conta para isso são, em especial, o rigor da equipe de arbitragem, a pontualidade (as rodadas devem iniciar no horário divulgado) e o arranjo de espaços compatíveis com a prática enxadrística (silenciosos e climatizados).

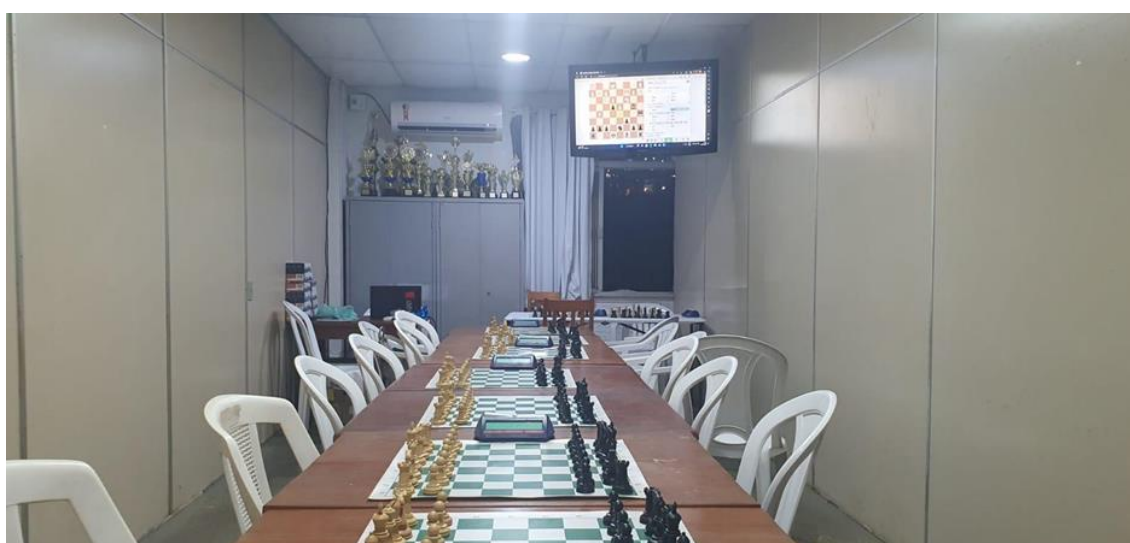


Foto 2 — O clube, 2023 (Acervo da autora)



Foto 3 — Palestra do Mestre FIDE, sobre o torneio de candidatas, 2022 (Acervo da autora)

No que tange os horários de funcionamento atuais do clube, ele em geral é aberto nas noites de terças e quintas, bem como nas tardes de sábado (eventualmente, o clube é aberto também aos domingos, quando algum torneio oficial ocupa os dois dias do final de semana). Às terças, as atividades são voltadas para o público infantil e para enxadristas de nível mais avançado, enquanto nas quintas acontecem os estudos voltados para os iniciantes. Embora essa divisão por categoria esteja na proposta inicial das práticas, enxadristas de diferentes níveis participam dessas atividades. Nas tardes de sábado, quando não há torneios agendados, o clube é aberto para a prática livre, ficando ao critério dos jogadores o ritmo de jogo empregado.

2.4 Perfil socioeconômico do associado

Logo que tomei parte nas atividades presenciais do clube, tive dificuldades em classificar mentalmente aquele grupo. A única característica que saltava aos olhos de qualquer um presente naquele espaço era o fator gênero (falaremos sobre isso mais adiante). Quanto aos

outros fatores como idade e classe social, apenas por meio da observação seria difícil indicar onde residia a homogeneidade daquele coletivo. Minha dificuldade em categorizar esse grupo de maneira homogênea, à maneira do estudo de Ingrid Fonseca (2015) – que explorou a sociabilidade entre os jogadores de um clube de malha (em um bairro suburbano do Rio de Janeiro) usando a categoria "velho" –, levou-me a optar por outra abordagem. Uma que buscasse compreender o grupo por meio de dados mais objetivos.

Para traçar o perfil socioeconômico dos 75 participantes enviei um questionário ao grupo de sócios do NXN, pelo aplicativo de mensagem *Whatsapp*. Tive o retorno de 41 enxadristas. Abaixo apresento e discuto alguns desses resultados.

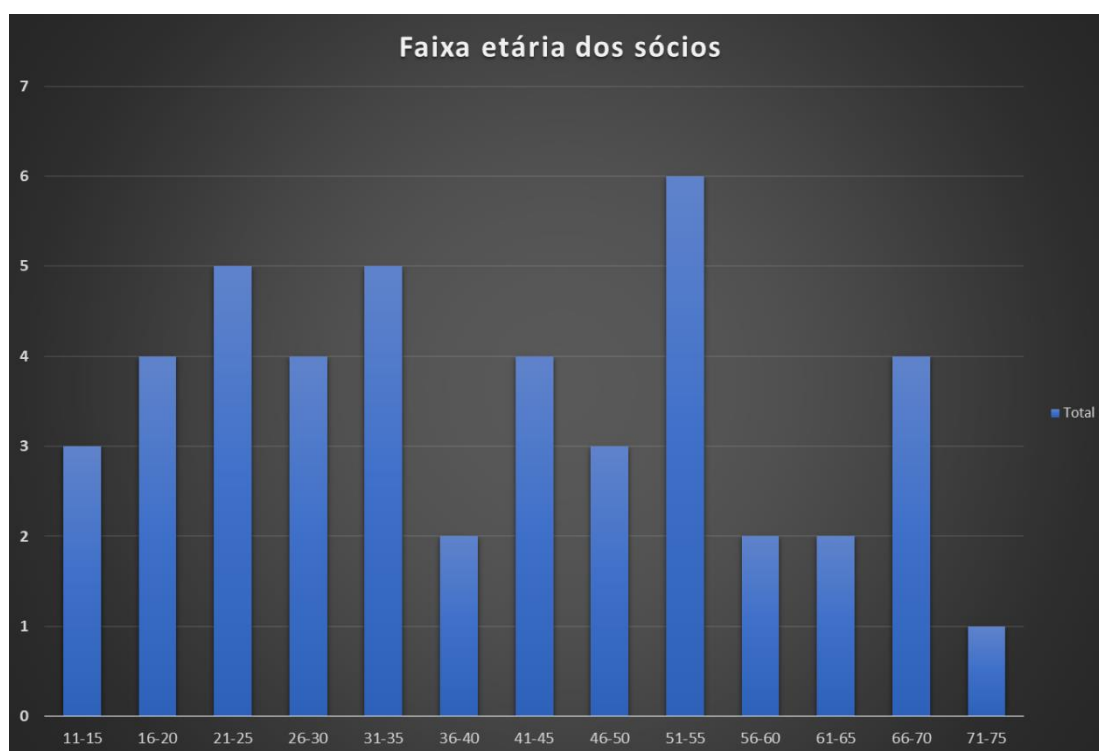


Gráfico 1 — Faixa etária dos sócios do Núcleo de Xadrez de Niterói (NXN)

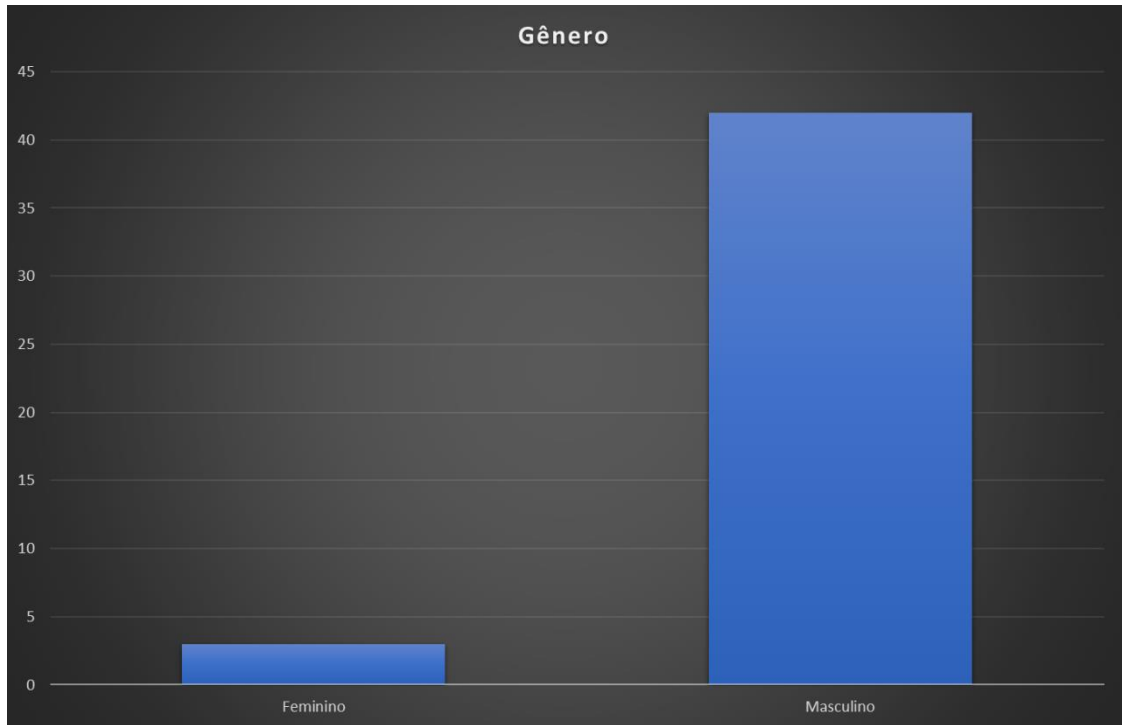


Gráfico 2 — Frequência por gênero dos associados do NXN



Gráfico 3 — Renda dos associados do NXN por salário-mínimo

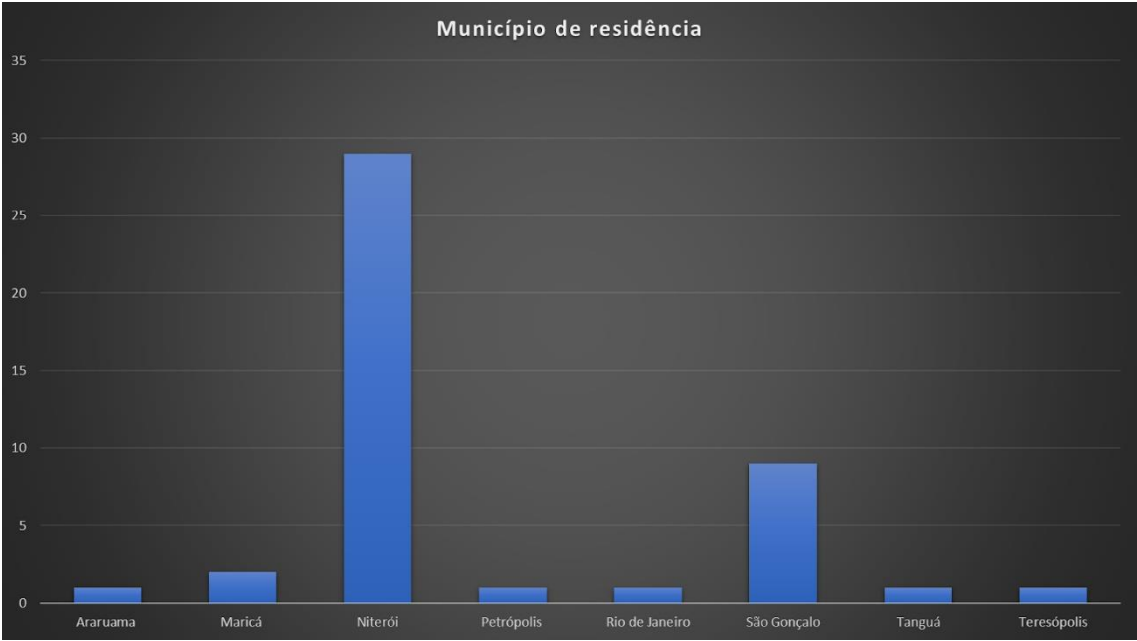


Gráfico 4 — Município de residência dos associados do NXN

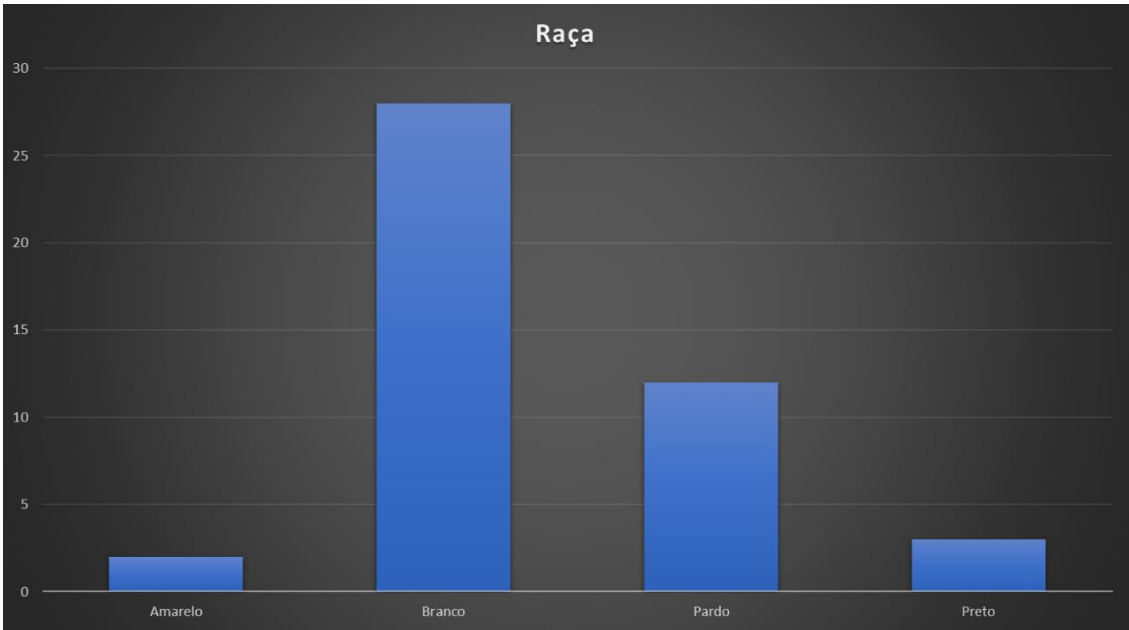


Gráfico 5 — Frequência por raça dos associados do NXN

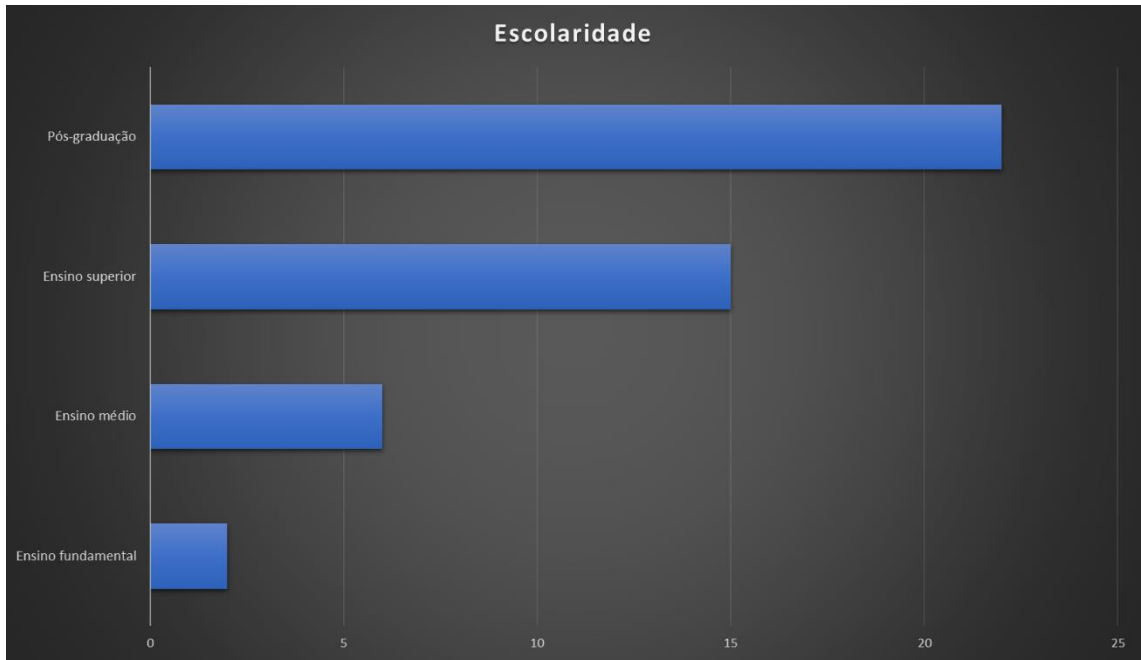


Gráfico 6 — Frequência por escolaridade dos associados do NXN

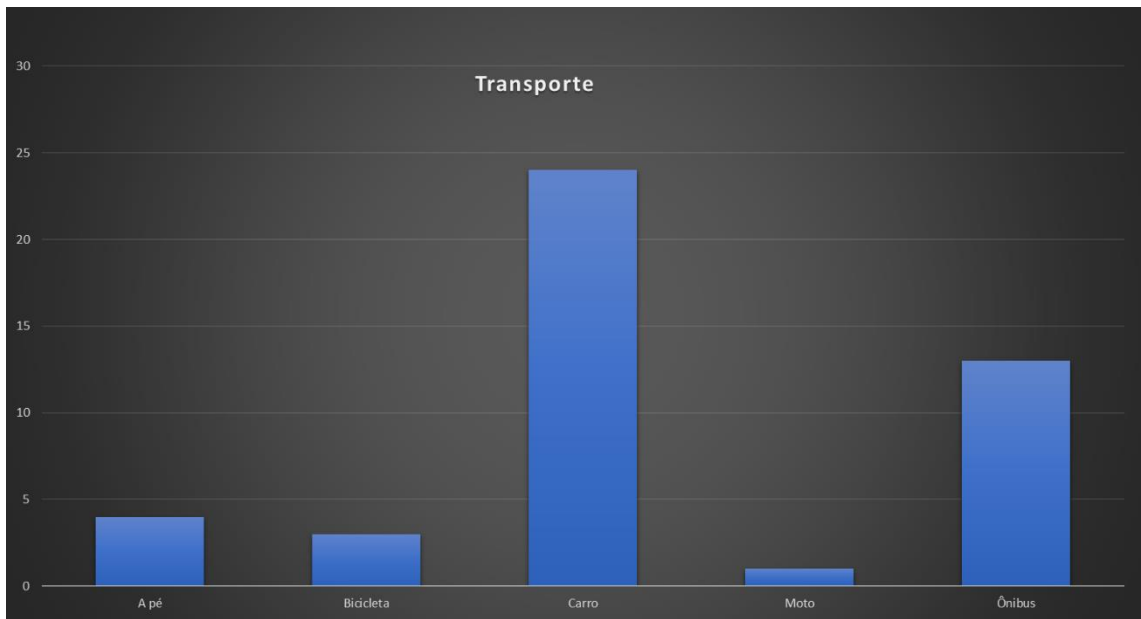


Gráfico 7 — Frequência por transporte usado para ir ao clube dos associados do NXN



Gráfico 8 — Nuvem de palavras representando a frequência de profissões dos associados do NXN



Gráfico 9 — Idade em que os associados do NXN começaram a jogar xadrez



Gráfico 10 — Como os associados do NXN aprenderam a jogar xadrez

A análise desses gráficos permite visualizar que o NXN é composto por sócios majoritariamente de um mesmo estrato social. Embora possa haver uma variação no quesito renda, a alta detenção de capital simbólico (BOURDIEU, 2007) – expressa na prevalência de associados com diplomas de pós-graduação (Gráfico 6), bem como na frequência de escolhas profissionais em áreas de prestígio como engenharia e ensino (Gráfico 8) – permite afirmar que o grupo comporia as chamadas “camadas médias intelectualizadas” (VELHO, 1973). Assim, no que tange a questão da renda, não se pode analisar o grupo apenas a partir de sua identidade como enxadrista. Deve-se observar marcadores sociais de maior impacto que se relacionariam à renda, como o clube estar localizado em uma cidade de alta renda per capita e em um bairro nobre, como já dito. De todo modo, seria preciso comparar com clubes localizados em bairros do Rio de Janeiro, por exemplo, para inferir algo dessa relação com maior precisão. Já a respeito das profissões, cabe destacar que o xadrez não aparece como uma atividade profissional na maior parte dos casos. Apesar de tal pergunta não ter sido explicitada no questionário, os dados produzidos com a observação-participante indicam que apenas um sócio extrai sua renda exclusivamente da atuação como professor de xadrez.

Essa relativa homogeneidade pode, em uma primeira mirada, deixar de existir se tivermos em foco outro elemento do perfil: a idade (Gráfico 1). Dificilmente em outros esportes é possível constatar uma variabilidade etária tão grande como no xadrez. Essa é uma característica da modalidade enaltecida por seus praticantes e dirigentes. Em um torneio FIDE

(e mesmo em torneios estaduais) não é incomum encontrar crianças de apenas 7 anos e pessoas com mais de 80 anos disputando o mesmo torneio absoluto.

No caso específico desse clube, nota-se uma frequência maior entre os sócios que têm idade entre 11 e 35 anos. Esse dado tem consonância com uma declaração de Cláudio, que foi presidente do clube no triênio 2019 a 2021. Segundo ele, estaria havendo uma renovação no clube nos últimos tempos: “se você fosse lá [no clube] alguns anos antes, você ia encontrar um monte de velho. Uma geração que não tava sendo substituída.”. Se no quesito idade essa variação é acentuada, no quesito gênero já não é possível dizer o mesmo.

Uma das informações que mais me chamou a atenção assim que passei a frequentar o clube regularmente foi tal desequilíbrio entre o número de mulheres e homens associados à instituição. No momento de desenvolvimento da pesquisa de campo, a prevalência era de homens (Gráfico 2). Devo dizer ainda que por um período esse número de mulheres associadas só não chegou a ser zero devido a minha participação como associada-pesquisadora. Enxadristas mais antigos do clube me contaram que historicamente esse desequilíbrio sempre existiu, não obstante as iniciativas por parte da diretoria, sobretudo das gestões mais recentes, para promover e difundir o xadrez feminino, como consta no estatuto e como já explorei no capítulo anterior.

É interessante destacar que o NXN, tendo essa característica marcadamente generificada, é significado pelos sócios como um espaço que se opõe à casa e à família. Presenciei três situações emblemáticas nesse sentido. A primeira delas foi uma conversa com dois enxadristas jovens, no deslocamento a carro para o torneio Interclubes do Tijuca Tênis Clube, em 2022. Um dos enxadristas, João, com idade em torno dos 35 anos e associado ao clube desde 2019, partilhava a sua percepção sobre o movimento dos sócios do clube. No que concluiu que o xadrez “tem uma capacidade de absorver as pessoas”, dizendo que alguns dos que começam a jogar xadrez deixam de se dedicar a outras coisas da vida para só fazer aquilo. Exemplificou sua visão mencionando outro sócio, Ricardo, o qual havia partilhado com ele que sua esposa reclamara de todos os finais de semana Ricardo estar envolvido com alguma atividade de xadrez. João retratou tal exemplo como negativo, afirmando na sequência que ele próprio “tem esposa e outros interesses”, que não quer “viver só para o xadrez”. A segunda situação foi durante a entrevista com Marcos, quando contava sobre os momentos em que precisou interromper a prática do xadrez, opondo claramente o jogo à vida em família:

Eu casei, tive a primeira menina e, assim, quem me conhece sabe que eu sou muito família, muito família mesmo. E eu conversei com a minha esposa, que eu não jogaria até ela fazer 5 anos, eu queria acompanhar o desenvolvimento dela, né? Então eu acompanhei tudo, só que quando ela ia fazer 5 anos veio a irmã, o aviso que a irmã estava a caminho. Aí eu falei, 10 anos [risos] e nessa de 10 anos, acabei ficando 14 anos sem jogar, né? Sem jogar nada, sem olhar nada. Aí eu voltei já com a mais nova com 10 anos e a mais velha com 15. (Entrevista com Marcos).

As esposas e companheiras dificilmente se fazem presentes no clube, mesmo aquelas que jogam – como é o caso de João, casado com uma enxadrista. Mesmo nas ocasiões de churrascos de confraternização, registrei a presença de apenas duas companheiras, as quais pouco interagiam com o grupo de jogadores e sequer se sentaram à mesa com os tabuleiros para jogar. Elas permaneceram cuidando dos filhos ou distraíndo-se no celular. Quando questionado o porquê de sua esposa enxadrista não frequentar o clube, João respondeu que ela preferia estudar sozinha, analisando posições, e que não gostava do ambiente do clube.

A terceira situação foi em uma conversa com Daniel, um senhor na faixa dos 70 anos. Ele contou que estava voltando a frequentar o clube depois de “uns bons vinte anos sem jogar”, pois sua então recém falecida esposa não gostava que ele frequentasse o clube. Daniel chegou a mencionar na conversa “ou era o xadrez ou o casamento – e como era meu segundo casamento, eu preferi manter o casamento”.

Outro dado que chamou a atenção foi a questão da aprendizagem (Gráfico 10). Por mais que o clube, em seu estatuto e nos discursos dos presidentes (de ambas as gestões que acompanhei), expunha sua preocupação com o “ensino” e a “difusão do xadrez”, dificilmente os novatos chegavam sem nenhum conhecimento sobre a modalidade. Embora no questionário “o clube” fosse uma opção possível de resposta, sua ausência no gráfico evidencia que nenhum jogador a marcou. Nesse sentido, considerando as outras respostas do questionário, é possível afirmar que a transmissão do saber e a produção de disposições relacionadas à prática do xadrez são formadas majoritariamente ainda no contexto familiar. Isso, por seu turno, possibilita conceber o xadrez em certa medida como uma herança cultural (BOURDIEU, 2007).

Em outras palavras, para a maioria dos jogadores que responderam ao questionário, o xadrez figura como uma atividade integrante dos seus processos de socialização primária (BERGER; LUCKMANN, 2016). Pode-se estabelecer aqui uma relativa aproximação desses resultados com os obtidos por Jéssica Januário, em sua investigação sobre a trajetória esportiva dos Grandes Mestres brasileiros de xadrez. Pelas particularidades das biografias desses jogadores, somos lembrados que a herança cultural não age de modo unívoco sobre os agentes.

Ainda assim, conforme a autora conclui em sua dissertação (JANUÁRIO, 2017, p. 178), vê-se que o xadrez foi vivido como “um prolongamento de um sólido reforço realizado pela instância da família”.

CAPÍTULO 3
HABITUS E PERFORMATIVIDADES ESPORTIVAS

3. 1 O gosto por um jogo sério

Se você parar para pensar, agora não mais, mas quando eu tinha uns 13 anos, eu estudava 8h por dia. Agora pensa, eu passei oito horas por dia durante dois anos da minha vida estudando uma coisa que só tem aplicação nela mesma. Tipo assim, se fosse algo como a ciência também não tem compromisso com a utilidade né, mas ela pode um dia ser útil com alguma coisa, mas o xadrez não tem aplicação nenhuma, ele tem um fim nele mesmo e ele não transforma outras áreas. Xadrez é xadrez, saber que uma estrutura de peões estava boa e a outra ruim, só vai me servir aqui (Entrevista com Marcos Vinicius).

Nesta seção, pretendo argumentar como a formação do gosto por um jogo sério compõe uma das bases de um *habitus* do enxadrista. Antes de articular os dados etnográficos a este conceito e seus componentes, inicio com uma reflexão de cunho teórico sobre o estatuto do jogo, no contexto das investigações antropológicas. A tessitura de alguns argumentos nessa direção faz-se necessária, pois ainda que o xadrez seja uma prática já inserida em um contexto de esportivização, uma parte importante dos dados etnográficos é construída a partir dos significados que os interlocutores estabelecem com o jogo em si. Isto é, a relação dos jogadores com a prática lúdica.

Ainda que no âmbito das Ciências Sociais a produção de conhecimento relativa ao jogo tenha registrado um crescimento nos últimos anos – mais pela via da legitimação dos estudos sobre os esportes e dos rituais, do que pela via de investigações das práticas lúdicas como um todo (HAMAYON, 2016) – não me parece equivocado afirmar que os estudos dessa natureza ainda careçam de um prestígio acadêmico. Em referência à pesquisa de Thierry Wendling (2002), o qual investigou artigos que tematizam o jogo no periódico *American Anthropologist* de 1988 a 2000, Roberte Hamayon (2016, p. 15) aponta que, no caso específico da Antropologia, o declínio do interesse pelo jogo agravou-se a partir de 1949.

O texto que, digamos, pode ser considerado um ponto fora da curva dessa história de desinteresse pelo jogo como um objeto de estudo é o famoso “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galo balinesa” de Clifford Geertz (2019), publicado pela primeira vez em 1972. No trabalho em questão, Geertz argumenta como a briga de galos, embora uma prática ilegal no contexto da sociedade balinesa, representa uma espécie de “dramatização das preocupações de status” entre os homens locais.

Excetuando essa importante referência, na esteira da argumentação de Heather Horst e Daniel Miller (2012), é provável que a escassez de atenção a esse objeto de estudo na história da Antropologia tenha a ver com o próprio caráter do jogo e do seu lugar nas sociedades ditas

ocidentais. Pois, nelas, o jogo nada mais é que uma atividade gratuita, oposta ao trabalho e às instituições e que se encerra em si mesmo (CAILLOIS, 2017; HUIZINGA, 2000).

Se considerarmos as acepções mais gerais sobre o jogo, presentes inclusive nas teorizações que Johan Huizinga (2000) e Roger Caillois (2017) desenvolvem, temos que diante de todas as obrigações da vida em sociedade, o jogo aparece como uma atividade que objetiva produzir uma “distração inútil”. Seu efeito é a produção de um descolamento e uma suspensão da vida “real”. Dois aspectos são cruciais para esses autores quando se trata da natureza do jogo: o elemento de liberdade – o jogo se inicia e se encerra quando bem entenderem seus participantes – e a determinação temporal e espacial da sua manifestação.

O jogo é essencialmente uma ocupação separada, cuidadosamente isolada do resto da existência e geralmente realizada dentro de limites precisos de tempo e de lugar. Há um espaço do jogo: de acordo com casos, a amarelinha, o tabuleiro de xadrez, o de damas, o estádio, a pista, o campo, o ringue, o palco, a arena, etc. Nada do que acontece no exterior da fronteira ideal tem importância. Sair do recinto por erro, por acidente ou por necessidade, lançar a bola para além do terreno ora desqualifica, ora acarreta uma penalidade (CAILLOIS, 2017, p. 31).

Há uma substituição das leis e das normas da vida por outras que se restringem àquele espaço e tempo da atividade lúdica. Essas normas se aplicam a todos os envolvidos, sem que haja vantagem para um ou outro jogador. Ao mesmo tempo em que essas normas são arbitrárias, elas são igualmente irrecusáveis. Para Caillois (2017), é inconcebível que alguém não se submeta a elas e permaneça jogando. A base de qualquer jogo estaria na equidade de chances, diferenciada apenas pela destreza e a competência dos jogadores. Eis aqui, mais uma vez, a evidência de uma suspensão da relação com o mundo, pois as hierarquias construídas dentro das fronteiras geográficas e temporais do ato de jogar não possuem relação com aquelas da sociedade dentro da qual se joga.

Um outro elemento faz parte do rol de argumentação desses autores e integra esse conjunto de definições formais sobre o jogo: a assunção de que tal fenômeno está carregado de não-seriedade. A ideia de algo não-sério, evidentemente, pode estar atrelada ao aspecto da suspensão da vida. Na acepção de Caillois, o jogo não é considerado sério porque não produz materialmente nada para além de si mesmo, diferente da arte, por exemplo. Nesse aspecto, o jogo estaria em oposição à vida, que necessita ser levada a sério para sua manutenção. A não-seriedade do jogo, portanto, é o que produz uma “atmosfera de descanso ou de divertimento. Relaxa e distrai” (CAILLOIS, 2017, p. 15).

Embora tais *insights* filosóficos nos ajudem a entender o jogo como fenômeno e elemento fundamental da vida humana, a falta de pesquisas empíricas que o tenham como protagonista impede a problematização, o tensionamento e a reformulação dessas teses mais generalistas. Assim, penso que, para enriquecer tal horizonte de discussão, é preciso partir dos significados particulares dos jogadores sobre sua prática a fim de entender o que está em jogo quando se joga.

Creio que essa talvez tenha sido a intenção do estudo de Geertz sobre a briga de galo, ainda que a abertura para uma investigação nesses termos tenha se dado por obra do acaso. (a partir da fuga conjunta de Geertz e sua esposa, ao lado dos balineses, diante da aparição da polícia na ocasião de uma dessas brigas de galo). Ainda assim, podemos tecer algumas considerações acerca das conclusões do antropólogo norte-americano, para quem o estudo sobre o jogo, ou seus jogadores, tem condições de revelar algo de uma sociedade inteira⁵³. Não obstante, a perspectiva aqui desenvolvida sobre o xadrez não tem a pretensão de produzir nenhuma revelação sobre o todo a partir do local, a intenção, antes, é a de interpretar como o jogo organiza e institui novas formas de relações entre aqueles agentes.

Dito isso, gostaria de iniciar meu argumento sobre a formação do gosto por um jogo sério e sua relação com um *habitus* do enxadrista a partir do trecho de uma entrevista, essa que apresentei na epígrafe desta seção. A uma primeira vista, a fala de Marcos Vinicius, jogador de destaque no NXN e detentor de alguns títulos estaduais, pode ser associada a uma das características apresentadas pelos autores citados acima. Qual seja, a ideia de que o jogo é um fenômeno capaz de suspender a relação com a realidade, uma vez que de nada lhe serve saber se uma certa estrutura de peões é boa ou ruim fora do espaço social enxadrístico. Porém, quero chamar a atenção para um outro aspecto não tão claro assim em sua fala, mas que é bastante relevante: o fato de Marcos Vinicius dedicar oito horas por dia ao estudo do xadrez contradiz a afirmação de que todo jogo seria da ordem do relaxamento e do divertimento. Em um outro momento da entrevista, Marcos Vinicius deixa esse sentido ainda mais patente, ao responder minha pergunta sobre o lugar que o xadrez tem em sua vida. Eis a resposta dele, após alguns segundos em silêncio refletindo: “é uma pergunta complicada. Não sei responder isso. Acho que minha vida não existe sem o xadrez. Pode não ser um hobby, como também não é trabalho,

⁵³ Refiro-me especificamente à seguinte passagem de Geertz (2019, p. 188): “Da mesma forma que a América do Norte se revela num campo de beisebol, num campo de golfe, numa pista de corridas ou em torno de uma mesa de pôquer, grande parte de Bali se revela numa rinha de galos”.

mas ele está sempre lá de alguma maneira”. Em uma entrevista com um outro jogador, de 30 anos, professor de Matemática, essa mesma pergunta recebeu a seguinte resposta:

Amanda — Que lugar o xadrez tem na sua vida?

Henrique — O xadrez para mim é um hobby, mas é um hobby sério. É algo ao qual eu me dedico. Eu tenho o objetivo de em algum momento na minha vida me tornar MF, alcançar os 2300 e para isso em algum momento tenho que estudar como eu nunca estudei. Então eu tenho objetivos de longo prazo. Então esse objetivo, me faz firmar metas a curto e médio prazo também. Então é diferente de uma outra atividade. Eu não jogo xadrez só por diversão não, embora seja divertido pra mim. Quando eu jogo um torneio, se eu tiver algum objetivo em relação a esse torneio, eu vou dar com certeza o meu melhor, porque também eu sou uma pessoa muito competitiva. Então, eu sempre quero... eu não me sinto satisfeito se eu não conseguir dar o meu melhor, independente de resultado. Se eu conseguir ganhar dando o meu melhor, perfeito. Se eu perder dando o meu melhor, também acho muito bom porque me mostra a minha realidade e me dá ferramentas para eu buscar melhorar. Agora se eu jogar um torneio por jogar. E principalmente se o desempenho não for bom, eu vou me sentir muito frustrado. (Entrevista com Henrique).

Em ambos os registros reconhecemos que a prática enxadrística não se enquadra no escopo do lazer descontraído, desinteressado e relaxado. Na fala de Henrique, fica manifesto que o elemento da seriedade é, em certo sentido, impulsionado pela competição. É como se houvesse uma relação direta entre seriedade e competição – quanto mais competitivo sou, mais a sério preciso levar o esporte. Isso também vale para Marcos Vinicius, uma vez que o aspecto da competição apareceu em outro momento da sua entrevista.

Amanda — Conta um pouquinho como começou sua relação com o xadrez.

Marcos Vinicius — Meu padrasto é de família polonesa, então o xadrez sempre teve tradição na família dele. E quando eu tinha por volta dos trezes anos, ele jogou um torneio de xadrez no Rio e ficou no top 10. E aí eu descobri que tinha competição de xadrez e aí eu me interessei por estudar porque eu sempre fui muito competitivo e eu achei que estudando eu teria mais chance de progredir. E eu tive como meta jogar o mesmo torneio e me sair melhor que ele (risos). E aí no ano seguinte consegui ser vice-campeão. (Entrevista com Marcos Vinicius).

O argumento se mantém mesmo se considerarmos o caso de outros jogadores que não mencionaram explicitamente a seriedade associada ao jogo de xadrez. A ênfase discursiva no aspecto da competição, expressa em diferentes momentos e contextos de entrevistas, permite que igualmente se interprete uma causalidade inversa: sou competitivo, por isso jogo seriamente. Como se a ordem dos fatores não alterasse o produto:

Amanda — O que te fez se interessar pelo xadrez?

Rogério — Eu me considero uma pessoa competitiva. Mas obviamente com aquilo que você tem interesse, né? Não, não faz sentido você querer ser competitivo com tudo, mas aquilo que você tem o gosto, o interesse, né? Então assim eu me dedico um

tempo pra aquilo ali e se não vejo os frutos, né, fico frustrado? No nosso caso aqui seria a vitória, né? (Entrevista com Rogério).

Amanda — Conta aí como você começou a jogar xadrez.

João Guilherme — Bom, comecei a jogar de um jeito bem estranho, né? Minha tia, ela tinha um computador *Windows 95* né? E tinha vários joguinhos, né? Tipo paciência, sabe? Eu quando ia pra casa lá dos meus avós eu sempre ia ali brincar. Aí tinha um jogo de xadrez também lá. E enfim, era um jogo que eu jamais consegui ganhar, né? Eu jogava contra o computador. E mesmo pra época era algo cruel jogar com o computador. Principalmente pra uma criança de oito anos. Então, mas eu sempre fui um cara assim “tenho que conseguir ganhar”, sabe? Bem ou mal eu fui aprendendo assim, os movimentos todos mexendo ali de acordo com o computador jogando. Eu vi o computador fazer aquele lance, aí eu falava “ah vou fazer isso aqui também”. Aí quando fui ver eu tinha aprendido os movimentos. Sozinho sem ninguém falar nada e tal, só eu e o computador. Um belo dia, meu padrasto tinha um tabuleiro de xadrez. Eu falei “ah vamos jogar”. Aí ele perguntou se eu sabia e falei “sei, sei”, aí ele ficou meio que impressionado com aquilo, né? Perguntou como que eu aprendi, eu falei, contei essa história e tal. Ele ficou meio impressionado, jogamos, jogamos bastante. E como eu sempre fui um cara bem competitivo mesmo, quando aparecia uns amigos eu ficava lá tentando desafiar eles pra ganhar e tal, né? Tipo, ninguém vai ganhar de mim, tá? Os amigos lá do colégio, né? Eu desafiava todos também. E acabava ganhando todos porque eu aprendi bastante com o computador, apesar de só mexer com computador eu aprendi muito assim, tipo, eu aprendi, pô, eu tentava ganhar no computador o tempo todo. Então, uma hora, né, tipo, eu nunca consegui ganhar daquele computador, né. Mas uma hora você vai ficando bom. (Entrevista com João Guilherme).

Amanda — Voltando à questão do esporte... você acha que tem alguma proximidade entre os esportes de performance física com o xadrez?

Cláudio — Eu já fiz muito esporte de performance física né. Eu já fui muito dedicado a esportes competitivos. No treino físico eu sempre queria ser o cara que ficava correndo na frente. Sempre fui um cara competitivo, talvez até num nível infantil. Eu acho que um maratonista ou um cara que corre e tal tem um fator que não é plenamente mental, ele tem uma liberação de hormônios que te dão uma sensação de recompensa. Agora o xadrez, eu acredito que essa liberação exista, mas de outra forma. É uma coisa de recompensa de ego, não no sentido pejorativo, mas numa questão de você conseguir conquistar seu objetivo. De você conseguir atingir um objetivo que você treinou muito para conquistar e assim é muito incrível. Eu acho sensacional. A mesma coisa que eu sentia quando eu fazia um gol, é a mesma coisa que eu sentia quando eu subia no palco e o pessoal aplaudia, quando eu tocava na época de bandinha e é a mesma coisa que eu sinto quando eu recebo a premiação de um torneio. Talvez não seja a mesma, mas uma substitui a outra na minha vida. É um senso de recompensa que acho que vale a pena (Entrevista com Cláudio).

O curioso é que, em certo momento do trabalho de campo, deparei-me com um interlocutor do clube que declarou o significado oposto, ou seja, que sua pretensão com o xadrez era a de se divertir. Todavia, importa apontar as condições de enunciação dessa fala. Ou, mais precisamente, a posição desse interlocutor como agente naquele espaço social, condição essa que legitima tal tipo de enunciado. Estou me referindo a Leandro, um sujeito de 55 anos, advogado. Embora sócio do clube há muito tempo, tendo participado dos primeiros encontros

do NXN (quando este ainda era localizado em São Francisco⁵⁴), Leandro nunca foi visto como alguém que estuda a sério o xadrez. Ele tem uma boa relação com todos do NXN, ainda que não goze de nenhum prestígio que pudesse advir de suas habilidades de jogo e sendo eventualmente alvo de piadas sobre o seu desempenho. Nos torneios oficiais, Leandro está sempre nas últimas colocações, ganhando apenas ocasionalmente uma partida ou outra.

Sequer precisei inserir na entrevista que fiz com Leandro a mesma pergunta que lancei para Marcos Vinicius e Henrique, pois, em ao menos duas ocasiões em que o encontrei, de forma espontânea, mencionou o sentido que o xadrez tem na sua vida. “Eu jogo xadrez para me desestressar, para esfriar a cabeça”, disse ele diante de um psicólogo e de outros enxadristas em uma palestra online, promovida pelo clube sobre a ansiedade no xadrez, no final de 2020. Em outra situação, em uma roda de conversa entre uma rodada e outra de um torneio oficial, Leandro disse:

O xadrez para mim é hobby, eu não ganho dinheiro com isso, na verdade eu tenho que gastar né. É passagem para ir ao clube, mensalidade das aulas... Não vou ganhar nada. Diferente daquele ali ó [nesse momento apontou para Pablo, jogador de 20 anos que havia se tornado Mestre Nacional há pouco tempo].

Nenhum enxadrista do clube de fato ganha dinheiro por ser apenas enxadrista, exceto aqueles que trabalham como professores. Venho a pensar que essa informação possa ter sido obliterada, não ocasionalmente, por Leandro, mas esse não é o ponto em foco. A questão que sua fala indica reforçar é a de que, por não ocupar uma posição valorizada como os demais, Leandro sente a necessidade de justificar sua pertença no clube a partir de um outro lugar: do hobby e da não-seriedade. Enquadramento oposto àquele que seus pares mobilizam.

Considerando essa circunstância, recorde-me das reflexões de Bourdieu (1972), ao apontar que o sentido de um elemento linguístico depende tanto da situação, como do contexto em que é enunciado. Ou seja, que a emissão de um código depende da estrutura das relações existentes entre as posições objetivas dos agentes os quais, de certa forma, comandam as formas de interação e, por efeito, comandam também o que pode – e o que não pode – ser dito entre eles. O que se pode concluir desse conjunto de registros, parafraseando Bourdieu (2011), é que o gosto pelo jogo sério (ou o gosto por aquilo que é seriamente competitivo) classifica aquele que procede à classificação, implicando em uma distinção entre os agentes dada a partir do significado que eles atribuem à prática. Não se trata, contudo, de dizer que Leandro, ao afirmar

⁵⁴ A história do NXN foi contada no capítulo dois desta tese.

sua relação com o xadrez como sendo da ordem do divertimento, estaria destituído do *habitus* de enxadrista. Pelo contrário, ele o reconhece apenas a partir de uma posição desprestigiada. Como diz Bourdieu (2001, p. 198), “o grau com que podemos nos entregar aos automatismos do senso prático varia conforme as situações e os domínios de atividade, mas também segundo a posição ocupada no espaço social”.

De qualquer forma, seja para reafirmar o gosto pela seriedade do xadrez, no caso daqueles que ocupam posições de destaque, ou para enquadrar o xadrez como uma atividade de lazer, no caso daqueles que “ocupam posições em falso”, isso pode ser interpretado como um componente de um *habitus* local. Compreendido como esse:

[...] sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio exposto das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 2007, p. 60).

Esse sistema de disposições é vivido pelo agente de forma quase natural, na maioria das vezes travestido de um sentido inato. Em um primeiro nível da formação individual, na primeira infância por exemplo, tais disposições, que são produzidas a partir dos possíveis contextos de socialização, podem ter um caráter difuso. Caráter esse determinado por aquilo que Bourdieu chama de *libido*. Ao longo do tempo, essas disposições difusas convertem-se em disposições específicas, as quais apontam para um desejo com eficácia social de investimento por parte do agente em um determinado campo. Logo, é precisamente sobre a operação dessas disposições específicas, no âmbito do grupo de enxadristas, que busco tecer meus argumentos.

Uma investigação profunda dos sistemas de disposições de um grupo pressuporia não apenas a dimensão sincrônica de análise, como também a diacrônica. Antecipando qualquer objeção que possa advir das interpretações desenvolvidas na sequência, prossigo a interpretar a formação do *habitus* enxadrista considerando apenas uma dessas dimensões, a sincrônica. Limitação essa em razão de tempo e de como a problemática foi aqui explorada.

É importante ressaltar que descrever a produção do *habitus* no grupo pesquisado significa reforçar que a prática do xadrez, no ambiente do clube e dentro do contexto de esportivização do qual faz parte, insere tais agentes em ainda um outro jogo. Um mais amplo e que pode ser lido segundo o conceito de *serious game*, tal qual Sherry Ortner (1999) o formula. Essa opção teórica se encaixa com o contexto pesquisado, pois enfatiza que o caráter sério do

xadrez leva a produção de uma seriedade ainda maior nas relações ali estabelecidas. Ao desenvolver sua etnografia com montanhistas (*shepars*) e nativos (*sahibs*) na região do Monte Everest, a autora retrata como a atividade do montanhismo implica em um entrelaçamento de jogos sobrepostos, os quais envolvem um conjunto de motivações, concepções e imagens que seus agentes carregam, cujos discursos não se separam das ações. Isso, tanto para os *shepars*, como para os *sahibs* – grupos distintos e engajados na atividade a partir de diferentes intenções. Portanto, grupos completamente diferentes se reúnem para executar a tarefa do montanhismo, a partir de diferentes formações e propósitos. O que dá início a um sistema de relações dinâmico de cooperação, competição, solidariedade, aliança e traição. Ainda que na etnografia ora desenvolvida estejamos tratando do que pode ser chamado de um grupo, poderíamos pensar que as diferentes motivações e formas de engajamento com o xadrez produzem uma dinâmica similar ao *serious game*, cujo componente da competição apresenta relevância expressiva.

3.2 A disposição escolástica no xadrez

Por mais que haja uma tendência de mobilizar o conceito de “disposição” em associação à sociologia de Pierre Bourdieu, antes dele já havia uma tradição de pensamento disposicionalista. Intencionada a analisar as práticas e comportamentos sociais considerando o passado incorporado dos agentes, sem que isso implicasse necessariamente em uma consciência por parte deles acerca desse processo (LAHIRE, 2004). O que está na base da definição de disposição é um trabalho de interpretação. A respeito de como as experiências socializadoras, e a biografia daquele agente, o conduziram a participar e a gostar de determinadas práticas, a agir e se comportar de determinada forma. Como um produto incorporado de uma socialização passada, a disposição se constitui através da passagem do tempo. Ela é algo que perdura e que ao mesmo tempo se transmuta, transfere-se – adequando-se às diferentes práticas do presente. As disposições são talvez as propriedades mais fundamentais do que constitui o *habitus*. Bourdieu, naturalmente, dedicou-se a descrever aquelas disposições mais operantes nos campos de que se ocupou. Recorro a algumas delas que, a meu ver, possuem encontros – embora, alguns desencontros também – com a análise de nível sincrônico sobre as disposições do grupo de enxadristas.

O trecho da entrevista de Marcos Vinicius que trouxe na epígrafe do capítulo aponta para os caminhos de uma das disposições envolvidas no *habitus* dos enxadristas: a disposição escolástica. Dentre as características mais evidentes na produção dessa disposição, está

justamente o estabelecimento de uma relação desprendida com o mundo, da qual Marcos Vinicius parece estar semiconsciente. De acordo com Bourdieu (2001), a entrada no universo escolástico pressupõe, ainda que momentaneamente, a suspensão dos princípios do senso comum, da vida ordinária e uma adesão a elementos ignorados pela experiência ordinária. Assim:

[...] participar da *illusio* é o mesmo que levar a sério os móveis dessa competição os quais, nascidos da lógica do próprio jogo, conferem seriedade ao jogo, ainda que possam escapar ou parecer desinteressados e gratuitos àqueles que por vezes são chamados de profanos ou àqueles envolvidos em outros campos (BOURDIEU, 2001, p. 21).

Não é o xadrez em si, como jogo, que fomenta essa disposição escolástica. O xadrez jogado no espaço social do clube e dentro do sistema esportivo do qual é um componente central – situação que pode ser pensada como um jogo dentro do outro, conforme aludido acima – é o que pressupõe tal disposição.

A disposição escolástica é própria dos campos considerados eruditos, cuja autonomia em relação aos demais é uma de suas grandes características. A associação corrente que se faz entre xadrez e erudição, portanto, pode ser reformulada nesses termos. Ela se daria menos em relação às condições objetivas de classe de seus participantes e mais porque há um cultivo de tal experiência desprendida do mundo, transmitido como herança cultural de diferentes maneiras. No âmbito do clube, a disposição escolástica se apresenta também de modo variado.

Entre os participantes, percebe-se uma dimensão de prazer nas especulações das “variantes”, isto é, das sequências de lances que poderiam ser empreendidos nas partidas. Retornarei a esse ponto algumas vezes, mas posso desde já frisar que essa é uma prática comum entre os jogadores que conheci – a análise das partidas. A substituição do jogar pelo analisar corrobora a existência no espaço social do clube de um “mundo lúdico da conjectura teórica e da experimentação mental, a suscitar problemas pelo prazer de resolvê-los” (BOURDIEU, 2001, p. 23).

Não apenas isso, a concepção partilhada por todos é a de que saber analisar uma partida é tarefa tão fundamental e relevante quanto o aprendizado de outras competências no xadrez. Na incorporação dessa habilidade está implicado o desenvolvimento da narrativa como recurso discursivo, embasada na formulação de argumentos e contra-argumentos que justificariam uma ou outra sequência de lances. Nesse processo, aprende-se os termos convencionados, a linguagem adequada para se refutar um lance do tabuleiro. Por efeito, desenvolve-se a

capacidade de contar a sua própria partida sem ter um tabuleiro por perto. Uma das primeiras lembranças que tenho guardada do período de início do campo, é o momento em que me dei conta dessa capacidade que os enxadristas têm de memorizar e reproduzir oralmente o que havia acontecido em suas partidas, logo que as terminavam. Era por meio do compartilhamento oral após a rodada de jogo que a sociabilidade entre uma partida e outra se dava.

Além da questão da análise dos jogos, a sobrevalorização da atividade do pensamento pode ser também um traço dessa disposição escolástica, observada entre os jogadores. Aqui, as oposições marcadamente afirmadas nos discursos dos enxadristas entre as modalidades de “*blitz*” e de “xadrez pensado”, nas diferentes situações que vivi em campo, tendem a ser a principal evidência de tal traço. Na modalidade *blitz*, o jogo pode ter uma duração de três ou cinco minutos para cada jogador. Por outro lado, o chamado “xadrez pensado”, ou clássico, tem no mínimo trinta minutos no relógio para cada jogador, podendo ter o acréscimo de segundos ou não. Por mais que o *blitz* seja uma modalidade popular entre os jogadores, não é difícil encontrar relatos que se aproximam da ideia de que não se trata de “xadrez de verdade”:

Amanda — Qual é a diferença entre *blitz* e xadrez pensado?

Henrique — O *blitz* é como se fosse o doce na dieta de quem treina. Existir, existe. Só que não pode ser o primordial. Não pode ficar se entupindo de doce. O *blitz* é a mesma coisa. Não se pode fazer disso a sua maior fonte de partidas (Entrevista com Henrique).

Amanda — Como você vê a relação entre o *blitz* e o xadrez pensado?

Marcos Vinicius — O *blitz* atrapalha o xadrez pensado. É vício, não te agrega em nada. É legal jogar, mas pra evoluir no xadrez, o *blitz* não é o caminho certo não. É um tempo que você poderia estar investindo com livro, com treino de cálculo ou outros treinos que renderiam mais.

Amanda — Mas você joga *blitz*?

Marcos Vinicius — Eu estabeleço um limite de jogo de *blitz*. Se eu perder três partidas, eu paro. Porque senão realmente se torna esse vício de querer recuperar o *rating* ou de querer ganhar as outras e geralmente são erros que você saberia não cometer. Acho que 80% das partidas de xadrez que você perde são erros que você saberia não cometer se você tivesse mais calma ou se tivesse mais tempo. O ideal para você sentir que tá evoluindo é você jogar um torneio e não saber onde você perdeu nas suas partidas. Se você sabe onde você perdeu, tem alguma coisa de errado. Porque você cometeu algum erro que não deveria ter cometido (Entrevista com Marcos Vinicius).

Enquanto finalizávamos a análise da minha partida do torneio, chegou a Lívia. Uma menina de 14 anos que começou a jogar xadrez há duas semanas atrás, segundo ela. Ela aprendeu com uma colega (ou familiar) que mora em Minas Gerais, com quem foi passar as férias recentemente. Disse ter aprendido apenas as movimentações das peças mas, ao jogar comigo, pareceu ter alguma desenvoltura no que tange o desenvolvimento das peças na abertura e nos elementos de defesa e ataque. Ao

observar nosso jogo, Henrique fez o seguinte comentário: “muito legal ver elas jogando porque estão parando para pensar”. Cláudio completou: “pois é, isso é bom, não estão com aquele vício do *blitz*” (Trecho do diário de campo 16/01/2021).

Em um determinado momento, conversava com os demais jogadores. Observei do outro lado da sala Cláudio jogando uma partida *blitz* com um jovem, contra quem joguei uma das rodadas e que estava visivelmente ansioso na minha avaliação. O jovem, que deve ter por volta de 14 ou 15 anos, estava empolgado para jogar *blitz*. Cláudio perguntou: “Partida de quantos minutos você quer jogar?”. O jovem respondeu: “um minuto.”. Cláudio riu e disse: “não! estou falando de xadrez de verdade”. O relógio foi ajustado para 3 minutos para cada jogador. De tão eufórico, o jovem chegou a derrubar algumas peças durante os lances. Em determinado momento, Cláudio falou: “Sai do crack! Isso é vício. Você está jogando algo que não está preparado ainda” (Diário de campo 18/09/2021).

Amanda — Existe estilo de jogo diferente?

Cláudio — Depende do que você está falando. Existem os ritmos de jogo, né. E o estilo talvez você esteja falando de um jogador que tenha uma postura mais posicional, ou o jogador que tenha uma postura mais ofensiva. Vai depender das aberturas que ele gosta, se ele gosta mais de jogar final, abertura ou meio-jogo. Agora sobre ritmo... o ritmo de jogo é o ritmo de jogo. Existe o xadrez entre aspas “de verdade”, que é o *standard*. É o xadrez que tem que ter pelo menos uma hora e meia, mais trinta de incremento, ou duas horas para cada um. Isso dá um tempo total máximo de quatro horas de jogo. E é o tempo de um estadual, torneio de mestres, aqui no estado do Rio de Janeiro – um torneio absoluto estadual, os torneios que eu jogo, por exemplo. Então, se eu jogo uma hora e meia, mais trinta, dá um tempo máximo de quatro horas por rodada. Você joga duas partidas por dia. Não dá para jogar três nesse ritmo. Daí, não do ponto de vista de você conseguir jogar como ser humano, mas por questão de organização. As coisas têm que fechar né. Então você joga geralmente em três dias, esse padrão. Você joga, sei lá, sexta, sábado e domingo ou sábado, domingo e sábado, duas partidas por dia, seis rodadas. O *bullet*, que é o bala, é um ritmo de jogo criado pela internet. Ele não existe no mundo real, tá? Não existe competição oficial de *bullet*. As competições oficiais começam no ritmo de *blitz* que, diferente da internet, ele não vai até... agora eu tô confuso porque tô meio poluído por causa da internet. Mas o *blitz*, se não me engano, vai de três minutos para cada um até quinze minutos para cada um. Até antes de 15 minutos é *blitz*. Quando chega de 15 minutos até 59 minutos e 59 segundos, não chegando a uma hora, isso é rápido. E de uma hora para cima, é a categoria pensada; *standard*; padrão. São várias formas de chamar a mesma coisa, tá? Pensado = padrão = *standard*. Só que assim... o *blitz*... “Ah, eu ganhei o torneio estadual... ah, mas é *blitz* [dito com certo ar de desvalorização]”. Entendeu?

Amanda — Pode explicar melhor?

Cláudio — O torneio é estadual, mas ele ganhou uma modalidade *blitz*. *Blitz* não é o carro-chefe. Ele não tem a credibilidade do meio. Ele é um torneio à parte. É uma coisa menor. É uma modalidade paralela. “Ah, eu sou campeão estadual de xadrez, mas você é campeão de *blitz*, pô.”. É só pra te dar uma noção... “Ah, mas é de *blitz*, você nunca ganhou um campeonato estadual de verdade.”.

Amanda — E por que você acha que essa modalidade tem pouca credibilidade?

Cláudio — Ah, porque assim... é muito mais fácil você jogar 30 torneios *blitz* num mês do que jogar um torneio de *standard*. Sabe? É menos desgastante. É mais fácil, inclusive, você tentar ganhar algum título. Um torneio *standard* geralmente consolida. Porque assim... no *blitz*, a chance de você ganhar de um jogador mais forte é maior porque também é maior a chance do cara com quem você tá jogando ter um errinho que prejudique a partida. Então você meio que pode apostar ou, entre aspas, “ter sorte”. Agora, uma partida pensada, os dois tiveram plena capacidade de analisar a

posição de uma forma completa, plena. E aí meio que o pessoal dá mais credibilidade para isso. Acho que é mais por aí. Vamos dizer que tem uma amostragem que consolida um pouco mais o valor da vitória. Você ficou 4 horas analisando a posição e o cara ganhou de você, pô, olha o mérito. Agora, você jogou uma partida de três minutos, o cara errou um lance que poderia ter visto, mas deu mole em um momentinho e aí ele perdeu a partida e você foi campeão. São pesos diferentes. O padrão é quando você bota tudo no jogo. Acredito que seja isso. Talvez tenha também um quê de tradição nisso, pois as modalidades mais rápidas são mais modernas (Entrevista com Cláudio).

O discurso que se depreende desse conjunto de relatos tem como destaque o tempo do pensamento como um valor, ou, um aspecto definidor dos limites da prática enxadrística. A depreciação do *blitz* se assemelha, a meu ver, à aversão pelo fácil presente na linguagem estética burguesa, segundo Bourdieu (2011). Para o autor, toda arte que suscita prazeres imediatamente acessíveis tende a estar fora dos juízos estéticos positivamente valorados por aquela classe. O *blitz* não exige pensamento ou reflexão, pois é da ordem da satisfação sensível, coisa distinta daquilo que deve ser o xadrez. Para não dizer que esse sentido é um consenso geral, diante da pergunta se o *blitz* ajudaria ou atrapalharia na preparação de um jogador, um dos Mestres FIDE entrevistados respondeu que o *blitz* “pode ser útil para testar seus conhecimentos de abertura”. Ainda assim, não se trata de alçar o *blitz* a alguma posição de prestígio cultural local, trata-se apenas de uma visão instrumentalista da modalidade ligeira. O *blitz* pode ser bom, quando ele não é o fim em si mesmo⁵⁵.

Um outro dado que vai na direção desse discurso é aquele que extraí participando de uma palestra ministrada por outro Mestre FIDE, em junho de 2022 no NXN. O tema da palestra era o Torneio de Candidatos, considerada a competição mais importante depois do Campeonato Mundial, e evento que aconteceria dali há algumas semanas. Nessa competição, a partir da combinação de resultados obtidos em competições internacionais, são selecionados os oito melhores enxadristas que disputarão entre si a possibilidade de desafiar o atual portador do título de Campeão Mundial.

Atualmente, o *match* é subdividido em quatorze rodadas que acontecem ao longo de duas semanas: uma partida por dia para cada jogador, de modo que a cada dois, um dia é para descanso. Em diversas passagens da palestra, o mestre criticou o modelo atual de organização do torneio, avaliando-o como “acelerado demais”. Não tanto pelo tempo total de cada partida (que nesse modelo é de uma hora e meia para cada jogador com incremento de tempo a partir

⁵⁵ Cabe sublinhar que, embora as modalidades rápidas de jogo sejam mais recentes, o seu surgimento não é consequente da cultura digital, da qual o xadrez online é partícipe. O que pode se afirmar é que a popularização do *blitz* pode ser uma consequência dessa cultura.

do lance 40º), mas pela quantidade de rodadas, considerada reduzida na sua visão. O mestre destacou saudosamente que no passado o Torneio de Candidatos era disputado em trinta e duas rodadas e, segundo ele, esse formato era o que permitia “colocar à prova” aquele enxadrista apto a disputar o título mundial. Um torneio com essa duração minimizaria a influência de fatores externos que pudessem interferir no resultado. Concluiu sua ideia com a seguinte pergunta retórica: “Afinal, não somos o esporte dos sujeitos racionais?”.

Uma outra característica que se associa à disposição escolástica dos enxadristas é o cultivo do conhecimento histórico e cultural do jogo. Um jogador de xadrez com experiência deve estar familiarizado com as distintas características das diversas escolas de xadrez ao longo da história, bem como com os estilos de jogo dos campeões mundiais. Como aprendi nas aulas e ao ouvir os interlocutores conversarem, há a necessidade de se conhecer “os clássicos”. Na mesma palestra relatada acima, ao falar do desenvolvimento do jogo, o Mestre FIDE lembrou-nos do seguinte axioma: “Todo jogador de xadrez tem que saber da história do xadrez. Isso vai influenciar nos nossos jogos.”.

Inclusive, essa é uma crítica tecida por enxadristas, geralmente os mais antigos, em relação aos atuais modelos de aprendizagem do xadrez. Segundo tal perspectiva, com a atual sofisticação dos servidores de xadrez online, em vez dos enxadristas dedicarem o seu tempo ao estudo de uma obra considerada clássica, tendem a pautar seus estudos nas “*engines*”, nos programas de computador. Geralmente acoplados aos servidores de xadrez online, que avaliam as posições no tabuleiro, além de também projetarem as melhores opções de lances, no contexto de determinada posição. Esses programas se popularizaram no final do século XX, depois que as máquinas passaram a ter um desempenho altamente superior ao humano nos tabuleiros, tornando o duelo entre homem e máquina sem sentido.

3.3 A disposição estética

Uma outra disposição que parece estar presente no *habitus* dos jogadores de xadrez e que, a meu ver, relaciona-se com a disposição escolástica descrita por Bourdieu é o desenvolvimento de uma disposição estética. Por sua vez, traduzida em um senso estético voltado para aquela atividade. O primeiro elemento do campo pesquisado que me chamou a atenção para isso foi um frequente discurso associando o xadrez à arte e à ciência ou, tal como ouvia dos interlocutores, que “xadrez é arte e ciência”. Em outra ocasião (ARAÚJO, A. 2021),

indiquei que, diferentemente de outras práticas como os *e-sports*, não parecia estar na ordem do dia do xadrez a disputa para incluir-se ou aproximar-se no/do esporte, no entanto, atribuir o significado de que a prática enxadrística era uma arte se apresentava como algo bastante comum.

Amanda — E por que você acha que as pessoas se interessam pelo xadrez?

Cláudio — Eu acho que tem assim, se a gente puder separar, existe tipos de motivação para o cara gostar de xadrez. Eu conheço muita gente que gosta de estudar, mas detesta competir. Conheci coroas que o cara não gosta de ir em clubes, não gosta de competir, não gosta do ambiente. Às vezes deve ter até algum bloqueio em relação a isso. Mas o cara gosta de conhecer. Ele não gosta de competir, ele gosta da arte, ele gosta do jogo, gosta do objeto de pesquisa. Gosta de se aprimorar naquele campo do conhecimento. Você não tem ideia de quanta gente já encontrei que ninguém do meio conhece. O cara é eremita na casa dele e fica estudando e é um jogador forte. E você fala: “Vem jogar pelo clube!”. Aí ele: “Não, não, não eu não gosto disso e tal”. É muito engraçado. Porque que eu tirei isso pra te mostrar. Porque você pode pegar a amostragem dos jogadores que estão sendo iluminados pelo sol. E os jogadores que vivem lá na escuridão que a gente não está vendo. A gente está deixando de falar deles. É porque eles não aparecem, mas tem muitos caras, muita gente fascinada pelo xadrez, que encara ele como uma ciência, como arte e não como um esporte competitivo. O xadrez tem muito desse fascínio. O grande fascínio de muitas pessoas pelo xadrez é que você pode estudar a vida toda, mas você nunca vai conseguir desvendar o segredo do jogo, porque nem os computadores de hoje conseguiram achar os melhores lances e tudo mais. Você bota o computador de um ano tecnologicamente mais pra frente e ganha do anterior. Aí você bota um mais novo e ganha do anterior. Entendeu? Tem competições de computadores em paralelo hoje em dia que não fica dando empate, como as pessoas no passado acharam que iria acontecer. Mas assim, respondendo a sua pergunta. É difícil determinar, porque o xadrez não é só um esporte. O pessoal até fala, né, ele é a única área do conhecimento em que se registra prodígios, né. Umas das três se não me engano, se você pesquisar com essas *tags* no Google você vai achar. A música, a matemática e o xadrez. São três áreas de conhecimento em que se registra prodígios. Porque o xadrez não é só um esporte, ele tem um pouco de arte. O grande legal do xadrez é que o ser humano, ele precisa de padrões, né. Ele teve uma escala evolutiva que premiou quem conseguia reconhecer padrões e analisar o mundo à sua volta. O xadrez dá um cardápio disso, de padrões. Para você ver causa e efeito aqui, causa e efeito lá. O xadrez, ele faz sentido. Então, é isso muito mais que a competição. A competição é um *plus*. A competição é você querer algo a mais do que só essa parte artística. Muita gente fala “Ah, xadrez é jogo, ciência e arte”. Ciência porquê do ponto de vista de metodologia científica, o xadrez seria uma ciência dura, vamos dizer assim que você vai lá comprar, mostrar e só com o resultado aquilo pode ser considerado bom ou ruim. Por que é assim também? Porque você pega um paradigma, o paradigma não fica lá como se fosse uma coisa eterna. Ele está sendo quebrado mesmo, sabe? Você deixa pra lá e ele pode vir com um outro estabelecimento. E isso pode ser quebrado se o cara vir com um outro paradigma.... ele pode ser considerado ciência então porque segue a lógica científica dos paradigmas. E do ponto de vista artístico, é essa questão que eu te falei, né. Lembra que a gente estava na aula e você falou: “Isso é bonito” e eu falei “Opa, cuidado!”. Você fica ativada de uma forma perigosa. Então é essa coisa, ele fica bonito porque a gente vê padrões... por que a gente acha bonito peças no tabuleiro? Tem padrões ali. Aquilo não é bonito artisticamente, não é um desenho aquilo, sabe? Tem um padrão ali, como tem um padrão na matemática, como tem um padrão na música. Por mais que a pessoa não estude, a música tem um padrão...tem pausas, tem... bom, não preciso falar, você conhece de música. Então eu acho que é muito disso, a parte artística do xadrez são esses padrões que criam uma coisa que se pode compreender. Que se você só bater o olho sem ter um estudo prévio mínimo, você não vai entender nada. Acho que é isso (Entrevista com Cláudio).

Atribuir valor artístico ao xadrez não é uma competência particular e automaticamente acionada por aquele agente que se lança a jogar. Antes, ela se constrói a partir da incorporação dos códigos com os quais é codificada, bem como por uma intenção estética que passa a ser direcionada ao jogo, à medida que se sofisticam os conhecimentos sobre esses mesmos códigos. Como coloca Bourdieu (2011), a intenção estética desloca a percepção sobre um objeto de sua *função* – que poderia ser puramente prática, funcional ou utilitarista – para a percepção exclusivamente de sua *forma*. E no caso em questão, minha tendência é pensar que a função pode ser lida como a busca por vitória em uma partida. Não é difícil presenciar situações no clube em que a vitória ou a derrota tornam-se um tema secundário, diante da beleza de uma posição ou de uma sequência de lances. Uma expressão que ouvi algumas vezes dos enxadristas e que, a meu ver, primorosamente retrata essa passagem de uma percepção da função, para a da forma, é que “Ele se apaixonou tanto pela posição que perdeu a partida no tempo”.

Um outro exemplo interessante a ser citado, e que se relaciona com a transmutação da percepção da função para a da forma, pode ser depreendida com a entrevista online do mais novo campeão mundial, o Grande Mestre chinês Ding Liren. Fornecida após a sua vitória na última partida do Campeonato Mundial FIDE de 2023. Em resposta à pergunta da entrevistadora, “quais foram os momentos mais decisivos do *match* que você pode dividir com a gente?”, Liren respondeu:

Eu acho que foi o começo. Eu não sei o que estava pensando, eu simplesmente fiquei preso e tive problemas com o tempo. Eu gastei muito tempo [...] O ponto é que eu não vi importância de fazer o movimento. Talvez naquele momento eu não tivesse o sentimento de ganhar ou perder. Eu estava tão focado na posição. Depois do jogo eu disse aos meus amigos que eu estava tentando encontrar o melhor lance da posição e de alguma forma eu esqueci a questão do relógio (FIDE CHESS, 2023b, 12min 30s, tradução própria)⁵⁶.

No campo das artes – um dos objetos de análise de Bourdieu – a intenção estética é condicionada e dirigida pelas normas e convenções sociais que definem o que é e o que não é arte. É como se a obra, e por efeito todo o campo no qual ela se insere, legitimasse a produção daquela intenção estética na subjetividade do esteta. Ora, no caso do xadrez, não se trata de uma

⁵⁶ Tradução própria, uma transcrição do original segue adiante: “I think the original. I don’t know what I’m thinking about, I’m just stuck and in time trouble. I wasted a lot of time [...] I didn’t feel the importance to play the move, maybe at that point I’m not – I didn’t have that feeling of ‘winning or losing’. I was so focused on the game. After the game I said to my friends, at that point I was trying to find the best move in the position and somehow forgot the situation of the clock [...]”.

obra que integra o campo das artes, considerando-se um ponto de vista social mais amplo. Portanto, é inevitável a pergunta: de onde parte a produção da intenção estética nesse caso?

Tudo indica que a aptidão para adotar e aplicar um ponto de vista estético provém, por um lado, da apreensão progressiva dos conceitos técnicos do jogo e da sofisticação desse conhecimento (dos códigos), como eu já havia mencionado. E, por outro lado, de uma tendência à distinção interna por parte dos agentes, baseada no modo como os Grandes Mestres se referem ao jogo. Lendo a etnografia de Robert Desjarlais (2011, p. 76), por exemplo, é possível notar como o discurso da beleza em relação ao jogo se faz presente não apenas naqueles proferidos pelos Grandes Mestres, mas também por parte dos intelectuais que possuem familiaridade com a prática enxadrística.

Durante as minhas aulas de xadrez, quando efetuávamos análises ou fazíamos exercícios, Cláudio eventualmente mencionava uma ou outra sequência de lances que era em sua visão bonita. Antes que me desse conta, principalmente enquanto estava dedicada a fazer problemas táticos, tive essa percepção estética acionada. Lembro-me de comentar com Cláudio sobre isso e sua resposta ser a seguinte: “Tenho uma notícia boa e uma ruim para te dar. A boa é que ver essa beleza no jogo não é para qualquer um. A ruim é que isso pode alterar radicalmente a sua vida”. Esse registro aparenta capturar o princípio de passagem da camada primária de sentido, para a camada secundária, a qual, segundo Bourdieu (2011, p. 10), “só ocorre se possuímos os conceitos que, superando as propriedades sensíveis, apreendem as características propriamente estilísticas da obra”.

3.4 A disposição ascética e o mito do gênio

Conforme apresentei nas primeiras páginas desta tese, a presente problemática tem como ponto de partida as representações sociais mais amplas que carregamos sobre os jogadores. Notáveis na cinematografia e na literatura, por exemplo. As quais, em maior ou menor grau, associam-se ou deixam-se associar à figura do gênio enxadrista. Há uma certa perspectiva que naturaliza as aptidões envolvidas no xadrez, uma que não parece corresponder àquela que os interlocutores estabelecem em relação ao esporte. Explorei em outro momento tal relação do xadrez com a genialidade (ARAÚJO, A. 2021), o que agora me proponho é a compreender, a partir do ponto de vista nativo, como se constroem essas mesmas aptidões que são vistas pelo leigo como inatas.

Começo por uma situação de campo muito emblemática. Eu estava há alguns meses fazendo semanalmente as aulas online com Cláudio. Fora as duas horas destinadas à aula, havia a necessidade de revisar o conteúdo ou de trabalhar nos exercícios/análises que não puderam ser finalizadas em aula. Demanda que Cláudio não cessava de me lembrar ao longo da semana. Por diversas vezes, a orientação quanto ao estudo individual era dada de forma indireta e sutil. Tal como Cláudio contou, sobre sempre saber quando tem em mãos algum aluno “diferenciado”, citando o exemplo de dois deles:

Tem aquele aluno que quando você passa para ele estudar e analisar uma partida que tá em um capítulo, ele volta pra aula seguinte com o livro todo estudado. Eu sei que esse cara vai brilhar.

Um conhecimento partilhado entre os interlocutores iniciantes e iniciados é o de que os estudos que acontecem no clube são insuficientes para o crescimento das habilidades enxadrísticas. Melhor dito, os estudos do clube talvez possam ser lidos não como o momento em que se aprende, mas como aquele em que se mostra que se aprendeu. Logo, a maior parte desse esforço é feito em casa e de forma individual. Não é por outro motivo que quando um novo enxadrista chega para conhecer o clube e demonstra ter um jogo de qualidade, a pergunta dirigida a ele provavelmente será: “como você estuda?”.

Diferentes passagens da bibliografia de Bourdieu descrevem que a disposição ascética é uma disposição a serviço da vida escolar. Passível de ser observada, sobretudo, no contexto das classes médias, cuja relativa ascensão social se deu em razão da escolarização. Isso é particularmente cadente nas obras cujo foco é o sistema escolar, nas quais se discute como as diferenças de classes dos estudantes determinam em alguma medida a relação deles com os saberes escolares. O culto à disciplina, ao autocontrole e à dedicação aos estudos são propriedades marcantes da vida escolar dos agentes oriundos dessas classes. O que contrasta com as características dos agentes pertencentes à elite, que cultivam uma relação diletante com o saber, conforme os escritos compilados de Bourdieu (2007) nesse tema.

Podemos tensionar as teses bourdieusianas ao cotejá-las com o contexto empírico que, embora não seja o do ambiente escolar, possui propriedades similares. Afinal, não há como nutrir uma relação diletante com o xadrez se se pretende aprimorar nele. Por mais que, eventualmente, um ou outro jogador possa ser considerado privilegiado por ter sido precocemente apresentado ao jogo por familiares praticantes (como foi o caso de Marcos Vinicius, cuja fala trouxe acima), o *habitus* de enxadrista é forjado na mesma proporção de sua

dedicação e obstinação em relação ao jogo. O relato do Mestre Nacional (MN) Adriano é bastante elucidativo nesse sentido.

Amanda — Como é sua relação com o xadrez hoje?

MN Adriano — Eu já fui obcecado, hoje não mais, mas fui. O xadrez é uma das minhas grandes paixões e eu espero sempre me aperfeiçoar. Um amigo meu até veio perguntar “cara, você é mestre nacional, você não estuda mais né.” Eu disse: “claro que estudo pô, os Grandes Mestres estudam, como eu não vou estudar”. Existe essa falsa visão de que o cara é Grande Mestre e descobre os lances no tabuleiro. Descobrir o lance no tabuleiro é uma coisa, mas você se preparar para a partida é outra. Todo Grande Mestre estuda, não se iluda. O cara tá lá estudando xadrez. Hoje em dia, eu estudo xadrez final de semana, principalmente sábado que eu fico a manhã toda em casa. Xadrez precisa de um estudo reiterado e incessante. Não existe fórmula mágica. É preciso dedicação, estudo reiterado. Tem que ter disciplina. Tem que tá sempre jogando, sempre. Não adianta só estudar e não jogar e também não adianta jogar e não estudar, é o que eu falo para os meus alunos. É um conjunto de fatores (Entrevista com Mestre Nacional Adriano, 50 anos).

3.5 Entre performances e performatividades esportivas: interpretações sobre a categoria nativa do *rating*

Amanda — Que lugar o xadrez tem na sua vida?

Henrique — Eu tenho o objetivo de em algum momento na minha vida me tornar MF, alcançar os 2300 de *rating*, e para isso em algum momento tenho que estudar como eu nunca estudei.

Nesta seção, pretendo desenvolver a hipótese de que a performance esportiva dos enxadristas, expressa pela categoria nativa do *rating*, pode ser convertida subjetivamente em um dispositivo que compõe uma performatividade esportiva no xadrez, conforme a denomino. Nesse primeiro momento tal tipo de empreendimento pode parecer algo vago e problemático. Peço ao leitor paciência, pois será preciso retomar certos pontos de partida exclusivamente teóricos, de modo que a aproximação com os dados do campo seja tão profícua quanto potencialmente demonstra ser. Em momento oportuno, a definição e os significados de *rating* serão devidamente escrutinados segundo são operados em campo. Por ora, basta o leitor saber que se trata de um sistema de medição que classifica e hierarquiza a força do enxadrista. Dito de outro modo, o *rating* é uma taxa de performance que confere uma ideia geral do nível de jogo de cada enxadrista.

No universo esportivo moderno, as classificações e hierarquizações são dispositivos essenciais. É impossível pensar em competições de alta performance destituídas dessas técnicas de mensuração, comparação e classificação. Como Guttmann (1994) aponta, a melhor definição

de esporte é aquela que considera não uma cronologia específica e sim a presença ou ausência de um conjunto de características formais. O autor define e lista essas características: o secularismo, ou, a ausência de relação entre práticas esportivas e elementos transcendentais; a burocratização; a especialização das regras do jogo e dos próprios treinos; a racionalização, por meio da aplicação da ciência em vários âmbitos do esporte; a quantificação, pela possibilidade de mensurar e comparar o que acontece no universo esportivo; e a obsessão pelo recorde. Portanto, o *rating* no contexto do xadrez pode ser lido como um componente que está a serviço de, ao menos, duas dessas características formais, quais sejam da quantificação e da obsessão com o recorde.

É partindo dessa definição de performance que procuro desenvolver meu argumento relativo à performatividade. Desse modo, para esclarecer a delimitação dos caminhos a serem percorridos, saliento que as presentes ideias passam ao largo dos conceitos trabalhados no âmbito da Antropologia da Performance, muito embora uma análise que compreenda essa bibliografia fosse possível.

Devo dizer ainda que a opção por esse caminho analítico, de pensar os dados a partir da noção de performatividade, não é arbitrário nem totalmente original. Ele já foi pavimentado por Cilene Oliveira (2016) – com quem dialogo mais detalhadamente adiante –, visto que em sua dissertação o conceito de performatividade foi mobilizado para pensar atletas de esportes de aventura. Foi na leitura concomitante do seu trabalho ao processo de sistematização das notas de campo e entrevistas que suspeitei desse aproveitamento conceitual. Nutrindo as condições para não somente desenvolver e aprofundar as análises desta etnografia, mas da própria categoria analítica.

Um bom ponto de partida, e uma pergunta que pode estar inquietando o leitor nesse momento, é de qual é a relação entre *rating* e performatividade? Ao que respondo sem rodeios que a condição de possibilidade do enxadrista (como agente social) existir naquele campo esportivo é nada mais nada menos que deter o atributo do *rating*. Para sustentar esse argumento que será detalhado ao longo do capítulo, valho-me da teoria de Judith Butler (2003, 2019) sobre gênero. Não com o objetivo de discutir especificamente questões desse cunho, mas sim para refletir sobre a questão da performatividade esportiva na formação do agente enxadrista de modo mais amplo.

3.6 Um enquadramento teórico necessário

Nas primeiras páginas da obra “Corpos que importam”, Butler (2019) dedica-se a uma discussão da constituição do gênero iniciada em outra obra, originalmente publicada três anos antes, “Problemas de gênero” (BUTLER, 2003). Nessa, havia uma preocupação mais de desessencializar, colocando em questão, a categoria “mulher” por via do argumento de que as discussões sobre a representação política da mulher seriam infrutíferas, por no mínimo dois problemas. Tal pauta, que estava na ordem do dia nas teorias feministas da época, é por Butler problematizada pois não apenas a universalidade (identidade) da categoria “mulher” seria questionável, como também porque a discussão nos termos de representação abordaria equivocadamente o assunto. Segundo a autora, o sujeito do feminismo não seria alguém anterior e simplesmente à espera do devido reconhecimento político. Já na obra seguinte, Butler busca desenvolver as ideias de que o gênero em si não pode ser pensado como um atributo que constitui o sujeito e de que tampouco a materialidade dos corpos (a anatomia do sexo) seria anterior à generificação. Antes, a condição de possibilidade de existência do sujeito se daria tão somente dentro de uma matriz de poder generificada.

E dizer que há uma matriz das relações de gênero que institui e sustenta o sujeito não significa afirmar que há uma matriz singular que age de maneira singular e determinista cujo efeito seja produzir um sujeito. Isso seria instalar a matriz na posição de sujeito [...]. A construção deve significar mais do que uma simples inversão dos termos (BUTLER, 2019, p. 29).

A matriz, portanto, é anterior à própria vida. Ela é que fornece as inclinações, ou mesmo as fronteiras, das definições de gênero em que um determinado sujeito pode se enquadrar. Como é o caso da nomeação do ser humano ainda em gestação ser empregue, dentro de nossa linguagem, como um sujeito generificado: se é menina ou menino. Para atravessar as objeções que os críticos do construtivismo poderiam tecer, à luz dos quais a matriz de poder então se converteria ela própria no sujeito personificado, Butler apresentará uma ideia fundamental para a atual discussão sobre performatividade. Isto é, de que a proposição segundo a qual o discurso constrói o sujeito somente poderá ser válida na medida em que entendamos “construção” como um processo autônomo e difuso de reiteração e persistência constante, no qual emergem sujeitos e atos. E não como um agente primordial que iniciou o empreendimento de elaboração dessa matriz. Nesse sentido, a substituição da ideia de construção por materialização se torna mais apropriada, apontará Butler (2019).

Mais uma vez, essa deve ser entendida não como uma ação singular, isolada ou inaugural executada por alguém de modo intencional. A materialização (e a autora trata especificamente da materialização do sexo e do corpo) se dá por meio de práticas de significação reiterativas ou ritualizadas que, em última instância, são práticas discursivas formativas do corpo e do sexo. Assim, não há matéria nesse mundo que esteja além ou aquém das fronteiras dos discursos. Sua materialidade se dá justamente porque as significações proferidas sobre a matéria constantemente produzem aquilo que nomeia (BUTLER, 2019). Percebe-se aí uma espécie de deslocamento na formulação da pergunta, abandonando de que forma o gênero é construído a partir de uma interpretação do sexo biológico, para questionar as normas de regulação que materializam o próprio sexo.

O processo de sedimentação ou o que podemos chamar de materialização será uma espécie de citacionalidade, a aquisição do ser mediante a citação do poder, uma citação que estabelece uma cumplicidade originária com o poder na formação do “eu” (BUTLER, 2019, p. 39).

Com isso, a citação do poder inscrita em uma temporalidade não necessariamente cronológica é o que podemos chamar de performatividade, segundo a autora. Qualquer enunciado performativo, o qual produz ações e nomeia coisas e pessoas no mundo, contém uma historicidade implícita em seus significantes. Sob a ótica foucaultiana do discurso, que é a principal referência teórica de Butler, a categoria analítica de performatividade pode ser mobilizada para os aspectos da linguagem propriamente, quanto para os gestos e tudo mais que diz respeito ao corpo. Para esse último, a performatividade pode ser então entendida como “repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2003, p. 200), repetições que se dão no interior de uma matriz normativa, cuja aparência resultante confere ares de naturalidade a ela. Se nesse ponto o conceito de performatividade aparenta lembrar a noção de performance como uma encenação, a autora reestabelece as fronteiras entre uma definição e outra ao lembrar que a forma teatral pressupõe um “jogo livre” de apresentação de si (BUTLER, 2003, p. 173). A performatividade, por sua vez, não só acontece com a restrição por meio da norma, mas é sustentada por ela.

Explicitada essa leitura da teoria de gênero de Butler, podemos agora nos nortear por um entendimento ampliado do conceito de performatividade. Se, como a própria autora coloca, a performatividade é uma reiteração inscrita nos corpos do conjunto de normas, deve-se considerar em primeiro lugar que tais normas não se apresentem de modo universal ou na mesma medida a todos os agentes. Como atualmente vemos tensionado no âmbito normativo

de produção das masculinidades e feminilidades, as normas não apenas se estruturam a partir das mudanças histórico-sociais, como também são atravessadas pelos condicionantes sociais que orientam diretamente a biografia de cada agente. Tais normas se interconectam formando elas mesmas as estruturas que movimentam o agente num dado contexto, tanto macro como microsocial. Isso fica mais pronunciado se considerarmos que são elas que coordenam e modulam a formação de “disposições prévias”, ou, inclinações (BUTLER, 2019, p. 28).

Assim, articulando o conceito de performatividade segundo a ótica exposta ao conceito de *habitus* de Bourdieu, pode-se considerar que tais normas regulatórias operem organizando não apenas o espaço social, ou mesmo um campo, mas as próprias práticas, condutas e comportamentos do agente no interior desse determinado espaço. A noção mais ou menos consciente que todo partícipe possui da dinâmica das posições de um campo, justamente por dele fazer parte, evidencia que sua forma de agir e de falar se ajustam às normas as quais possibilitam sua participação. É nesse sentido que inclino-me a crer que as condutas pautadas naquilo que “é para mim” ou no que “não é para pessoas como eu”, o domínio prático do saber no interior de um campo, conforme descreve Bourdieu (2001, p. 200), ou ainda, as expectativas, antecipações e esperanças de um agente podem ser lidas como performatividades em operação, em última instância.

De fato, não há necessidade de tamanha ação mistificadora, como ainda acreditam os que imputam a submissão à lei e a manutenção da ordem simbólica a uma ação deliberadamente organizada de propaganda ou à eficácia (que, decerto, não se pode negligenciar) de “aparelhos ideológicos de Estado” postos a serviço dos dominantes. Aliás, o próprio Pascal também observa que “o costume faz toda a autoridade” e nunca deixa de lembrar que a ordem social não é outra coisa senão a ordem dos corpos: basta no essencial o hábito ao costume e à lei que a lei e o costume produzem por suas próprias existência e persistência, a despeito de qualquer intervenção deliberada, para que se consiga impor um reconhecimento da lei fundado no desconhecimento do arbítrio que constitui seu princípio (BOURDIEU, 2001, p. 204).

3.7 Performatividades esportivas no xadrez

A discussão em voga, como dito, está em estreito diálogo com aquela feita por Cilene Oliveira (2016), na dissertação intitulada “Aventura, Performance e Sofrimento: construção de corporalidades em esportes de aventura”. O diálogo se sustenta igualmente nas referências mobilizadas na última seção. Como o subtítulo de seu trabalho aponta, ela discute aspectos da construção da corporalidade no contexto específico de corredores de esportes de aventura. No intento de articular os dados produzidos em campo junto aos corredores com a teoria antropológica, a autora esclarece no primeiro capítulo a categoria nativa de *pace*.

O *pace*, termo recorrente entre os corredores, representa de um modo geral o ritmo da corrida. Em outras palavras, é a média da velocidade do atleta, um resultado da relação entre distância e tempo percorridos durante a corrida. Conforme Oliveira explica, no caso de um corredor iniciante é esperado que seu *pace* seja alto. De modo que todo o treinamento no ambiente da empresa de assessoria esportiva – lócus de sua investigação – acaba voltado para a diminuição e, portanto, o aprimoramento do *pace*. O contrário logicamente é verdade, espera-se que um atleta de alto rendimento possua um *pace* baixo. Além disso, é preciso lembrar que o *pace* é variável e manipulável dependendo da etapa do treino e da condição física do atleta naquele dia.

Nesse sentido, a ideia do *pace* como uma métrica que quantifica os “rendimentos e condicionamentos” dos atletas se assemelha àquela de performance no contexto do universo esportivo. Entendida como o “aprimoramento da biologia humana” através do treinamento – uma característica descrita como fundamental na constituição do esporte moderno (GUTTMANN, 1994; OLIVEIRA, C. 2016). Portanto, em um primeiro plano de significação, o *pace* e a performance poderiam ser lidos como categorias que se sobrepõem. Porém, o olhar antropológico de Oliveira não deixa escapar que o *pace* guarda significações ainda mais profundas naquele ambiente. Em outras palavras, o *pace* torna-se parte constitutiva do *self* do corredor, conforme lemos abaixo:

Compartilhar estes paces, portanto, não fazia parte de um esquema competitivo entre atletas durante os treinos, mas uma maneira de apresentar a si mesmos diante dos outros, apresentar não apenas seu rendimento, digamos assim, mas sua experiência enquanto sujeito da própria prática e uma forma também de marcar estas performances como uma formação de seus *selves* (OLIVEIRA, C. 2016, p. 84).

Ao que tudo indica, o *pace* está para os esportes de aventura assim como o *rating* está para o xadrez, guardadas suas divergências contextuais e analíticas; que ficarão mais claras adiante. No xadrez, temos o *Rating Elo*, um sistema de pontuação que mede, a partir de um método estatístico, a força relativa de um jogador. Essa é uma métrica dinâmica e que se define a cada novo torneio. A atribuição de pontuação ocorre de acordo com vitórias, derrotas ou empates de um jogador em um torneio. Em cada confronto, o cálculo considera tanto o *rating* atual do jogador quanto o do adversário, resultando em uma pontuação mais elevada ao vencer contra oponentes com *rating* superior, em comparação com partidas contra jogadores de *rating* inferior. Cada partida individual contribui para ajustes no *rating* e, ao final do torneio, é realizado o cálculo final.

Inventado por um físico e Mestre de xadrez chamado Arpad Elo (CHESS.COM, 2020), o *rating* passou a ser adotado pela FIDE nos anos de 1970 e hoje é usado pelas confederações do esporte. No Brasil, conforme o estatuto da Confederação Brasileira de Xadrez (CBX, 2009, p. 17-18), essa é a instituição filiada àquela e, portanto, a detentora da prerrogativa de promover competições nas quais os resultados, ao serem homologados, passam a ser reconhecidos internacionalmente. Ou seja, são endossados pela FIDE. As federações de cada estado brasileiro⁵⁷, por sua vez, possuem seus próprios sistemas de ranqueamento independentes do *rating* FIDE e que somente possuem valor dentro do estado, sendo movimentados com torneios locais. No caso da Federação do estado do Rio de Janeiro, tem-se ainda as chamadas “divisões por classe”. Jogadores que possuem *rating* até de 1599 integram a classe C, jogadores com *rating* na faixa de 1600 a 1799 são considerados classe B, por fim, jogadores de 1800 para cima são os classe A. Um clube cujos filiados sejam de classe A e B gozam de algum prestígio no âmbito do xadrez competitivo estadual.

A classificação é tão relevante para o esporte que mesmo as plataformas de xadrez online contam com esse sistema que, junto das métricas oficiais, acaba sendo o tema das conversas entre os enxadristas no ambiente dos clubes e dos torneios. Presenciando logo no começo do trabalho de campo as incontáveis conversas nas quais o *rating* era a pauta, surgiram-me as seguintes questões: o que significa para os enxadristas terem um *rating* X ou Y? Ou ainda, o que significa ser um enxadrista classe A, B ou C no âmbito do xadrez fluminense? Dois trechos do campo podem ajudar a pensar possíveis respostas, uma entrevista com meu professor sobre esse assunto, feita logo no início da pesquisa, e em seguida uma situação em um torneio FIDE.

Interessante você perguntar isso. É... às vezes perguntar o *rating* da pessoa pode ser um pouco indelicado, porque você vai tá dando uma carteirada, vamos dizer assim... Porque tem uma relação de poder. Você meio que falar sobre seu *rating* é meio que mostrar que você tem um valor naquele mundo. Então essa parada de perguntar *rating*, se você não tem intimidade, pode ser um pouco indelicado (Entrevista com Cláudio em 11/02/2021).

Conversavam no hall que ficava entre os salões do hotel em que aconteciam os jogos do torneio FIDE na cidade, eu, Nelson, Cláudio, Milton e Vitor. Nelson (que possui um *rating* na faixa dos 1900) olhando o celular anuncia que o emparelhamento da rodada havia saído no *chess-result*. Me chamou a atenção que antes mesmo de falar o nome de seu adversário, Nelson viu e anunciou para todos ali que o *rating* FIDE da pessoa era de 1700. Somente depois, leu o nome, seu ano de nascimento (2011) e o estado de origem (Minas Gerais). Com essas informações, ele concluiu que não poderia se tratar de um enxadrista fraco, pois alguém tão jovem que joga torneio FIDE

⁵⁷ Embora todos os estados do Brasil possuam uma federação de xadrez ativa, nem todas as federações estaduais possuem sistemas de ranqueamento próprios. Nesse caso, as federações se valem dos sistemas FIDE.

absoluto em outra cidade, certamente não seria um iniciante. No final, completou provocando risos no grupo “bom, mas estatísticas mostram que eu não perco para crianças” (Diário de campo, 01/09/2022).

Da leitura dos dois trechos depreendemos ao menos dois pontos importantes sobre o *rating*: 1) o caráter hierarquizante explícito em seu significado e; 2) conhecer o outro como enxadrista significa, antes de tudo, conhecer o seu *rating*. Para além de ser um “modo de apresentação de si mesmo”, como Oliveira (2016) definiu o *pace*, proponho a leitura de que o *rating* possa ser pensado como uma norma regulatória produtora de performatividades – e nesse ponto minhas análises se distanciam das da autora. Em outras palavras, o sistema do *rating* é um ato simbólico ou mesmo um “discurso de autorização” (BUTLER, 2019, p. 370), proferido pelas instituições esportivas que institucionalizam a prática do xadrez e legitimado como tal pelos agentes sociais envolvidos. As consequências disso podem ser vistas nos rearranjos das posições naquele campo esportivo, as quais se relacionam à métrica do *rating*, como também na forma em que os jogadores interagem entre si. Em última instância, o *rating* inclui e exclui, identifica e distingue, tal qual produz eficácia social, como procuro mostrar na sequência.

As federações estaduais e a internacional de xadrez, ao concederem *ratings* X ou Y para determinado jogador, inserem-no em campos discursivos possíveis tendo em vista aquela pontuação. Em que pese o *rating* ser analisado aqui como uma norma regulatória, vale lembrar que ele é um dispositivo dinâmico, que se altera sempre que o enxadrista joga. Apesar desse dinamismo, o *rating* não deixa de produzir uma estabilidade suficiente para que haja uma fixidez identitária. Penso que isso se dê, em parte, pela forma como o cálculo é feito. Sem entrar aqui nos detalhes matemáticos, é importante explicar que ainda que um determinado jogador sofra derrotas para jogadores mais fracos segundo o sistema, dificilmente sua pontuação será rebaixada em mais do que 10% do seu valor em um torneio. Não é incomum ouvir entre os interlocutores que um ou outro jogador está na “faixa” de *rating* X ou Y.

Em suma, o *rating* produz condutas e discursos de caráter relacional, em diferentes contextos e interações, sem esquecer que ele se associa a outros marcadores sociais como a idade e o gênero. Ou seja, se pensarmos o *rating* como uma espécie de valor pessoal, reconhecido e legitimado pelos pares, podemos considerar que essa norma autorizativa faculta a inserção de tal agente em um campo discursivo, diante de e em relação a outros agentes, a depender de seus respectivos *ratings*.

Valendo-se dessas ferramentas teóricas, retomar o trecho do diário de campo reproduzido acima permite entender que o *rating* de 1900 de Nelson o autoriza implicitamente – diante de uma situação de jogo contra um adversário criança e de *rating* 1700 – a lembrar de suas estatísticas de vitórias sem melindres. Assim, suspendemos por ora na nossa análise a noção de performance – neste caso, o *rating* – como taxa de rendimento, para defini-la como uma norma ou uma expressão performativa cuja consequência é a produção de performatividades esportivas que têm valor contextual. Os casos mais emblemáticos de tais performatividades talvez sejam aqueles dos agentes portadores de algum título vitalício de Mestre. Como já relatei em outra seção, a federação internacional concede quatro títulos mistos, apresentados em ordem crescente de relevância, os quais são concedidos quando o enxadrista atinge determinado *rating*, além de ter cumprido outros requisitos: CM, MF, MI e GM. Além desses, são concedidos também os títulos femininos: WCM, WMF, WMI.

No período em que permaneci em campo, conheci e conversei com alguns mestres. No clube ao qual me associei, conheci o Mestre FIDE José, jogador de 67 anos, de cabelos brancos e fala baixa. Ele é um dos fundadores do clube em questão e o único detentor daquele título na instituição. Antes que eu o conhecesse pessoalmente, seu nome já havia sido citado em minha presença algumas vezes durante conversas informais com outros enxadristas. Na maioria dessas vezes o seu nome vinha precedido pelo referente “mestre”, um detalhe que percebi depois de conhecer os demais detentores do título. O dia em que finalmente o conheci pessoalmente foi determinante para entender o “peso” do título naquele ambiente. A ocasião foi o primeiro torneio amistoso presencial no clube depois do vírus da COVID-19, no ano de 2021, em um dos momentos de afrouxamento das respectivas medidas sanitárias de contenção.

Para dar conta da vontade incessante dos enxadristas em analisar as partidas jogadas no torneio, o diretor da prova disponibilizou uma mesa com tabuleiro e peças do lado de fora da sala do clube. Esta ficou posicionada no hall de entrada que era caminho para as salas daquele espaço. Eu estava inscrita, mas as minhas partidas aconteceriam apenas no sábado seguinte. Dessa vez, eu fui apenas observar e interagir com todos. A segunda rodada já estava em curso, com algumas partidas finalizadas. Havia jogadores, próximo ao tabuleiro de análise conversando e outros fumando na parte aberta ali próximo às escadas. Lúcio me chama para lembrarmos o “Método Supi”, cujo ensinamento havia sido dado em um dos estudos do grupo feminino/infantil que acontece nos sábados de manhã. Cláudio e os demais observam e comentam. De repente, Cláudio levanta-se da cadeira anunciando: “o mestre chegou” e vai ao encontro de José que subia as escadas. Em seguida, Lúcio também se levanta. Aos poucos os presentes aglomeram-se em torno do mestre. Cláudio, como atual presidente, tomou para si a responsabilidade de apresentá-lo aos novatos, sendo eu, um deles. Feita a recepção e depois de algumas palavras trocadas, José se aproxima do tabuleiro e coloca as peças em uma determinada posição. Os jogadores se aproximam para aprender com o mestre (Diário de campo, 11/09/2021).

Com mais de 50 anos de experiência como jogador, durante a pesquisa de campo, não o vi jogando nenhum torneio amistoso ou oficial. No entanto, Mestre José se mantém ativo no campo esportivo participando de uma forma muito específica. Ele é o único promotor de uma atividade considerada “tradicional”, chamada “Lance do Mestre”, que, de tão conhecida, deu origem à publicação de um livro homônimo. Essa publicação tem o levado aos principais torneios locais para a divulgação. José – segundo conta nas primeiras páginas da obra – conheceu essa atividade enxadrística nos anos 1970, com um colega jogador que também se mudava de Brasília para Niterói. Esse conhecido o relatava com entusiasmo que a prática em questão “atraía muito a atenção dos jogadores na capital federal” (FERNANDES, 2021, p. 7).

O Lance do Mestre consiste em uma espécie de competição entre os jogadores que acompanham os comentários em torno de uma partida. Analisar e comentar partidas históricas de Grandes Mestres de xadrez é uma tradição entre os enxadristas, como já dito. A diferença dessa atividade é que em determinado momento o condutor interrompe os comentários e indaga aos participantes “qual é o lance do mestre nessa posição?”. Esses, por sua vez, dispõem de alguns minutos para a resolução da questão. Os participantes que acertam o lance ganham a pontuação máxima. O trabalho do Mestre José consiste não apenas em conduzir a atividade, ele dedica um tempo para selecionar as partidas que serão analisadas, avalia por que motivo determinado lance é considerado o “lance do mestre”, bem como elege os lances secundários que, embora não tão precisos quanto o do gabarito, poderiam ser considerados bons lances, passíveis de pontuações menores dentro da atividade. Em entrevista, José contou que para fazer esse trabalho ele se vale de softwares de análise, porém, embora esses indiquem por meio de pontuação se o jogo está melhor ou pior para uma das partes, é a experiência de jogador que o permite interpretar a posição.

O que que acontece. A “*engine*” te dá um número lá: 1,26 pras brancas. Aí você vai tentar traduzir em ideia aquilo que a máquina indicou pra gente. Expressar em palavras aquilo que a máquina deu em números, entendeu? E é a nossa experiência no xadrez que ajuda nesse embate. A gente tem que tentar traduzir o que a máquina quer dizer pra gente. Agora, quando a máquina diz alguma coisa e a gente quer dizer outra, a gente não segue a máquina não. E a gente não usa a máquina o tempo todo, é só em algumas situações mais críticas para a gente não se afastar muito do nosso universo, né (Entrevista com José).

Esse breve relato sobre o papel de José dentro do clube mostra que não é apenas a experiência como enxadrista que o possibilita confeccionar o livro, ou promover uma atividade de estudo tão tradicional. É principalmente o fato de que sua carreira até ali o propiciou alcançar uma performance (um desempenho) que se materializa no título vitalício de mestre. O que faz

com que sua performatividade atualmente esteja menos relacionada a participação ativa nos torneios e mais com a do papel de promotor do próprio campo enxadrístico.

Uma outra situação que presenciei trouxe ainda mais material para que colocasse esses pontos sob foco de análise. Eu já estava prestes a sair de campo, quando me inscrevi para jogar o último torneio FIDE que aconteceria no ano de 2022, no estado do Rio. Nessa ocasião, após terminar a terceira rodada com uma derrota, estava entrevistando aquele que foi meu adversário da partida, Vinicius. Quando o Mestre Nacional Roberto deixou a sala de jogos e permaneceu fumando próximo ao local onde eu e meu entrevistado da vez conversávamos. Um senhor na faixa dos 60 anos de idade, que também jogava o torneio, filiado a um clube da cidade do Rio, Roberto fez alguns comentários sobre o assunto que estávamos discutindo. Até que contou a seguinte história:

Mestre Nacional Roberto — Eu tava jogando um torneio em Cuiabá. E aí o menino contra quem eu ia jogar veio pra mim e disse “escuta, eu estava precisando de meio ponto para ganhar o título de mestre nacional” — era uma Alekhine⁵⁸ complicada e eu pensei assim, se eu empato com o moleque para ele ganhar o meio ponto dele...

Vinicius — Você perde *rating*.

Mestre Nacional Roberto — Perde *rating*? Que se foda o *rating*! Não tô nem aí pra *rating*, eu taria era atrapalhando a vida dele. Se eu falo sim, ele tá aprendendo a ser desonesto desde cedo. Aí eu fiquei “o que que eu faço?”. Aí tinha um peão dele que tava defendido, peguei meu cavalo e tomei o peão dele. E falei assim “agora é por sua conta”. Eu literalmente dei a peça pra ele! Daí pra frente ele começou a fazer tanta asneira. Eu dei um amasso no menino, dei mesmo! Ah, vai pro inferno! (risos de todos). Depois eu falei com a tia dele que tinha levado ele no torneio. Falei pra ela “diz pra ele não fazer isso não, ele vai ganhar esse título logo, ele tem talento e joga bem, mas não pode ser assim, não pode ser assim.” Não sei se fiz certo ou se não fiz, mas ele não aproveitou o cavalo.

Lembro-me de ficar com essa história ecoando na minha mente por muito tempo. Pois, como pude interpretar depois à luz dos conceitos trabalhados aqui, nela estava contida duas performatividades completamente distintas dos enxadristas, frente a importância do *rating*. O que, conseqüentemente, dizia muito sobre aqueles jogadores. De um lado, como alguém que já é portador de um título vitalício, a preocupação de Roberto não era perseguir o aumento do seu *rating*. Sentiu-se, isso sim, na obrigação de prover algum ensinamento ao jovem enxadrista, ainda que de tal modo lhe custasse jogar uma partida com um cavalo a menos em um campeonato oficial. Esse jovem que buscava o título de Mestre Nacional, inclusive, valeu-se de

⁵⁸ Roberto se refere aqui ao padrão de lances que caracterizam a defesa Alekhine, representada pelo primeiro lance das brancas e4, seguido do lance das negras Cf6.

uma postura considerada “antiética” naquele ambiente, de pedir o empate⁵⁹ quando as peças sobre o tabuleiro mostram que ainda há jogo possível.

Mas deixemos então de lado as performatividades dos mestres, para entender um pouco melhor aquela dos jogadores sem títulos. Como vimos no caso acima, o *rating* pode ser lido como um “ideal regulatório”. Por um lado, porque ele é explicitamente perseguido como uma meta a ser atingida, por outro, porque regula e institui os atos, os gestos e as falas naquele contexto do xadrez.

Pô, o nosso querido homenageado aí, o Gilberto Lima. Tem uma partida que tava totalmente empatada, eu e ele. Ele chegou e me ofereceu empate duas vezes, eu falei “Gilberto Lima, eu não posso empatar com você”, aí ele “por que?”. Eu disse “por que o meu *rating* é maior que o seu”. Aí ele “mas tá empatado”, eu disse “não importa, eu não posso empatar”. Aí ele foi e perdeu (Entrevista com Jorge).

Um dado curioso a ser registrado também, diz respeito à ausência do *rating* oficial. Com tudo o que foi dito até o momento, os jogadores que jogam os primeiros torneios, os chamados “*unrated*”, tradicionalmente são vistos como ainda destituídos de lugar ou de posição no campo. Essa interpretação tem fundamento, por exemplo, no exame de falas como as de Nelson, que conversava com um outro jogador no intervalo entre as rodadas do Torneio Estadual do Interior, ocorrido em 2022. Disse ele: “Quando eu pego um cara que não tem *rating*, eu não quero nem saber, eu jogo como se fosse *blitz*. E isso é bom, inclusive pro cara”. Embora esse seja um pensamento que reverbera naquele espaço, o período de interrupção dos torneios, em razão da pandemia da COVID-19, teve um impacto na atribuição dos *ratings*, o que gerou uma certa confusão no estatuto de identidade que o *rating* poderia conferir aos jogadores. Conforme consta no estatuto da FEXERJ (2014), o *rating* tem validade de dois anos, ou seja, caso ele não seja “movimentado” nesse tempo, o enxadrista zera novamente sua pontuação.

Ademais, o notável crescimento de interesse pelo xadrez durante o período de isolamento físico, refletido na procura por afiliações aos clubes, levou muitos novatos a se inscreverem em torneios no período subsequente à pandemia. A título de exemplo, posso citar o Campeonato Estadual por Classes que em 2021 teve 41 jogadores *unrated*, contra 14 no ano de 2018. No torneio FIDE aberto da cidade, o mesmo cenário aconteceu. Se em 2019, na primeira edição do evento, havia 6 jogadores *unrated*, na edição de 2022 eram 23. Fui atentar para esses números justamente porque circulando pelos torneios ouvi comentários como: “a molecada sem *rating* está impossível! Tem muito menino forte jogando”. Ou ainda: “é

⁵⁹ Retornarei a esse ponto no último capítulo.

impressionante como tem muita gente com *rating* falso! Tem uma galera do interior do estado que ninguém ouviu falar, que fica entocada em casa estudando online e aí vem para esses torneios fortes bater na gente.” Além das conversas que aconteceram nos grupos de *Whatsapp*, reproduzidas a seguir:

Membro 1 — Estou torcendo pelo [clube]! Acredito que os jogadores do clube representarão [a cidade] muito bem!

Membro 2 — Sim. Não falo disto. Vc esta certo e tb [sic] acho que representarão. Só não posso dizer que seja o favorito.

Membro 3 — As categorias C e B vão estar muito duras. O pessoal tá há dois anos com *rating* represado. Cara, que começou a mexer as peças em março de 2020 já pode ser um B forte e nem ter *rating* ainda.

Membro 4 — Estava pensando nisso tbm [sic].

Membro 5 – Verdade! acredito que desde o início da pandemia o nível do xadrez só tem aumentado. Inúmeros jogadores devem ter majorado 300 ou 400 pontos de *rating* devido a prática constante com o xadrez online!

Outro aspecto deve ser frisado acerca da interpretação do *rating* como norma ou ideal regulatório. Para seguirmos com a análise nos termos de Butler, precisaremos lembrar que toda norma é social e historicamente constituída, o que significa dizer que as normas não estão imunes às performatividades e por elas também são afetadas.

Como descrito em capítulo anterior, na história do campo esportivo enxadrístico, uma alteração impactou diretamente a relação dos enxadristas com seu *rating*. De acordo com as entrevistas e os relatos em blogs de jogadores antigos, obter um *rating* FIDE era um empreendimento de extrema dificuldade. Na década de 1980, apenas jogadores com força de 2200 pontos poderiam ter um *rating* FIDE. Atualmente, qualquer jogador interessado em federar-se pode efetuar o pagamento da taxa anual e ter sua pontuação registrada, para ser contabilizada no sistema de ranqueamento global da federação. Essa iniciativa não apenas contribuiu para a própria popularização do xadrez competitivo, ela também proveu recursos financeiros significativos para a manutenção do esporte. Além do fato de que o sistema Elo internacional é considerado pelos jogadores mais confiável e transparente do que o estadual.

Tais mudanças no funcionamento da norma certamente incidiram no próprio modo como os jogadores interagiam entre si e com o *rating*. Assim, é possível depreender que os agentes naquele campo eventualmente modificaram sua relação com o ideal regulatório, em suas diferentes constituições ao longo do tempo e dos espaços sócio históricos.

3.7.1 Dos mestres às “capivaras”

No tópico acima, argumentei como a concessão do *rating* aos enxadristas, federados ou não, converte-se em um dispositivo autorizativo que contextualmente produz o que tenho chamado aqui de performatividades esportivas. Mostrei como o atributo do título vitalício de mestre, uma espécie de norma diferenciada ainda mais valorizada do que o *rating*, posiciona o agente dele portador em um outro campo de discursos possíveis naquele espaço social. Um campo distinto ao ocupado por aqueles que seguem atrás da valorização pessoal, por via do *rating*.

Agora quero chamar a atenção para uma outra categoria nativa que, embora não tenha uma associação direta com a métrica do *rating*, integra essa mesma dinâmica de organização do grupo: o referente “capivara”. Recorrer à etimologia da palavra ajudaria pouco se quiséssemos entender como o termo se associa ao xadrez. Um caminho mais adequado de investigação, mas que não resultará em qualquer resultado, é a suspeita de que haja uma associação das características do animal àquelas dos jogadores de xadrez. Uma investigação histórica, por sua vez, tampouco seria elucidativa, ainda que digna de nota. Pelo que alguns interlocutores contaram, tudo indica que no início do século XX havia um elixir vendido em farmácias denominado “Capivarol”. Uma descrição desse medicamento consta em edições de 1922 do Jornal Diário de São Luiz (1922), o óleo de capivara era destinado à cura da tuberculose e demais moléstias pulmonares. Aparentemente, junto com o produto era vendido um almanaque de jogos, no qual vinham problemas táticos de xadrez. Segundo os interlocutores, esses eram problemas muito simples que qualquer enxadrista iniciante teria capacidade de resolver, daí decorre o sentido de que ser “capivara” significa ser um jogador fraco.

O termo, ouvido com relativa frequência nos clubes e nos torneios, costuma ser mobilizado em referência a outrem ou a si próprio. Tem-se, contudo, algumas nuances de significado que precisam ser exploradas. Durante a sistematização dos dados, percebi que esse primeiro nível de significação aparecia assim definido sobretudo em situações de entrevistas. Como uma entrevistada colocou, quando questionada sobre o significado do jargão:

No caso, o capivara é aquele que joga mal, aquele que não treina, aquele que erra muito os lances, entrega peças, leva uns mates muito feios, tipo aquele mate do pastor lá no cantinho de bispo e dama, aquelas coisas feias de se vê, aquelas coisas que todo mundo ri, mas todo mundo já passou por isso.

Um outro entrevistado que respondera a mesma pergunta soltou uma expressão clássica no meio: “capivara é aquele que diz “perdi”, mas tava ganho”. Logo, se nos restringíssemos à definição que trazem esses interlocutores, como poderíamos justificar a popularidade do termo? Visto que o ambiente do clube é composto por jogadores de todas as Classes (A, B e C), e muitos deles dificilmente possam ser enquadrados na categoria dos que não treinam, ou dos que levam xeque-mates considerados feios⁶⁰.

Tal indagação me fez refletir acerca dos dados sobre esse tópico, estabelecendo ao menos três campos de significados que o termo “capivara” abarca. O primeiro deles é o que eu chamaria de sentido integrativo e jocoso. Recordo-me da primeira vez que o termo foi direcionado a minha pessoa, o que me remeteu a esse sentido. Era um dia de torneio presencial em 2021. Devido às medidas de isolamento, a interação com Roberto e Cláudio tinha sido majoritariamente na modalidade virtual. Eu subi as escadas do Clube Português que dão acesso ao NXN. Ao chegar na antessala, na qual se distribuem as demais salas, estavam Cláudio e Roberto jogando em uma mesa posta provisoriamente no local. No que fui recebida por Roberto com um caloroso “olha a capivara aí!”. Penso que essa expressão somente foi proferida naquela ocasião em razão do intenso diálogo que eu construía junto aos dois nas semanas anteriores.

Nesse mesmo dia, conheci o Mestre FIDE do clube. Cláudio me apresentou a ele, informando que eu estava escrevendo uma “tese sobre xadrez”. Em seguida, fez o seguinte comentário em tom de brincadeira: “ela tá fazendo primeiro entrevista com os capivaras, depois vai fazer com os mestres”. As piadas com o termo acontecem entre os jogadores em diferentes contextos de brincadeira e zoação. Na ocasião de um Torneio Estadual Absoluto, antes do início da segunda rodada, um grupo de enxadristas do clube conversava sobre suas respectivas partidas. Um deles havia dito “eu só fiz capivarada na partida”. Um outro participante retrucou, tirando risos dos demais integrantes “tu já chegou capivarando porque tu veio de camisa regata”.

Essa situação etnográfica introduz mais um sentido do uso do termo, isto é, sua forma verbal. “Capivara”, em vez de ser um estado, pode ser uma ação considerada rebaixada, inferior, no tabuleiro ou – como no caso acima – fora dele. Cometer “capivaradas” é algo ao qual todo

⁶⁰ O xeque-mate feio pode ser interpretado como aquele que não demanda esforço cognitivo, nem estratégico, por parte de quem o efetuou. Tende a acontecer quando há uma desigualdade grande entre os níveis de jogo dos adversários ou mesmo diante de uma desatenção por parte daquele que o leva, quando em situações de jogadores do mesmo nível.

enxadrista está suscetível, não importando o valor do *rating* ou se tem titulação: “eu capivarei naquela partida”, “ando capivarando muito”.

O último, mas não menos importante sentido, é o da frequente autodenominação como uma “capivara”. Se é difícil encontrar um jogador que chame seu par de “capivara” fora do contexto de zoação, o que é fácil de se ver é a aplicação do termo a si mesmo. E nesse ponto, mais uma vez, a definição apresentada pela entrevistada cuja fala trouxe acima, mostra-se restrita ao uso que lhe é dado no dia a dia do clube. Atribuir a si mesmo a identidade de capivara é uma prática comum entre os jogadores que acompanhei, sobretudo, se alguma fala elogiosa em relação a determinado jogador antecede ela. Nesse sentido, o *rating* se torna um dispositivo de pouca ou praticamente nenhuma relevância, pois, dos mestres aos enxadristas classe C, autodenominar-se capivara é uma forma jocosa de atualizar um traço de caráter valorizado naquele ambiente: a humildade. Retornarei a esse ponto no capítulo em que abordo o tema das emoções.

3.8 A recepção dos novatos

A partir das respostas coletadas por meio do formulário eletrônico, cujo objetivo era traçar o perfil dos enxadristas do NXN, finalizei o capítulo dois afirmando que nenhum daqueles que responderam ao questionário sinalizou ter aprendido a modalidade no clube. Eu tenderia agora a ser mais categórica e dizer que todos os sócios entraram para o clube com algum nível de conhecimento técnico e estratégico do xadrez, não obstante o ensino seja um dos propósitos que constam no estatuto do clube (NXN, 2016).

Complemento esse dado objetivo, com uma noção produzida no dia a dia em campo: a de que não basta um conhecimento sobre o jogo, mais importante é ter tido alguma trajetória de vitórias em partidas jogadas fora do ambiente do clube. Essa parece ser uma condição um tanto quanto comum entre os integrantes que buscam se associar ao NXN. Dentre as histórias que ouvi sobre o início da carreira de enxadrista, uma delas parece sintetizar tal interpretação:

[...] e tem uma coisa engraçada no xadrez, que é quando a gente recebe alguém novo [no clube] geralmente esse alguém novo acha que é Grande Mestre. Aí ele chega no clube e acha que vai ganhar de todo mundo porque ele ganha dos amigos dele. Então eu estava nessa fase. Então eu entrei lá no clube de xadrez... isso que eu joguei em 2004 e eu ganhava de todo mundo de fato. E eu lembro que eu entrei no clube de xadrez e falei “ah, provavelmente é moleza ganhar desse pessoal né?”. Sempre ganho de todo mundo. Eu não ganhei uma partida! Eu fiquei quatro horas jogando, falei às aulas lá... e só perdi! (Entrevista com Bernardo).

Como contraponto a essa percepção, entre os que não são jogadores de clube mas praticam ocasionalmente a modalidade, existe uma imagem de que o clube de xadrez (ao menos no contexto da cidade em que pesquisei) é um ambiente de alta competitividade, no qual se concentram os melhores jogadores. Tive a oportunidade de conhecer um jogador com esse perfil. Certa vez em 2022, na fila do restaurante universitário do campus do Gragoatá da Universidade Federal Fluminense (UFF), ouvi um estudante chamado Tiago que conversava com uma outra estudante dizendo que ele costumava frequentar o pilotis do Bloco O para jogar xadrez. Antes mesmo de avaliar se valia a pena entrar na conversa, sem pensar muito, tomei parte nela e perguntei ao jovem em que horários aconteciam esses encontros, pois eu estava interessada em ir jogar também. Ele disse que não tinha horário marcado, mas que sempre tinha alguém naquela área com um tabuleiro e peças aguardando um adversário; o relógio era um equipamento dispensável naquele ambiente, segundo Tiago. Conto-me que aparece gente de todo tipo, frequentemente alunos, mas professores e eventualmente funcionários também para jogar. Questionei se Tiago – que vim a saber ser estudante de Administração – jogava em algum clube. Sua resposta foi negativa, seguida do seguinte comentário:

Não tenho coragem não, preciso estudar mais antes de ir em um [clube], eu sei que os caras dos clubes jogam muito. Uma vez apareceu um cara lá no Bloco O para jogar com a gente, com estilo de motoqueiro, de óculos escuro e que era de algum clube desses aí. O cara bateu em todo mundo e depois foi embora.

Assim, se por um lado podem ir ao clube jogadores com a crença de que vencerão os que ali frequentam. Por outro, há interessados que, sabendo que irão encontrar “os melhores” ali, visitam o espaço pela primeira vez demonstrando uma postura demasiadamente modesta e, não raro, pedindo desculpas pelo pouco conhecimento que possuem sobre o assunto.

O estudo de hoje foi ministrado por Celso. O tema era final de bispos (...). Celso explicava os aspectos que teríamos que considerar naquela posição, enquanto isso os participantes montavam a posição referenciada nos tabuleiros das mesas. Chegou atrasado e sentou-se na mesa em que eu estava um senhor chamado Vinicius, cujas feições eu não lembrava de ter visto antes. Depois eu vim a saber que de fato se tratava de alguém que estava indo conhecer o clube. Buscando alguma interação, depois de Celso ter terminado a explicação, solicitando na sequência que pensássemos uma variante de lances, falei para Vinicius “vai, brancas jogam. Que movimento você faria?”. E ele com a voz baixa em um tom quase confessional me disse “eu sou iniciante, eu não sei”. Repliquei “vai tenta, eu também sou” (Diário de campo 10/02/2022).

As escusas aparecem, a meu ver, como um senso subjetivo de lugar (CLARK, 1997), isto é, uma posição assumida de alguém que veio para aprender com aqueles que sabem. Ainda

que o conhecimento daquele que chega seja de nível similar ou superior aos dos frequentadores antigos. Para exemplificar essa situação, lanço mão de outra situação de campo pela qual passei.

Na última terça, na aula com Mestre Nacional Jorge, inicialmente apenas eu me fiz presente. Eu propus que fizéssemos a análise da partida da vez um pouco mais devagar para que eu conseguisse acompanhar, pois tudo aquilo ainda era muito difícil para mim e sempre senti que as aulas com o Mestre Jorge eram mais aceleradas do que eu conseguia acompanhar. Mas nada disso importa. O importante nesse dia foi a chegada não anunciada de um “novato”, Tadeu, por volta das 18h40. Sublinho novato, porque, embora Tadeu estivesse presente no sábado anterior em torneio de *blitz*, segundo contou, aquela terça-feira era sua primeira participação em um dia de estudo. Chegou demonstrando empolgação para a aula com o mestre. Entre a análise de um lance e outro da partida (notei que Tadeu era muito mais capaz do que eu de tecer comentários ou juízos sobre as posições da partida), Tadeu perguntava a Jorge sobre os títulos e jogos do mestre. Ele parecia um tanto deslumbrado em ter aula com alguém importante do universo do xadrez. A cada título mencionado por Jorge, o jovem Tadeu exclamava “caraca, nossa”, “Esse cara é foda!”. Até que em um determinado momento, para minha surpresa Jorge disse apontando para mim “e essa aqui é campeã feminina niteroiense! Depois que terminar a análise, você joga contra ela”. O jovem Tadeu disse em seguida “ih, vou perder, sou muito ruim”. Naquele momento me senti ligeiramente desconfortável, pois a desenvoltura que Tadeu ia demonstrando ter com o xadrez ao longo da aula estava muito além da minha capacidade. Quando terminamos a análise e começamos a arrumar as peças para jogar, Tadeu tornou a repetir que era ruim e que iria perder. Bom, não preciso nem dizer que quem perdeu todas partidas de *blitz* que jogamos fui eu (Diário de campo, 05/07/2022).

A modéstia em demasia, combinada com algum conhecimento do xadrez, torna o ingresso do novato no interior das relações do clube mais suave. Os que não se apresentam dessa forma podem ser taxados pelos mais experientes como arrogantes. Como certa vez me relatou Paulo em conversa, “os arrogantes não voltam”. Presenciei várias ocasiões em que o novato era convidado por um dos membros da diretoria a jogar uma partida de *blitz*. Não sendo poucas as vezes em que o iniciante recusava o convite por se sentir inferior ao jogador que lhe fez a proposta, justificando que apenas veio para “conhecer o clube”. A maioria deles, contudo, arrisca-se a jogar, ainda que não sem uma dose de apreensão.

Bernardo foi um dos novatos que passou por isso. Ele, que tem em torno de 30 anos, foi ao clube por indicação de um conhecido no dia em que acontecia um torneio amistoso pensado. Na sua visão, era importante integrar um clube para evoluir no esporte. Em outras palavras, não apenas jogar e estudar em casa, mas estar inserido em um ambiente com pessoas que têm as mesmas aspirações que ele: “não adianta eu ficar aqui lendo teoria, vendo vídeo no Youtube, que eu não vou melhorar, né?”. Na ocasião da sua visita (cujo objetivo inicial tinha sido “ver como era”), o torneio já estava praticamente no fim e um dos organizadores o convidou para uma partida *blitz* de 3 min + 2s. Bernardo contou que “tremia igual vara verde”. Primeiro.

porque nunca antes havia jogado xadrez utilizando o relógio. Segundo, porque mesmo sem conhecer Nelson, aquela postura convidativa dele demonstrava que era um jogador experiente e que sabia o que estava fazendo.

Fiquei nervoso, fiquei vermelho, porque eu sou muito branco, fiquei tremendo, naquela tensão. Aí tentei aplicar um pouquinho de teoria de abertura que eu sabia né, quando percebi que eu fiz um movimento ali que já não era o melhor, eu fiquei emburrado, chateado. Eu expressei ali, fiz tipo um "ahh" [movimentando as mãos para cima] né, assim, mas fui até o final, até o momento que eu achei que tinha algum sentido ir (Entrevista com Bernardo).

Bernardo contou ainda que após a partida seu adversário o mostrou porque determinados lances que ele fez eram considerados ruins, apontando outros mais interessantes, o que na visão do novato foi uma iniciativa positiva do jogador. Depois desse jogo contra Nelson, Bernardo relatou que jogou contra outros integrantes presentes no dia e que mesmo tendo perdido a maioria das partidas, com o tempo os jogos ficaram um pouco mais descontraídos e aquela tensão inicial foi se desfazendo. Ele passou a comparecer com certa regularidade aos estudos de quinta – discutidos na seção seguinte –, e se familiarizou logo com os jogos de *blitz*. Vindo, assim, não só a entender sobre o seu próprio nível de jogo e no que deveria melhorar, mas sobre como funciona a dinâmica do clube. Tive também a oportunidade de ouvir o outro lado da história, de Nelson, sobre esse aspecto de recepção do iniciante.

Nelson, na época, era um dos membros da diretoria que partilhava da concepção de que é função do clube integrar o sujeito que vem conhecer o local, chamando-os para jogar nessas situações. Em contrapartida, relatou a dificuldade que eventualmente encontra quando alguns jogadores chegam com uma certa resistência de ver as próprias fraquezas:

Aí você chama o cara pra jogar e fala “senta aí”. E aí já parece que você [o cara que chamou para jogar] é GM. Aí beleza, você vê como o cara joga, vê os erros dele, aí você comenta com o cara, mas ele acha que você quer ensinar ele. Aí, eu falava “não, quero te dar aula não, só quero te mostrar que você tem que galgar algumas etapas para depois chegar no nível mais avançado. E o clube é clube (Entrevista com Nelson).

Se a experiência de Bernardo mostra que o momento de solidariedade com os novatos pode ser visto por esse segmento como positivo, o último trecho de Nelson agrega como, na perspectiva de quem já está inserido, é grande a possibilidade de topar com certa resistência a

tal troca no ambiente do clube⁶¹. Logo, para Nelson, a melhor forma de equilibrar essa disparidade de forças e incluir o jogador novato é justamente a promoção de torneios amistosos.

Quando você faz o torneio, você obriga que todo mundo jogue o mesmo número de partidas, independente do adversário. Então forçosamente eu vou ter que jogar com todo mundo e você vai ter que jogar com todo mundo. Eu sou partidário dessa ideia, eu forço para que tenha, pelo menos enquanto eu estiver aqui. É importante que tenha os torneios amistosos, mais para quem tá chegando. Para quem já tá aqui pouco importa. Todo mundo jogou, todo mundo se sentiu bem, ninguém se sentiu excluído, entendeu? Esse é o objetivo (Entrevista com Nelson).

O presidente do clube compartilhou comigo na época que a forma de recepção dos novos jogadores sempre foi uma questão delicada e complexa. Em sua visão como dirigente, ele acredita ser fundamental que o clube dedique esforços e atenção a essa questão, com o objetivo de criar um ambiente acolhedor. Ao fazer isso, o clube seria capaz de atrair um número crescente de integrantes, permitindo que mais pessoas se envolvam e se sintam parte da comunidade. Essa abordagem inclusiva, segundo o presidente, seria crucial para impulsionar a equipe e, conseqüentemente, a quantidade de jogadores disputando os torneios.

Como Cláudio me contou certa vez, com tom de crítica, em sua origem o clube foi formado “pelos amigos e para os amigos”. Quer dizer, por e para pessoas que já tinham experiência com o xadrez e o seu universo competitivo; pessoas que já haviam participado de outros clubes e que não tinham nenhuma preocupação em promover uma expansão do mesmo, apenas iam ali para “mostrar e fazer o seu jogo”. Do início dos anos 2000 para cá, o perfil do jogador se altera e “o clube precisa se modificar”. Durante a sua gestão, notei Cláudio empenhado em se fazer presente sempre que alguém marcava de conhecer o clube, mesmo que ele não tivesse se programado para ir no dia até lá. A pessoa interessada era apresentada às pessoas e às atividades do clube e jogavam-se partidas.

Tive a oportunidade de conversar com integrantes que conheceram o clube antes que a gestão tivesse essa preocupação. Um deles era o Paulo, um senhor na faixa dos 50 anos que entrou para o clube de xadrez da cidade em 2017. Segue o trecho da entrevista em que conversamos sobre o assunto:

Amanda — E a recepção, foi boa?

Paulo — Foi, foi ótima [comentário irônico]. Eu cheguei aqui e estava o Cláudio e mais duas pessoas jogando. E aí eu falei “oi, boa tarde.”. “Oi, boa tarde” [reproduzindo as pessoas respondendo] (Corporalmente, Paulo fez um movimento imitando as

⁶¹ É digno de nota que, conforme indica Verónica Moreira (2019) em sua etnografia com boxeadores, a solidariedade dos mais experientes para com os iniciantes é central no processo de aprendizagem da luta.

peças, não sabia nem o que estava fazendo).

Parecia que não tinha chegado ninguém. Os três entretidos ali com aquele troço, mal olharam para mim. Uma vez eu tinha ido ao clube Guanabara e era mais ou menos assim. As pessoas jogando, não querem saber de você. O pessoal é bacana, mas são muito aficionados pelo xadrez e esquecem da questão do clube. Então foi assim, mas depois fluiu.

Amanda — E como foi a experiência? Você chegou a jogar nessa vez?

Paulo — Sim, perdi, na verdade, não conseguia nem jogar. Porque era *blitz* 3+2 e eu nunca tinha jogado. Então eu só mexia as peças, não sabia nem o que estava fazendo.

A recepção dos novatos foi tema de uma conversa entre os membros da diretoria, durante um churrasco de confraternização que aconteceu no final do ano de 2022. Nessa ocasião, estavam presentes as várias gerações de integrantes da diretoria do clube. Muitos jogadores mais antigos não frequentam mais o clube para jogar, mas ainda mantém os vínculos de fraternidade com os demais. Claudio, Nelson, Roberto e eu tínhamos acabado de almoçar e estávamos conversando em uma das mesas espalhadas entre as churrasqueiras do clube. Flávio, um sócio de longa data, mas que dificilmente aparece nas dependências do NXN atualmente e com quem eu nunca tinha conversado, mas cuja fisionomia não me era completamente estranha, puxou uma cadeira para sentar-se junto a nós. Cláudio o apresenta a mim dizendo:

Amanda, esse é o Flávio. Ele é a pessoa que me fez permanecer no NXN. Ele que me ensinou que a gente tem que receber bem as pessoas que aparecem no clube. Quando eu cheguei me recebeu super bem, jogou comigo.

A partir daí iniciamos uma conversa sobre o assunto da recepção. Cláudio frisou que a maioria dos novatos que chegam no clube “se sentem intimidados”, comentando que “Aí, eles olham para quem tá lá jogando, um zoando o outro durante o jogo, o cara acha que a gente vai zoar ele também. A gente não vai zoar ele”. No que Nelson complementou:

Pois é, mas a gente tem que diminuir isso quando esses caras vão, para não acharem que é assim sempre. Mas também tem aqueles que o cara senta pra jogar e de repente fica bem na partida e já quer fazer uma brincadeira também. Aí tem que colocar o cara no lugar.

3.9 Os estudos de quinta-feira: momento de produção do *habitus*

Quando as medidas sanitárias de combate à pandemia arrefeceram momentaneamente em 2021, foi divulgado no grupo de *Whatsapp* dos sócios o “treinamento de base” do clube que aconteceria sempre às quintas-feiras, a partir das 18h. Segundo a mensagem, o objetivo do

estudo seria melhorar a qualidade do jogo de enxadristas classe C, todavia o treinamento fosse aberto a todos os sócios interessados. Todo início de semana é divulgado entre os associados no aplicativo de mensagens o tema do estudo a ser ministrado. Os membros da diretoria se revezam semanalmente para ministrar essa atividade.

Os temas variam desde estudos de “golpes táticos”⁶², passando por análises de partidas, variantes de aberturas, finais temáticos, estudos de meio jogo, etc. Frequentei por um tempo esses estudos, até pelo menos o momento em que escrevo essas linhas. Eles seguem acontecendo semanalmente com programadas interrupções para recesso. Em que pese a regularidade dessa atividade como parte da programação de funcionamento do clube, a quantidade de participantes pode ser considerada baixa se comparada ao total de associados que o clube dispõe. Nos dias em que estive presente, o número de sócios variou entre cinco e dez participantes.

Em uma primeira vista, o formato desses estudos poderia lembrar o contexto pedagógico escolar tradicional, no qual há um professor detentor do conhecimento teórico de um lado e do outro os estudantes, cuja função é receber essas informações transmitidas oralmente. Entretanto, em um outro nível de análise, os dados do campo corroboram para constatar uma espécie de inculcação de um saber prático acerca de um conjunto de códigos comuns aos enxadristas. Em outras palavras, se talvez seja difícil negar que o jogo de xadrez pressupõe um conjunto de conhecimentos teóricos demandantes de reflexão, há uma outra dimensão da formação do enxadrista do clube que está para além desses aspectos. Uma que envolve a educação dos sentidos.

Em uma das vezes que me fiz presente no estudo, o tema a ser abordado na ocasião era “ataque iugoslavo contra siciliana com dragão avançado”. Para uma pessoa completamente leiga, essa expressão tem pouco a dizer. Para um jogador iniciado, porém, expressões como essa (abertura inglesa, gambito da dama, peão do rei, defesa siciliana, abertura bird, etc) identificam um conjunto de lances iniciais que resultam no posicionamento das peças, com suas respectivas características, no sentido de um meio e final de jogo determinado. Por exemplo, o termo Defesa Siciliana implica necessariamente o movimento de duas peças negras para casas específicas (2.c5 – 4.d6). Ilustrado a seguir.

⁶² Exercícios de tática, ou, golpes táticos, são situações que acontecem no meio jogo que pressupõem uma tomada de decisão de curto alcance. São problemas que acontecem com tanta frequência no jogo que podem ser estudados a partir de temas. Por exemplo, exercícios táticos de sacrifício de peça, de xeque-duplo, etc.

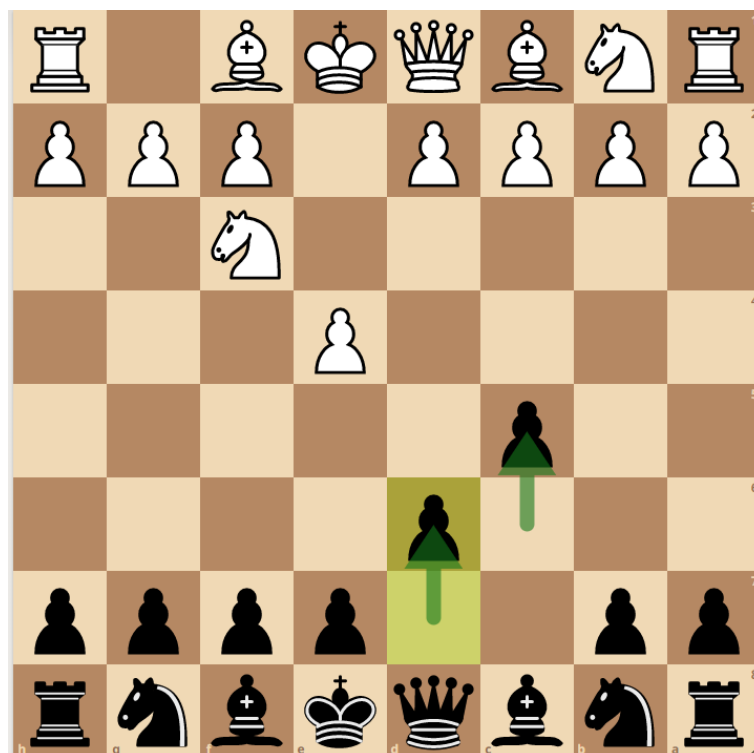


Figura 1 — Ilustração da defesa siciliana

Na época, tamanha era a minha incapacidade de associação entre essas expressões e os movimentos das peças que acompanhar esse estudo voltado para os muito iniciantes, como eu, tornava-se um processo relativamente inacessível. Aos poucos, fui entendendo que eu precisava empreender o desenvolvimento de uma certa compreensão espacial e visual do tabuleiro. Além da apreensão de um novo campo de significados que associam a nomenclatura das casas aos padrões das posições das peças, o que posteriormente se torna parte não só do linguajar jocoso dos jogadores (“é só jogar um f4 contra ele que ele treme”), como também domina os assuntos entre as rodadas de um torneio.

Nesse sentido, o primeiro aspecto que me chamou a atenção nos estudos de quinta é que a maioria dos enxadristas frequentadores, sobretudo os mais experientes, tinham esse conhecimento espaço-visual do tabuleiro incorporado. O que pressupõe uma reeducação do olhar, das faculdades visuais principalmente. Para esses, olhar para o tabuleiro com as peças em determinada posição e identificar rapidamente as ameaças, as fraquezas e as possibilidades de ataque pode ser considerado uma espécie de segunda natureza. É implantada uma mudança na estrutura visual, associada ao conhecimento incorporado segundo os valores relativos das peças.

Esse não foi um obstáculo vivenciado exclusivamente por mim. Em entrevista com um jogador que passou a frequentar o clube no início de 2022 é relatada a mesma dificuldade:

Eu tive uma boa impressão da primeira aula sim. Assim, eu fiquei um pouco em choque porque, se eu me lembro bem, o Cláudio tinha levado as partidas dele de um torneio que tinha acabado de acontecer, não lembro qual. E então a aula era analisar as partidas. Nesse estudo eu percebi o quanto eu tinha para aprender. Mesmo eu tendo estudado teoria pelo Youtube, quando eu vi o pessoal sugerindo lances, vi que meu primeiro obstáculo era a notação. Eu não tinha isso firme, “Cavalo casa tal toma bispo casa tal”. Eu pensei assim “cara, o pessoal tá vendo as coisas, os lances, com uma velocidade que eu não tô conseguindo acompanhar”. A primeira impressão desse dia foi isso, o *gap* que eu tinha para melhorar e que realmente eu percebi que estando nesse meio eu teria oportunidade de aprender muita coisa (Entrevista com Fernando).

A incorporação da notação algébrica do xadrez ao vocabulário corrente, como fala Fernando, é uma das condições mais importantes para o enxadrista do clube. A notação algébrica é um sistema de registro dos movimentos das peças realizados em uma partida. É o método padrão adotado pela FIDE, pela CBX e pelas federações estaduais e atualmente amplamente utilizado em livros. Nesse sistema, as colunas do tabuleiro são identificadas por letras minúsculas de "a" até "h" (da esquerda para a direita) e as linhas são numeradas de 1 a 8 (de baixo para cima).

Cada casa do tabuleiro é identificada pela combinação da letra da coluna com o número da linha, por exemplo, "e4" ou "d5". As peças, por sua vez, são representadas por letras maiúsculas: Rei (R), Dama (D), Torre (T), Bispo (B) e Cavalo (C). O peão não tem uma letra específica; seu deslocamento é representado apenas pela casa de destino. Ao registrar um movimento, a notação algébrica indica a peça que está sendo movida e a casa de destino. Por exemplo, um movimento do cavalo de "g1" para "f3" é anotado como "Cf3". Se um peão avança de "e2" para "e4", o movimento é registrado como "e4". No caso de capturas, um "x" é colocado entre a peça e a casa de destino. Por exemplo, se um bispo captura um peão em "c4", a notação seria "Bxc4". Se um peão captura outro peão na coluna "d", a notação seria "exd5". Há indicações específicas para o xeque (!) e para xeque mate (#), bem como para o movimento do roque (O-O). Trago abaixo o registro de uma partida considerada “interessante” e “de muita qualidade” de dois jogadores tidos como fortes dentro do clube, compartilhada no grupo de mensagens dos sócios. A partida foi jogada em um torneio FIDE promovido pelo próprio Clube de Xadrez em abril de 2023. O resultado foi o empate.

1. e4 c5 2. Cf3 a6 3. c4 e6 4. Be2 Dc7 5. O-O Cf6 6. Cc3 Cc6 7. d4 Cxd4 8. Cxd4 cxd4 9. Dxd4 Bd6 10. Bg5 Bxh2+ 11. Rh1 Be5 12. De3 h6 13. Bxf6 Bxf6 14. f4 Bxc3 15. bxc3 O-O 16. c5 d5 17. cxd6 Dxd6 18. Tad1 De7 19. Dd4 b5 20. Rg1 e5 21. fxe5 Be6 22. a4 Bb3 23. Dd6 Da7+ 24. Td4 Tad8 25. Db4 bxa4 26. Rh1 Tb8 27. Dd6 Tb6

28.Dc5 Db7 29. Td6 Txd6 30. exd6 Dxe4 31. Bxa6 Bd5 32. Tf2 De1+ 33. Bf1 a3 34. Rg1 a2 35. d7 Td8 36. Dxd5 a1=D 37. Dxf7+ Rh8 38. Df8+ Txf8 39. Txf8+ Rh7 40. d8=D De3+ 41. Rh2 Daxc3 42. Tf3 Dce5+ 43. Rh1 De1 44. Dd3+ Rg8 45. Dd8+ De8 46. Dd5+ Rh8 47. Dc5 D8e7 48. Tf8+ Rh7 49. Df5+ g6 50. Tf7+ Rh8 51. Txe7 Dxe7 52. Dxc6 Dh4+ 53. Rg1 Dd4+ 54. Rh2 Dh4+ 55. Rg1 Dd4+.⁶³

Embora desenvolver o senso de localização espacial das casas no tabuleiro seja crucial para a habilidade de registro do jogo, engana-se quem pensa que a notação pura é suficiente para discutir uma partida. É praticamente inviável ao jogador do clube analisar uma partida apenas lendo seu registro. O tabuleiro e as peças são suportes tão fundamentais quanto o registro para a compreensão do que se sucedeu em uma disputa. Durante os estudos de quinta, o que pude perceber é que, para além do ato em si de registrar, aprende-se a converter essa notação escrita para a linguagem oral.

Nesses encontros, a proposta de analisar partidas é acionada como um exercício não apenas de entender os lances efetuados pelos jogadores, mas sim de entender por que a escolha foi por essa e não outra sequência de lances. Nesse sentido, em boa parte do tempo se empreende o que chamei anteriormente de exercício especulativo das variantes, quer dizer, os participantes sugerem a sequência de lances imaginados e vão discutindo a viabilidade ou não daquela proposição. Por exemplo: “Por que cavalo não toma bispo em f6?”, no que respondem “Porque, nessa posição, manter o par de bispos é mais interessante”. Ou “Ali tem golpe hein, já vi. Sacrifica cavalo em d7 dando xeque” e “Torre tem que tomar cavalo em d7, lance forçado e dama em b6 cai”.

Difícilmente aqueles que chegaram há pouco tempo se arriscam em participar das especulações quando os iniciados se fazem presente. Não raro, essas situações se convertem em uma velada disputa retórica entre os participantes pela sequência que deve ser a vencedora.

O estudo começou e tudo correu como sempre: umas análises de partida com orientações específicas para jogar a defesa siciliana, com a variante Najdorf. Dessa vez estavam presentes, Jorge, Gilberto, Leonardo, Cláudio. Todos habituados ao modo de funcionamento do estudo de quinta. Como sempre, os participantes entram nas acaloradas especulações sobre as variantes. Essas especulações são sempre faladas. Quando a coisa fica difícil e caótica – todos falando ao mesmo tempo –, o que acontece com alguma frequência, o organizador pede silêncio e retoma a apresentação da variante inicialmente proposta. Eu, como sempre dificilmente entro no jogo retórico das especulações, permaneço em silêncio, apenas me concentro naquela variante que eu enxergo (e muitas vezes não é nem uma variante, pois alguma capivarada provavelmente cometi). Nesse dia, Virgínia esteve pela primeira vez no clube. Sentada ao meu lado, permaneceu como eu em silêncio concentrada ou fingindo concentração, enquanto os demais travavam o embate retórico. Em determinado

⁶³ Essa partida pode ser analisada utilizando-se do programa *Chessbase Mygames*, disponível em: <https://mygames.chessbase.com/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

momento, Virgínia pergunta “é sempre assim? como eles conseguem ver tudo isso?”, eu disse “acho que vão aprendendo né (risos)”. Uma nova posição e mais uma rodada de oferta de lances. Em algum momento, quando muitos falavam ao mesmo tempo seus lances, Leonardo interveio e pediu para a galera desacelerar pois “as meninas estão aqui” e pediu para ver se não tínhamos nenhuma dúvida (Notas de campo).

Em outra ocasião, o tema do estudo de quinta era o exercício tático intitulado “Cavalo de Tróia”. Apresento a posição discutida dessa vez e, na sequência, um pequeno trecho do diálogo suscitado sobre ela:



Figura 2 — Estudo tático, tema: ataque cavalo de Tróia

Gilberto — A posição vai precisar de bispo, cavalo e dama. Basta isso para dar o mate.

João — Mata o bispo, rei toma, xeque de cavalo g5.

Gilberto — É, o bispo ameaçando o peão do h, o cavalo ameaçando o salto em g5 e a dama pra finalizar indo pra coluna h. Nessa posição, vocês de negras aceitam tomar [o bispo] ou não?

João — Não, se tomar o bispo aí já era pras negras.

Gilberto — O pior é que se não aceitar também perde. Então a gente pode analisar primeiro não aceitando o bispo. A única casa do rei é h8, só tem aqui. Cavalo [branco] vai, g5. Único lance menos pior pras negras é dama toma cavalo em g5. Mas é um sacrifício né, porque bispo toma dama. A ameaça principal dessa posição é sempre a dama na coluna h.

Essa forma de vivenciar o aprendizado do xadrez no contexto do clube me remete a um pequeno artigo de Tim Ingold (2010) intitulado “Da transmissão de representações à educação da atenção”. Nesse texto, Ingold parte de uma crítica ao modelo de transmissão do conhecimento proposto por Dan Sperber, segundo o qual o processo de aprendizagem implica necessariamente em uma transmissão de representações mentais de um agente ao outro. Na visão do antropólogo britânico, a teoria cognitivista clássica, na qual a teoria de Sperber se enquadra, argumenta que as mentes humanas dispõem de um aparato inato que, de alguma maneira, determina o que poderia ser aprendido e, portanto, tornado cultura ao longo da história da espécie humana.

Segundo essa visão, embora as representações possam ter se alterado ao longo da história da humanidade, teriam sido elas que de fato se adaptaram à arquitetura da mente humana, a qual, por sua vez, teria permanecido essencialmente constante. Em contrapartida, na leitura que Ingold faz, o aparato inato da cognição é justamente o ponto problemático do modelo de Sperber. Para refutar a tese deste, o exemplo trazido é o do bebê que se apropria da linguagem. A criança em desenvolvimento está envolvida sensorialmente em um ambiente estruturado. O aprendizado da linguagem pressupõe estar mergulhado em um mundo de sons e falas, com diferentes formas de expressão e competência. Assim, esse ambiente não poderia ser apenas uma fonte de *input* para um mecanismo mental pré-constituído e sim, contrariamente, o ambiente é que “fornece as condições variáveis para a auto-montagem, ao longo do desenvolvimento inicial, dos mecanismos propriamente ditos” (INGOLD, 2010, p. 10). À vista disso, substituem-se os conceitos de capacidade e competências, caros ao modelo da transmissão de representações, em prol da noção de habilidades.

O praticante habilidoso, na perspectiva ingoldiana, seja de qual atividade que for, desempenha e ajusta sua ação no fluxo da sua própria execução, pois o que ele faz é pôr-se em atenção mobilizando todos os seus sentidos e, portanto, o corpo. Assim, adaptando-se à tarefa e às contingências da situação. Na acepção entoada pelo autor, a habilidade então não diz respeito estritamente ao que comumente é compreendido como a expertise do especialista. Parafraseando sua definição (INGOLD, 2010, p. 18-19), a habilidade pode ser concebida como a prática ajustada finamente às experiências anteriores, e que no caso do especialista, esse ajuste contém a vantagem das inúmeras experiências predecessoras. Essa definição nos leva ao ponto mais importante do argumento de Ingold para o presente contexto. De que o conhecimento, portanto, passa a ser possível através de uma noção de habilidade que depende fundamentalmente da prática, da ação no mundo. Nas palavras do autor:

O conhecer, então, não reside nas relações entre estruturas no mundo e estruturas na mente, mas é imanente à vida e consciência do conhecedor, pois desabrocha dentro do campo de prática estabelecido através de sua presença enquanto ser-no-mundo. **A cognição, neste sentido, é um processo em tempo real** (INGOLD, 2010, p. 12, grifo meu).

Recorro aos argumentos desse autor justamente para refletir sobre o processo de aprendizagem do jogo do xadrez pela perspectiva da prática e não da representação, algo muito evidenciado no funcionamento do estudo de quinta. Traço um paralelo com outro exemplo presente no texto de Ingold (2010, p. 18-19), sobre o livro de receitas⁶⁴.

Um livro de receita contém uma série de informações sobre a preparação dos mais variados pratos. Em uma perspectiva cognitivista clássica, poderia-se supor que a apreensão de tais orientações e a sua conversão em representações mentais seriam suficientes para que o conhecimento brotasse. Na perspectiva de Ingold, todavia, os comandos do livro de receitas são considerados insuficientes, pois a implementação e o sucesso de cada etapa de uma receita estão sujeitos à familiaridade do cozinheiro com aquela atividade.

De modo similar, podemos propor que o conhecimento enxadrístico implica necessariamente em uma ação, uma prática, a partir da qual se produzem as habilidades carregadas de significação. Talvez por isso o registro de uma partida por si só – como aquela reproduzida acima – não possua valor nenhum para o enxadrista, sem que sua análise seja acompanhada pelo contexto de um tabuleiro e das peças. Tal como a receita culinária em si, o registro em isolado constitui apenas um conjunto de informações que não garante a expressão do conhecimento enxadrístico. Logo, o jogador que for analisar a referida partida e reproduzir os lances um a um no tabuleiro, compreendendo cada jogada, as estratégias empreendidas, pensará sobre as outras possibilidades de lances que não foram feitas – e as razões pelas quais não o foram – a partir da sua experiência e familiaridade com o jogo. Em um contexto de prática e não de pura representação mental.

Da mesma forma, o exercício especulativo das variantes mobilizado nos estudos de quinta é, também, uma habilidade que se desdobra e se aprimora em um processo combinatório de imitação e improvisação. Imitação não apenas das ideias colocadas em prática na compreensão de uma posição, mas também dos modos de expressão oral usados para isso, tal qual na expressão “a dama cai”⁶⁵. Como certa vez um enxadrista experiente do clube me contou,

⁶⁴ Esse exemplo, na verdade, é do próprio Sperber e é retomado por Ingold para refutar a tese do primeiro.

⁶⁵ Essa expressão indica a possibilidade de ataque infalível à dama.

“uma partida nada mais é que saber contar uma história, mas uma história que tenha lógica” e o jogo, assim como uma história, é antes de tudo “uma atividade social mundana” (INGOLD, 2010, p. 14).

CAPÍTULO 4
A CORPORALIDADE DOS ENXADRISTAS

4.1 A questão do corpo e do movimento

A mi sobrino Francisco ya desde muy chico le gustaba bailar. Como yo era la “tía bailarina”, era una de las pocas que lo seguía en esos juegos-danzas iniciales, y luego, ya con los videos de reaggaton y de Michael Jackson, comenzó a ser él quien me enseñaba nuevos movimientos. En mi última fiesta de cumpleaños, una de las antropólogas miembro de mi equipo propuso enseñarnos a bailar rumba, y nos fuimos acomodando en una ronda. Mi sobrino fue entusiasta a colocarse en el círculo, sin embargo, al instante, advirtió: “¿Qué pasa que no hay varones? Soy el único en la ronda! ¿Por qué ninguno baila?”. En efecto, pese a la insistencia de nosotras las mujeres para que los hombres presentes – blancos y de clase media, como nosotras – se incorporarán a la ronda e intenteran bailar esa música de origen afro, ninguno lo hizo (CITRO, 2010, p. 58).

O excerto acima se trata de uma anedota biográfica, relatada na seção final do texto “La antropología del cuerpo y los cuerpos en-el-mundo: indicios para una genealogía (in)disciplinar”, no qual Silvia Citro (2010) desenvolve uma genealogia dos estudos do corpo dentro da disciplina da Antropologia. A razão para a menção à situação pessoal no trabalho em questão reside no destaque que a autora visa dar ao cruzamento entre a antiga dualidade corpo/mente do Ocidente, com a economia simbólica de raça e gênero, desvelada espontaneamente pela pergunta entoada por seu sobrinho. A autora prossegue na sequência do relato: “pareciera que sólo a las mujeres, a los hombres negros, o a algunos de los que pertenecen a las clases populares, **les correspondería el cuerpo** y por tanto, cierta legitimidad para moverlo” (CITRO, 2010, p. 58, grifo meu).

Não me oponho à pertinência da reflexão que Citro tenta provocar apontando que os modos distintos de relação com o corpo estão atravessados pelos marcadores sociais da diferença. – os homens brancos que permanecem sentados, em oposição aos homens e mulheres negras/os que se levantam para dançar. O que chama a atenção na leitura desse excerto e de seu posterior comentário é a assunção implícita de que a ação de continuar sentado dos homens brancos se aproxime da ideia do não-corpo. Ou seja, somente aqueles que se levantaram e se movimentaram durante a dança teriam um corpo.

Se nos valermos do fluxo dialético do pensamento, cuja importância para abordar a corporalidade a autora enfatiza ao longo do texto, surge então uma interpelação. Não seria mais interessante questionar de que modo podemos interpretar a corporalidade de agentes em contextos de práticas sociais, sem que sua ênfase seja em uma forma específica de movimento? E, nesse sentido, diferente de como acontece nas danças e nos esportes de performance física. Penso que uma reflexão nessa direção possa ser frutífera justamente porque na Antropologia

do Corpo há uma concentração de pesquisas sobre corporalidade que têm como objeto a centralidade da experiência corporal. Questiono se essa profusão de estudos, observando práticas em que o corpo é o “agente e sujeito da ação” (MALUF, 2001, p. 6), não poderia ser lida como um deslocamento em que se busca destacar o outro polo do antigo dualismo corpo e mente?

Essas foram as primeiras indagações que me fiz diante da possibilidade de se pensar a corporalidade dos enxadristas. Abordar os corpos em uma prática na qual os agentes permanecem em silêncio e sentados a maior parte do tempo, para jogar um “jogo da mente”, como declararam algumas vezes os agentes locais... O que haveria para ser dito de relevante sobre o corpo, afinal? Mesmo já tendo iniciado o trabalho de campo, eu ainda hesitava em adotar tal caminho de análise.

A inspiração para encarar esse desafio encontrei a partir da tese de Mônica Araújo (2010), intitulada “O corpo atlético da pessoa com deficiência: uma etnografia sobre corporalidade, emoção e sociabilidade entre nadadores paralímpicos”. Com o objetivo de interpretar os significados sobre corpo e deficiência mobilizados por esses atletas, a autora explicita em sua tese que, ao iniciar o trabalho de campo, levou consigo uma concepção específica de corporalidade. Uma que “pudesse confirmar em alguma medida o poder da transformação física, que até então, eu imaginava ser o principal benefício da prática do esporte” (ARAÚJO, M. 2010, p. 115). Com uma postura rigorosamente antropológica, Araújo relata em seu texto final que ao se confrontar com o discurso nativo, percebeu que essa expectativa de operação do discurso, nos termos por ela imaginados, não se confirmou no decorrer da pesquisa.

As perguntas que constavam no seu roteiro de entrevista, como a autora mesmo descreve, estavam implicitamente carregadas de preconcepções que não faziam parte daquele contexto de investigação e, por isso, eram incompreendidas pelos interlocutores. E mais, as perguntas acabavam acionando significados englobantes de “outros planos de experiência corporal dos atletas” (ARAÚJO, M. 2010, p. 131), não imaginados pela pesquisadora. Como foi o caso da entrevista em que o interlocutor, ao ser perguntado sobre a relação potência-deficiência do corpo, questionou se essa teria relação com a sexualidade, dimensão que não era o foco da pesquisa. Em outras palavras, aquilo que poderia ser tomado como um impasse na pesquisa e eventualmente passível de ser omitido, pois não responderia às questões inicialmente postuladas pelo projeto, foi tratado pela autora como uma situação que possibilitou problematizar o próprio olhar – academicamente construído – sobre a corporalidade dos atletas.

A leitura dessa tese me remeteu a um segundo texto de Cilene Oliveira (2021). Curto, mas bastante provocador, nele a autora argumenta que devido a “extensão epistemológica” do conceito de corporalidade, a melhor definição para ele é tomá-lo como um conceito guarda-chuva. Interpreto o que a autora chama de “extensão epistemológica” como as múltiplas perspectivas que o estudo antropológico sobre o corpo pode ter. Não apenas a partir do ponto de vista teórico, considerando a empresa de mobilizar e articular categorias diversas (LAMBEK, 2010), mas também do encontro da teoria com os dados produzidos em campo.

Tratar a corporalidade como um conceito guarda-chuva, ou, um conceito em aberto dentro do quadro do conhecimento antropológico, permite que sejamos, de um ponto de vista metodológico, mais vigilantes em relação aos aspectos do campo que se relacionam ao tema do corpo. Em outras palavras, saber de antemão que o conceito de corporalidade pode ser amplificado, reelaborado e complexificado levando em conta sua articulação com a empiria colabora tanto para que nos tornemos mais aptos a questionar as preconcepções de corpo que levamos para os terrenos de investigação; como o fez Mônica Araújo (2010). Quanto contribui para nos destituirmos da pretensão de tomar parte no debate teórico/filosófico que o tema do corpo suscita, o qual compele à tentativa de encaixar a produção etnográfica em um enquadramento teórico específico.

Tendo isso em vista, compartilho das ideias de Michael Lambek (2010) acerca desse tema, para quem o exercício antropológico envolve considerar os debates entre as tradições filosóficas que discutem o problema corpo/mente como constitutivos. No que eu complementaria: tratando-os como objetos, em vez de assumir uma posição fundamental em detrimento de outras. Ademais, na esteira dos argumentos do mesmo autor, é preciso questionar a operação de categorias analíticas que transcendam qualquer tipo de dualismo, ainda que dualistas sejam as categorias nativas.

Essas referências contribuíram para que eu disciplinasse meu olhar e minha escuta durante o trabalho de campo, para que me atentasse aos muitos elementos do universo enxadrístico que poderiam ser relacionados com o tema da corporalidade. Essa postura metodológica abriu caminhos frutíferos para pensar questões que, em termos gerais, giraram em torno da relação corpo/mente também. Digo de antemão que não tenho nenhuma pretensão de resolver essa questão, busco sim elucidar como esses termos são significados no contexto pesquisado.

Na seção em sequência, discuto o que classifico como estratégias corporais compreendidos pelos jogadores. Entre os interlocutores com os quais conversei, não houve nenhum que discordasse que o xadrez seja considerado um esporte da mente, como já foi apontado. Porém, acompanhando o cotidiano desses praticantes, não raro encontrava em seus discursos a referência a artifícios corporais que visavam dificultar o jogo para o adversário.

Já na terceira seção deste capítulo, analiso como nos discursos dos enxadristas a menção à fisicalidade, ou, ao corpo biológico, acontece de duas formas opostas, porém complementares. A primeira delas trata de menções às prescrições de cuidados com o corpo, no qual é estabelecida a relação causal entre a prática da atividade física e o melhor desempenho no jogo. Relação essa que notei fazer parte mais de um ideal de cuidado com o corpo do que propriamente o que de fato faziam para se preparar para um torneio. Em seguida, temos a menção ao “cansaço” que eles afirmam sentir durante as partidas de xadrez clássico, a qual entrevê justamente essa imbricada relação entre a dimensão do corpo e da mente. Por fim, retomo a discussão teórica empreendida nesta primeira parte, articulando-a aos dados empíricos no que tange a disputa pelo significado legítimo de esporte, em sua relação com o xadrez e com outras práticas denominadas “da mente”.

4.2 Nas bordas do tabuleiro: o corpo como peça de jogo

Quão importante é a sua capacidade de ler a linguagem corporal do seu oponente durante a partida?

Às vezes isso influencia o meu jogo. Alguns jogadores se mostram muito confiantes. Eles se levantam após cada lance e seus gestos indicam que está tudo sob controle. Quando uma jogada me surpreende, às vezes fico menos confiante e mais influenciado pelo meu oponente. Às vezes, isso muda minhas decisões e minha avaliação da posição. Este é um ponto em que estou tentando trabalhar para não deixar acontecer muito (COX, 2020, grifo do original).⁶⁶

Gilberto tem por volta de 60 anos e é professor de História no ensino básico, mas se aposentou recentemente. Além de ser um dos dirigentes da gestão mais recente, é um dos jogadores do NXN classe A mais ativo no clube. Com mais de quarenta anos de história como enxadrista, participa do clube organizando as atividades semanais, bem como se fazendo presente na maioria dos torneios estaduais e torneios FIDE que acompanhei. De fala baixa e

⁶⁶ Entrevista de janeiro de 2020 do Grande Mestre chinês e campeão mundial Ding Liren, ao jornalista britânico David Cox, publicada na *Chess.com*.

pausada, Gilberto é tido por seus pares como o sujeito “mais calmo do clube”, como certa vez ouvi um deles dizer. Costuma se levantar da mesa de jogos em torneios principalmente para fumar. Atividade que notei ele fazer nessas ocasiões sem pressa alguma, mesmo que seu adversário já tenha efetuado o lance na mesa de jogo.

Gilberto me contou que uma vez teve a oportunidade de jogar contra um Grande Mestre brasileiro, alguém que ele muito admirava, em um torneio FIDE sediado na cidade. Ao invés de associar esse momento a sensações como “receio”, “medo” ou “nervosismo”, Gilberto disse que quando viu o emparelhamento da rodada ficou muito feliz: “era como subir no palco para cantar com seu cantor favorito”. A partida, segundo ele, levou cinco horas e “foi bem cansativa”. Contou ainda que, se por um lado, aquela foi uma oportunidade para apreciar de perto cada lance do seu adversário-ídolo, por outro, foi também um momento de decepções em razão do uso de “artifícios” por parte do seu oponente. Considerados antitéticos na visão de Gilberto, esses artifícios teriam sido empreendidos com o objetivo de claramente lhe “tirar o foco”.

Sua avaliação era de que no meio-jogo seu adversário tinha uma posição relativamente melhor das peças no tabuleiro, mas ainda sim a partida não estava ganha. O primeiro artifício que seu oponente teria utilizado foi o de “chamar o árbitro para fazer queixa, dizendo que eu me mexia muito na mesa, quando era a vez dele jogar. Todos sabem que eu sou aquele jogador estátua, que mal pisco”. Esse artifício teria sido aplicado algumas vezes ao longo da partida. Segundo Gilberto, essas interrupções provocadas pelo acionamento, em sua avaliação, desnecessário do árbitro “tiram o foco do jogo”. Ademais, por cinco vezes seu adversário teria se levantado e ido até uma mesa próxima a que acontecia o jogo deles para fazer uma oração, um comportamento que é incomum no parecer de Gilberto, e que o fez se perguntar: “ué, o que tá acontecendo?”. Esse “artifício” do uso do corpo durante uma partida de xadrez oficial se situa, digamos, que no limite entre o permitido e aquilo que é passível de punição pelo árbitro. Mas até que a interferência da autoridade do árbitro aconteça, há muito espaço para os usos do corpo.

Como por exemplo me contou Mauro, estudante, na faixa dos 25 anos de idade. Mesmo tendo começado a jogar xadrez no ano de 2020, ele relata adotar o seguinte “método”:

Uma coisa que eu faço é assim, quando eu já calculei uma linha, se o cara faz o lance que eu tô esperando e já tá tudo calculado na minha cabeça, eu tento fazer o meu [próximo] lance mais rápido pra dar pouco tempo dele raciocinar ou então achar que eu tô fazendo qualquer coisa (risos), são estratégias, não sei nem se tá certo isso, só sei que eu faço (Entrevista com Mauro).

O movimento das peças pode ser feito ou muito rapidamente ou muito lentamente, e esses movimentos – como já ouvi de jogadores, ao dizerem: “eu fiz o cara pensar” – são lidos como informações a respeito de como seu adversário percebe o jogo. Ou seja, todo e qualquer movimento do corpo pode ser interpretado como um sinal sobre a percepção do outro em relação ao jogo. Há, portanto, um valor atribuído ao corpo como um instrumento de linguagem que é inclusive passível de ensinamento. A situação que conto a seguir sustenta essa ideia.

Na época, eu já estava na reta final do trabalho de campo, participando mais de torneios do que dos encontros de estudo. Com o desempenho ainda muito abaixo nos torneios em relação ao dos interlocutores, fui interpelada por Nelson no clube, um dos membros da nova gestão. Na ocasião, ele se ofereceu para me dar algumas aulas com foco específico nas minhas debilidades. Sua proposta parecia ser diferenciada e tinha como meta a preparação para o torneio feminino de xadrez rápido e de *blitz*, que teriam lugar dali a um mês e meio. Então, aceitei. Naquele momento, estava menos interessada em registrar novos dados e mais voltada ao desenvolvimento das habilidades no xadrez. No entanto, o olhar de pesquisadora se atentou para o fato de que, ao final do pacote de dez aulas online, Nelson ministrou uma aula sobre o que ele denominou de “aspectos intangíveis do xadrez”. Contou-me, então, que ele já havia ministrado essa aula outras vezes no clube, pois considera a sua discussão muito importante, ainda que pouco feita entre eles. Em resumo, a aula foi sobre como lidar com os “fatores psicológicos” do jogo, tais quais “medo”⁶⁷, “bloqueios mentais”, “sinais transmitidos ao adversário” e “métodos para análise de posições críticas”.

Parte do que fora abordado na aula eu já havia registrado pela escuta de conversas informais entre enxadristas, mas devo assinalar que foi a primeira vez que esse assunto aparecia em campo com uma intencionalidade pedagógica. Em dado momento, quando conversava com um outro professor de xadrez do clube, questionei se as questões “psicológicas” relativas ao xadrez eram ensinadas. Ele prontamente respondeu que não. E complementou dizendo que poucos se preocupavam em pensar sobre isso.

Para a aula, Nelson havia preparado uma apresentação em *PowerPoint*. Os slides continham perguntas e, a partir delas, ele tecia seus comentários. Duas dessas perguntas eu discuto nesta seção: a primeira delas era “Qual o seu comportamento fora do tabuleiro?”. Para além de apenas uma questão corporal, Nelson se referia aqui a um certo modelo de

⁶⁷ Voltarei a esse assunto das emoções em capítulo posterior.

comportamento a ser adotado naquele ambiente entre os enxadristas. Usou como contraexemplo, uma fala minha em outra ocasião. Dias antes de uma das nossas aulas, Nelson havia anunciado no grupo de *WhatsApp* dos sócios que aconteceria um curso de arbitragem no clube promovido pela FEXERJ, no final de semana do mês seguinte. Eu me interessei, mas fiquei na dúvida se alguém do meu nível de jogo teria condições de se tornar se árbitro e perguntei-lhe, em conversa privada: “capivaras como eu podem participar?”. Nelson me respondeu afirmativamente na ocasião. Porém, ao recuperar essa situação durante a aula, ele chamou a atenção para que eu evitasse adotar posturas autodepreciativas como aquela, reconhecendo, apesar disso, que elas eram muito comuns entre os iniciantes. O professor disse ainda que, tanto no clube quanto em torneios, sou uma enxadrista como qualquer um deles e que as diferenças devem ser tratadas no tabuleiro.

A outra pergunta sobre a qual conversamos durante a aula era “Você transmite sinais ao seu adversário?”. Precisamente nesse momento, a discussão girou em torno de movimentos e gestos corporais dos enxadristas. A orientação de Nelson foi clara: “evite transmitir qualquer tipo de informação com seu corpo”. Para exemplificar seu ensinamento, traçou um paralelo de uma tal situação, com a execução de um exercício de tática – atividade fundamental, segundo os interlocutores, para o desenvolvimento na modalidade. Reproduzo sua fala:

Quando você senta para fazer exercício de tática, você procura algo ali (seja uma peça caindo, seja um sacrifício, um garfo, um xeque em que ao mesmo tempo ataque outra peça...), você procura, porque esse é o objetivo do exercício. Se você sacode os braços, coça a cabeça, respira fundo é a mesma coisa. O adversário vai associar isso com o que tá acontecendo no tabuleiro. É inevitável”.

Nelson comentou de sua própria postura de jogo, construída ao longo dos anos, quando falou que “é impossível o cara saber, olhando para mim, se eu estou bem ou mal na posição”. Imediatamente, lembrei que havíamos conversado sobre esse assunto em sua entrevista, no ano anterior. Reproduzo aqui o trecho sobre esse assunto:

Quando a gente faz esses probleminhas [exercícios táticos], eu posso falar assim “pô Amanda, olha aí que tem mate em três”. Aí você olha, olha, olha, passa meia hora e você acha o mate em três. Então, se eu bato no seu ombro e falo assim “olha aí que tem coisa”. Você vai achar. Se você der a dica, a pessoa vai aproveitar. Igual aquela partida lá, eu tinha [possibilidade de jogar] cavalo g5, era xeque e pegava a dama. Eu não joguei. Eu joguei cavalo h4. Quando joguei cavalo h4, minha dama ficou no ar. Aí eu “lh” quando larguei o cavalo. Mas eu fiquei aqui [sinalizando para sua própria expressão facial neutra]. O cara não viu e a partida seguiu. Eu não dou esse tipo de dica. De jeito nenhum, não dou. Mas isso você desenvolve ao longo do tempo. É muito treino. Eu jogo xadrez há 34 anos (Entrevista com Nelson).

Mais adiante na entrevista, Nelson falou sobre uma técnica específica que ele empreende: jogar posicionando suas mãos por cima dos olhos enquanto calcula as variantes. Dessa forma, segundo ele, o adversário não teria condições de avaliar se ele está com o olhar direcionado para a ala da dama ou do rei, por exemplo. Como Nelson mesmo disse, essa administração do corpo para o tornar um aliado no jogo é algo que se constrói ao longo do tempo, com a experiência de jogador. Não obstante, os mais jovens e inexperientes podem se valer desses gestos, em determinadas situações, para tentar enganar deliberadamente o adversário. Ainda que seja para dar um fim na partida depois de um lance malfeito, atitude considerada ingênua e que nem sempre tem sucesso.

Quando jogo com jogador mais forte é diferente. Eu tenho certeza que eles estão vendo todas as minhas ameaças, independentemente de como eu me mexa. Quanto maior for seu grau de experiência no jogo, você consegue sim ter uma visão mais ampla para tentar neutralizar todas as ameaças do seu adversário. Se eu tô jogando com um jogador mais fraco, assim, no *blitz* ou numa partida rápida, por exemplo, meu adversário, se eu desviar o corpo e olhar para esse lado, ele vai perder a atenção. É, isso funciona, mas para o jogo sem qualidade e rápido. No jogo com qualidade, isso é diferente (Entrevista com Caio).

Eu tava jogando contra um garoto e ele era mais novo. Eu tava jogando numa categoria abaixo da que eu estou agora. Tava jogando na B. E eu era o jogador mais experiente e tal. Mas ele era um bom jogador. Então eu tava jogando com ele e ele tinha acabado de ganhar uma qualidade, ou seja, ele tinha tomado uma torre minha contra um cavalo dele. Ele conseguiu aplicar uma sequência tática de abertura e conseguiu essa vantagem. Só que assim, a partida ainda tava muito viva. Ainda tinha muita coisa para acontecer no tabuleiro. Então, aquela vantagem material não era concreta, era muito dinâmica a posição. Tinha muita coisa para acontecer. E aí teve um momento que depois disso... eu acho que ele deve ter se sentido bem na posição, que é essa coisa do xadrez psicológico. E aí ele fez uma ameaça e ele botou a peça como se tivesse errado. Ele fez assim “Puutz” [expressando o erro levando as mãos à cabeça, após o lance]. Ele fez para tentar cavar para eu ir lá e tomar. Eu tento ser a pessoa mais correta no tabuleiro, porque eu também sou árbitro e também faço parte da organização então eu tenho muito zelo pela imagem, mas quando ele fez isso, Amanda... eu comecei a rir na cara dele. E eu tava perdendo a partida. E eu lembro que o Werner, que era um cara do mesmo clube que eu, estava do meu lado e olhou pra minha cara tipo “que porra é essa?” e aí eu me contive e continuei jogando. Não fiz o lance que o cara esperava que eu fizesse, enfim, assim... dada a circunstância, eu sabia que eu tinha que atacar, eu ataquei e ele começou a se defender e não era para ele se defender, ele tinha que continuar atacando porque ele estava com uma vantagem. Aí eu comecei a atacar ele, atacar ele... tomei uma peça e tomei outra, ameacei mate e ele desistiu. Eu ganhei dele em dez lances depois daquilo. Não é questão de eu ter ganhado, mas o “PUUTZ” foi engraçado naquela circunstância (Entrevista com Bernardo).

Todavia, os gestos podem ser mobilizados não simplesmente para tentar enganar ou induzir o adversário ao erro, mas também para comunicar uma insatisfação com um lance posteriormente considerado muito ruim pelo próprio jogador. Atitude essa que, na maioria das vezes, é acompanhada do abandono do jogo e o reconhecimento da derrota; como pude

presenciar em certas situações em campo e como eu mesma me peguei fazendo algumas vezes. Um desses casos foi o de Talita, enxadrista carioca, 32 anos. Ela jogava um torneio estadual feminino de *blitz* e relatou o seguinte momento:

É, aconteceu no estadual de *blitz*, eu já não tava me sentindo muito bem, tava até com H3N2 mas só descobri depois. Eu cometi um erro feio e levei um triplex no guarujá, né?⁶⁸. Cavalo entrou na casa, aí caía uma torre ou caía a dama. Não tinha como, aí eu "iiiiih" [levando as mãos ao alto, ao mesmo tempo em que se inclina para trás e encosta as costas na cadeira. Aí eu falei bem alto, "ai que merda!". Aí o árbitro, "shiiiu" e eu "desculpe" (risos). Eu não sei se alguém gravou, tomara que não tenham gravado, já pensou que vergonha? (risos). Mas não tinha como, abandonei depois.

Em seu trabalho etnográfico sobre paixão e obsessão pelo jogo entre enxadristas novaiorquinos, empreendido nos anos 2000, Robert Desjarlais faz a seguinte reflexão:

As atrações muitas vezes se relacionam com o drama prometido a cada jogo, ao desafio competitivo em colocar as habilidades de um contra o outro, à intrincada complexidade que acompanha qualquer posição no xadrez, à recompensadora conversa intelectual que ocorre entre duas mentes durante um jogo, à maneira pela qual a concentração focalizada pode levar uma pessoa a um domínio de pensamento puro, removido das inconveniências da vida cotidiana (DESJARLAIS, 2011, p. 24, tradução própria).⁶⁹

Observando os dados produzidos em meu trabalho de campo, tenderia a argumentar no sentido oposto ao de Desjarlais. Oponho-me, especialmente, à afirmação segundo a qual a atenção focada direciona a pessoa para “um domínio puro do pensamento”. Sem a definição específica do que o autor entende por pensamento, sou levada a presumir que ele se refere às habilidades tradicionalmente associadas ao jogo do xadrez, como o raciocínio lógico-espacial e o cálculo, ou seja, tudo aquilo que não é corpo e que é creditado como habilidades essenciais do xadrez. No entanto, é justamente o corpo que aparece como um instrumento constantemente mobilizado durante os momentos de maior tensão do jogo, como indicam os registros anteriores. Enquanto calcula e elabora seu plano de ataque, o enxadrista permanece vigilante aos seus próprios signos corporais e aos de seu adversário, os quais podem indicar se o caminho tomado está certo ou errado dentro do tabuleiro. Pode-se ainda mobilizar o próprio corpo – logo, conferindo-lhe protagonismo – na esperança de “desviar” a atenção do adversário, conforme também vimos nos relatos supra descritos.

⁶⁸ Com a expressão “triplex no Guarujá”, a enxadrista se refere a um lance de cavalo em que a peça simultaneamente acaba atacando três peças do adversário.

⁶⁹ No original, lê-se: The attractions often relate to the drama that each game promises, the competitive challenge in pitting one's skills against another's, the intricate complexity that comes with any chess position, the rewarding intellectual conversation that takes place between two minds during a game, how focused concentration can take a person into a domain of pure thought removed from the hassles of everyday life.

E mesmo quando dizemos que o “pensamento” está em plena ação durante a partida, o seu prolongamento no tempo, associado aos movimentos corporais que o acompanham, é passível de interpretações que indiquem ser um momento considerado crítico. Como certa vez me relatou um jogador classe A, sobre suas impressões acerca do comportamento dos jogadores no tabuleiro:

Se o cara tá há muito tempo pensando [em um lance], às vezes ele não tem uma conclusão clara daquilo. Se você vê que a resposta dele não tá automática, se em algum momento ele pensa em fazer uma jogada, tipo ele vai com a mão na peça e depois volta, ou mostra que vai mover a peça, mas recua e coça a cabeça, ali você colocou algum problema pra ele.

Todo e qualquer movimento, por mais irrelevante que ele possa parecer aos olhos dos que não entendem do jogo, é suscetível de transmitir alguma informação sobre as habilidades do jogador. E isso acontece a contar do momento em que o enxadrista começa a se preparar para a partida diante do adversário, nos minutos que antecedem seu início. Em um torneio oficial, assim que é divulgado o emparelhamento da rodada, os jogadores se dirigem às respectivas mesas em que estão os tabuleiros e se posicionam nos lados respectivos a que correspondem às peças com as quais cada um vai jogar – se serão brancas ou pretas. Nos torneios maiores, como interclubes, estaduais absolutos, orienta-se que os participantes levem suas próprias peças e relógios, as quais precisam estar em conformidade com os padrões oficiais da Federação. Ao menos um dos dois jogadores precisa tê-las. Assim, uma vez que os jogadores estejam posicionados à mesa, a organização fornece alguns minutos para que eles preparem as peças sobre o tabuleiro e programem o relógio. Sobre isso, algumas notas de campo valem a pena ser compartilhadas.

Me dirigi até a mesa 72, onde aconteceria minha partida da primeira rodada. Eu não tinha peças e nem relógio dessa vez, esperava que meu adversário – que jogava pelo Fluminense – trouxesse consigo, caso ele não portasse eu deveria buscar rapidamente o material junto aos colegas do clube. Para minha sorte ele tinha tudo. Cumprimentei-o rapidamente e comecei a organizar as peças brancas com as quais eu iria jogar. Enquanto isso, ele, segurando o relógio na mão, tentava chamar atenção de um dos árbitros para ajudá-lo a preparar o cronômetro. Eu que havia aprendido a manusear o relógio algumas semanas antes, quando ajudei Nelson a organizar um torneio amistoso no clube, disse a ele “posso programar o relógio, se você quiser”. Peguei o equipamento e ajustei conforme o ritmo de jogo do torneio 45min + 15s. Na sequência, meu adversário fez o seguinte comentário em tom de brincadeira “pelo visto é uma jogadora experiente né, vê se pega leve comigo porque eu voltei a jogar faz pouco tempo” (Diário de campo, torneio estadual por classes, março de 2022).

Se saber mexer no relógio já pode ser interpretado como um atributo de um jogador experiente, é preciso indicar que as técnicas do corpo (MAUSS, 2015) de manuseio das peças

também se apresentam como tal. Para entender o que quero dizer, o leitor tem de saber que, por regra, a federação internacional estipula que a mesma mão que move a peça é a que deve acionar o relógio. Ensino que é repetido em todos os congressos técnicos nos quais pude estar presente, compelindo o jogador a efetuar a captura e o movimento de roque com uma única mão.

Nos jogos de ritmo mais acelerado como os de *blitz* (5 min + 3s ou 3 min + 2s), a destreza manual não apenas é desejável de ser alcançada, ela é considerada um espetáculo à parte pelo público leigo. Como certa vez ouvi em um jogo de *blitz* casual de uma observadora que, embora soubesse jogar, não era frequentadora de nenhum clube: “não dá nem tempo de entender as posições, mas é bonito ver como eles movem as peças tão rápido”. Com alguma insuficiência, busquei em determinada ocasião descrever em meu diário de campo os rápidos movimentos das mãos executados por um jogador experiente, em uma partida contra um jovem do município de Mesquita. Era uma partida de *blitz* jogada entre uma rodada e outra de um torneio “pensado”.

Há uma coisa sobre a qual eu ainda não havia registrado propriamente, mas há muito tempo observo nos jogadores mais experientes: o manejo das peças. Nos lances de captura, a retirada de uma das peças e reposicionamento da outra é preciso e certo. Observando o jogo do Marcelo, alguém que possui familiaridade de longa data com aqueles objetos de madeira, é incrível como anos de xadrez implicam em uma habilidade e destreza das mãos no manuseio das peças. Marcelo estende sua mão, posicionando-a primeiro sobre a peça que irá mover e apenas com os dedos a recolhe e a faz repousar na palma de sua mão direita, que mesmo estando com a face direcionada para o tabuleiro não a deixa cair, por apoio do polegar. Quase que em um passe de mágicas, pois cêlere na proporção que o ritmo de jogo exigia (*blitz* 3min+2s), Marcelo desloca sua mão em direção à peça do adversário, recolhendo-a com a mesma rapidez. A peça que repousava em sua mão é imediatamente posicionada na nova casa, enquanto a do adversário passa a ocupar o seu lugar, mas apenas por microssegundos, pois ela é colocada ao lado do tabuleiro logo na sequência junto das demais que já estavam fora do jogo (faço esse registro lembrando que o tabuleiro estava com poucas peças em jogo, portanto era um lance de final). Sua jogada é finalizada com o acionamento do relógio (Diário de campo, Campeonato do Interior 2022).

É curioso notar que, durante todo o tempo da pesquisa de campo, nunca ouvi alguém se ocupar de transmitir o ensino relativo a essa técnica corporal. O que me faz supor que haja espaço também para o aprendizado por imitação de uma forma específica de “servir-se de seu corpo” (MAUSS, 2015), no âmbito da formação do enxadrista amador.

4.3 O corpo nos discursos sobre saúde dos enxadristas

No mês de agosto de 2022, um participante do grupo de *WhatsApp* de enxadristas do clube divulgou uma entrevista recém-lançada, de duas horas e meia, que o anterior campeão mundial de xadrez, Magnus Carlsen, havia dado ao podcast (#315..., 2022) do cientista da computação norte-americano Lex Fridman. Um dos assuntos abordados nas quase três horas de conversa foi o preparo físico. O entrevistador perguntou ao Grande Mestre como ele se preparava fisicamente, considerando sua vida profissional como enxadrista. Carlsen respondeu logo de início que havia “altos e baixos” em seu treinamento. Disse que em 2013, ano em que alçou o título de Campeão Mundial (permanecendo no posto até 2023), estava fisicamente em forma e praticava atividade física todos os dias, jogando futebol ou tênis. E, quando não havia oportunidade de praticar esses esportes, ele andava de bicicleta. Atualmente, porém, a situação era diferente, especialmente devido a pandemia. Disse que a prática de esportes estava irregular e o fazia quando podia. Em sua resposta, Carlsen enfatizou que gosta dessas atividades em razão do aspecto lúdico (“*fun*”), em detrimento do que ele chamou de benefício concreto (“*concrete benefit*”) para o xadrez.

Ele reconheceu, na sequência, que é tido pela mídia mundial como o garoto propaganda dos benefícios da prática de atividade física para enxadristas, mas que na verdade não acreditava merecer esse posto, pois nunca foi consistente e regular nessa dimensão da vida. Citou como exemplo o fato de não fazer treinos com pesos e de achar entediante correr por muito tempo. O Grande Mestre dinamarquês arrematou o assunto, frustrando a possível expectativa do entrevistador de que ele descrevesse como, em sua experiência, a atividade física teria contribuído para o desenvolvimento no jogo. Carlsen disse que praticar esportes o ajudava como enxadrista profissional, principalmente, porque neles é possível esquecer um pouco do xadrez e porque “o faz bem” (“*it feels well*”) saber que domina alguma outra atividade além do xadrez.

Faço referência agora a uma outra entrevista virtual, acompanhada dessa vez na plataforma *Twitch*, no canal da enxadrista brasileira e produtora de conteúdo sobre xadrez Taís Julião, chamado “Xadrez de Quinta” (2022)⁷⁰. Em junho de 2022, Taís entrevistou a equipe feminina brasileira que participaria das Olimpíadas na Índia em agosto daquele mesmo ano. A

⁷⁰ O link da entrevista não está mais disponível na *Twitch*, pois, conforme as regras da plataforma, os vídeos são retirados do ar após 60 dias, mas ainda pode ser acessado no canal da autora no *Youtube* – aqui referenciado –, onde ela registra este e demais conteúdos sobre xadrez.

equipe era composta por três titulares do WIM, uma NM e WCM, além de outra atleta com o título de FM. Eu, que acompanhava a transmissão enquanto ela acontecia, prestei atenção a uma pergunta da entrevistadora sobre se as atletas estariam se preparando fisicamente para o torneio. Registre uma das respostas:

Preparo físico é um pouco difícil. Porque para mim o mais difícil agora está sendo dormir. Para quem não sabe, eu fui mãe recentemente. Meu filho tá com um ano e três meses agora. E todo mundo que é pai e mãe sabe que é difícil. Eu faço minhas aulas de pilates, mas é o máximo que eu consigo fazer de preparo físico. Queria muito fazer alguma atividade com um *personal*, focado no torneio, mas não é muito a minha realidade agora. Então assim, se eu conseguir ter uma boa noite de sono no torneio, vai ser o melhor preparo do mundo. Porque lá eu vou conseguir dormir pela primeira vez, depois de quase dois anos, uma noite de sono inteira. Para mim vai ser um preparo físico excelente. Eu estou sonhando com a primeira noite de sono durante o torneio (risos de todas) (XADREZ DE QUINTA, 2022, 21min 00s).

Entre as demais entrevistadas, as respostas variaram entre a prática regular e eventual de atividade física. Todas, porém, foram unívocas na resposta quanto a um possível “preparo direcionado” especificamente ao torneio, que não estava sendo realizado. Escolhi esses dois registros para iniciar a seção, pois eles me parecem emblemáticos no sentido de que vão ao encontro dos discursos dos enxadristas locais com os quais conversei. Sabendo que o assunto dos cuidados com o corpo poderia ser uma via interessante de indagação junto aos enxadristas, fiz questão de inserir perguntas relacionadas a isso no roteiro de entrevistas. Nessas ocasiões, as respostas se apresentaram da seguinte maneira:

E em relação à parte do esporte...assim, para tu ser um bom enxadrista, tu tem que estar em dia com teu corpo. Teu corpo tem que estar funcionando bem. Tu tem que tá dormindo bem, tem que se alimentar bem, tu tem que se exercitar para teu cérebro funcionar melhor. Claro que a gente tem os casos das pessoas que não fazem nada disso e são boas no xadrez, porque ele é ainda um exercício do cérebro. Mas se tu trata bem o teu cérebro é uma consequência que tu estuda bem e vai crescer (Entrevista com Valdenir).

Ah, eu tento ir para a academia. Acho que todo mundo tem que fazer algum esporte independente do xadrez. Porque melhora a oxigenação do cérebro. Porque libera endorfina, serotonina. O seu cérebro fica melhor. E você tendo uma vida saudável e a questão física em dia não vai se cansar tão rápido como alguém sedentário. E realmente tem essa relação. Uma pessoa sedentária, se jogar com alguém do mesmo nível ou um nível parecido e essa pessoa ser um atleta ou perto disso, já tem muito mais chance de ganhar do que o sedentário. Então, tem essa relação. Eu não sei explicar cientificamente. No torneio que eu joguei, eu já tinha voltado à academia, mas eu senti que eu tava jogando bem, não cansei tão rápido assim. Só nas últimas que eu tava bem cansado (Entrevista com Denis).

Com certeza, você tendo um bom condicionamento físico num torneio é muito bom pra você. Porque é um desgaste muito grande. É um desgaste mental que reflete no desgaste físico. Então um bom condicionamento físico é importante. Isso já foi

comprovado, né? Os jogadores soviéticos quando eles tinham um grande torneio eles tinham um local para condicionamento físico e treinamento técnico (Entrevista com Fernando).

A partir desses relatos, o que se pode notar é um certo consenso que estabelece uma relação de causalidade entre a prática da atividade física e o incremento no desempenho da modalidade enxadrística. Essa associação, como se pode ver, apresenta-se nos discursos nativos de modo genérico e se aproxima mais de um ideal a ser alcançado (dever ser), do que propriamente uma conduta posta em prática pelos jogadores. Em uma conversa com um enxadrista de 19 anos, destaque nas competições estaduais daquele ano, perguntei-lhe se tinha algum cuidado específico com o corpo em períodos de torneios importantes. Ele respondeu: “menos do que deveria”.

Esse conjunto de registros me remete à abordagem de Jurandir Costa (2004, p. 203) no texto “Notas sobre a cultura somática”, no qual ele afirma que “a marca do culto ao corpo, portanto, não significa o maior tempo que o sujeito dedica ao físico”. Trata-se, continua ele, de definir-se a si mesmo – aquilo que somos e o que devemos ser – a partir dos atributos físicos. Observando os dados acima, complemento o pensamento ao reputar que dois elementos já são suficientes para se inscrever na cultura somática: 1) a incorporação do discurso e; 2) o reconhecimento de ideais sobre saúde que tomam o cuidado com a fisicalidade como central no desempenho de qualquer atividade da vida. Se, como afirma o autor, na cultura somática os processos psicológicos passem a ter causa (e consequências?) físicas e que as aspirações morais tendam a se relacionar com desempenhos corporais ideais, talvez fosse possível argumentar que os chamados “esportes da mente” não estariam imunes a esse contemporâneo “sistema de crenças” (PERRUSI, 2001). A moralidade que institui um forte investimento sobre o corpo, tal qual pela prescrição de exercícios e dietas, e é embasada pelo mito cientificista (COSTA, 2004) ecoa mesmo naqueles agentes, cujas práticas parecem distantes do corpo.

Mas há ainda um outro aspecto a ser destrinchado. A crença de que o cuidado com o corpo beneficia a mente não é circunscrita aos enxadristas. Recomendações semelhantes – chamadas de neuro ascetes – já eram registradas no século XIX e, segundo Fernando Vidal e Francisco Ortega (2019), reapareceram atualmente sob a roupagem do que os autores chamam de autoajuda cerebral. Isto é, no contemporâneo, tem-se uma profusão de prescrições e orientações destinadas ao exercício do corpo, mas tendo o “cérebro” (e não a mente) como verdadeiro alvo.

Uma ilustração interessante dessa dissociação entre discurso e prática adveio da abertura do torneio FIDE no ano de 2022, que aconteceu nos salões de um hotel da cidade. O congresso técnico – momento em que o árbitro fornece orientações gerais e relembra algumas regras e normas a serem seguidas– havia sido finalizado e as dúvidas dos jogadores devidamente esclarecidas. Os enxadristas se direcionavam às suas respectivas mesas de jogos, quando um participante questionou o diretor de arbitragem se seria permitido deixar a mesa para fumar. O que só seria possível se a pessoa saísse das dependências do hotel, pois não havia um espaço específico para fumantes no andar em que o torneio acontecia. Diante da negativa do árbitro, houve um pequeno alvoroço no salão, fomentado pela alegação de que esse tipo de proibição era desconhecida e infundada, principalmente em se tratando de um torneio no qual uma única partida poderia durar até cinco horas. Meu adversário, que também era fumante, comentou: “é, teremos problemas”.

Essa situação resultou em um atraso de pelo menos cinco minutos no início da rodada. O que fez com que o árbitro acabasse por reverter a decisão após a discussão. Somente enquanto eu escrevia o ocorrido em meu diário de campo é que pensei sobre o que significava aquela concentração de fumantes naquele ambiente. Embora não tivesse o número exato de fumantes que jogavam o torneio, creio que, se o quantitativo fosse insignificante, a polêmica não teria tomado a proporção que tomou.

Além da presença marcante de fumantes, reconhecida inclusive por alguns enxadristas⁷¹, outro aspecto que é expressivo dessa incompatibilidade entre os discursos sobre saúde, o cuidado do corpo e a prática, apareceu nos torneios FIDE, em que se encontram jogadores de todo o Brasil. Pude perceber que esses eventos também não deixam de ser ocasiões em que as sociabilidades são exercidas entre jogadores, para além do ambiente do torneio. Não é incomum que, ao final da última rodada do dia, geralmente na parte da noite, os enxadristas saiam para bares e festas da cidade. Não faltam histórias sobre as partidas jogadas – muitas vezes ganhas – após noites em bares, entre um dia e outro de um torneio longo, que são contadas e lembradas por eles e para eles.

Em suma, o que estou querendo dizer é que a crença, presente no discurso dos interlocutores, de que a prática de atividade física e a adoção de hábitos de vida saudável impactem positivamente no desempenho enxadrístico se contrasta de forma relativa com os

⁷¹ Em uma entrevista com uma enxadrista carioca, quando falávamos sobre quais elementos caracterizam um enxadrista, dentre outros, ela destacou o ato de fumar e de tomar café em excesso.

cuidados com o corpo objetivamente implementados por eles. Cenário esse que, a meu ver, relativiza a adequação da relação causal entre atividade física e melhor desempenho no tabuleiro.

4.4 Cansaço como categoria relacional

Não são poucos os estudos sobre práticas esportivas que enfocam a questão da dor experimentada pelos atletas (BOAVENTURA, 2011; GONÇALVES, 2007; TURELLI, 2008). Considerando os trabalhos especificamente antropológicos, é possível dizer que existe um consenso de que o que está em jogo é uma espécie de negociação permanente (LE BRETON, 2013; OLIVEIRA, C. 2016) entre o atleta e os limites físicos para o aumento da performance. A partir daí, as interpretações se desdobram de diferentes maneiras.

Existem estudos como o de Cesar Sabino (2004) com atletas de fisiculturismo, por exemplo, no qual é mostrado como as dores podem ter uma significação positiva, se esse estado estiver associado ao processo de hipertrofia muscular, ou uma significação negativa, se ela estiver relacionada a uma lesão incapacitante. Já no estudo anteriormente citado de Oliveira (2016, p. 118) com atletas de corridas de aventura, a autora discute como o sofrimento pode deixar de ter um significado que se pressupõe ser “experimentado no corpo” – acepção de longa tradição histórica –, para ser “fruto da experimentação do corpo”, em um processo consentido e buscado por aqueles atletas. A questão, portanto, é compreender justamente como é significada e valorada pelos agentes a experiência dolorosa.

Busquei essas referências pois foram as que, em uma primeira mirada, acreditei ajudarem na discussão sobre a categoria do cansaço entre os enxadristas. No entanto, o que pude notar lendo esses trabalhos é que não parece haver tanta importância da noção de cansaço, se comparado ao lugar dos significados relativos à dor nos discursos dos atletas. É verdade que um termo frequentemente aparece associado ao outro e eventualmente são até fungíveis semanticamente, mas pensei que seria impreciso tratar os dois termos como equivalentes. Ainda que nesses estudos eles fossem equivalentes, ao olhar para os dados que produzi na etnografia, pouca correspondência haveria. De modo geral, em uma leitura mais cuidadosa, é possível depreender que a referência ao “cansaço” fica em segundo plano nos esportes que exigem performance física, diante da dor que, na maioria das vezes, é uma experiência aguda e imediata.

David Le Breton, em seu livro sobre a Antropologia da dor, fornece mais um indício disso quando escreve que:

[...] a atividade esportiva não exige apenas uma tecnicidade e uma aptidão particular a resistir ao esforço e ao cansaço, é também uma luta íntima com o sofrimento [...]. Quando o corpo se torna inimigo de qualquer avanço, o ator aceita a sua dor (LE BRETON, 2013, p. 207, grifo meu).

Chamo a atenção para esse aspecto por neste trabalho a discussão ser ligeiramente outra, uma vez que a experiência do “cansaço” é elemento determinante na vida do enxadrista, assim, mais relevante que a dor, em contraposição à quando se fala de esportes de desempenho físico, em que essa última tem maior importância analítica.

Já foi aqui mencionado que em um torneio oficial de xadrez clássico as partidas podem se estender por até cinco horas, a depender do ritmo de jogo estipulado. Se, por um lado, saber de antemão o ritmo de jogo pode de alguma forma preparar o jogador para as longas horas sentado. Por outro, como nos lembra Thierry Wendling (1996), o tempo da partida é contado majoritariamente em lances. Isso não quer dizer que cada lance precise ser executado em determinado tempo. Ao contrário, é o próprio enxadrista quem tem que administrar seus lances dentro do tempo total, podendo executar um lance após uma hora pensando ou fazê-lo em alguns segundos. No relógio, consta o tempo total que de cada jogador possui para todos os lances e que é contado de forma decrescente. Quando o seu relógio é pressionado, imediatamente, o tempo daquele jogador é pausado enquanto o de seu adversário é acionado. Recentemente, uma nova modificação foi feita no ritmo dos torneios: os segundos de acréscimo. Para cada lance, a depender do torneio, o jogador pode ganhar alguns segundos. Se ele fizer uma sequência de lances rápidos, em vez de seu tempo “cair”, ele aumentará. Nesse sentido, iniciada a partida, é difícil precisar o tempo exato que ela levará, pois são muitos fatores que interferem na duração (complexidade da partida, rapidez dos lances de ambos jogadores, etc.). E, considerando que os torneios oficiais são seis rodadas geralmente distribuídas em dois dias, não é incomum que um jogador tenha que terminar uma partida no horário limite e imediatamente jogar a partida da próxima rodada.

Relato que demorei para conferir algum valor analítico a essa categoria, por ser uma noção presente no senso comum e partilhada quase que de modo geral pelas pessoas, em diferentes situações da vida. Foi no processo de sistematização e codificação dos dados que notei que a pergunta presente no roteiro de entrevistas “quais as principais dificuldades durante

um torneio?” era seguida, na maioria das vezes, de uma resposta que enfatizava o “cansaço”⁷². Ainda assim, tive a oportunidade de voltar ao campo nas ocasiões de torneios para verificar com maior qualidade a operação específica dessa categoria.

Uma das entrevistas em especial me captou a atenção, por incidir em um aspecto aparentemente contraditório que se repetiu em outras conversas acerca do tema. Eu falava com um dos sócios, chamado Leandro, de idade na faixa dos 50 anos, e que apesar de ele fazer parte do clube desde 2009, é considerado pelos seus pares como um jogador “fraco”. Não é um jogador com grandes aspirações e um dos poucos que disse explicitamente jogar apenas “por diversão”, como indicado em outro momento. Apesar disso, Leandro contou que naquele ano estava determinado a melhorar seu desempenho nas partidas e por isso se dedicava mais horas do dia aos estudos de tática, considerado pelos interlocutores como “a musculação do xadrez”. Quando seu trabalho permitia, Leandro chegava a estudar por quatro horas seguidas. Mas, no dia anterior à nossa conversa, seu cansaço não permitiu que ele completasse as horas de estudo desejada. Quando perguntei se seu cansaço era mental ou corporal, Leandro respondeu: “É mental. Porque o xadrez suga você até a última gota do seu sangue. Se você não teve isso, você vai ter”. A entrevista seguiu abordando outros assuntos. Somente quando me ocupei de transcrever esse registro é que pude notar a relação causal entre dois aspectos constitutivos e de níveis distintos, isto é, aquilo que é da mente e aquilo que é do corpo (sangue) em sua fala. Adiante na mesma conversa, quando falávamos sobre os torneios, novamente essa contradição aparece. Reproduzo:

Leandro — Uma coisa que eu não vou fazer é jogar as nove partidas do *Municipal Chess Open*. Eu não tenho condições. Lembra lá naquele outro torneio do ano passado? Eu joguei uma partida, eu fiquei morto! Fiquei morto!

Amanda — Porque a cabeça já não obedece?

Leandro — Cabeça não, o corpo não obedece.

Amanda — Mas não é um esporte mental?

Leandro — Mas é mental, ué! O corpo é a mente. Qualquer parte do corpo, refere-se ao cérebro e o cérebro manda no seu corpo todo! É um jogo mental!

Leandro — O seu sorriso agora. O que está fazendo você sorrir? A sua mente. Então quando você queima muita energia com o trabalho da mente, sua resposta é [leve bufar, com movimento de braços para baixo representando esgotamento físico] a fadiga.

⁷² O aspecto emocional também foi citado algumas vezes. Tratarei disso no capítulo cinco.

Poderíamos ler essa passagem sobre cansaço, ora associado ao mental, ora associado ao corporal, como um equívoco de linguagem ou ato falho; desses que acontecem cotidianamente sem que a gente perceba. No entanto, ao direcionar nos encontros e entrevistas subsequentes minha atenção para essa categoria e seus termos associados, pude notar que se trata justamente de uma noção que se apresenta referida ora a um polo (mente), ora ao outro (corpo). Não é raro relacionarem os dois, sobretudo nas descrições e menções de situações de torneio. Júlio, por exemplo, relatou o que se passou com ele no torneio estadual do ano de 2021.

Eu não almocei e não tomei café também, eu fui de barriga vazia para o torneio e chegando lá eu comi um pão de queijo, foi isso o que eu comi. Aí quando foi da segunda pra terceira rodada eu não comi nada, porque acabou muito próximo e eu não consegui tomar café nem nada. Então assim quando foi na terceira contra o JP lá do NXN, eu tava exausto, tava com fome, cansado, puto (risos), que quando a pessoa fica com fome fica meio puto. E aí tipo, eu tava numa posição com uma peça a mais, em algum momento eu ganhei o cavalo dele, tava com uma peça a mais, mas ele tinha o ataque muito forte, ele tava assim com duas torres na coluna apontado pro meu rei mas ele não tava sabendo muito bem o que fazer na posição e eu também não tava sabendo muito bem o que fazer. Eu tava com as minhas peças muito presas e ele tava com as dele apontada pro meu rei, mas sem conseguir me atacar e eu não pedi empate, eu fui tentando jogar normal, até o momento que eu pensei assim, "pô será que eu peço empate aqui?" Teve até uma hora que podia ter dado uma repetição, mas eu não quis, eu fui seguir e aí acabou que por um momento de puro cansaço, puro, sabe? Foi completamente cansaço, eu não tava mais pensando no que eu tava fazendo, eu avancei um peão lá que fez com que ele tomasse o peão me dando xeque, aí tomou o meu cavalo, tomava a minha torre...aí, acabou caindo todas as minhas peças e **naquele momento eu aprendi que se eu estiver fisicamente exausto, sem conseguir pensar direito** e numa posição que eu não sei o que fazer, eu devo pedir empate [risos], mas eu aprendi isso com essa derrota, então eu levo como aprendizado (Entrevista com Júlio, grifo meu).

Há ao menos dois estudos na literatura antropológica que conferem protagonismo analítico ao termo “cansaço”. O primeiro deles é uma investigação no domínio da Antropologia médica, dirigida por Soraya Fleischer (2015), no qual ela investiga os significados dessa categoria nas narrativas de pessoas com doenças pulmonares crônicas. A autora identificou que a noção não apenas figura como um sintoma – um estado corporal –, mas também como um significante que descreve a busca dos adoecidos por atendimento, internação, medicação, etc. A primeira acepção, diz ela, não raro se associava à noção de vergonha, principalmente quanto às mulheres mais velhas e donas de casa. A vergonha emergia diante da despossessão progressiva de uma identidade importante para a vida familiar.

Já o segundo estudo, de Raquel Alves e Yazmin Safatle (2019), aborda a experiência do cansaço em mulheres mães de crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus (SCZ). As autoras mostram como a referência ao cansaço aparece enquanto categoria resultante do que as interlocutoras entendem por “uma responsabilidade extraordinária ao dever de cumprir com o

papel da boa mãe” (ALVES; SAFATLE, 2019, p. 133). Como descrevem as autoras, trata-se de uma vivência da maternidade, marcada pelas ausências (de tempo, de dinheiro, de suporte do poder público) e pelos excessos (acordar muito cedo, deslocamentos muito longos em busca de serviços, etc.).

Por mais que pareçam distantes, essas leituras inspiram um modo mais amplo de pensar a categoria do cansaço. Elas parecem ter semelhanças com a categoria do nervoso, estudada em detalhe por Luiz Dias Duarte (1986, 1994). Em sua tese, que explora a condição nervosa da classe trabalhadora, o autor argumenta que as diversas representações e os muitos significados associados a essa categoria, em distintos contextos de pesquisa, permitem concluir que ela representa uma perturbação tanto física quanto moral. Conforme o autor destaca em artigo posterior:

[...] a qualidade ‘físico-moral’ evoca a necessária e entranhada imbricação, correlação entre o nível físico, corporal, da experiência humana e tudo aquilo que, de outra parte, se lhe opõe – e se nomeia e concebe de forma tão díspar entre as culturas humanas (DUARTE, 1994, p. 84).

Se, no contexto aqui estudado, não é possível afirmar que a categoria do cansaço esteja embebida dos aspectos morais dos jogadores na mesma proporção que estivesse nos estudos anteriormente citados, talvez seja profícuo observar que esses mesmos estudos (e também o de Duarte) nos ensinam sobre o caráter *relacional* da categoria em questão. Ao que tudo indica, nos discursos dos interlocutores, a categoria do cansaço articula dois planos – corpo e mente – caros às representações da cultura ocidental. Isso apareceu, inclusive, de modo surpreendente para um jogador novato do clube.

Encontrei com Anderson no segundo dia do Campeonato Estadual por classes de 2023. Ele passara a integrar o time de sócios do clube há seis meses, era o seu primeiro torneio pelo clube. Depois de ter contado sobre o seu desempenho nas partidas do dia anterior, Anderson fez o seguinte comentário: “Descobri uma coisa muito curiosa jogando torneio: como xadrez cansa, não é!? Eu não tinha ideia de que era assim. É tanta energia que você gasta ali pensando, calculando...”. Achei o contexto oportuno para lhe questionar, logo na sequência dessa fala, se ele conseguia descrever como era o cansaço. Anderson ficou em silêncio buscando as palavras por alguns segundos. Depois, falou: “Não sei se consigo dizer... acho que é igual correr uma maratona, mas ainda assim é diferente (risos)”.

Como dito anteriormente, estive presente nesse campeonato exatamente para capturar com maiores detalhes como essa categoria era mobilizada. Fui nas duas últimas rodadas do

torneio por supor que fosse ali que eu pudesse vê-la em operação. Apesar de ter formulado algumas questões que aproveitassem a situação do torneio para abordar o assunto, na maior parte dos casos, não foi nem preciso as enunciar. Nas rodas de conversas que se formam à medida que as partidas terminam, esse tema acaba surgindo depois dos comentários sobre o desempenho (“e aí? ganhou ou perdeu?”).

Eu conversava com Mariano quando Cintia saiu do salão e foi ao nosso encontro. Mariano perguntou “e aí? como foi?”. Não lembro a resposta de Cintia sobre o resultado de sua partida, mas lembro de ela comentar que de tão cansada que estava, bebia muita água: “é um cansaço bizarro, que me faz beber água toda hora. A água me acorda.”. Mariano falou “é porque esse salão também é muito quente. Nesse calor também fica mais difícil jogar” (Notas de campo 19/03/2023).

Não é surpreendente que o cansaço pode interferir no desempenho e no resultado da partida. De forma similar ao papel da dor no caso dos atletas de corrida de aventura (OLIVEIRA, C. 2016), o cansaço é um obstáculo a ser transpassado pelo enxadrista e, mais uma vez, pode ser um atributo do corpo ou da mente:

Assim, mentalmente até que ‘cê até aguenta, mas o físico assim.... Cara, é complicado, jogar muitas horas seguidas, dois dias seguidos. Então eu senti isso, senti cansaço, tinha posições que falava assim “cara, a posição tá empatada”, só que o adversário é mais jovem e tá cheio de gás, ele não quer empate, quer jogar, uma hora você acaba errando pelo cansaço mesmo... Em outros tempos, era diferente, eu sentia a dificuldade, a força dos jogadores, a experiência (Entrevista com Nelson).

Imagina a situação, você conseguiu deixar o cavalo do cara ali preso, o cavalo tá ali não consegue sair porque a sua dama tá segurando ele. Você fica com aquilo “não posso tirar a dama”. Aí você vê que dá pra atacar do outro lado, mas é um ataque que precisa usar a dama. Você vai lá e tira a dama e esquece completamente que ela tava segurando o cavalo. E pô, aquele cavalo era muito forte e dava duplo com xeque! Tu só faz esses vacilos, essas capivaradas, porque tu tá cansado (Entrevista com Júlio).

Como vimos, ainda que, em sua maioria, apenas no discurso os enxadristas atribuam valor à prática de atividade física como forma de manter e incrementar o desempenho no tabuleiro, não é esse modelo de atividade que faz a diferença na hora do torneio. Se é possível falar em algum tipo de treinamento do corpo implementado pelos jogadores, é aquele voltado para a prática de exercícios de jogo (tática e partidas longas). É preciso habituar o corpo e a mente a aguentar tantas horas com atenção dedicada a uma única atividade. Como um enxadrista me contou em uma conversa no clube, suas vitórias em torneios apareceram depois que ele começou a “fazer exercícios de tática até o nariz sangrar”. Um trecho de uma entrevista com um jogador classe A do clube, evidencia bem esse aspecto relacionado ao treinamento do cérebro e do corpo.

Cláudio — Porque no xadrez existe uma questão que as pessoas não levam muito em consideração. Não é a sua capacidade bruta de análise. É a resistência de análise. Se você estuda meia horinha, cansa e depois vai fazer outra coisa, a sua cabeça está preparada para performance de meia hora. Quando você vai jogar um torneio, joga três partidas por dia, com duas horas para cada partida. Cara, você está lutando contra o seu corpo, contra resistência do seu corpo.

Amanda — Do corpo ou da mente?

Cláudio — É, eu acredito que o cérebro faz parte do corpo então...(risos) eu sou materialista, não acredito em alma fora... pra mim é tudo uma coisa só. Então, o cérebro é físico, tem lá as sinapses e faz parte do corpo. Então, o cérebro gasta energia, tem uma energia limitada e tem uma vontade inata de economizar energia e se você não treinar ele para ter essa condição anti-intuitiva, ele vai tentar relaxar a todo momento. E essa performance cai drasticamente da metade para o final do dia, num torneio. Então na hora do vamos ver, você vai errar porque sua cabeça já está dando “tilt”, já tá dando tela azul. Para o pessoal que não é do mundo do xadrez eu sempre pergunto “ah, você já fez concurso público?” então pega isso, é mais ou menos um dia de torneio e você vai ter o outro porque geralmente são dois dias. Mas assim, eu vou te falar que as minhas provas de concurso foram mais tranquilas, do ponto de vista de desgaste, do que os dias de torneio. Você dificilmente vai usar sua performance de análise em todo lance e em cada momento do torneio, mas você tem que manter um nível alto de atenção. A nossa cabeça está preparada para viver no automático em várias coisas. A gente não tá preparado para ficar atento o tempo todo. É muito desgastante isso. Já falei pra você que teve um torneio em que eu bebi 3 litros de água, no torneio. Eu não sei se é uma questão da nossa cultura, separar cérebro do corpo, só que se você parar para pensar a gente está gastando energia, se você gastar muita energia com o cérebro, tá gastando energia do corpo. Tem que botar mais combustível para dentro. É uma barreira. Se não me engano, o cérebro gasta mais ou menos 10% de energia. A gente é o animal que, proporcionalmente, gasta mais energia com o cérebro do que muitos outros (Entrevista com Cláudio).

Esse trecho da entrevista expõe uma forma muito similar de compreensão da dualidade corpo/mente àquela do jogador Leandro, citada no início desta seção. Ele introduz um outro registro ainda, que nunca esteve totalmente distante das referências dos enxadristas, mas que também não foi tão citado como imaginei que seria. Não se trata de uma aplicação fortuita essa de que os processos da mente integram ou têm sua gênese no campo cerebral, como a que se deixa entender na fala do interlocutor. É preciso considerar o contexto histórico em que uma fala como essa é proferida.

Vidal e Ortega (2019) argumentam que o transcurso do que chamamos de modernidade ocidental é marcado por um processo de “cerebralização”, cujos rastros podem ser recuperados em diferentes domínios das ciências médicas e em diferentes esferas da vida. A emergência de um sujeito cerebral, diferentemente de como alguns sociólogos irão argumentar, tem sua gênese muito antes do desenvolvimento das neurociências e das neuroimagens. Antes disso, em seus primórdios, predominava na tradição filosófica a estrutura aristotélica de que a alma era o princípio da vida que animava a matéria e, em última instância, a responsável por funções orgânicas. A partir do século XVII, principalmente com a filosofia cartesiana, a alma se funde

na mente. No entanto, ainda assim a interação entre ela e o corpo era, conforme lembram os autores, explicada a partir da teoria dos humores galênica. Até o século seguinte, seguiu-se uma busca sem grandes conclusões, movida por um impulso de “solidismo”, que buscava a localização exata da alma em algum ponto do cérebro.

A convicção de que a alma habitaria esse órgão motivou as seguidas investigações, muito mais do que qualquer evidência empírica. Segundo os autores destacam, a primeira formulação identificável de cerebralidade não foi resultado de descobertas neurocientíficas mas sim de uma combinação da teoria da identidade pessoal de John Locke e da teoria corpuscular da matéria. O que abriu caminho para ancorar o *self* no cérebro. A psicofisiologia experimental e a anatomia patológica do século XIX seguiram alimentando o projeto “localizacionista”, no caso, pela via da correlação entre sintomas e lesões cerebrais. Na década de 50 do século seguinte, o desenvolvimento tecnológico da cibernética começa a fornecer modelos abstratos de neurofisiologia cerebral, garantindo a manutenção dos mesmos princípios investigativos. E, posteriormente, juntou-se a esses estudos um novo campo de investigação: o das ciências cognitivas, com o modelo que trata o cérebro como computador.

Esse brevíssimo panorama histórico acerca do paradigma do sujeito cerebral, defendido por Vidal e Ortega, é o pano de fundo que sustenta e justifica não apenas a popularização das práticas neuro ascéticas contemporâneas. Tais quais as atividades que inculcam autodisciplina apresentadas como “ginástica para o cérebro”, foco do estudo dos autores em questão. Mas também a popularização de representações e modos de pensar o humano que conferem protagonismo a uma visão instrumentalizada do cérebro. Nesse sentido e voltando ao trecho da entrevista, é possível depreender da fala do interlocutor que a referência ao cérebro é quase inteiramente compreendida como a um músculo. Da mesma forma que este é treinado, moldado, aquele igualmente precisa ser habituado à malhação constante para obtenção do desempenho desejado. Não é por outro motivo que inúmeras vezes ouvi o axioma anteriormente apontado, de que o treino de tática é a musculação para o cérebro:

Minha rotina de treinamento é de alguém que tá se readaptando aos estudos. Então, no xadrez eu acho muito importante treinar tática antes de qualquer outra coisa. Resolver problemas é como se fosse a musculação para um atleta que faz a musculação, é aquela coisa de você precisar treinar, treinar, treinar para estar na sua melhor forma (Entrevista com Henrique).

Não obstante seja possível estabelecer essa relação entre o paradigma da cerebralização e os dados apresentados, há pontos de distanciamento notáveis. Munida da leitura desses

referenciais, uma certa expectativa da minha parte era de que a prática do xadrez estivesse associada à busca pela “manutenção cognitiva”⁷³, entre os interlocutores. Em outras palavras, esperava que a prática do xadrez pudesse ser o meio e não o fim. Essa expectativa não se confirmou em nenhum dos casos, mesmo entre jogadores mais velhos, que talvez tivessem maiores chances de significar a prática do xadrez dessa forma.

4.5 A questão do corpo na disputa pelo significado legítimo na definição institucional de esporte

No início da pesquisa de campo, quando tudo o que eu escrevia ainda era um amontoado caótico de registros escritos e gravações de encontros, conversas e vivências junto aos interlocutores que eu acabava de conhecer, minha questão antropológica exploratória se concentrava em saber qual seria a concepção dos enxadristas sobre sua própria prática. Sobretudo, se eles a significavam como um esporte. Essa foi a inspiração, de um lado, porque sei que é por onde começam muitas pesquisas antropológicas sobre o esporte (FONSECA, 2015; GUEDES, 1982; OLIVEIRA, C. 2016). Do outro, a inspiração veio devido à própria natureza da modalidade do xadrez, que não guarda similitudes com os esportes de performances físicas, sendo aos olhos de muitos um simples jogo de tabuleiro; ponto que poderia ser debatido entre os enxadristas.

Explorei uma face dessa discussão no capítulo um, quando tratei sobre a formação do *habitus* a partir do jogo sério. Neste momento, porém, pretendo explorar outra face, com a qual me deparei tempos depois de ter entrado em campo e que abrange uma discussão mais ampla. Refiro-me à relação entre o xadrez e o esporte tendo em vista as políticas públicas voltadas para o esporte atualmente. Discussão que não está tão longe da discussão sobre corporalidade feita até aqui. A análise desse aspecto, como o leitor verá ao final da argumentação, guarda estreita relação com um dos objetivos específicos desta tese, a saber, como se dá a construção da corporalidade na formação do *habitus* de enxadristas. E ela começa em uma pauta aparentemente distante, tanto do debate sobre a corporalidade empreendido até o momento quanto do próprio xadrez.

⁷³ A única menção a tal termo foi da parte de um interlocutor, que era também professor da modalidade no instituto Supera, provendo aula para um grupo de idosos que, segundo ele, buscavam “manutenção cognitiva”.

Em janeiro de 2023, quatro dias após a posse do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva para seu terceiro mandato, tomava posse como ministra do esporte a ex-atleta de vôlei Ana Moser⁷⁴. Em seu discurso de posse como ministra, Moser diz:

Quem me conhece já deve ter ouvido falar que pela experiência, registrada em outros países, pela vivência, viajando e conversando com gestores de todo o Brasil, esse que sempre foi um grande desafio: como sensibilizar as lideranças para entender realmente o potencial do esporte e defender que ele aconteça na vida das pessoas? Nós precisamos desenvolver a **cultura da prática motora**, a cultura da prática esportiva inserida nas famílias, nos bairros e nas cidades [...]. O Brasil é um país dos mais sedentários do mundo, nós temos cerca de 30% só da nossa população ativa. Esses índices pioraram com a pandemia da COVID de uma maneira muito desigual. A pandemia de inatividade física não começou com a COVID, ela é muito anterior (MOSER, 2023; BAND JORNALISMO, 2023, grifo meu).

A fala reforçou empreender o projeto de “uma revolução no esporte”, ênfase retomada em diferentes momentos do discurso, pois, segundo a avaliação da ministra, as iniciativas para o esporte nos últimos anos restringiram-se à vertente dos esportes de rendimento. Seu projeto, contrariamente, estaria em especial voltado para o esporte educacional e para o esporte de participação. Ainda na mesma ocasião, a ministra ressaltou a importância da parceria entre o ministério do Esporte e o ministério da Saúde, chefiado na nova gestão por Nísia Trindade Lima. E enfatizou, sobretudo, a importância do movimento e da motricidade humana como aspectos relevantes para a saúde.

No dia 10 de janeiro de 2023, em uma entrevista para o canal UOL, a nova ministra foi questionada por um dos entrevistadores sobre como ela enxerga o desenvolvimento dos *e-sports*, ou, esportes eletrônicos, e se esse segmento seria também foco dos projetos em desenvolvimento na nova gestão do ministério. A essa questão a ministra responde enfaticamente:

No meu entendimento [esporte eletrônico] não é esporte e a gente lutou a frente do Atletas pelo Brasil. A gente fez uma ação muito forte junto ao legislativo para o texto da lei geral [do esporte] não ser aberto o suficiente para ter um encaixe dos esportes eletrônicos. O texto está lá protegendo o **"esporte raiz"**. Não tirou o *e-sport* porque não estava literal, mas na definição de esporte tinha sido dada uma abertura em que poderia incluir o esporte eletrônico e a gente fechou essa definição para não correr esse risco. Lógico que o risco sempre acontece, mas é um trabalho constante. A meu ver, o esporte eletrônico é uma indústria do entretenimento. **O jogo eletrônico não é imprevisível, ele é desenhado por uma programação cibernética.** É fechada e não é aberta como o esporte (UOL, 2023, 37min 18s, grifo meu).

⁷⁴ Ana Moser permaneceu no cargo de ministra até setembro de 2023, tendo sido substituída posteriormente por André Fufuca. Esta seção da tese foi escrita durante o exercício da então ministra, por esses motivos optei por manter os tempos verbais correspondentes.

Cabe aqui uma breve explicação sobre a relação entre esportes e os jogos eletrônicos. De acordo com Tony Alves (2019), Kalle Jonasson e Jesper Thiborg (2010) os *e-sports* não podem ser considerados sem se esquecer que sua criação dependeu do lançamento e da popularização da *world wide web* (WWW) bem como do desenvolvimento tecnológico de hardwares e softwares. No início dos anos 2000, já tinha-se registros de competições de jogos eletrônicos, com premiação e interesse de público. Mas, segundo Alves (2019), apenas em 2009 é que houve uma “massificação” da modalidade. Logo, com o lançamento de novos jogos, as grandes premiações, a popularização das transmissões desses torneios por meio das plataformas de *streaming* como *Twitch* e *Youtube* e o surgimento de uma indústria dos games, essa nova modalidade caiu no gosto popular⁷⁵. Destaco, conforme o mesmo autor, que canais de TV esportivos como ESPN e Sportv atualmente destinam parte de suas programações a transmitir e comentar esses campeonatos de esportes eletrônicos.

Parêntesis feito, voltemos ao caso em questão. A repercussão da declaração da ministra foi grande entre os entusiastas dos jogos eletrônicos, sobretudo nas redes sociais. Lendo algumas das manifestações ao longo daquela semana na rede social do Twitter, por exemplo, pode-se constatar que na interpretação desses agentes a declaração da ministra expressa uma “visão restrita” de esporte, uma vez que, segundo eles, o treinamento e a dedicação desses profissionais é tão intensa quanto a de um atleta de modalidade tradicionalmente reconhecida como tal. O ex-jogador de futsal, Falcão, tomou parte na discussão e deu a seguinte declaração que, a meu ver, sintetiza os principais argumentos a favor dos *e-sports*:

Ela (Ana Moser) tem que estar consciente que (*e-sports*) é um esporte. O mundo mudou, as coisas se renovaram. Acho que ela tem que rever isso. Requer treinamento, jogo em equipe, concentração. Tudo que o esporte em si requer. Tem que treinar muito a mão, o braço, tem que fazer fisioterapia. Acho que ela tem que rever, porque está deixando de considerar um esporte que hoje é referência para muitas crianças. Hoje pode até se dizer que, logo logo, está empatando com o futebol. Tem que ter essa relação sim. O mundo atual mudou muito. 15 anos atrás todo mundo queria ser jogador de futebol, hoje a 'molecada' quer ser youtuber, influencer. Acho que *e-sports* é um esporte sim. Exige treino, concentração, repetição. Sou totalmente a favor (FALCÃO... 2023).

Ao conceder uma nova entrevista à imprensa em março daquele mesmo ano, a ministra foi questionada sobre o assunto novamente e tornou a reafirmar sua posição, dizendo o seguinte:

O *e-sport* no Brasil não é reconhecido como esporte. Houve uma avaliação do Ministério do Esporte há uns oito anos. Eu acompanhei uma parte, fazia parte do conselho. Hoje, efetivamente, não é esporte. Isso é um processo que independe de mim. Dentro do fenômeno, a área esportiva tem um formato que tem a questão do

⁷⁵ O termo popular aqui não tem relação com marcadores de classe social.

movimento. **O esporte é movimento.** É isso, é um fenômeno biopsicossocial. **E o bio é muito importante.** Como fenômeno científico, biológico, ele tem o movimento. Como fenômeno social, a competição pode, num primeiro momento, achar que ela se caracteriza como esporte. Mas a competição por si só não denota movimento em *e-sports*. É uma discussão que envolve muita coisa. Ela tem de ser feita. Politicamente, você pode tomar qualquer decisão (GIL; RODRIGUES, 2023, grifo meu).

Efetuada uma busca por fontes, não consegui precisar ao certo de que “avaliação do Ministério do Esporte” a ministra se refere, especificamente. Contudo, é possível dizer que o assunto da integração ou não dos jogos eletrônicos como esporte já estava na ordem do dia alguns anos antes. Em outubro de 2017, por exemplo, o senador Roberto Rocha do PSDB apresentou à casa legislativa seu Projeto de Lei nº 383, que dispunha sobre a regulamentação da “prática esportiva eletrônica”. O PLS 383/2017 reivindicava a vinculação da Confederação Brasileira de Games e *E-sports* (CBGE) ao Sistema Nacional de Desporto (SNE), sob a justificativa de que tais jogos promovem “interações entre o que é atual/real e o que é virtual [e] extrapolam as barreiras de tempo e espaço, intensificado as sensações numa vivência esportiva jamais vista” (BRASIL, 2017, p. 4, grifo meu). Além disso, nele, argumentava-se que:

[...] a virtualização esportiva é de relevante interesse público, com capacidade para contribuir significativamente para a melhoria da capacidade intelectual, fortalecendo o raciocínio e habilidade motora de seus praticantes (BRASIL, 2017, p. 4).

Tendo seguido os trâmites legais de discussão, o processo foi arquivado no segundo semestre de 2022 e eu não tive acesso aos motivos. Paralelamente, em um claro embate de forças políticas, tramita desde 2019 no Congresso Nacional o PL 1153/2019 (BRASIL, 2019), que trata da lei geral do esporte, cujo objetivo é dar uma nova redação à então vigente Lei Pelé (L9615/1998). Conforme se pode ler no projeto, foi efetuada uma alteração significativa, excluindo qualquer possibilidade de integração dos esportes que não sejam de performance física. Voltarei a esse ponto mais adiante.

Ao cotejarmos as declarações da ministra sobre esporte em 2023 e a justificativa do projeto de lei do senador Roberto Rocha, é difícil não nos remetermos às palavras de Bourdieu (2004), ao argumentar que o campo esportivo nada mais é do que o espaço privilegiado de disputas pelo monopólio da definição legítima de “esporte”. Como o autor francês nos ensina, não se pode empreender uma análise sociológica de um esporte restringindo-se à sua singularidade e especificidade em um instante histórico descolado da trama histórica mais ampla. Isto é, sem considerar o espaço das práticas esportivas como um sistema estruturado, no

qual cada modalidade é dotada de um valor distintivo próprio. Embora esta não seja a discussão central aqui, é preciso explicitar as condições que tornaram possível o campo dos jogos eletrônicos reivindicar o estatuto esportivo, a ponto de tomarem parte nessa luta já antiga.

Inicialmente, acompanhei tal discussão pela imprensa apenas por interesse pessoal, sem suspeitar que essa disputa de significados pudesse ter alguma relação mais estreita com o campo esportivo do xadrez. Foi depois de uma entrevista com o ex-presidente da Federação de Xadrez do Estado do Rio de Janeiro – na qual o objetivo ainda não era o de abordar este assunto – que passei a compreender o debate a partir de uma outra perspectiva. Marques, que esteve à frente da FEXERJ entre 2016 e 2022, conversava comigo sobre os aspectos relativos à organização dos torneios estaduais e das dificuldades envolvidas no processo de implementação desses eventos, sobretudo devido à escassez de patrocínio. Condição crônica no âmbito do xadrez carioca, conforme sua avaliação.

Quando questionei o ex-presidente se a federação recebia algum tipo de incentivo ou verba pública para sua manutenção, Marques mencionou as legislações, tanto federais quanto estaduais e municipais, que poderiam embasar algum tipo de financiamento. Como, por exemplo, a Lei de Incentivo ao Esporte (LIE), que regula o Bolsa-Atleta e a lei de renúncia fiscal municipal. No caso da LIE, Marques explicou-me que haveria um trâmite burocrático longo, o qual inviabilizaria o planejamento e a execução do calendário de torneios da federação em tempo hábil. E, conforme o ex-presidente falou, “ainda tem um agravante”. Ele então citou justamente a declaração da atual ministra sobre sua definição de esporte que, segundo deparei da avaliação de Marques, embora objetivasse separar os jogos eletrônicos dos esportes tradicionais⁷⁶ e não especificamente o xadrez, acabará por prejudicar esse último na mesma proporção. Para o interlocutor, no contexto da legislação esportiva atual e pela especificidade do xadrez, algumas características dificultam que ele seja priorizado nos editais de financiamento esportivo. Em adição, com uma visão tão clara e taxativa por parte da ministra sobre o que é “esporte”, ele dificilmente acredita que novos projetos em benefício dos enxadristas sejam aprovados em âmbito nacional. À relação entre o xadrez e os esportes eletrônicos, que na perspectiva do entrevistado é dada como certa, agrega-se um outro fato recente: a inédita contratação do Grande Mestre brasileiro Krikor Sevag Mekhitarian, pela

⁷⁶ Durante a entrevista, Marques não se preocupou em afastar o xadrez dos jogos eletrônicos. Subentendi de sua posição que ele assume que haja mais proximidade do que distanciamento entre esses dois conjuntos de práticas.

equipe brasileira Fúria Esports (FURIA..., 2020). Evidência de um movimento ainda maior de aproximação do xadrez aos jogos eletrônicos.

O assunto da definição de esporte foi abordado quando nossa conversa já passava dos quarenta minutos de gravação. Por mais que o entrevistado demonstrasse interesse em falar sobre o assunto, senti que, naquele momento, não seria prudente da minha parte insistir em mais questões. Depois disso, fui para casa refletindo por algum tempo sobre o que conversamos, na tentativa de articular esta discussão com aquela que eu vinha construindo sobre a dualidade corpo/mente.

Uma hipótese decorrente da situação descrita é a de que na disputa entre visões opostas pela definição legítima e institucional de esporte, subjaz a ideia de que haveria uma distinção simbólica entre práticas. Especificamente, entre práticas cujos resultados seriam expressões direta de uma performance necessariamente física e aquelas que não o seriam. Neste caso, sintetizadas, de um lado, por aqueles que tomam os *e-sports* como atividade esportiva legítima e, de outro, por aqueles que não o tomam. Em outras palavras, quando se fala em práticas cujo objetivo não é decorrente pura e simplesmente da eficiência do movimento, a tendência é haver uma desconsideração desse movimento, incorrendo em uma classificação destas como apenas atividades da mente. Antes de desenvolver essa ideia, é necessário entender com mais detalhes como esses elementos aparecem na legislação desportiva brasileira.

Atualmente, a principal lei infraconstitucional que dispõe sobre o desporto brasileiro é a aludida Lei nº 9615 de 1998, conhecida como Lei Pelé (BRASIL, 1998). Assim batizada pois, na época, o referido futebolista era quem ocupava o cargo de ministro da área esportiva. A lei em questão é tida como um aprimoramento da extinta Lei nº 8672 de 6 de julho de 1993 (Lei Zico) (BRASIL, 1993), que foi a primeira a de fato dispor sobre os aspectos gerais do desporto a nível nacional, alinhada minimamente aos princípios do estado democrático de direito e à Constituição de 1988⁷⁷.

Em uma leitura comparativa das duas leis, é interessante notar que no capítulo que trata da natureza do desporto nacional consta uma ligeira alteração. Na extinta lei (BRASIL, 1993, grifo meu), em seu capítulo III, artigo 3º, lê-se o seguinte: “o desporto como atividade predominantemente física e intelectual pode ser reconhecido em qualquer das seguintes

⁷⁷ Conforme coloca Luciano Bueno (2008), nos anos de 1990, o Brasil tomava parte na globalização dos eventos esportivos, o que desencadeou um processo acelerado de profissionalização dos atletas. Isso, por sua vez, acabou encontrando muitos impasses justamente pela herança legislativa oriunda dos governos ditatoriais anteriores, que regiam o esporte de forma altamente centralizada.

manifestações: [...]”. Na lei vigente (BRASIL, 1998), por sua vez, os termos “física e intelectual” foram suprimidos da redação do artigo, tornando a definição de esporte relativamente ampla e de caráter mais formal, para não dizer um tanto vaga.

Em um levantamento dos estudos que investigam as mudanças nas legislações esportivas (presentes, em massa, nas bases de produção de conhecimento do campo da Educação Física), não foi possível encontrar uma discussão cujo foco fosse essa alteração específica no artigo referido. Na verdade, as alterações foram tidas por alguns desses pesquisadores como “pouco significativas”, diante dos embates políticos acerca de outros assuntos que a formulação da lei suscitou na época (VERONEZ, 2005), ou mesmo eventualmente ignoradas (BUENO, 2008).

Em uma iniciativa que, ao que tudo indica, visava integrar alguns dos chamados esportes da mente no contexto da principal lei desportiva, tramitou no Congresso Nacional um outro Projeto de Lei, o de nº 5840 de 2016 (BRASIL, 2016), de autoria de Marco Antônio Cabral do PMDB/RJ e Mariana Carvalho do PSDB/RO. O PL 5840/2016 tem o objetivo de promover o reconhecimento dos esportes da mente como práticas desportivas. O projeto tinha a intenção de alterar justamente o artigo terceiro da Lei Pelé, incluindo um parágrafo que dissesse: “O disposto nos incisos I, II, III e IV do *caput* deste artigo aplica-se aos esportes da mente.” (BRASIL, 2016, Redação Final). Dentro dessa categoria, estão claramente tipificados no projeto de lei: Pôquer, Dama, Xadrez, Bridge e Go.

Conforme consulta à página da Câmara Legislativa em que consta a tramitação do projeto, este aguarda apreciação final do Senado Federal desde 2019. Em que pese o esforço, a aprovação desse projeto pode não se concretizar tão cedo, justamente porque o PL 1153 de 2019, que dispõe sobre a Lei Geral do Esporte e que substituirá integralmente a Lei Pelé, está em fase final de tramitação. Segundo as fontes consultadas e conforme afirmou a própria ministra nas entrevistas supracitadas, o documento deverá ser aprovado no máximo até o ano que vem. Na nova redação, mais uma vez foi alterada a parte que trata da natureza do esporte – localizada no parágrafo primeiro, do artigo nº1, da Seção I “Disposições Preliminares”, Capítulo I, Título I. Nela, é assim definido:

§ 1º Entende-se por esporte toda forma de atividade predominantemente física que, de modo informal ou organizado, tenha por objetivo a prática de atividades recreativas, a promoção da saúde, o alto rendimento esportivo ou o entretenimento (BRASIL, 2023).

Em síntese, todo esse percurso sobre as definições legais, bem como o significado de esporte – subentendido no discurso da atual ministra nas expressões “esporte raiz”, “movimento”, “atividade física”, “prática motora”, etc. – tendem a reforçar que por “esporte”, associa-se uma forma específica de movimento do corpo. Uma que, por efeito, descola o xadrez e outras práticas do escopo da noção legítima de esporte.

O que, todavia, não significa uma completa desvalorização e desinteresse pela modalidade a nível político. Em 2021, o projeto de lei nº 2993 (BRASIL, 2021), que altera o artigo 26º-B da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), foi aprovado e instituiu a obrigatoriedade do ensino do xadrez nas instituições de educação básica. A justificativa que embasa o projeto de lei, sem mencionar uma única vez o termo esporte em sua redação, assenta-se nas ideias de que o xadrez se trata de uma atividade que “melhora o desempenho acadêmico”, “concentração, controle de ansiedade e o exercício da paciência” (BRASIL, 2021, p. 2).

Evidentemente, não se aqui trata de adotar uma postura ingênua a ponto de não atentar para o fato de que essa disputa política envolve questões fundamentalmente mais práticas, que dizem respeito à verba. A ministra Moser, em uma das ocasiões em que precisou justificar sua posição em relação aos *e-sports*, mencionou que consiste em uma atividade sustentada por uma indústria capaz de movimentar milhões de dólares – e que por esse motivo não haveria interesse da Administração Pública em financiá-la. Reconhecido isso, voltemos à questão subjacente a essa discussão, que é mais central para nós e de uma outra ordem. Quer dizer, ao que entendemos por movimento.

Diante do quadro exposto, é quase imperativo retomar o que levantei no início deste capítulo, com o excerto de Silvia Citro (2010), no qual descreve uma situação pessoal com o sobrinho. Toda essa disputa sobre qual é a definição legítima de esporte parece transparecer uma representação tão comum quanto pouco discutida na Antropologia, a saber, de uma concepção generalizante de movimento que acaba por excluir ou desconsiderar um conjunto de outras práticas esportivas. Se levarmos à risca a concepção de esporte presente no discurso da ministra, estaríamos excluindo de políticas públicas modalidades como: levantamento de peso, tiro com arco, tiro esportivo⁷⁸, etc. Ademais, a falta de precisão permite ainda colocar uma pergunta que soa igualmente absurda e necessária diante desse cenário: tendo em vista que os esportes somente sejam denominados como tais por pressuporem um movimento do corpo

⁷⁸ Inclusive, uma investigação importante seria como os praticantes dessa modalidade elaboram a definição de esporte.

socialmente reconhecido como tal, seria cabível afirmar que se tratem de modalidades menos mentais por isso? A questão fulcral, portanto, é compreender do que estamos falando quando falamos de movimento humano.

Antes de tudo, embora o ex-presidente da FEXERJ tenha levantado esse ponto como problemático e com isso me motivado a tangenciar o debate acima, saliento que não essa foi uma discussão que repercutiu entre os demais interlocutores. Como já disse antes, os enxadristas tendem a tratar sua prática como uma atividade esportiva, ainda que diferenciada. Ou seja, nos discursos dos jogadores, esse é um ponto pacífico o suficiente a ponto da situação com a ministra Moser não ter se tornado uma polêmica entre os agentes. No entanto, em uma ocasião de trocas de mensagens com um jogador do clube, tive a oportunidade de perguntá-lo se tinha acompanhado o caso e o que teria achado da declaração da ministra do Esporte. Eis sua resposta.

Vi a declaração e não concordo. Esse tipo de definição de esporte, levando em conta apenas movimentos físicos extremos, como corridas ou saltos, é ultrapassada. Provavelmente essa era a definição de esportes na época em que se iniciaram os jogos olímpicos, na Grécia, mas usar essa definição hoje é algo que eu considero errado. Se pudermos considerar que todas as modalidades esportivas presentes nos jogos olímpicos de verão são de fato esportes, devemos considerar o tiro com arco e o tiro com pistola (esse segundo, lembro que um brasileiro chamado Felipe Wu ficou com medalha de prata em 2016) como esportes tanto quanto os demais, e nenhum deles utiliza de corridas para acontecer, assim como o xadrez. Outro ponto é que todo esporte, até mesmo os 50 metros rasos, natação e judô, necessitam de técnica, estratégia, planejamento e inteligência durante a sua execução, assim como o xadrez (Mensagem de Gustavo, abril de 2023).

Um outro fragmento de campo associado indiretamente ao tema em questão foi a entrevista com Plínio, jogador de destaque no clube. Durante a conversa, Plínio contou, para a minha surpresa, que além de dar aulas de xadrez é também professor de jiu-jitsu em uma academia da cidade. Sem conseguir conter uma certa curiosidade em relação a essa diferença de práticas, questionei-o imediatamente: “nossa, mas são atividades completamente diferentes, não?”. Ele respondeu:

Na verdade, não. Tem um mestre internacional que depois que saiu do xadrez se tornou faixa preta de jiu-jitsu e é dono de uma das maiores academias do mundo. E ele mesmo, quando foi para o Jiu-jitsu, batizou o esporte de xadrez humano. As pessoas têm muito essa impressão de que arte marcial é força, quando na verdade é você antecipar os movimentos do seu adversário e entender como dominar o seu adversário. Tem muito a ver com o xadrez. É estratégia e é cálculo também. Sempre tem que estar dois passos à frente para não ser pego de surpresa (Entrevista com Plínio).

Esses dois registros de campo apontam para uma maneira relativizada de conceber tanto os processos da mente quanto o que é movimento. Por assim dizer, para esses interlocutores, o significado do que é movimento se distancia algum tanto da ideia de um corpo físico que não pensa e que só se movimenta, tal qual se afasta da mente destituída de materialidade, etérea. Com a questão do movimento em foco, podemos interpretá-lo segundo os termos de Brenda Farnell (2012), para quem seria impossível pensar o corpo fora de sua condição fundante – o movimento. A partir disso, torna-se inviável estabelecer uma dicotomia entre as práticas que contenham movimento e aquelas que não. A autora citada defende uma perspectiva de agência baseada no movimento humano, argumentando por uma noção de pessoa “dinamicamente incorporada”. Em outras palavras, o movimento e as ações significativas, em sua inteireza, são o que produzem a pessoa, segundo a concepção de Farnell. Por isso é preciso interpretar o corpo a partir de gestos, olhares e modos de se portar.

Por conseguinte, na contramão das ideias trazidas consoante Farnell (2012), na discussão que apresentei nesta seção, tudo se passa como se a definição de esporte naturalizasse um único sentido da ideia de movimento humano enquanto excluísse outros. O que me remete à crítica de Robert Hertz (1980) em seu célebre texto sobre a preeminência da mão direita, segundo o qual a incapacidade da mão esquerda não se sustenta em nenhuma causa orgânica, sendo, ao contrário, uma construção social. Da mesma forma, pelo que se registra, a noção de movimento mostra-se impregnada de semelhante preconceito e, neste aspecto, aprofundando antigos dualismos.

CAPÍTULO 5
AS EMOÇÕES ENTRE OS ENXADRISTAS

5.1 Primeiro, um comentário teórico

Lá está você, anotando seus movimentos, pressionando seu relógio, movendo suas peças – ou seria movendo as peças? Bem, lá está você, seu cérebro, suas emoções e todo o seu sistema nervoso. Seu ego e seu *rating*. E seu oponente. A adrenalina sobe; você sentiu? Será que era só eu?... Mas, você não viu, aquela linha com... E todas essas variações, tique-taque, tique-taque. Simplesmente não me parece certo, mas sei que esse momento nunca mais voltará. Agora pense, pense, eu tenho que pensar, penso. Eu consigo contar, mas isso nunca é suficiente. A maré está virando e eu estou perdendo; tenho que tentar mais. Quem está *taqueando*? Quem manda aqui? Mesmo? – Ele sabe disso? Ah ele esqueceu! Como assim ele muda todo dia? Então, quem assumiu? Ah, eles, não é? Bem, vamos resolver isso... O que você quer dizer com não podemos? Eles estão onde? A natureza do jogo? Mas é urgente; como posso alcançá-los? Como assim eles estão sempre presentes? Por que não consigo vê-los? Eu posso? Lá está você de novo, anotando seus movimentos, pressionando seu relógio, movendo suas peças (ROWSON, 2008, p. 10, tradução própria).⁷⁹

O redirecionamento do olhar na pesquisa de campo para as questões relativas às emoções dos enxadristas abriu um horizonte rico à exploração analítica, como o leitor acompanhará na sequência. Isso me permite afirmar, logo de início, que o espaço social do xadrez é fortemente atravessado por discursos sobre emoções. Mais até do que qualquer desconhecedor do campo poderia imaginar e do que alguns enxadristas gostariam de admitir. É por diferentes formas que os discursos sobre as emoções surgem no contexto etnográfico pesquisado, muitas vezes contraditórias e não raro bastante afeitas às concepções mais amplas do Ocidente sobre emoções. Antes de efetivamente partirmos para o escrutínio dessa parte da pesquisa, é fundamental estabelecermos algumas bases teóricas sobre o tema. Em outras palavras, do que falamos, quando falamos de emoções neste relato etnográfico?

A necessidade de tal esforço teórico preliminar reside no fato de que as emoções são objetos de estudos nas mais diferentes áreas do conhecimento. Assim, não é incomum a importação irrefletida de premissas e conclusões de determinados campos do conhecimento para outros. Tal como, da mobilização de crenças carregadas de senso comum para a Antropologia, o que no fim pode limitar o alcance analítico do estudo sobre aquele objeto/tema.

⁷⁹ No original, lê-se: There you are, writing down your moves, pressing your clock, moving your pieces. Or moving the pieces? Well there you are, your brains, your emotions, and your entire nervous system. Your ego and your rating. And your opponent. The adrenaline rushes past; did you feel it? Was it just me? ... But didn't you see it, that line with... And all these variations, tick tock, tock tick. It just doesn't feel right, but I know this moment will never come again. Now think, think, I've got to think, I think. I can count but that's never enough. The tide is turning and I'm losing it; I must try harder. Who's tocking? Who's in charge here? Really? – Does he know this? Oh he forgot! What do you mean he changes every day? So who took over? Oh they did, did they? Well we'll sort them out... What do you mean we can't? They're where? The nature of the game? But it's urgent; how can I reach them? What do you mean they are always present? Why can't I see them? I can? There you are again, writing down your moves, pressing your clock, moving your pieces.

De um modo geral, seria difícil encontrar alguém nas consideradas sociedades ocidentais modernas – que não fosse estudioso do assunto – disposto a discordar da ideia de que as emoções são estados internos psicológicos (e de estreita relação com o corpo, portanto, naturais), que podem ou não ser expressos por aquele que é acometido. Como Claudia Rezende e Maria Claudia Coelho (2010) afirmam, associada a essa ideia está também a assunção, implícita ou explícita, de um caráter universal dos sentimentos. Ou seja, tal qual eles fossem substâncias pré-culturais que atingissem a todos igualmente e da mesma forma. Em certo sentido, é possível afirmar que esses modelos referenciais de emoções organizam e ancoram as narrativas que encontramos em muitos espaços sociais, como na mídia, na literatura, no cinema (e na indústria cultural como um todo), mas também nas conversas cotidianas, quando falamos sobre os nossos sentimentos.

Catherine Lutz (1988) nos ajuda a entender que esse modo de operacionalizar e referenciar os processos emocionais em nossas vidas integra o que ela chama de etnopsicologia ocidental. Isto é, um sistema de conhecimentos relacionado com o modo como as pessoas conceitualizam, monitoram e discutem sobre seus próprios processos mentais e os dos outros. Incluem-se aí comportamentos e relações sociais que são em si mesmos constitutivos de um grupo e uma cultura. Logo, no caso das sociedades ocidentais modernas, a construção das etnoteorias se deu apoiada na história da constituição das disciplinas médicas e, posteriormente, psicológicas, bem como das teorias filosóficas sobre as emoções – como os escritos sobre o assunto que encontramos em Platão, Hobbes, Rousseau e outros. Esses sistemas de significados estão presentes na história das ideias do chamado mundo ocidental e são implicitamente incorporados às visões de mundo dos agentes sociais (minhas, suas e dos interlocutores que participaram da pesquisa), sem os quais não se consegue falar sobre as emoções.

Lutz desenvolveu seu argumento sobre as etnoteorias ocidentais com base em uma investigação transcultural, que iluminara tais características ocidentais a partir do conhecimento antropológico das etnoteorias presentes entre os Ifaluk, na Micronésia. Nesse sentido, o desafio de empreender uma Antropologia das emoções na própria sociedade da qual se participa reside no ensinamento mais elementar que esta área de estudo pode nos fornecer: o estranhamento daquilo que é familiar. Se no texto em que Gilberto Velho (1999) aborda o par “familiar e exótico” a discussão é em relação aos agentes sociais que possam vir a ser interlocutores de uma investigação antropológica, aqui, gostaria de aplicar essa oposição aos tratamentos comunicativos que damos às emoções. Como exotizar discursos sobre emoções que podem nos ser tão familiares?

Embora os enxadristas sejam um grupo relativamente distante de mim e, portanto, “exótico”, a forma como eles mobilizam as emoções (e os significados atribuídos a elas), é em certo sentido familiar. Afinal, compartilhamos do mesmo conjunto geral de representações e visões sobre essa dimensão da vida. O desafio deste trabalho, pois, está em exotizar os discursos dos enxadristas sobre as emoções para, a partir disso, efetuar uma distinção entre as categorias nativas e as categorias analíticas. Embora tal tarefa faça parte do trabalho dos antropólogos em geral, interpretar as emoções dentro da própria cultura a torna bem mais desafiadora.

Do ponto de vista teórico-metodológico, um caminho pavimentado para esse tipo de trabalho está implícito nas indicações acima, a saber, a possibilidade de tratar o tema das emoções como *discurso*. Para este trabalho, penso que seja importante retomar brevemente a própria formulação foucaultiana de discurso, para explicitar os construtos em que me sustento. Em “A Arqueologia do Saber” de Michel Foucault (2008), encontramos as elaborações iniciais desse projeto que é antes de tudo metodológico, cujo propósito é tratar os sistemas de pensamentos e de conhecimentos a partir de uma formação discursiva. Nesses termos, o discurso não deve ser confundido com as enunciações e as narrativas em si mesmas. Ele, tampouco, é o objeto sobre o qual se fala. O discurso, antes, é aquilo que autoriza e torna possível a existência desse mesmo conjunto de enunciados, narrativas e objetos. Ele, portanto, é o jogo das regras, aquele que organiza os respectivos contextos enunciativos. Operando como uma espécie de estrutura subjacente, o discurso pressupõe e integra o dito, tal como o não dito, as definições dos objetos e aquilo que está fora dessas definições. Logo, a principal implicação disso tudo é que o discurso, em última instância, é produtor da realidade. Ou, para falar em termos foucaultianos, os discursos são “as práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam (FOUCAULT, 2008, p. 55)”.

Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz (1990) tomam como base a definição de Foucault ao proporem seu modelo interpretativo das emoções, muito embora elas mesmas não tenham se dedicado a desenvolver de forma mais detalhada tal articulação com as ideias do autor francês. Mas as autoras reconhecem que o conceito de discurso tem tido suas definições ampliadas recentemente e que mesmo essas definições mais abertas de discurso têm servido para pensar o tema das emoções. Dentro da Antropologia, tratar as emoções nesses termos foi o resultado de um processo de elaboração crítica e de mudança na compreensão do que elas são. De vê-las não mais como estados internos psicológicos, mas sim como um complexo comunicativo. Estudar o discurso sobre as emoções é, na esteira de Abu-Lughod e Lutz (1990, p. 14), entendê-las como

um fenômeno social, ou ainda, como “uma forma de ação social que tem efeitos sobre o mundo, que são lidos de um modo culturalmente informado pela audiência que fala da emoção”.

Dito de outro modo, ao contrário de visões essencialistas, entender as emoções a partir de uma ótica do discurso é compreender como elas podem interferir em um dado espaço social. É refletir sobre como elas se articulam aos diferentes aspectos das relações que ali se estabelecem – poder, conflitos, gênero, raça, etc.

Na contramão de vê-las como veículos de expressão, devemos entender os discursos sobre as emoções como atos pragmáticos e performances comunicativas. O interesse mais amplo nas Ciências Sociais pelo modo como a linguagem implementa a realidade social coincide com o interesse em como as emoções são fatos socioculturais (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990, p. 11, tradução própria).⁸⁰

Outro aspecto interessante no modelo proposto pelas autoras estadunidenses é a introdução da perspectiva contextualista. Se, por um lado, quando pensamos nos discursos sobre as emoções, podemos focar nessas metanarrativas amplamente compartilhadas que encontramos nas diferentes esferas sociais, por outro, percebe-se que os discursos sobre as emoções se modelam sobremaneira a partir de contextos específicos e situações localizadas. Nelas, então, emergem novos rearranjos discursivos que nos possibilitam tensionar e questionar as definições estereotipadas sobre emoções que carregamos.

5.2 Emoções de valência positiva no xadrez

Nos primeiros dias após definir que esta pesquisa focalizaria enxadristas amadores, não sendo eu nem de longe uma conhecedora deste universo, minhas primeiras buscas na internet sobre o assunto levaram-me às principais plataformas de xadrez online, como o *Lichess* e o *Chess.com*. Ao compreender a extensão e a importância de tais servidores, hesitei por um momento em acreditar que os clubes físicos de xadrez fossem espaços ainda em atividade. A hipótese de que essas instituições teriam “caído no ostracismo” foi imediatamente descartada ao encontrar, no site da FEXERJ, a lista de pelo menos vinte clubes de xadrez. Todos ativos e vinculados àquela instituição no estado do Rio de Janeiro, nos quais é a cultura do xadrez físico que predomina.

⁸⁰ No original, lê-se: Rather than seeing them as expressive vehicles, we must understand emotional discourses as pragmatic acts and communicative performances. The more general interest in the social sciences in how language implements social reality coincides with the interest in how emotions are sociocultural facts.

Portanto, ainda que não fosse uma questão central desta pesquisa, foi possível ao longo do campo entender como se articulavam esses dois universos do xadrez online e do xadrez jogado no clube. A interpretação dos dados produzidos me permite formular que, muito embora os clubes façam parte do sistema esportivo, já não seria possível separar um do outro, em termos da prática enxadrística. O xadrez jogado com o movimento das peças físicas e o xadrez jogado por meio de cliques no mouse, ou mesmo no *touchscreen* do celular, misturam-se permanentemente. Seja porque é comum buscar uma partida na internet e reproduzi-la imediatamente no tabuleiro físico, seja porque eventualmente se analisa pelo computador alguma partida jogada em torneio ou no clube. Eu tenderia a afirmar que os dois meios de praticar a mesma modalidade se complementam e se retroalimentam quando se trata do aprimoramento das habilidades técnicas. Como já relatei também em outro capítulo, as próprias atividades de estudo no NXN tinham esse caráter híbrido de uso das telas digitais e dos tabuleiros físicos.

Entretanto, dois aspectos pertinentes à presente discussão colocam o xadrez presencial e o online em patamares distintos, são eles: os valores atribuídos aos *ratings* (oficiais e online) e o aspecto emocional que os torneios presenciais podem produzir (fatores entre si mais associados do que se imagina). Em resumo, uma crença comum é a de que subir os *ratings* oficiais constitui tarefa mais complicada do que subir os *ratings* online. Não apenas por aqueles serem movimentados somente em situações de torneios federados, como também pelo fato de que enfrentar um adversário presencialmente torna essa tarefa emocionalmente mais difícil do que fazê-la através do computador. Em um episódio do podcast Torre na Sétima, recomendado por um interlocutor e enxadrista do clube, que teve a participação do Mestre Nacional Daniel Brandão, o entrevistador e também enxadrista Derlei Florianovitz fez uma pergunta que incide justamente nesses dois aspectos:

Derlei Florianovitz — O pessoal se impressiona e dá muito valor para o *rating* online... como que você vê essa questão do pessoal que se desmotiva por perderem muitas partidas online?

MN Daniel Brandão — Eu reconheço que tem muita gente que sente isso, de ter apreço pelo *rating* online, mas eu devo dizer que eu nunca tive muito isso não. Inclusive, eu tenho o hábito de baixar o *rating* online antes dos torneios porque eu fico jogando muito, experimentando muita coisa e eu sinto que a internet é um lugar, como se fosse um *sparring*, onde eu vou treinar os movimentos, onde eu vou fazer laboratórios. Então eu não acho que o *rating* de internet reflete a força dos jogadores de torneio. Quando eu estava no Continental lá em Montevidéu, eu tive alguns insights em relação a isso [...] é um torneio que tem lá cinquenta ou sessenta GM, os melhores jogadores da América. Você tem um mar de mestres, então é um lugar que não é para brincadeira. Você sente no ar, você sente na atmosfera do torneio que tá todo mundo

disposto a pular no seu pescoço, tá todo mundo lutando com muita força por cada ponto. Se você perde quatro partidas em sequência você vai pegar alguém muito forte ainda. Ninguém vai brincar nesses torneios, então você tem um ambiente mais denso. Claro que todo mundo é muito cortês, muito gentil, mas na parte competitiva é algo mais brutal. E quando eu fui jogar o primeiro Continental, eu percebi como é diferente a galera que é forte na internet e quem é forte de verdade. Tem uma galera que é forte na internet, mas que se entrasse em um salão desses não iria nem conseguir se concentrar direito de tão pressionado que ia ficar tendo que se portar dentro desse ambiente. É completamente diferente do xadrez de internet que você joga em casa de pijama, no conforto da cadeira e sem ninguém olhando (TORRE..., 2022, 12min 05s).

A despeito de Daniel Brandão estar se referindo, especificamente, às competições de nível avançado como do torneio Continental, no qual participam jogadores de alta performance, encontrei discursos semelhantes sobre a “atmosfera pesada” do lugar, a “tensão” e a “adrenalina” dos torneios com alguns interlocutores desta pesquisa. Como disse anteriormente, os anos de 2020 e 2021, marcados pelas decorrências da pandemia de COVID-19, fizeram com que o calendário de torneios estaduais tivesse que ser suspenso ou apenas parcialmente cumprido. Essa ausência de eventos presenciais suscitou muitas conversas entre os enxadristas, entre as quais não era difícil ouvir referências acompanhadas de certo saudosismo aos jogos “cara a cara” com os adversários nos torneios oficiais.

Os torneios de xadrez, portanto, podem ser considerados espaços em que se produzem e se induzem emoções, podendo elas próprias servir de motivo para os enxadristas participarem desses eventos. Nesse caso, a “tensão” ou a “adrenalina” do ambiente competitivo operam segundo uma valência positiva no contexto enxadrístico. Ao escrever estas linhas, relembro o trecho do meu diário de campo (já registrado no capítulo de metodologia), no qual um dos interlocutores, companheiro de clube, alerta-me que o nível de “tensão” no torneio interclubes carioca é tão alto que eu não deveria me assustar caso visse pessoas “saírem na porrada”. Situação hipotética, naquela ocasião, que pode ser lida como a extrapolação dos níveis (agradáveis e desejáveis) de tensão.

Assim, tudo indica que essa “tensão” vivida nos salões de competição é produzida porque é nesses locais que as hierarquias oficiais se movimentam e se reorganizam. O que, por conseguinte, gera a expectativa da produção de novas hierarquias. E, como colocou o Mestre Nacional Brandão na entrevista acima, a possibilidade de viver o rearranjo dessas hierarquias diante dos adversários faz com que os discursos sobre as emoções acerca desse ponto tenham um mesmo sentido. Ainda assim, é preciso entender com maior precisão do que se trata essa tensão, ou ainda compreender do ponto de vista nativo como as emoções se relacionam com a produção do *habitus*, foco maior de nossa análise.

5.3 O *rating* como regulador dos discursos sobre as emoções

Em um primeiro nível, um outro aspecto já discutido nesta tese vem à mente: a seriedade do jogo. Conforme exposto no capítulo 3, a formação do *habitus* do enxadrista implica na produção de ao menos três disposições: escolástica, estética e ascética. Essas disposições pressupõem, antes de tudo, “levar a sério o xadrez”, vivido em oposição a ideia de divertimento. Condição essa que se desdobra na capacidade de valorizar determinados elementos, como: o hábito de analisar as partidas, o reconhecimento estético da beleza de certas posições das peças no tabuleiro, o aprendizado e [re]conhecimento dos livros e autores mais clássicos. Mas igualmente de apreciar os paradigmas teóricos de cada época, as partidas pensadas (no lugar dos jogos de *blitz*) e, por fim, a dedicação rotineira aos estudos de exercícios de táticos.

Uma vez imbuído da seriedade que o xadrez exige, a participação em torneios converte-se na oportunidade para a exibição e a reafirmação perante os pares. No entanto, esse novo caráter não se forma sem a experiência e o manejo dos discursos quanto aos ambivalentes processos emocionais. Em uma entrevista com um jogador de 32 anos, classe B, esse ponto fica bastante evidente ao perguntar sobre as emoções que o jogo lhe produz:

Amanda — Como é pra você jogar xadrez, emocionalmente falando?

Vicente — Quando eu era adolescente, eu lembro que vivia estressado por vários motivos. E o xadrez me ajudou a ficar um pouco mais calmo. Nos momentos em que eu pensava em xadrez, eu sentia que eu virava uma pessoa um pouco melhor. Mas ao mesmo tempo é uma faca de dois gumes, né, porque ele vai te impulsionar à concentração, vai te impulsionar à disposição, mas ele vai te fazer um pouco mal às vezes, porque como é uma competição, é um jogo entre duas pessoas, você vai sentir raiva, frustração, felicidade – todo o tipo de emoção ali [...] Então assim, no sentido de emocional, o xadrez impulsiona algumas coisas. Só que é isso, ele impulsiona algumas coisas se tu se importar com ele. Se tu jogar xadrez seriamente. Se tu jogar só por jogar, tu não vai sentir nada, vai ser um jogo como qualquer outro. Vai ser tipo jogar campo minado no computador (Entrevista com Vicente, 32 anos).

Se se pode dizer que há um relativo consenso a respeito da “tensão” produzida no salão de jogos, tal qual argumentei na seção anterior, no caso das emoções vividas individualmente a cada rodada dos torneios oficiais, elas podem ser de toda ordem. Ainda assim, esse não é um processo que ocorre de forma aleatória, nem tampouco descolado dos fatores microsociais ali envolvidos. Conforme Lutz e Abu-Lughod (1990) nos apontam por meio da visão contextualista, devemos analisar como a referência à emoção se localiza no contexto de sua enunciação.

O leitor já sabe que o xadrez competitivo se assenta na hierarquização objetiva dos desempenhos pregressos. E o que muitos relatos mostram é que, nas situações de torneio, as referências às emoções se estruturam em torno dessas hierarquias oficiais. Isso é bem exemplificado nos depoimentos de interlocutores que, surpreendentemente, afirmaram se sentir mais “nervosos” quando diante de um adversário de menor *rating*. Foi o caso de Tadeu, professor de matemática, com idade entre 30 e 34 anos, jogador classe B e sócio do NXN desde 2017. Ele justificou essa situação pelo fato de que a “obrigação da vitória” da partida recai sobre aquele jogador de maior força, o que, conseqüentemente, levaria esse jogador a um estado de “nervosismo” maior. Há, nesse contexto, uma assunção implícita e compartilhada entre os jogadores de que ele devesse sair vitorioso da partida.

Amanda — E tem diferença, jogar com alguém diferente do seu [*rating*]?

Tadeu — Eu fico mais nervoso quando eu vou jogar com o jogador menos forte. É, porque ali eu tenho obrigação, entendeu? Quando eu vou jogar com jogadores que teoricamente eu tenho que ganhar, eu falo, cara, eu tenho que ganhar desse cara. Né? O outro [caso, na situação em que ele é o jogador mais fraco] é mais assim, tipo, um desafio pra mim. Né? Só que eu sei que ele quer, tipo, ele quer me ganhar de qualquer forma, entendeu? Eu deixo a obrigação pra ele (Entrevista Tadeu, 32 anos).

Relato semelhante foi feito por Juliana Terão, uma enxadrista paulista de 32 anos, detentora do título de Mestra Internacional Feminino (WIF), durante uma entrevista online concedida à Taís Julião, em seu canal da *Twitch*. Juliana Terão integrou a equipe feminina que participou das Olimpíadas de 2022, na Índia. Na ocasião, a entrevistadora perguntou à enxadrista qual seria a maior lembrança da última Olimpíada de que ela tomou parte. Juliana diz:

A melhor lembrança foi o jogo contra a Harika⁸¹. Mas assim, não foi a partida, né. Eu tava aguentando assim. Foi a última partida a terminar. A gente chegou numa condição em que tecnicamente eu estava perdida já. Mas é xadrez, né. Tem o fator do tempo ali. Fator nervosismo. Eu estava fazendo a minha parte ali. “Minha filha, a GM aqui é você. Faça seu trabalho.” Eu estava só esperando o mate chegar. Eu notei que ela estava ficando nervosa e eu falei. “enquanto eu puder continuar deixando essa menina nervosa, eu fico feliz, né. E ela foi ficando cada vez mais nervosa, nervosa, de repente a seta⁸² dela caiu. E aí você vê, é uma das meninas que é melhor do mundo, né. Elite, né. Deve ser número 10 do mundo há bastante tempo. E assim, uma pessoa dessas também deixa a seta cair, né. Acho que essa é uma grande lição (XADREZ DE QUINTA, 2022, 11min 57s).

⁸¹ Harika Dronavalli é uma enxadrista indiana que alcançou o título de Grande Mestre no ano de 2011.

⁸² “Seta” é uma categoria nativa que corresponde ao tempo no relógio de jogo. Dizer que a seta de sua adversária caiu, significa que ela gastou todo o tempo que tinha para pensar nos lances, resultando em derrota, mesmo que a posição do tabuleiro possa ser vantajosa para ela.

Levando em conta esses dois relatos, pode-se dizer que a condição de não ter o peso da obrigação da vitória atenua a produção de discursos sobre os sentimentos de valor negativo. Portanto, nas situações de torneios oficiais, os *ratings* não deixam de ser um regulador da própria retórica da emoção, ajustando-a para uma valência positiva ou negativa. Se, em um caso (uma partida), a retórica emocional pode ser da ordem do “nervosismo”, no outro, ela pode estar associada ao eixo do “aprendizado” ou da ideia de se viver um “desafio”.

Amanda — Como é jogar contra alguém de rating diferente do seu?

Fernando — Eu acho maneiro, eu gosto de jogar com alguém mais forte do que eu. Acho que é emocionante, eu acho que tipo é uma coisa que te desafia, sabe? Eu gosto de desafio, aí quando tem um desafio assim eu acho legal, principalmente quando é para jogar contra uma pessoa de *rating* muito mais alto (Fernando, 28 anos, estudante).

O discurso sobre a obrigação da vitória é relativamente conhecido dentro da comunidade enxadrística. Segundo parece, ele tem relação com o imaginário compartilhado entre os enxadristas de que a natureza do jogo dispensa fatores externos, como sorte e outros elementos considerados contingenciais, mas que poderiam interferir no resultado. Assim, a força dos jogadores (*rating*) torna-se um indicador quase que determinante, e igualmente relevante, na projeção dos resultados das futuras partidas. “O xadrez é jogado às claras, não tem como você esconder nada do seu adversário, nem ele de você” – tal qual me disse um enxadrista do clube. Tal condição, por sua vez, impõe àquele que se submete ao jogo uma responsabilidade maior, seja na vitória, seja na derrota. Ideia semelhante é desenvolvida por Jonathan Rowson (2008), escritor e enxadrista escocês. O autor declara que todo enxadrista tem uma responsabilidade existencial pelo curso do jogo, pois ambos os jogadores podem ser tomados como cocriadores de uma obra, que é a partida. Todavia, o grau de responsabilidade nem sempre é uma coisa fácil de se administrar, do ponto de vista emocional.

Tem a ver com assumir a responsabilidade por seus erros e com o sentimento que vem à tona quando, a princípio, você fica um pouco enojado consigo mesmo por ter cometido o erro, e depois pode facilmente deixar isso de lado e dizer que não aconteceu, ou negá-lo, ou explicá-lo tranquilamente. Mas se você realmente levar isso para dentro, isso o forçará a se ver mais profundamente. E essa é uma sensação encantadora, eu acho. É uma experiência de aprendizado, de crescimento pessoal, na qual você realmente tem que se olhar nos olhos e dizer: “Olha, posso facilmente tecer uma teia narrativa aqui, explicando por que fiz o que fiz e porque, se ao menos eu tivesse feito isso, eu teria vencido o jogo (ROWSON, 2008, p. 64, tradução própria).⁸³

⁸³ No original, lê-se: It has to do with taking responsibility for your mistakes, and the feeling that comes up inside when, at first, you're slightly disgusted with yourself with making the mistake, and then you can easily push it to one side, and say it didn't happen or deny it or explain it away too easily. But if you actually take it on board, it forces you to see yourself more deeply. And that's a lovely feeling, I find. It's a learning experience, one of personal growth, where you really have to look yourself in the eye and say, “Look, I can easily spin a narrative web here, explaining why I did what I did, and why, if only I had done this, I would have won the game.

5.4 A honra e a dor da derrota

O excerto extraído do livro de Rowson introduz mais uma dimensão dos discursos sobre as emoções entre os enxadristas, a qual gostaria de dedicar esta seção: a dor da derrota. No capítulo anterior sobre a corporalidade, argumentei que, diferente dos estudos com atletas em esportes de performance física, para os interlocutores desta etnografia, os significados relativos à dor dificilmente se associam ao corpo dos enxadristas. Se lá a dor emerge como um dispositivo corporal a ser negociado e administrado, dado o caráter quase obrigatório de sua experiência nessas práticas, aqui, é a categoria do cansaço que assume centralidade. Ou seja, para os enxadristas a dor é descrita como simbólica e não como corporal.

Foi ao conversar sobre os processos emocionais associados ao jogo do xadrez que o referente “dor” ganhou realce nos discursos, como na entrevista com o Mestre Internacional do clube. Mesmo ele sendo jogador de xadrez há mais de 40 anos e uma referência local para os demais jogadores pelos feitos alcançados e pelos livros publicados, ao ser perguntado sobre como as emoções interferem no jogo, João respondeu da seguinte maneira:

Amanda — Como é pra você a questão emocional no xadrez?

Mestre João — A questão emocional é muito relevante para o jogador de xadrez porque a derrota incomoda muito o jogador, né. Porque você não perde só na questão da partida, é como se você tivesse perdido uma batalha intelectual. Uma coisa que incomoda muito, né? E, de um modo geral, quase todos os jogadores têm problema com a derrota para se recuperar, certamente. Até os grandes jogadores com toda a experiência sofrem um pouco com a derrota. É muito impactante você perder uma partida e pior é quando você perde uma partida ganha. Você tá melhor na partida toda, mas no finalzinho você comete um erro e isso conta uma história. E no meu caso, o que acontece, se eu jogo uma partida ruim de noite, eu tenho uma extrema dificuldade de dormir. Você fica com aquela coisa da partida rodando na cabeça e me atrapalha para a rodada seguinte (Entrevista com o Mestre Internacional João).

Pode ser surpreendente uma declaração como essa, vinda de um mestre, mas, em sua etnografia, Desjarlais (2011, p. 56) apontou para um horizonte muito parecido de significações mobilizadas entre os enxadristas de elite de outros países. Expressões como “Uma derrota atinge direto a alma” ou ainda “O perigo não é a derrota, mas a depressão que se segue”, proferidas por Grandes Mestres internacionais e retomadas pelo antropólogo francês, não são completamente estranhas se comparadas com as dos interlocutores com quem conversei, dos mestres às “capivaras”. Pelo menos se considerarmos aqueles que levam a sério o xadrez. Ao mesmo tempo, é quase unânime a crença de que as derrotas são, por excelência, os momentos

em que se pode extrair os maiores aprendizados, pois sua dor daria espaço para a emergência de um traço mnemônico privilegiado acerca de uma certa variante, abertura ou final de jogo.

No capítulo de metodologia, trouxe uma descrição extensa sobre minha partida contra Murilo, no torneio interclubes de 2021. A situação estava completamente favorável para mim, porém, ao avançar com o peão da coluna f e não efetuar a captura do bispo em g7 com esse mesmo peão, acabei perdendo. Isso me rendeu algumas lágrimas ao final do jogo, afinal, havia perdido uma partida ganha. Ao conversar com os colegas do clube após o traumático evento, um deles me orientou que, para seguir jogando as demais rodadas do torneio, precisaria esquecer (“deixar de lado”) momentaneamente aquela partida. Mas, assim que eu chegasse em casa, deveria voltar a ela, porque “analisar [a partida] no calor da emoção é o que faz a gente aprender”.

A associação entre dor e memória, presente nos discursos sobre as emoções dos interlocutores, evoca uma alusão à semelhante relação que faz Friedrich Nietzsche (2009), em sua segunda dissertação da obra “Genealogia da Moral”. Por estarmos interpretando os discursos daqueles que participam e compartilham de valores, costumes e representações do que – ainda que de maneira pouco precisa – podemos chamar de “ocidentais”, a crítica do filósofo alemão mostra-se pertinente. Segundo o autor, a formação da consciência do homem, proveniente da capacidade primitiva de fazer promessas, não aconteceu sem uma dose de dor e sofrimento. Consoante a obra em questão, em sua pré-história, o bicho-homem teve o esquecimento como uma espécie de força ativa – para forjar-se constante, idêntico a si mesmo e, portanto, confiável o suficiente para cumprir suas promessas. Entretanto, com a ajuda da “moralidade dos costumes e da camisa de força social” (NIETZSCHE, 2009, p. 44), esse sujeito-animal precisou se submeter a uma mnemotécnica cruel, assim, “grava-se a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória – eis um axioma da mais antiga psicologia da terra”. Essa proposição que, segundo Nietzsche é a mais fundamental da sociedade ocidental moderna, aparenta encontrar ecos nas experiências dolorosas dos enxadristas diante da derrota.

Para continuarmos a discutir a dor da derrota e suas reverberações, refiro-me a outro interlocutor, Leonardo, que tinha entre 21 e 22 anos na época em que o conheci e se dedicava aos cursos preparatórios para passar em um concurso militar. Neles, conheceu um professor de matemática que jogava xadrez muito bem. Começou aprendendo com ele, alguém que lhe parecia imbatível no tabuleiro em um primeiro momento. Como a vida de estudante de cursinho lhe ensinara, a dedicação, a disciplina e a paciência poderiam tornar possível a vitória no

tabuleiro contra o seu professor. Foi esse desejo que o fez procurar o NXN. Leonardo aprendeu rápido a se comportar naquele espaço. Reverenciava os enxadristas de *rating* mais alto, ao mesmo tempo em que adotava uma postura modesta junto aos mais fracos, agindo junto a esses como uma espécie de professor.

Esse interlocutor me ajudou em muitas análises de partida, com suas orientações e dicas. Eventualmente, quando ele ia expor suas ideias sobre uma determinada linha de jogo ou de variante, usava a expressão “na minha humilde opinião” e então prosseguia argumentando. Em pouco tempo – em torno de um ano –, seu *rating* oficial atingiu patamares de classe B. A partir de então, Leonardo estava em todos os torneios e passava a ser reconhecido pelo grupo como um jogador forte. Pude entrevistá-lo no dia do Torneio Interior de 2022. Naquela ocasião, perguntei-lhe se haveria espaço no xadrez para as emoções, ele respondeu que ali o aspecto emocional tem mais a ver com “não se afobar para fazer um lance [...] eu vejo que, às vezes, eu enxergo um lance e eu quero fazer logo. E muitas vezes isso não é bom, né, você tem que se segurar ali – ‘não, calma...’”.

No ano seguinte, em 2023, Leonardo foi jogar mais um torneio estadual. Não pude estar presente, mas acompanhei as trocas de mensagens que aconteceram pelo grupo do *Whatsapp* na data do evento. Mesmo ele, que atribuiu um lugar muito específico às emoções na entrevista acima, demonstrou nessa outra situação que há outros espaços para elas. Reproduzo a troca de mensagens abaixo:

Julio — Quem mais tá jogando? [o torneio estadual de 2023].

Leonardo — Joguei. Perdi as três. Kkkkkkk [sic]. Abandonei o torneio [resposta dada ao final do primeiro dia de competição].

Pedro — Também não fui bem, torneio pesado. Perdi duas e ganhei uma.

Otávio — Tô achando que dei sorte em não ter ido. Pqp [sic]. Torneio tá difícil hein.

Pedro — Eu não tô nem chateado porque eu perdi jogando bem. Acho que cheguei a ficar ganho ou melhor nas duas que eu perdi. Só tô com dificuldade para converter [em vitória]. Mas é foda isso, concordo com o Leonardo. É muito chato jogar torneio que você não tá se divertindo jogando. A gente não é profissional, se não tá sendo um negócio divertido, não faz muito sentido ir.

Julio [para Leonardo] — Abandona não mano, perder faz parte, a gente sempre tem a próxima partida para jogar. O importante é continuar.

Na sequência, Julio envia no grupo o link de um vídeo com um trecho do filme “Rocky Balboa”⁸⁴, no qual ocorre um diálogo entre Rocky e seu filho. Dentre outras coisas, Rocky fala ao filho:

[...] eu vou dizer uma coisa que você já sabe: o mundo não é um grande arco-íris. É um lugar sujo e cruel. Vai botar você de joelhos e você vai ficar de joelhos para sempre se você deixar. Você, eu, ninguém vai bater tão duro como a vida, mas não se trata de bater duro. Se trata de quanto você aguenta *apanhar* e seguir em frente. O quanto você é capaz de aguentar e continuar tentando. É assim que se consegue vencer. Agora se você sabe o seu valor, vai atrás do que você merece, agora tem que ter disposição para apanhar e nada de apontar dedos dizendo que você não consegue por causa dele ou dela ou de quem quer que seja. Só covardes fazem isso e você não é covarde (STALLONE, 2006, 1h 3min).

O vídeo foi seguido da mensagem de Julio: “Para vocês se motivarem pras rodadas finais”. No fim, Leonardo prosseguiu jogando e teve melhor desempenho, conforme compartilhou no grupo, junto com o registro de uma de suas partidas após o último dia de competição. Considerando essa situação etnográfica que concentra vários elementos vividos em campo, chamo a atenção para dois deles, a meu ver relacionados. O primeiro é a frustração que uma sequência de derrotas, convertidas no abandono do torneio, pode suscitar no enxadrista. Já o segundo elemento é a relação da metáfora de “apanhar” que, embora neste caso tenha aparecido nominalmente no contexto do filme, não me parece estranha aos membros do grupo para substituir o verbo “perder”.

Sobre o primeiro ponto, a dor e a frustração de uma sucessão de derrotas podem ser tão avassaladoras que a decisão pelo abandono do torneio antes de seu término não é incomum. Essa conduta, ainda que em alguma medida recorrente, não deixa de ser reprovada pelos jogadores, quando ouvem falar de alguém que assim o fez. As trocas de mensagens reproduzidas acima em certo sentido mostram isso, com as mensagens motivadoras dos colegas, direcionadas ao Leonardo. Nessa mesma direção, remeto ao dia em que, entre uma rodada e outra de um torneio já na sua fase final, um companheiro de clube perguntou sobre o meu desempenho até aquele momento. Eu o respondi que havia perdido todas até então. Imediatamente, esse colega replicou: “eu admiro de verdade quem tá perdendo todas e ainda assim continua jogando”.

Segundo parece, a insuportabilidade da derrota é vivida com tal intensidade que, do ponto de vista da linguagem, a metáfora do “apanhar nas partidas” é a que melhor expressa a

⁸⁴ O trecho em questão pode ser encontrado online com *tags* como “Rocky Balboa” e “Discurso inspirador/motivacional ao filho”.

agudeza da experiência. Uma situação em específico ficou marcada em minha memória e em meu diário, pois foi uma das primeiras vezes em que ouvi em campo essa expressão. Eu conversava do lado de fora da sala do clube com dois enxadristas que haviam terminado suas partidas em um torneio U1800⁸⁵ amistoso. O organizador da prova daquele dia deixou a sala para fumar um cigarro. Ao passar por nós, disse em voz baixa e em tom de brincadeira, tirando risos do meu interlocutor: “xadrez tinha que ser igual ao MMA, se o cara tá apanhando muito, tinha que dar um jeito de parar”.

A mobilização do sentido metafórico do verbo “apanhar”, para se referir às derrotas no tabuleiro, requer ser analisada com parcimônia. Recorro às reflexões de Victor Turner (2008) em “Dramas, campos e metáforas” para desenvolvê-la. Embora partamos de pontos distintos de discussão, uma vez que a preocupação de Turner está voltada às consequências de mobilizar figuras de linguagem no âmbito das análises sociais, enquanto aqui a emergência da metáfora foi de natureza êmica. As definições de metáfora em que o autor se baseia é o que nos interessa para prosseguir com a reflexão. Sustentando-se nas teses de Robert Nisbet, Turner argumenta que as metáforas são mobilizadas para aproximar dois domínios de experiências entre si, em uma só imagem. Referindo-se literalmente àquele autor, trata-se de proceder do conhecido para o desconhecido.

O efeito disso, penso, reside em um enriquecimento da significação contextual em que a metáfora é proferida. Considerando os dados produzidos, ao ser mobilizado no âmbito de uma partida de xadrez, o verbo “apanhar” representa não um uso circunstancial ou aleatório, mas sim o expressar de uma dimensão um tanto mais profunda desses interlocutores sobre os significados de um revés em partidas. Tal conclusão a respeito da profundidade dessa experiência para o enxadrista deixa uma pergunta: que dimensão da pessoa é ferida nessas situações? A hipótese que lanço para responde-la é a de que a derrota no tabuleiro fere a honra do jogador de xadrez. E, nesse ponto, ainda que seja importante iniciar pelas definições de “honra” elaboradas por outros autores, proponho desembocar na interpretação do conceito em articulação com as próprias condições do campo de pesquisa.

Segundo Julian Pitt-Rivers (1965), a honra pode ser definida, em poucas palavras, como o valor de uma pessoa sob os seus próprios olhos e sob os olhos da sociedade. Daí, revela-se uma relação entre os ideais de uma sociedade e a reprodução desses no agente, mediante as suas aspirações em personificá-los. O autor considera haver uma espécie de circuito fechado de

⁸⁵ “Under 1800”, ou, abaixo de 1800 pontos de *rating*.

produção. Ou seja, de que o sentimento de honra, por sua vez, inspira uma conduta honrosa, a qual tende a receber reconhecimento social e, por fim, estabelece uma reputação materializada na concessão de honras por seus pares.

Por um lado, é o insulto ou a ofensa que podem colocar a honra de um agente social à prova, em um sentido mais amplo. Por outro, considerando as teses de Bourdieu (1965) em sua pesquisa sobre a honra na sociedade Cabila, o desafio, ou, a competição pela honra, também podem ter uma lógica institucionalizada que se manifesta nos contextos de combate ritualizado e socialmente aceito. Nessa dinâmica, está em jogo ou em disputa o que Bourdieu (1965, p. 166) chama de *nif* – o ponto de honra, ou, “a vontade de superar o outro num combate de homem a homem”.

Para enriquecer essa discussão, revisito as concepções de Peter Berger (2015) sobre a obsolescência do conceito de honra. Conforme destacado por esse autor, enquanto no passado a honra possuía relevância em sociedades tradicionais devido às suas estruturas hierárquicas, com a era moderna, ela teria se tornado antiquada, cedendo espaço às noções mais contemporâneas de valor, como a dignidade. Isso seria resultado, argumenta Berger, de uma espécie de crise de identidade geral, cujos efeitos são vistos no rebaixamento da relevância que têm os papéis sociais institucionais, típicos de sociedades hierárquicas. Na mesma proporção, haveria uma ascensão do estatuto social da noção de “humanidade”.

Sem desconsiderar a validade dos argumentos de Berger, empreendo uma visão um pouco menos generalista. Pois, podemos pensar que o grupo social do qual nos ocupamos aqui, por mais moderno que seja, guarda ainda traços do que se definiria como uma sociedade hierárquica. Como já argumentei anteriormente, a métrica do *rating* não apenas organiza o campo esportivo do xadrez, ela orienta as condutas e as formas de agir e de sentir⁸⁶ dos jogadores no interior daquele espaço. Nesse sentido, é válido considerar que a dureza da experiência da derrota no tabuleiro tenha suas bases fincadas, justamente, no ponto de honra do jogador. Disso, resulta que seguir jogando competitivamente é, em última instância, uma constante disposição para lutar pelo alcance ou pela manutenção da estima naquele meio social. A derrota que tem lugar diante dos pares, portanto, pode ser lida como o momento de enfraquecimento da honra.

Ora, se tomamos esse argumento como verdade, adentramos em um outro plano de análise, isto é, o de compreender se a sobreposição do *rating* aos marcadores sociais da

⁸⁶ Ver subseção anterior.

diferença (como gênero e idade) tensiona ou atenua as disputas pela honra nesse contexto. Para abordar esse ponto, valho-me de algumas situações de campo. Uma delas foi a entrevista realizada com Júlia, enxadrista de 28 anos que jogava xadrez desde os sete. Ainda que eu não conhecesse Júlia pessoalmente antes da entrevista, que aconteceu de forma virtual, ela me pareceu bastante à vontade durante. Mostrou-se solícita a colaborar com a investigação contando de forma entusiasmada a sua história com o xadrez nas duas horas de conversa que tivemos. Na época, Júlia ocupava um cargo de diretora de comunicação na gestão vigente da FEXERJ, sendo a única mulher em um cargo de gestão na federação. Em diferentes momentos da conversa, Júlia disse conhecer muita gente do ambiente do xadrez e demonstrava desenvoltura tanto para falar sobre seus colegas de esporte, como para circular entre essas pessoas. Pude verificar isso quando a conheci pessoalmente nos torneios dos quais tomei parte.

Julia — Ah, é, aí teve uma história, lá no [Clube] Tijuca, porque eu já enfrentei umas coisas assim, né?! Aí teve um torneio interno do Tijuca, deve fazer uns... uns quatro anos, no máximo... eu não sei se é bom botar o nome dele... você troca o nome (risos) dessa pessoa (risos).

Amanda — Claro, não se preocupe.

Júlia — Bota Capivara (risos). E aí ele... ele chegou no torneio, o diretor do (clube) Tijuca, falou assim pra ele “Pô, vem jogar, vai ter um torneio interno aqui, é sua chance de ser campeão”. E ele lá no clube, lá pra diretoria do clube, é considerado assim, o maior jogador de xadrez do Brasil. Só que o pessoal tá altamente desatualizado, né? Então ele já não era, acho que nunca foi. Mas ele sempre jogou direitinho, tinha o talento dele, obviamente, mas quando você não desenvolve o talento, não adianta só ter o talento. Concorde? Então “Olha, o Ricardo não vai jogar, só vai jogar o Maurício...” assim, falando assim “Pô, você tem chance...” aí ele tava todo sorridente, chegando lá posudo, botou a beca, né, foi lá jogar e tal... — Ah! E era um torneio especial! Especial dos cem anos de clube. Aí ele chegou lá, primeira rodada jogando comigo. Eu era classe C, mulher, e ele classe A, homem, senhor, reconhecido aí pelo clube inteiro como um dos melhores do mundo. Ahh, tem isso ainda, a sala tem nome dele! (risos). Aí, quando viu que ia jogar comigo, ele abriu um sorriso assim, achando “iiah!” (risos). Que que aconteceu? Em 15 lances ele me deu duas peças. Aí ele foi fazendo aquela cara de... de irritado assim de um jeito... aí abanou, saiu irritado, nem me cumprimentou. Aí o diretor... o diretor é meio fanfarrão, assim, é meio brincalhão, quando ele falou “Júlia, vi que você levantou a mão, eu achei ‘ih ele ganhou dela, não sei, mas aconteceu alguma coisa lá!’”. Aí quando ele viu que eu tinha vencido, aí ele falou... esse senhor, né, chegou assim “Pô, Reinaldo, você disse que eu ia ganhar o torneio, olha aí, perdi pra essa moça aí” (risos). Aí ele abandonou o torneio, bateu no peito assim, dessa força que eu tô fazendo “Eu tenho um nome a zelar!”, apontou o dedo assim pra cima “Eu tenho um nome a zelar!” Foi embora, acabou! (Entrevista com Júlia).

Essa passagem permite entrever a dinâmica do sistema de reputação e a concessão de honraria em operação. Por um lado, o convite que o diretor do clube fez diretamente ao prestigiado enxadrista, cujo nome a entrevistada pediu para que não fosse revelado, pode ser interpretado como um benefício outorgado em razão de sua reputação. Por outro lado, a

surpreendente vitória de Júlia na partida parece gerar uma fissura nessa hierarquia de poderes, quebrando a correspondência entre a ordem do mundo ideal e a do mundo real. Como aponta Fabíola Rohden (2006, p. 106), embasada nos estudos de Pitt-Rivers, “a honra sentida pelo indivíduo deve ser igual às honras ditadas ou oferecidas pela sociedade”. E não foi o que aconteceu.

A segunda situação que retomo aconteceu com a esposa de Nelson, conforme relatou informalmente durante uma conversa em grupo no clube. Ele contou que ambos – sua esposa também é enxadrista – jogavam um torneio oficial da FEXERJ na região dos lagos. Em uma das rodadas, sua esposa jogou contra um sujeito mais velho que, apesar de mais experiente que ela na avaliação de Nelson, teve dificuldades em levar o jogo para a vitória. A partida, segundo ele, estava em uma posição considerada empatada e sua esposa ofereceu ao adversário o empate por comum acordo, mas obteve a recusa de volta. Algum tempo se passou e, pela segunda vez, a jogadora propôs o empate, só que dessa vez a recusa foi em tom grosseiro. Segundo contou Nelson, ela teria ficado abalada emocionalmente a ponto de acabar “entregando” a partida. Na sequência, disse que encontrou sua esposa chorando no quarto do hotel em que estavam hospedados, dizendo que não queria mais jogar os torneios. Para arrematar a história, contou – com ar de quem honrou sua esposa – que jogou e ganhou desse mesmo jogador, em uma das rodadas que aconteceu no dia seguinte.

Esses dois relatos possuem semelhanças. A primeira delas é que se trata de duas mulheres de nível de jogo inferior (classe C e B, respectivamente) aos de seus adversários. No caso, dois homens. O primeiro, um jogador prestigiado cujo nome fora atribuído à sala do clube, enquanto o outro, jogador com nível acima ao de sua adversária, conforme reconhecido por Nelson. A segunda semelhança diz respeito ao comportamento dos jogadores homens nas respectivas situações. Ainda que com algumas diferenças, ambos transmitiram uma certa intolerância à derrota para as respectivas adversárias⁸⁷. Examinemos agora um outro relato, proferido por um jogador de 32 anos, de um clube do Rio de Janeiro. Nessa entrevista virtual que fizemos, falávamos sobre os aspectos emocionais envolvidos no xadrez:

Eu era adolescente quando comecei a jogar. Eu tremia. Principalmente, quando jogava com jogadores mais velhos. Ou jogadoras. Assim, felizmente o xadrez feminino tá crescendo agora, mas antigamente nos torneios abertos só ia homem. Muito raramente eu enfrentava alguma mulher, agora tá mais comum. No de classes esse ano, inclusive eu perdi para uma mulher. A Thaís joga muito! Foi a única partida que eu perdi, ganhei as outras cinco. Aí voltando... eu enfrentava os senhores de

⁸⁷ Reforço que na segunda situação o resultado seria o empate e não a derrota. No entanto, o comportamento do enxadrista demonstra que mesmo uma situação de empate seria vivida como derrota.

idade, né, e eu acho que ficava intimidado. Até meu pai falava “Po, Davi, não se intimida não. O cara joga há maior tempão, mas isso não quer dizer nada. Tu tá aprendendo, evoluindo”. Eu ficava preocupado com a questão de estar jogando contra alguém mais velho do que com o tabuleiro, entendeu? (Entrevista com Davi).

Essa narração divisa mais dois aspectos importantes. O primeiro é o comentário espontâneo e elogioso de Davi sobre a qualidade do jogo de Thais; contra quem ele acabou tendo uma derrota em um torneio recente, mas no qual ele obteve a primeira colocação. Embora eu não tenha tido oportunidade de conversar com a referida jogadora, tratava-se de uma conhecida enxadrista, justamente por ser uma das três mulheres do estado do Rio de Janeiro que integrava a classe A. No caso em questão, portanto, trata-se de dois jogadores, homem e mulher, de mesmo nível no sistema de hierarquia e, pode-se dizer, de mesma faixa etária⁸⁸. Do relato de Davi, depreende-se que sua derrota não contém tons de sofrimento.

O outro aspecto é o destaque dado às memórias de Davi aos jogos contra homens mais velhos. Apesar de, na ocasião da conversa, não ter sido possível precisar se se tratava de jogadores mais fortes, o comentário rememorado de seu pai dá a entender que sim. Nesse trecho, pois, nota-se a sobreposição do fator idade e do *rating*, que tornavam não apenas a derrota, mas também o jogo contra esses adversários mais difícil.

Uma última situação de campo concerne ao torneio amistoso feminino do NXN, no qual tomei parte, e que apresenta o outro lado desse quadro. Eu compartilhava com Gilberto sobre uma partida em que joguei contra a pequena Flora, que na época tinha 8 anos, e como era interessante poder jogar contra alguém de diferença etária tão grande. Gilberto concordou dizendo que “no xadrez tem disso” e complementou que “muitos jogadores tremem quando veem que seu adversário não alcança pôr os pés no chão, pois acabam achando que é um prodígio”.

Para reforçar esse argumento, seria interessante investigar se os duelos empreendidos entre mulheres, acrescidos da sobreposição dos elementos do *rating* e da idade, tendem a ser significados de formas distintas⁸⁹. De toda forma, considerando apenas as situações analisadas, o que se delineia é uma dinâmica na qual a desonra da derrota aumenta em proporção à distância entre os jogadores no sistema de hierarquia oficial, combinado aos demais marcadores sociais.

⁸⁸ É provável que Thais tivesse entre 35 e 45 anos de idade.

⁸⁹ Em razão do número reduzido de mulheres ouvidas nesta pesquisa, tal análise não pôde ser feita.

No mesmo bojo analítico da honra masculina, posso trazer uma breve referência à lógica do empate no xadrez. Basicamente, algumas situações técnicas em um jogo de xadrez pode terminar com a partida empatada e, a meu ver, é desnecessário lista-las aqui. No entanto, uma situação específica se aproxima da discussão relativa à honra: trata-se do empate por comum acordo, aludido acima. Segundo as regras da FIDE, um jogador pode propor o empate em qualquer momento da partida. Caso a outra parte aceite a oferta, o jogo é finalizado e declarado empatado. Acontece que, para diferentes jogadores e em diferentes partidas, o empate pode ter significados distintos. Isso foi tema de uma conversa entre três jogadores (dois deles classe B e um Classe C) e eu, quando nos deslocávamos de carro de Niterói para Laranjeiras rumo a um torneio no Clube Esportivo Hebraica, no bairro de Laranjeiras (RJ). Falávamos sobre derrotas e vitórias, quando um deles mencionou que considerava “deselegante” o adversário “pedir empate a toda hora”, durante a partida. O outro complementou “é, deveria ter uma regra, um limite máximo para pedir empate. Cara, mesmo se eu estiver em posição inferior, eu não peço, não adianta.”. O jogador de classe C oportunamente retrucou dizendo: “eu também não peço empate não, não tenho coragem”. A falta de coragem, aqui, tem a ver menos com uma incapacidade em tomar parte no desafio, e mais com o fato de se tratar de uma conduta reprovável. Isto é, pedir empate pode ser considerado uma via pouco nobre, ou pouco honrosa, de abandonar o jogo, algo que poderia manchar o valor do jogador.

O relato do MN Roberto, presente na seção “Performatividades esportivas no xadrez” do capítulo 3, pode ser agora reanalisado sob essa perspectiva. Por mais que ele desprezasse o *rating*, ao se ver diante do pedido de um jovem enxadrista pelo empate por comum acordo no início do jogo, o Mestre recusou a proposta prontamente. Isso demonstrou que o mais importante para ele era a concretização do duelo, ainda que, para dar alguma lição no jovem, essa atitude o custasse prosseguir na partida com um cavalo a menos. Assim, recuperando as palavras de Bourdieu:

O melhor jogador é aquele que supõe sempre que o seu adversário saberá descobrir a melhor estratégia e regula o seu jogo de acordo com isso; da mesma maneira, no jogo da honra, embora o que está em jogo não seja mensurável, cada um deve considerar o outro capaz de escolher a melhor estratégia, isto é, aquela que consiste em jogar segundo as regras do código da honra. O desafio e a resposta implicam que cada antagonista escolha jogar o jogo e respeitar-lhe as regras, ao mesmo tempo que postula que o seu adversário é capaz da mesma escolha. Respeito por si, respeito pela regra, respeito pelo adversário e convite ao respeito são inseparáveis (BOURDIEU, 1965, p. 166).

Ora, voltamos à questão da derrota e à metáfora nativa do “apanhar”. A complexidade do jogo de xadrez não permite que nenhum jogador se deixe levar pelo sonho da

invencibilidade. Todos sabem, cedo ou tarde, que a derrota chegará; por mais dolorosa que ela possa ser. Nesse sentido, não é incomum que o “apanhar” ganhe tons jocosos e autorreferenciais. Abaixo, segue um pequeno inventário de usos do termo, no contexto de diferentes grupos de *Whatsapp* sobre xadrez do qual faço parte:

Membro 1 — Bora jogar uma?

Membro 2 — Agora não, mais tarde. Estou terminando uma tarefa. Não cansa de apanhar não? KKKKKK[sic].

Membro 1 — Tô com uma partida na tua frente no escore. Então, não sou eu que tô apanhando.

*

Membro 3 — Apanhei feio mas foi uma boa experiência.

*

Membro 4 — Obrigado, mas acho que só apanhei. Com muito orgulho. Apanhei com a cabeça erguida (emoji de risos).

*

Membro 5 — Partiu apanhar kkk [sic]

*

Membro 6 — [captura de tela de uma partida] Aquecendo antes de apanhar igual condenado.

*

Membro 7 — (membro 8) tá treinando com (membro 9) para ficar forte, hein.

Membro 8 — Tenho é apanhado dele sempre.

Uma dimensão adicional no que tange aos discursos sobre a dureza da derrota é a da afirmação do divertimento, interpretado nestes casos como dispositivo atenuante daquela. Tenho defendido ao longo desta tese que o *habitus* do jogador de xadrez é forjado a partir da assunção da seriedade do jogo como um valor. Tal concepção impediria que a prática do xadrez fosse concebida entre os frequentadores do clube como uma prática de lazer, relaxamento, divertimento, etc. – ainda que, de um ponto de vista sociológico, nenhum dos interlocutores pudesse escapar dessas definições por não serem de fato profissionais do esporte. Em outras palavras, essa força da seriedade do jogo é o que, conforme eu interpreto, faz com que o xadrez não seja significado como divertimento nos discursos dos interlocutores. Contudo, presenciei um momento em que o significado do divertimento particularmente emergiu.

Era mais um torneio estadual. O salão do Tijuca Tênis Clube se enchia de jogadores e familiares que se aglomeravam aos arredores e por entre as mesas de jogo. No palco, colado à

parede lateral do salão, a direção de organização e os árbitros finalizavam o empareceamento da primeira rodada. O congresso técnico ainda aconteceria. Os relógios naquele dia seriam acionados pela primeira vez com vinte minutos de atraso em relação ao programado. Era o momento ideal para circular e conversar com os jogadores. Bernardo, um senhor que deve ter na faixa de 50 a 60 anos e é jogador do NXN, avistou-me e veio me cumprimentar. Ficamos por ali, no meio da multidão mesmo, conversando. Não demorou muito para que um outro senhor, até então desconhecido a mim, o qual chamarei aqui de Gabriel, passasse por nós e fosse convidado à conversa. Soube que, embora resida no município de Petrópolis, ele joga oficialmente pelo NXN na classe B. Pelo diálogo que teve com Bernardo, Gabriel mostrou-se alguém presente no clube desde a sua fundação.

Era o seu primeiro torneio oficial, desde que se mudara para Petrópolis em razão da pandemia. Depois de trocar algumas palavras, Gabriel mirou o salão cheio e barulhento naquele momento e disse a nós: “É bom rever os amigos todos, a gente brinca e tudo mais, mas sabe uma coisa que eu ainda não aprendi, mesmo depois de tantos anos jogando? É lidar com a ansiedade”. Como alguém que tem a doença e também o antídoto contra ela, Gabriel disse logo em seguida que tenta sempre lembrar das palavras de “um velho amigo”, do momento em que confessou a ele seu nervosismo nos dias de torneio. Reproduziu a fala desse amigo com um ligeiro sorriso e colocando a mão no ombro de Bernardo: “Meu caro, a gente veio aqui para se divertir. Então vamos nos divertir!”. O tom da mensagem do velho amigo é similar àquele que Pedro enviou para Leonardo, sobre a sequência de derrotas e que reproduzo novamente: “É muito chato jogar torneio que você não tá se divertindo jogando. A gente não é profissional, se não tá sendo um negócio divertido, não faz muito sentido ir”.

Logo, a derrota é o calcanhar de Aquiles dos enxadristas. É nesse momento que se revela a vulnerabilidade da honra do jogador, condição sempre árduo de se administrar, pois ela está à prova em todos os torneios. É impossível escapar da derrota, todos a terão enfrentado em algum momento da vida. A questão que fica é o que o enxadrista faz dela. Nas muitas conversas que Cláudio e eu tivemos sobre os comportamentos dos enxadristas, ele eventualmente compartilhava sua visão crítica sobre os jogadores que, em situação de derrota, atribuíam o resultado aos fatores externos ao tabuleiro. Uma dessas críticas foi feita na ocasião da entrevista gravada:

Você pode ver que existem dois tipos de jogadores quando saem da partida: tem o jogador que dá uma desculpa quando ele perde, uma desculpa externa. E tem o jogador que não faz isso. O jogador que dá uma desculpa externa, na minha opinião ele está menos preparado psicologicamente para competição, mas dá para ser trabalhado.

Quando o jogador perde e ele só [diz] “parabéns, jogou bem e tudo mais...” geralmente isso pra mim já diz muita coisa entre uma postura e outra. Por que? Eu já dei aula pra muita gente, já recebi muita gente nova no clube... você pode ver que no grupo do torneio tem vários exemplos desse. Quando o cara dá sempre uma desculpa externa, ele tá pegando um bode expiatório pra dizer o porquê. Então esse jogador não tem curiosidade de analisar. Ele dá uma resposta rápida para terminar, para ele não ter mais que fritar a cabeça com aquilo porque ele tá frustrado. Geralmente é isso. Eu não vou dizer que é sempre isso também porque é complicado, mas assim os jogadores mais experientes que estudam e tudo mais, dificilmente... foi uma coisa que eu reparei... eu observo muito os caras que são de elite, os caras que estudam, os caras que são bons, mesmo que os caras não estejam em um patamar alto, eu vejo que o cara tem um perfil de crescimento no xadrez porque esses caras não ficam buscando bode expiatório. Eles tentam explicar no tabuleiro o porquê que ele perdeu. Não porque estava tendo um barulho, não porque ficava.. Sempre foi alguma coisa que aconteceu e isso é um autossabotamento, na minha opinião. Ele tá meio que tentando fazer um carinho na cabeça dele para apagar a frustração. Isso é muito contraproducente. Isso é uma coisa psicológica que eu trabalho com meus alunos desde o início. Eu já corto logo, falo: “Olha só, para com isso. Se foi por causa de alguma coisa externa, resolve para a próxima partida e tudo mais, mas se não... aí eu analiso com ele e falo: você perdeu por causa disso!”. Eu acho que tem muito uma mistura disso também, Amanda, essa coisa do ego. O ego do jogador de xadrez, eu brinco disso com um amigo meu, o ego do jogador de xadrez é uma coisa perigosa. É uma coisa que sabota ele na evolução. E assim, muito jogador que tá estagnado, ele tem esse perfil de achar problemas em coisas externas, ou quando o [outro] cara ganha, ele não dá muito mérito ao cara ter feito alguma coisa incrível. Ele fala “ah, foi porque eu fiz isso que ele ganhou”. Depois que termina a partida de xadrez, beleza. Se frustrou, dá porrada na mesa, foda-se. Agora tenta ver de fora o exército da branca contra preta. Tenta analisar friamente sobre a coisa. Se você não conseguir, pede pra alguém analisar para você e pede os feedbacks e nem diz com quem você tava jogando. Aí você tem uma visão mais imparcial porque a gente se sabota mesmo (Entrevista com Cláudio).

Os trechos finais da fala de Cláudio, por seu turno, introduzem um conjunto de questões valiosas. Afinal, o interlocutor afirma haver uma espécie de recalçamento dos motivos que hipoteticamente levam tal enxadrista à derrota. Atribuí-la às causalidades externas, segundo Cláudio, é como uma fraqueza por parte do jogador, que não consegue reconhecer e assumir os seus próprios erros no tabuleiro. Isso aconteceria porque o “ego” – ou, como poderia ser interpretado, a visão que se tem de si mesmo – está ancorada em uma certa imagem do sujeito vitorioso. A questão do ego é tratada no já citado livro de Rowson (2008, p. 398) como um dos “sete pecados mortais do xadrez”. De acordo com o autor, no contexto do esporte, o ego se mostra sempre que o jogador pensa nele e “sente a presença do eu”. E isso se dá quando se tem medo, ou quando o jogador se encontra indeciso, ou quando o *rating* de seu oponente lhe ameaça ou mesmo quando se está atento às pessoas que observam o jogo.

Embora seja considerado inimaginável jogar sem essa consciência de si, o excesso dela pode impedir que se observe o plano de jogo do adversário com a necessária e desejada objetividade. Vemos que o discurso de Rowson sobre o ego associa-se, sobremaneira, às consequências desse “eu” sobre o que acontece no tabuleiro. Entre os interlocutores desta

pesquisa, contudo, não somente vemos seus efeitos nos discursos sobre as emoções (tais como expôs Cláudio), como o ego ainda pode ser lido enquanto um traço moral modulado pelo desempenho.

Um enxadrista de *rating* alto e tido como alguém de “ego inflado” é visto com desconfiança e descrédito dentro do grupo. Mesmo tendo um alto capital esportivo, seu traço moral pode lhe subtrair um tanto de capital simbólico. Não é por outra razão que o traço oposto, do jogador humilde, é um modo valorizado de se portar. Tive uma demonstração disso ao Cláudio me contar que o comportamento de um Grande Mestre do estado do Rio de Janeiro lhe foi digno de recordação, pela forma humilde que se portou durante o torneio de Mestres. Durante uma das rodadas do torneio, Cláudio jogava em uma mesa ao lado daquela em que jogava o GM carioca. O enxadrista do clube notou que em determinado momento, enquanto as partidas aconteciam, o titulado observava seu tabuleiro. Findada a rodada, Cláudio discutia acaloradamente certas posições de sua partida com um outro colega, quando o GM se aproximou deles e tomou parte na discussão, sugerindo lances e refutando outros. Esse gesto foi interpretado por Cláudio como uma postura humilde, pois ele “trocou ideia de igual para igual”.

Sobre a relação ego-emoções, trago a seguir mais um trecho com Cláudio sobre esse assunto. No final de 2021, participei pela primeira vez do torneio niteroiense, o primeiro absoluto após um longo período de isolamento social. Perdi praticamente todas as partidas, resultado que suscitou em mim um forte sentimento de frustração. Após a última rodada do torneio, troquei algumas mensagens com Cláudio sobre isso, o que o levou a falar de uma outra situação na qual as emoções estavam em jogo.

Cláudio — Vocês foram embora antes?

Amanda — É, eu fui antes. Fiquei meio puta.

Cláudio — Conte-me mais.

Amanda — Ah, na última rodada achei fácil o jogo. Achei que tava dominando, mas perdi.

Cláudio — Hahahah. Bem-vinda ao xadrez.

Amanda — Cruel. Muito cruel esse mundo.

Cláudio — Lembra do tal “eterno exercício de humildade” que eu sempre falo?

Amanda — Sim.

Cláudio — A linha é tênue entre orgulho e frustração. Agora você tem nível e vivência para conhecer o que é jogar competitivamente.

Cláudio — Teve uma vez que eu cheguei na mesa um, na última rodada do torneio de Mestres, jogando contra um Mestre internacional. Eu estava fazendo um torneio perfeito. A vitória ali me dava a consagração. A derrota... me deixou no 12º (emoji de risos).

Cláudio — Em 2019 isso.

Amanda — Deve ter sido tenso.

Cláudio — Se você tá na mesa um na última rodada...você ganhando é primeiro ou segundo do torneio.

Cláudio — Eu ia ganhar o torneio de mestres do estado sem ser mestre.

Amanda — E como você tava se sentindo?

Cláudio — Grandão! Eu me motivo contra grandes jogadores. Tenho uma sensação de nada a perder. É uma coisa boa, a responsabilidade não está com você.

Na interpretação levada a cabo até aqui e tendo em conta a constelação de significantes que integram os discursos nativos acerca das emoções (dor – apanhar – honra – ego – humildade), não surpreende que a resposta de Cláudio fosse “Grandão!”. Se, por um lado, a derrota é simbolicamente interpretada como algo que dói, tamanho o peso de sua experiência, contrariamente, a sequência de vitórias expande não o corpo, mas o ego.

5.5 A disjunção entre razão e emoção no acionar do relógio

Se o leitor chegou até esta subseção, presumo que dificilmente ele refutaria o argumento acerca da proeminência dos discursos emocionados ou, sobre as emoções, entre jogadores de xadrez. Diria, inclusive, que tais discursos não somente estão fortemente presentes, como também que eles possuem certa centralidade no cotidiano dessas pessoas ao serem vividos como um contrapeso de toda a sistemática dos estudos técnicos do xadrez. O que viabiliza enquadrá-los dentro do campo dos imponderáveis da vida real desses jogadores.

Exploro adiante mais uma camada de registros, os quais aludem de volta às reflexões feitas por Lutz (1988) sobre os dualismos constitutivos da vida no Ocidente. Conforme já sintetizado, sua etnografia se concentra nas concepções de emoção no pensamento e na vida cotidiana dos Ifaluk, uma comunidade localizada na Micronésia. Apesar disso, ou talvez por isso, Lutz dedica alguns capítulos de seu texto para descrever como no ocidente, culturalmente, temos mobilizado esses mesmos referenciais em nossa sociedade. Dessa maneira, a autora explicita que em sua investigação havia um ímpeto comparativo para que, ao fim e a cabo, buscasse interpretar um a partir do outro.

Segundo Lutz, nas representações e visões de mundo ocidentais, as emoções possuem um lugar um tanto ambivalente. A depender do contexto, os processos emocionais podem ser aliados ou antagonistas na vida de um indivíduo. Antes de entrarmos nos detalhes da proposição da autora, é preciso que o leitor tenha em mente qual tende a ser a concepção de emoção nas nossas sociedades. Diferente dos Ifaluk, por exemplo, a emoção, bem como o pensamento, tendem a ser vividos e concebidos como algo que se passa *dentro* dos limites da pessoa e não como parte das relações sociais, por mais que sejam essas as responsáveis sobre aquelas. Ainda assim, por mais que sejam da ordem da subjetividade no modelo ocidental de ver o mundo, o pensamento e a emoção são processos opostos que dificilmente se integram ou se relacionam. O que acontece, dirá Lutz (1988), é uma espécie de oscilação valorativa. Se a emoção pode ser vista em determinados contextos como categoria residual, em outras ocasiões poderá ser vivida como “sede do eu verdadeiro”.

Ainda que cada um desses dois sentidos do emocional tenha cumprido um importante papel discursivo, o contraste com a racionalidade e o pensamento, atualmente, é o que domina em matéria de força valorativa, de proeminência e de frequência de uso. Com mais recorrência, ele é usado para condenar do que para elogiar, assim, inicio minha análise sobre tal contraste [...] (LUTZ, 1988, p. 95, tradução própria).⁹⁰

Começo por essas reflexões da autora acerca da oposição razão/emoção, para dialogar com os dados registrados quanto aos discursos emocionais proferidos pelos enxadristas, que se restringem especificamente à maneira que eles se sentem durante as partidas oficiais. De um modo geral, segundo os relatos de campo, aparenta ser nesse instante que a oposição pensamento/emoção mostra-se mais operante em suas subjetividades. A qual é travada como uma espécie de luta interna que passa ao largo daquilo que os espectadores leigos acessam, pois esses apenas testemunham silenciosos semblantes inexpressivos:

Amanda — Como é a questão da emoção no jogo pra você?

Cláudio — O xadrez é uma montanha russa parada. A pessoa que não entende está pensando: “pô, que coisa chata”, mas o cara tá ali puto, quer dar porrada na mesa e tudo. Acontece isso. Tem uns jogadores que têm características um pouco mais tranquilas, calma e tem uns jogadores mais explosivos. Então a gente até conversa muito que dá até para sentir um pouco da personalidade da pessoa observando como ela joga. Claro, isso é bem de orelhada, mas é interessante que os jogadores, geralmente quando são mais agressivos no jogo, são jogadores mais emotivos. Pelo menos nesse nível mais amador. Quando o cara joga de uma maneira mais agressiva, incisiva, ele geralmente é um cara mais apaixonado, mais emocional. Ele tem um pouco mais de impulsividade. Pelo menos parece. Os jogadores mais agressivos que

⁹⁰ No original, lê-se: Although each of these two senses of the emotional has played an important role in discourse, the contrast with rationality and thought is currently the more dominant in evaluative force, salience, and frequency of use. It is more often used to damn than to praise, and so I begin with an analysis of that contrast [...]

eu conheço no clube são jogadores mais emocionais, emotivos. Que transparecem mais as suas emoções.

Amanda — E você acha que isso atrapalha eles no jogo?

Cláudio — É assim... é um cobertor curto, mas no geral eu sou da corrente de que quanto mais calmo você estiver, melhor seu jogo. Mas assim, o Bobby Fischer era um jogador esplêndido e era um jogador que eu considero emocional. O Karpov e os jogadores da escola russa são geralmente jogadores mais tranquilos, você olha a cara deles e não está acontecendo nada. Mas assim, todo jogador de xadrez, por mais que não esteja transparecendo, você vai olhar minha cara [no jogo]: “pô, ah lá, Cláudio tá tranquilo e tem três segundos no relógio dele.”. Por dentro eu não estou tranquilo não, eu só não estou tremendo. A coisa está acontecendo. Se for olhar várias partidas blitz desses caras na internet, eles não estão tranquilos não.

O primeiro ponto a destacar dessa fala de Cláudio é a oposição e a dissociação, tão caras ao modelo ocidental de emocionar-se, entre aquilo que é expresso e aquilo que é sentido. Nesse sentido, durante uma partida, o jogador está vulnerável a diferentes emoções (a metáfora da montanha russa, a meu ver, simboliza bem esse ponto), experiência essa vivida em seu interior. Esse aspecto em específico, registrado em vários relatos de campo, gerou um certo impasse no momento de confecção desta tese. Pois, ao optar por discutir corpo e emoção em capítulos distintos, encontrei-me diante da necessidade de igualmente dissociar os processos emocionais daqueles relativos à corporalidade na narrativa que aqui desenvolvi. Tendo refletido a respeito das consequências analíticas dessa separação, optei por mantê-la. Contudo, devo ressaltar que se trata de uma separação fictícia. A administração, o manejo e a contenção dessa impulsividade emocional (cuja expressão se dá no corpo), da qual Cláudio e outros enxadristas falam, em última instância, é um significativo elemento partícipe no jogo, cujo impacto também poderia ter sido explorado na seção “O corpo como peça de jogo”.

Dessa forma, quando o relógio da partida é acionado, não há mais espaço para a manifestação/expressão de qualquer emoção. Seja porque ela pode te compelir a executar um lance que não foi cuidadosamente avaliado, seja porque ela pode obnubilar o que seria o pensamento “puro” sobre uma variante ou uma sequência de lances. Bem como porque a expressão pode fornecer pistas da condição emocional ao adversário. Em estreita relação com essa primeira parte do relato de Cláudio, trago outros abaixo:

Amanda — Mas pra você, como é?

Cláudio — Eu acho que quanto mais eu seguro a onda, controlo minha emoção no exercício de tática, numa jogada sem ficar mexendo a peça, eu tô segurando esse bichinho que é a impulsividade. Isso que a gente faz de ficar pensando, analisando sem mexer a peça. Porque a gente quer mexer na peça. Esse é o primeiro trabalho emocional, na minha opinião, para você segurar a onda (Entrevista com Cláudio).

Amanda — Como você vê a questão da emoção no xadrez?

Rubens — Emoção tu não pode expressar, porque eu acho que isso afetaria positivamente o adversário e eu sempre tento ficar sério, mesmo se eu tiver feito besteira assim no jogo. A não ser que seja uma partida que você esteja conversando com o adversário, essas coisas. Mas uma partida mais séria assim, eu tento ficar o mais calmo possível como se nenhuma besteira tivesse sido feita, tivesse nos meus planos pra ir seguindo, depois no final do jogo que eu converso com a pessoa. Inclusive quando você tá ganhando, né. Você não quer mostrar muita felicidade pro adversário porque se não poderia soar meio arrogante pra ele, então até quando eu ganhava as partidas no torneio eu ficava sério normal, aí depois saindo que eu começava a ficar sorrindo, essas coisas (Entrevista com Rubens).

Amanda — Pode dar um exemplo de como você lida com esse aspecto emocional nos torneios?

Paulo — Se eu tô em uma partida e tô bem na posição, eu tento me controlar o máximo. Se for possível, até levanto e bebo água para me acalmar porque é crítico. E, assim, quem tá na pressão de ter que achar sempre o melhor lance é a pessoa que tá inferior, se você fizer um lance que talvez não seja o melhor da posição, mas seja um lance ali seguro, que não coloque tudo a perder, você continua bem (Entrevista com Paulo).

Gilberto — [...] geralmente, falo comigo: “tu não vai perder porque tá nervoso”. Ele vai ganhar se jogar a melhor partida. Eu jogo na tranquilidade há quase 40 anos, não importa quem é o adversário. Confiança fora do limite também prejudica. Jogar com jogador inferior, se achar que sou melhor, a coisa pode dar ruim. Eu diria: mentalizar lance a lance e aprender a aceitar vitória ou derrota (Fala de Roberto, durante uma palestra virtual sobre ansiedade no xadrez).

As emoções, para tanto, precisam ser controladas. O ideal indica é que elas sejam extirpadas. O Mestre Nacional Roberto diz isso explicitamente em sua entrevista: “Não pode entrar emoção. O emocional meu é zero. Isso explica o meu número de títulos, mais de 100 títulos na carreira”. No entanto, não são todos que conseguem ter tanto controle sobre as emoções como MN Roberto. A visão de que as emoções possam irromper e se expressar descontroladamente está presente nos discursos dos enxadristas, mesmo no caso daqueles mais experientes.

Em relação a isso, remeto ao perfil de Gilberto, já comentado no capítulo sobre corpo e também no último trecho de entrevista supracitado. Embora Gilberto seja reconhecido e se reconheça como um jogador calmo e tranquilo, ele não está imune aos picos emocionais que as partidas oficiais podem suscitar. Relembro uma situação com ele durante o torneio estadual, em março de 2022 no Clube Hebraica. A segunda rodada do torneio ainda estava em curso em muitas das mesas, poucas eram aquelas cujo jogo já havia acabado. Era o meu caso, o que me possibilitou presenciar o que aqui descrevo. Fiquei na varanda do salão, junto com alguns conhecidos. Gilberto se aproximou de nós e tirou um cigarro para fumar, dizendo: “eu achei

que estava zen, mas esse atraso me desconcentrou, já entreguei peça e tudo.”. Em seguida, explicou o que se passou. Ele estava descontente com o fato de que seu adversário, embora tivesse chegado à mesa de jogo antes dele, portando as peças, não as havia organizado sobre o tabuleiro. Somente quando Gilberto chegou é que seu adversário começou a posicioná-las sobre o tabuleiro, lentamente. Nesse momento, o árbitro notou que havia atraso no início daquela partida, situação passível de penalidade. E, como Gilberto foi quem havia chegado depois, a punição prevista de cinco minutos a menos de tempo de jogo foi atribuída a ele. Essa situação o deixou extremamente chateado a ponto de, como mencionou, perder uma peça logo no início do jogo. Considerando que seu humor já estava alterado, assim como a partida perdida, Gilberto adotou a conduta de se ausentar da mesa de jogo até que seu tempo “zerasse”, deixando seu adversário esperando.

A partir do que foi apresentado, pode-se dizer que a rubrica do não-emocional, portanto, é uma visão positivamente valorizada no âmbito enxadrístico, ao menos quando os relógios são acionados. O que se vê em operação é algo um tanto similar à “retórica do controle” (LUTZ, 1990), validada, nesse caso, pela maioria dos jogadores homens. Tal visão não apenas fica evidente entre meus interlocutores, como também parece ser uma reforçada e corroborada pelos enxadristas profissionais. No recente campeonato mundial de 2023, disputado entre o Grande Mestre chinês Ding Liren e o Grande Mestre russo Ian Nepomniachtchi, as referências aos processos emocionais também seguiram a mesma linha de discursos. A competição em questão, após o desempate na décima quinta partida, teve o GM chinês como vitorioso.

Depois do décimo quarto jogo, momento em que Liren já se consagrara o novo campeão mundial, uma entrevista foi concedida à Ketí Tsatsalashvili, comentarista oficial da FIDE para o evento. Ali, Liren expôs uma ideia similar à que venho articulando. Ao ser perguntado sobre quais seriam seus hobbies e livros preferidos, Liren respondeu que, embora hoje em dia não leia tanto quanto gostaria, costumava apreciar ler romances. Ele pontuou, na sequência, que enxerga um contraste grande entre a literatura e o xadrez. Enquanto para o primeiro é essencial deixar-se levar pelos sentimentos, para ter sucesso no segundo é preciso saber pensar logicamente (FIDE CHESS, 2023b, 11min 05s).

A fim de não perder de vista o argumento em pauta nesta seção e de não me distanciar dos dados produzidos junto aos interlocutores, detenho-me brevemente no discurso sobre as emoções de Ding Liren para que possamos ampliar o escopo da análise. Julgo que o evento em questão possibilite, justamente, realçar a operação do modo contextualista de pensarmos as emoções. O leitor pode ter percebido que frisei repetidas vezes nesta seção que, segundo o

ponto de vista nativo, a separação entre razão e emoção se reafirma no acionar dos relógios. Ao passo que em outras situações essa separação não se apresenta de forma tão expressiva como, por exemplo, nas situações de derrota, descritas na seção anterior. Se levássemos à risca essa cisão entre razão e emoção entoada pelos jogadores durante a partida, não haveria espaço para um sentimento de derrota tão avassalador como os jogadores descreveram, afinal, no xadrez, somente haveria espaço para a racionalidade. O que estou querendo afirmar é que a separação entre razão e emoção tem o seu valor nas narrativas dos enxadristas, mas não se aplica a toda e qualquer situação do universo esportivo em questão.

Nesse sentido, destaco uma outra camada de operação dos discursos sobre as emoções articulados pelo Grande Mestre e Campeão Mundial Ding Liren, em 2023. Inclusive, a respeito do torneio, não pude deixar de acompanhá-lo. Primeiro, porque era quase exclusivamente sobre esse assunto que se falava nos grupos de troca de mensagens dos enxadristas. Comentários sobre os resultados, sobre os lances e o comportamento dos jogadores tornaram-se a principal forma de interação nesses ambientes virtuais, durante todo o mês em que se deu o torneio. E segundo, justamente porque me pareceu uma boa oportunidade para entender como circulavam os discursos emotivos no contexto midiático. Haveria alguma correspondência ou proximidade com aquilo que eu registrava em campo? Como não se trata de um esporte transmitido em rede televisiva aberta, os meios de acesso foram os canais de transmissão online português do Chess.com, bem como as reportagens publicadas nessa mesma plataforma após o final de cada rodada. Dito isso, voltemos ao contexto do GM Ding Liren.

O Grande Mestre chinês (de apenas 30 anos) conseguiu nos últimos instantes integrar o quadro dos doze enxadristas que participariam do Torneio de Candidatos em 2022. Quando garantiu o segundo lugar, atrás do GM russo Ian Nepomniachtchi. A classificação de Liren para o Campeonato Mundial somente foi possível pois o então campeão mundial Magnus Carlsen recusou o embate contra o russo, que já o havia desafiado sem sucesso no ano anterior. Diante da renúncia histórica, Ding Liren e Nepomniachtchi classificaram-se para a disputa do título.

Em que pese o fato de que os enxadristas mais interessados já conhecessem o GM chinês, o campeonato mundial foi uma oportunidade para que, ao menos entre o público brasileiro, seu nome fosse difundido nas mídias. O que fez com que Liren se tornasse mais conhecido, sobretudo, pela sua personalidade como jogador – fator esse que sempre gera debate entre os enxadristas. Nepomniachtchi, por exemplo, era considerado entre os espectadores brasileiros como um jogador “arrogante” e “inconsequente”, com seus lances muitas das vezes efetuados de forma acelerada; embora sua grande qualidade técnica. Liren, por sua vez, era

visto como um jogador de postura “humilde” e “simples”, que fazia questão de reconhecer nas entrevistas a força dos seus adversários (COX, 2020)⁹¹.

Além dessas características, a emotividade de Liren também se tornou um traço cada vez mais forte de sua personalidade na visão dos entusiastas, associação considerada bem-vista pelo público brasileiro. Ao longo do torneio, suas declarações para a imprensa ficaram marcadas pela frequente referência às suas emoções, algo até então tido como incomum para o público que acompanha a modalidade. Após a primeira das quatorze partidas do *match* (que terminaria em um empate), durante a coletiva de imprensa, o Grande Mestre chinês compartilhou o seguinte sobre como se sentiu durante aquele primeiro jogo:

Eu não estou feliz. Estou um pouco deprimido. Durante o jogo, senti um fluxo de inconsistência. Na primeira parte do jogo, eu não consegui me concentrar e pensar sobre xadrez. Minha mente estava cheia de memórias e sentimentos. Talvez eu não estivesse conseguindo calcular por causa da pressão do *match* (FIDE CHESS, 2023a).

Os momentos finais da última e decisiva partida só reforçou essa imagem de um sujeito emotivo. O jogo já era considerado perdido para o russo pelos comentaristas da partida, até que Nepomniachtchi estendeu a mão para cumprimentar o adversário, gesto que simboliza oficialmente a desistência da partida por uma das partes. Após cumprimentá-lo e tendo se consagrado campeão, Ding Liren respirou fundo e manteve-se sentado, com um dos cotovelos sobre a mesa. Levando uma das mãos até os olhos, Liren ali permaneceu por alguns segundos, sob a suspeita dos comentaristas de que os espectadores veriam algumas lágrimas rolares. Uma das comentaristas da transmissão mencionou: “se ele chorar, eu vou chorar com ele!” (CHESS.COM PORTUGUÊS, 2023, 4h 27min 45s).

Se considerarmos os espectadores brasileiros que acompanharam o *match* e que se manifestaram nas redes sociais, veremos que tudo isso fez de Ding Liren o merecedor disparado do título pelo público. Cenário que contraria a percepção de que no xadrez a racionalidade prevalece sobre a emotividade. Dito de outro modo, enquanto do ponto de vista dos enxadristas – tanto aqueles que foram interlocutores desta pesquisa como para o próprio GM Ding Liren – a separação entre razão e emoção é indispensável ao bom desempenho durante as partidas. Em um outro plano de análise, considerando a relação torcedor-jogador, a expressão da emotividade está associada aos traços de caráter valorizados no meio enxadrístico (humildade), mostrando-

⁹¹ Ver a última resposta da entrevista citada, quando Liren é perguntado se ele seria capaz de vencer Magnus Carlsen.

se positivamente valorada pelos espectadores e comentaristas. Abaixo, seguem alguns comentários nessa direção.

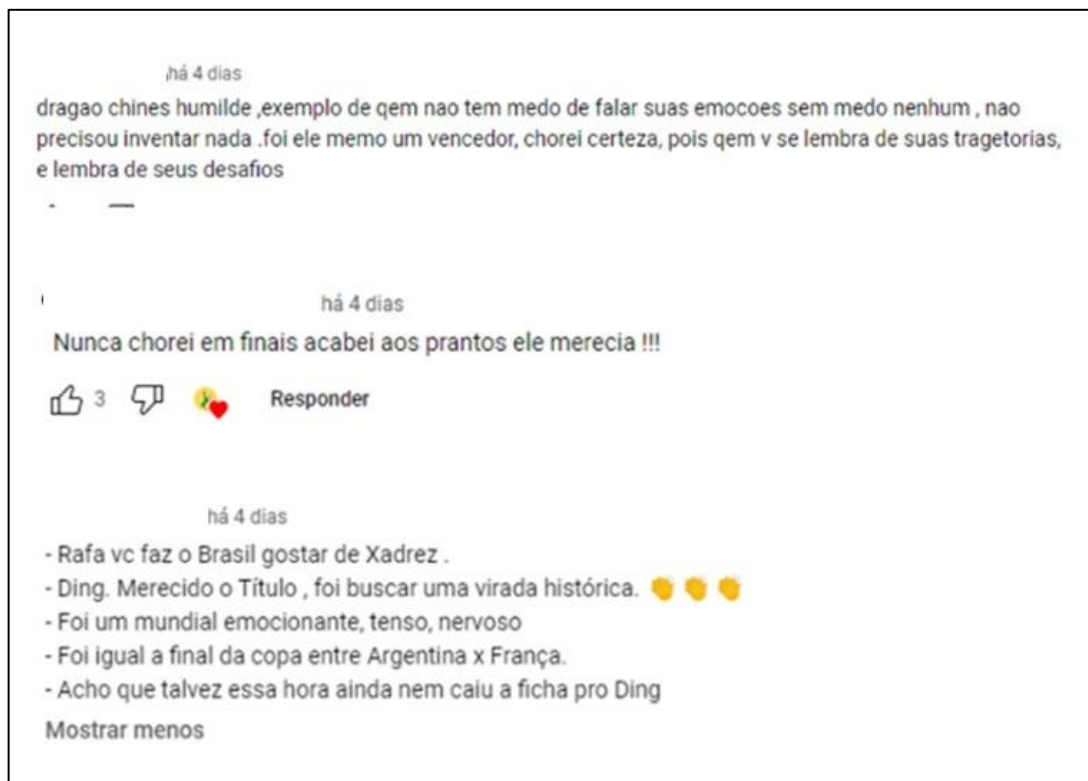


Figura 3 — Captura de tela dos comentários no Youtube sobre a vitória de Ding Liren, na final do Campeonato Mundial de Xadrez de 2023

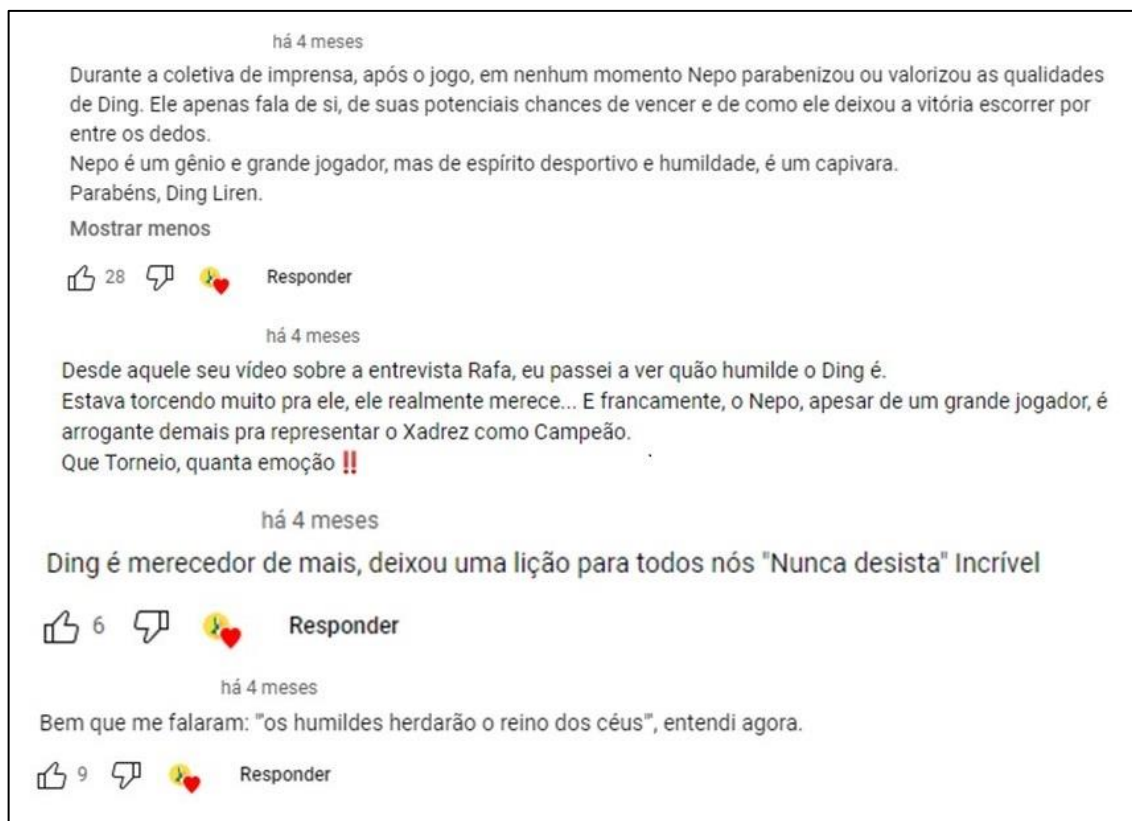


Figura 4 — Captura de tela dos comentários no Youtube sobre a vitória de Ding Liren, na final do Campeonato Mundial de Xadrez de 2023 (2)

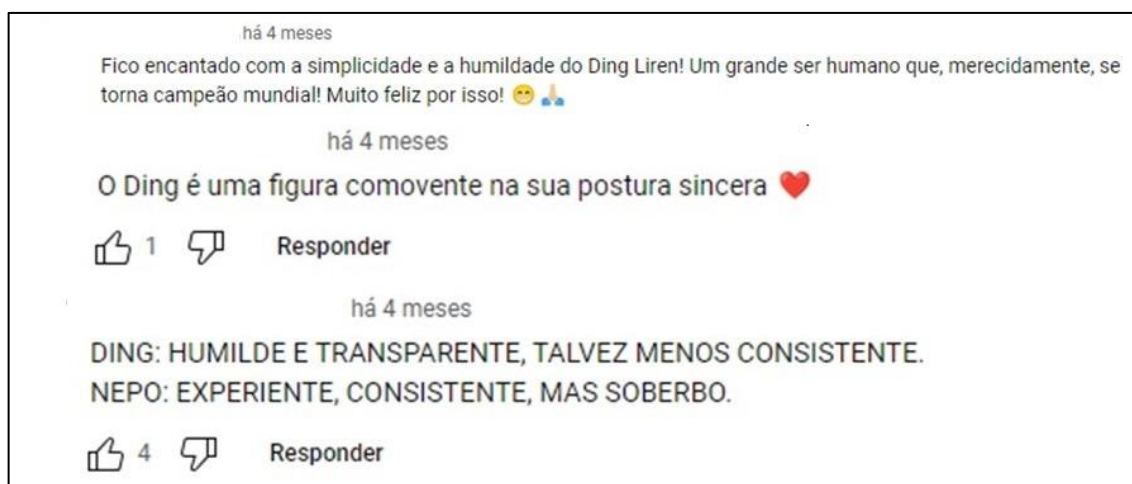


Figura 5 — Captura de tela dos comentários no Youtube sobre a vitória de Ding Liren, na final do Campeonato Mundial de Xadrez de 2023 (3)

5.6 Emoções e diferenças de gênero no xadrez

Como explicitiei no primeiro capítulo, embora as questões de gênero tenham deixado de ser o principal foco de análise desta pesquisa, as discussões aqui empreendidas não estariam completamente distantes daquelas. Analisar os dados etnográficos sem tocar nessa questão seria

fechar os olhos para uma dimensão pungente no interior daquele campo, conforme vim a conhece-lo. Por tal motivo, ainda que não seja possível o aprofundamento da discussão sobre gênero no presente momento, avalio como relevante a exposição de alguns pontos do trabalho de campo no que diz respeito à produção dos discursos emotivos e do gênero.

A necessidade de escrever sobre essa dimensão se intensificou depois da entrevista feita com Gabriela, com idade entre 30 e 35 anos, enxadrista, professora de educação física e de xadrez, além de árbitra da federação estadual. Eu havia conhecido Gabriela em um torneio amistoso feminino que acontecera na Associação Leopoldinense de Xadrez (ALEX). Havia projetado que a entrevista tivesse como cerne a experiência de Gabriela como jogadora, mas ao longo da conversa notei que as respostas dela às minhas perguntas partiam predominantemente de sua experiência como professora de xadrez. Quando conversamos sobre os aspectos emocionais, isso também não foi diferente. Embora, naquele momento eu tivesse ficado um pouco frustrada, visto que a quantidade de mulheres disponíveis para participar era restrita⁹², posteriormente, na leitura das transcrições desta entrevista junto às outras que fiz, percebi que Gabriela me apresentava uma perspectiva bastante interessante. A interlocutora trouxe sobre a relação das crianças com as emoções no xadrez e como isso era atravessado pelo gênero.

Amanda — E você acha também que tem alguma relação entre os gêneros no trato ali com as crianças, quando você tá ensinando. A questão emocional aparece de jeitos diferentes para os meninos e para as meninas que estão aprendendo o xadrez ou não?

Gabriela — Aparece e eu venho trabalhando assim ao longo dos anos, tá? Com a experiência que eu tenho, não sei outras experiências por aí, que as experiências são diferentes, mas na vivência que eu tenho de chão da escola, assim de sala de aula, em todas as idades eu vejo que ela aparece, mas muito! Aí nesse caso é muito ligado ao social e ao cultural porque – mais cultural até do que social, porque tem uma cultura muito complexa na nossa sociedade de que a mulher joga menos do que o homem, por exemplo, né? No xadrez a gente tem isso muito latente! O pessoal fala isso do futebol, mas assim, no xadrez a gente tem isso demais! Ao ponto de você ter um desrespeito com as meninas, então, isso acontece muito, né? Da galera ficar assim, "ah, é uma menina jogando com um menino" [imitando uma fala em tom pejorativo]. Uma menina que tem a mesma idade, começaram no xadrez no mesmo tempo, mas se a menina demonstra maior aptidão, maior habilidade do que ele.... "Nossa! Que coisa, que absurdo!" Isso é algo, ainda hoje, tá? No chão da escola, inadmissível. Ainda é algo que causa muita estranheza, sabe? Então isso traz também questões psicológicas e emocionais diferenciadas em relação ao gênero, né? Porque a menina vai encarar isso de uma forma, o menino vai encarar isso de outra, então a gente tem essas questões sim presentes, eu vejo muito. E o nosso papel, assim, enquanto professor ali, mediador que também estamos aprendendo juntos com os nossos alunos, com as nossas crianças, é muito desafiador nesse aspecto porque você tem que desconstruir muitas coisas em um tempo de cinquenta minutos, uma vez por semana! Não tem como, entendeu?! (risos). É muito difícil (Entrevista com Gabriela).

⁹² Já apresentei no capítulo um desta tese as razões que encontrei para isso.

Na visão de Gabriela, o fato de as meninas precisarem ouvir comentários depreciativos e preconceituosos que colocam em xeque suas habilidades apenas por serem mulheres, faz com que se estabeleça uma diferença entre a percepção emocional que o jogo pode suscitar para cada gênero. Apesar da fala de Gabriela se referir especificamente ao ensino do xadrez para crianças, algumas similaridades demonstram ser verdade também quando se trata das jogadoras de clube. Ao conversar com Larissa, professora da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, 32 anos e enxadrista federada por um clube do Rio, ela enfatizou a importância de “acolher”. De primeiro fazer com que as mulheres “se sintam bem” dentro do clube, antes de simplesmente inscrevê-las nos torneios:

A gente também recebe e acolhe meninas que não são federadas, ou seja, elas não têm uma filiação a um clube. Porque a gente tem que garantir que elas se sintam bem, se sintam confortáveis, se sintam em casa jogando xadrez pra gente poder oferecer a oportunidade de elas se federarem para que participem de torneios de dimensões maiores e qualidade técnica diversa (Entrevista com Larissa).

Em tal perspectiva de que é necessário criar um ambiente propício para as mulheres, parece estar implícita a ideia de que, inicialmente, o clube do qual ela faz parte não o é. Ainda que tanto Gabriela, quanto Larissa reconheçam e reafirmem que a igualdade formal entre os gêneros seja sublinhada e valorizada no âmbito da modalidade, – opinião, inclusive, partilhada por todos os interlocutores homens que participaram da pesquisa –, suas falas, por outro lado, aparentam considerar que há uma desigualdade na produção de emoções negativas. Na visão dessas enxadristas, conscientes de que a prática do xadrez nos clubes é historicamente masculina, fica subentendido um consenso de que é preciso uma espécie de preparação ou fortalecimento emocional junto às mulheres para que, numa batalha entre homem e mulher no tabuleiro, o peso das diferenças de gênero não gere, por si só, as emoções que possam vir a prejudicá-las. O relato de Carla, uma entrevistada sócia do Clube Municipal de Xadrez do Rio de Janeiro, mostra como se apresenta essa desigualdade no tabuleiro:

Amanda — E quais eram essas situações em que você se sentia nervosa?

Carla — Eram duas situações que eu ficava com muito medo. Quando eu chegava no tabuleiro e quem tava na minha frente era alguém que exercia uma certa pose de dominância. Então por exemplo, eu já joguei com pessoas que usavam óculos escuros, boné e faziam uma careta. Eu me sentia intimidada com isso... eu sentia que não tava jogando de igual para igual. Pessoas que quando você vai apertar a mão, apertam muito forte... eu me sentia mal, pensava: caraca, essa pessoa vem com tudo para cima (Entrevista com Carla).

Mas, se no caso de Carla o medo está relacionado ao enfrentamento de uma partida contra um homem, no caso de Isabela, o medo abarca a totalidade da experiência das partidas pensadas (aquelas que duram mais tempo):

Amanda — Você falou que vai jogar o Rio Chess Open, é agora em abril, né?

Isabela — Isso

Amanda — E aí, tá animada?

Isabela — Bom, eu não sou competitiva, mas eu tô animada, apesar de que meu maior estresse são as partidas pensadas, 90 + 30 pra mim vai ser um suplício. A gente só pode enfrentar o medo se a gente bater de frente com ele, se a gente ficar fugindo não vai dar resultado. Então quer dizer, se o meu terror é a partida pensada eu vou jogar a partida pensada (Entrevista com Isabela).

Mesmo no relato de Júlia o termo aparece, ainda que seja para apontar para sua ausência, justificada exclusivamente por sua longa biografia esportiva. Júlia é uma enxadrista carioca de 28 anos que aprendeu a jogar xadrez quando tinha por volta dos 7 anos, como já disse anteriormente. Por ser moradora da Tijuca e frequentadora de um clube esportivo do bairro, quando se interessou pelo esporte, não demorou muito para que sua mãe lhe inscrevesse no núcleo de xadrez do próprio clube. Frequentou aquele espaço por muitos anos e, disse ela, teve experiências bastante ricas envolvendo o esporte, já que que lá aprendeu a “respeitar diferentes opiniões, diferentes idades”.

Eu convivi muito com homens ali, então, por exemplo, eu não tenho dificuldade alguma de fazer amizade com homem, eu não me vejo diferente de um homem, né?! É, isso é interessante falar, porque a gente vive, infelizmente, num mundo ainda muito machista, né? E principalmente no xadrez, por ter mais homens, já ouvi muito “Ah, eu vou ganhar de você, porque você é mulher, né?! Não posso perder pra você”. E eu nunca... isso nunca me abalou! Nunca! Porque eu nunca me senti diferente deles. Sempre me senti em pé de igualdade (Entrevista com Júlia).

Pretendo apontar com esse conjunto de episódios que há uma proximidade com as conclusões a que Rojo (2011) chegou acerca da relação entre emoções e identidade de gênero no contexto do hipismo. Do mesmo modo como no xadrez, o hipismo apresenta-se como uma modalidade esportiva que não se fundamenta em uma divisão elementar entre sexos. Tanto na modalidade de salto como na de adestramento, homens e mulheres competem em conjunto.

O que Rojo (2011) percebeu ao estudar a produção do gênero à luz dos discursos sobre emoções é que, apesar da igualdade formal, as diferenças entre os gêneros se atualizam no interior do esporte a partir das noções de “coragem”, “medo” e “sensibilidade”, atribuídas aos

homens ou às mulheres. Em suma, na modalidade de saltos – a mais valorizada socialmente –, os homens tenderiam a escolher os obstáculos mais altos devido a sua coragem, enquanto as mulheres “naturalmente” seriam mais medrosas e não ariscariam saltar as maiores alturas. Se, como o autor assinalou, trata-se de uma situação em que os discursos sobre as emoções “constroem ou reforçam determinadas relações de poder” (ROJO, 2011, p. 55), o caso do campo enxadrístico não parece ser diferente.

Conquanto homens e mulheres reconheçam a carga emocional que o jogo de xadrez imputa, percebe-se que a questão do medo não se apresenta da mesma forma em ambos os discursos. Se nos discursos masculinos a presença desse sentimento remonta às situações de iniciação no ambiente do xadrez⁹³, o mesmo não parece ser verdade para as mulheres. Ao não somente reafirmarem um discurso no qual elas precisam estar emocionalmente preparadas para jogar partidas contra os homens (buscando construir antes um senso de pertencimento ao clube junto às outras mulheres), como também ao apontarem para as emoções como um fator de desequilíbrio – e a despeito de que, do ponto de vista nativo, tal diferença não seja explicitamente atribuída a qualquer biologia ou natureza – ainda assim, essas são ações em que as diferenças entre os gêneros se atualizam. Em outras palavras, o grupo feminino reconhece uma desvantagem no tabuleiro que atravessa o aspecto emocional. Mesmo no caso de Júlia – que diz explicitamente não ter essa desvantagem – quiçá tal competência advenha de sua biografia de pelo menos 20 anos jogando xadrez.

De acordo com Lutz (1990), as questões emocionais tendem a emergir nos discursos daqueles socialmente subordinados. Por mais que nesse capítulo tenha sido discutida a pluralidade de discursos relativos às emoções e como tais discursos reordenam novas relações de poder, o que fica claro neste tópico é a associação desvantajosa, sobretudo na prática do xadrez, entre o feminino e as emoções, justificando mais uma vez a hierarquia entre homens e mulheres.

⁹³ Ver o relato de Bernardo no capítulo três, na seção “A recepção dos novatos” e o relato de Davi no capítulo cinco, na seção “A dor da derrota e a honra”.

CONCLUSÃO

Nas últimas palavras desta investigação, que durou quase quatro anos, não tenho a pretensão de elaborar qualquer conclusão generalizante, mesmo porque isso arruinaria, de certa forma, o trabalho aqui empreendido de uma Antropologia interpretativa. Todavia, gostaria de arriscar uma conclusão um pouco mais abrangente acerca do objeto escrutinado, sem me distanciar das interpretações construídas em campo, em um exercício talvez análogo àquilo que Geertz (2019) denomina como “pequenos voos de raciocínio”.

Iniciei esta tese partindo da premissa de que, de maneira geral e dentro do que se pode chamar de uma “cultura esportiva brasileira”, conhece-se pouco ou quase nada sobre o esporte do xadrez. E, não raro, aquilo que sabemos a seu respeito tende a ser enquadrado em um imaginário associado à dimensão da razão/mente/cognição. Ao investigar a formação de um *habitus* enxadrista interpretando-o do ponto de vista nativo, mostrei que outras dimensões além da razão estão implicadas nesse processo, ainda que a primeira não seja completamente excluída dele. De fato, na formação do jogador de xadrez, a crença em uma racionalidade pragmática demonstra estar subjacente à incorporação de todas as disposições específicas, analisadas no capítulo três, bem como na formação do gosto pelo jogo sério.

A relação desprendida do mundo se manifesta em um exercício comum entre eles (o qual chamei aqui de especulação das variantes de jogo), tal qual se expressa no desenvolvimento da habilidade de analisar partidas. E na valorização da modalidade do xadrez pensado, em detrimento a do *blitz*. A disposição estética, como argumentei, mostra-se vivamente no deslocamento da função do jogo, para a da bela forma – de modo que, para aqueles já familiarizados com os códigos do jogo, seus objetivos tradicionais são suplantados pela fruição estética das posições das peças no tabuleiro. Por fim, a disposição ascética registrada entre os interlocutores deixa entrever que, quando se trata de xadrez, não há habilidades inatas ou genialidade em jogo e sim uma propensão à disciplina e uma dedicação ao estudo. Em suma, não há espaço para relaxamento ou para distrações no xadrez. Os resultados (entendidos aqui como acréscimos de *rating*) se apresentam, ou pelo menos assim são significados pelos interlocutores, como uma consequência inexorável da incorporação adequada de tais disposições.

O sistema do *rating*, por sua vez, é o dispositivo que organiza e classifica todos que participam daquele meio social. Por meio dele, os jogadores conhecem e são conhecidos. Tal

instrumento, por mais dinâmico que seja, é capaz de instituir o que denominei no capítulo três como performatividades esportivas. Ademais, já que determinado patamar de *rating* confere ao enxadrista títulos vitalícios de mestre, esses, uma vez alcançados, podem tornar a busca pelo incremento do *rating*, se não sem sentido, ao menos secundária.

É curioso pensar que o sistema de classificação do *rating* no xadrez se contrasta com um outro atributo muito particular dessa modalidade, a saber, a aparente igualdade de condições entre os jogadores, em um grau que não se vê em outros esportes. Certa vez, na abertura de um torneio amistoso, promovido por um enxadrista e escritor do Rio que lançava seu livro na ocasião, visando celebrar o evento, ele enalteceu exatamente esse aspecto: “Xadrez é o único esporte em que todo mundo joga de igual para igual. Homem joga com mulher, idoso joga com criança... aqui não tem distinção”. Depreende-se dessa fala uma pretensa ideia de que as hierarquias sociais mais amplas se anulariam diante do sistema de hierarquia do *rating*, o que não parece ser exatamente o caso, segundo a presente investigação.

As análises sobre os discursos relativos ao sentimento de derrota apontam justamente para um caminho oposto. A pretensa igualdade de condições no xadrez, travestida de uma perspectiva inclusiva – cujos efeitos problematizei ao falar sobre meu papel como enxadrista dentro do clube –, subscreve, por fim, uma luta pela honra. A qual se torna tanto mais manifesta, quanto mais se somam marcadores sociais como gênero e idade. Dito de outro modo, tudo se passa como se o *rating*, a idade e o gênero fossem elementos que, ao serem sobrepostos, acabam por determinar o verdadeiro peso do sentimento de derrota e da desonra em situações de reveses no tabuleiro.

Contudo, a polaridade entre igualdade e *rating* não é a maior das contradições que o objeto em pauta nos apresenta. Os dados apontam para um plano mais sofisticado de hierarquia que perpassa as análises feitas nos capítulos três, quatro e cinco desta tese. Considerando tudo que foi dito até o momento, se a confiabilidade em uma razão imperativa não é apenas um partícipe do imaginário de senso comum sobre esses jogadores, mas sim do próprio princípio gerador e estruturador – do *habitus* – da prática enxadrista. Na mesma proporção em que os processos emocionais e a corporalidade se mostram pungentes no interior do campo, ponho aqui a questão: não poderíamos tratar essa discussão nos termos da teoria dumontiana?

No contexto pesquisado, a distribuição diferencial do valor entre esses eixos coloca em oposição os processos da racionalidade, superiormente localizados e identificados com a totalidade da identidade enxadrista, enquanto que os processos emocionais e corporais acabam

localizados em pontos inferiores na organização hierárquica. No ponto de vista defendido pelo Mestre FIDE e citado no capítulo 2, de que o torneio de candidatos deveria manter 32 partidas em sua composição visando a extirpar a influência de fatores imponderáveis no resultado, está condensado justamente o nível de experiência que deva ser “verdadeira ao nível das concepções” (DUMONT, 1985, p. 243) para aqueles jogadores. Ainda que outros elementos estejam em jogo no nível empírico. Não por acaso, o Mestre FIDE termina a argumentação dessa perspectiva com a sentença retórica: “Afim, não somos o esporte dos sujeitos racionais?”.

Acontece que, como nos alerta Louis Dumont (1985), essa oposição hierárquica não é distintiva, no sentido de localizar as dimensões em polos diametralmente opostos como poderíamos pensar (razão/emoção, corpo/mente). Ela incide naquilo que Dumont define como escândalo lógico, o qual pressupõe a contradição, o englobamento do seu oposto e uma posterior inversão. Com isso, quero dizer que corporalidade e emoções não apenas figuram nos discursos associados à prática do xadrez, como em determinados momentos ainda ganham centralidade na experiência desses jogadores, assim, incorrendo no que Dumont (1985) denominou de inversão hierárquica. Logo, é no acionar dos relógios que o corpo passa a ser mobilizado como uma peça de jogo. Na acepção de que por meio dele são empreendidos os artifícios que visam ludibriar ou dissimular o adversário das estratégias executadas no tabuleiro. Da mesma forma, todo e qualquer movimento do corpo, seja uma respiração mais longa ou um franzir de testa, é visto como um signo de juízo do adversário em relação à partida.

Portanto, constata-se o empreendimento de uma gramática corporal subjacente, que indica ser tão relevante quanto aquela aprendida para se registrar as partidas (a notação algébrica). De igual maneira, a categoria do cansaço talvez seja a expressão que melhor realce essa inversão hierárquica, uma vez que, em vez de ouvir dos jogadores que as partidas em torneios os levam a uma fadiga mental, as falas dos interlocutores apontaram para uma entranhada imbricação entre o corpo e a mente nesse ponto. Nos discursos dos enxadristas sobre saúde, parece haver mais uma vez a operação dessa inversão. Pois, se a articulação entre mente e corpo se dá no nível conceptual (devido a crença compartilhada da causalidade entre os cuidados com o corpo e o melhor desempenho no jogo), a desarticulação apresenta-se no plano das ações, em que os cuidados com o corpo no cotidiano dos jogadores não parece receber tanta relevância assim.

No caso dos sentimentos, por sua vez, é a busca pela emoção e pela tensão dos salões de jogos que mantêm ativo o desejo de participar das competições presenciais; embora

estejamos falando de um esporte com total condição de sobreviver em contextos virtuais, conforme descrito no capítulo um. No acionar dos relógios, por mais que seja desejável o completo domínio das emoções, os discursos mostram que elas tomam protagonismo, sobretudo, se levarmos em conta o *rating* do jogador adversário, o que deixa claro que a dimensão social é produtora dos discursos emotivos. Desse modo, se jogar contra alguém de *rating* menor pode significar maior nervosismo e tensão, justamente porque é a responsabilidade da vitória que se coloca nos ombros do jogador de *rating* maior. Por outro lado, jogar contra alguém de *rating* muito superior implica em participar de um desafio ou de aceitar um aprendizado.

Por último, é imprescindível reconhecer que o debate realizado nesta tese está delimitado a um contexto temporal e espacial específico, o que implica em certas restrições. O NXN, bem como a comunidade enxadrista carioca como um todo, são entidades em constante movimento, com agentes sociais que permanecem ou que chegam e partem. Isso fornece a possibilidade de que, no futuro, novas questões sejam postuladas a essa “aldeia”. Tal como provê o ensejo de revisitar as mesmas propostas aqui debatidas, de um outro lugar. Em tempo, destaco que a limitada participação feminina neste estudo não permitiu o devido aprofundamento nas questões de gênero, não obstante o campo tenha dado todos os sinais da necessidade de problematizar essa dimensão.

REFERÊNCIAS

- #315 - Magnus Carlsen: Greatest Chess Player of all time. Entrevistado: Magnus Carlsen. Entrevistador: Lex Fridman. [S.l.]: **Lex Fridman Podcast**. Ago. de 2022, 2h 31min. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6D3DU0SD0l15PlbmEuLhX5?si=f425aa6d94e04a5c>. Acesso em: 23 de maio, 2023.
- ABU-LUGHOD, Lila. **Veiled Sentiments: honor and poetry in a beduin society**. 1ª ed. Oakland, California: University of California Press, 1986.
- ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. **Language and the politics of emotion**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- ALBOREDO, Julia. **Grandes Jogadoras: As mulheres que chegaram a GM**. Blog 'Damas em ação - rumo à maestria'. 9 de maio, 2019. Disponível em: <http://rumoamaestria.com.br/grandes-jogadoras-as-mulheres-que-chegaram-a-gm/>. Acesso em: 20 jun., 2024.
- ALCOFORADO, Michel Fontenelle. **Cenas da Política: Uma etnografia do Plenário do Senado Federal**. Brasília, DF: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2010.
- ALVES, Raquel Lustosa da Costa; SAFATLE, Yazmin Bheringcer dos Reis E. “Mães de micro”: perspectivas e desdobramentos sobre cuidado no contexto da síndrome congênita do zika vírus (sczv) em Recife/PE. *Áltera*, v. 1, n. 8, p. 115–145, 2019.
- ALVES, Tony Bela. **Diferencie trabalho de hobby: etnografando o processo de profissionalização no League of Legends**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Niterói, RJ: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, 2019.
- ARAÚJO, Amanda Mello Andrade De. **Corpo e subjetividade: estudo sobre body modification e suspensão corporal**. 2015. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PEED1127-D.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- ARAÚJO, Amanda Mello Andrade De. Esportivização e genialidade no xadrez: primeiras aproximações. **Esporte e Sociedade**, v. 33, n. 1, p. 1–16, 2021.
- ARAÚJO, Mônica da Silva. **O corpo atlético da pessoa com deficiência: uma etnografia sobre corporalidade, emoção e sociabilidade entre nadadores paraolímpicos**. Rio de Janeiro, RJ: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
- ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinidades: futebol, tango y polo en la Argentina**. [s.l.] Editorial Antropofagia, 1999.

BAND JORNALISMO. **Ana Moser toma posse como ministra do Esporte** | BandNewsTV. *Youtube*, 4 de jan. 2023. 25min 56s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q-RAeiYdz-E>. Acesso em: 14 de jun. 2023.

BASTOS, Isabela. **Alunos da rede municipal de Niterói participam de campeonato de xadrez**. *Jornal O Globo* [online]. 5 de jul. 2007. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/alunos-da-rede-municipal-de-niteroi-participam-de-campeonato-de-xadrez-4177801>. Acesso em: 13 abril, 2023.

BECKER, Howard. “Foi por acaso”: reflexões sobre a coincidência. Tradução por Clare Charity. *Anuário Antropológico*, v. 18, n. 1, p. 155–173, 1994.

BERGER, Peter. Sobre a obsolescência do conceito de honra. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 41, 2015.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 36ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BIRD, Henry Edward. **Chess History and Reminiscences**. First published by Dean & Son [1983]. Blackmask online, 2002.

BOAVENTURA, Patrícia Luiza Bremer. **Técnica, dor, feminilidade: educação do corpo na ginástica rítmica**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Florianópolis, SC: Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina., 2011.

BOURDIEU, Pierre. O sentimento de honra na sociedade Cabilia. Em: **Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas**. Tradução de José Cutileiro. 1ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d’une théorie de la pratique**. Éditions du Seuil [S.l.] p. 162–89, 1972.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Tradução de Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. Em: **Coisas Ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo, SP: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. As contradições da herança. Em: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de Educação**. 9ª ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares Azevedo *et al.* 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme F. Teixeira. São Paulo: EdUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

BRASIL. 1153. **Projeto de Lei nº1153 de 18 de junho de 2019**. Altera a Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998 (Lei Pelé). Brasília: Senado Federal. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9615, de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília: Senado Federal. 1998.

BRASIL. **Lei nº8672, de julho de 1993**. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Brasília: Senado Federal. 1993.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 5840/2016 de 13 de julho de 2016**. Reconhece os jogos da mente como esportes e os capacita para registro no Calendário Esportivo Nacional do Ministério dos Esportes. Brasília: Senado Federal. 2016.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 14.597 de 14 de junho de 2023**. Institui a Lei Geral do Esporte. Brasília: Senado Federal. 2023.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 383/2017 de 10 de outubro de 2017**. Dispõe sobre a regulamentação da prática esportiva eletrônica. Brasília: Senado Federal. 2017.

BRASIL. **Projeto de Lei nº2993 de 20 de dezembro de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para tornar obrigatório o ensino do xadrez nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados. Brasília: Senado Federal. 2021.

BRIGANTE, Gustavo Guedes. A arte do enxadrismo: considerações sobre habilidade, aprendizagem, epistemologia e antropogênese a partir do xadrez. **Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**, n. 22, 2021.

BUENO, Luciano. **Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento**. Tese de Doutorado em Administração Pública e Governo—São Paulo, SP: Escola de Administração de empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Tradução de Renato Aguiar. 22ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do sexo**. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. 1ª ed. São Paulo, SP: Crocodilo, 2019.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

CAMARGO, Wagner Xavier De. **Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBT's**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Florianópolis, SC: Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

CAMARGO, Wagner; PISANI, Mariane Da Silva; ROJO, Luiz Fernando. (Orgs.). **Vinte anos de diálogo: os esportes na Antropologia brasileira**. 1ed. ed. Curitiba: Brasil: ABA Publicações, 2021.

CANDAU, Jöel. **Antropologia da Memória**. Tradução de Miriam Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

CBX. **Estatuto da Confederação Brasileira de Xadrez**. Assinado por Pablyto Robert Baiôco Ribeiro e Charles Moura Vitória Netto. ES: Assembleia Geral Extraordinária de 25 de abril, 2009. Disponível em: https://www.cbx.org.br/files/downloads/Estatuto_CBX_2009.pdf. Acesso em: 15 de jun. 2023.

CHARNESS, Neil. Aging and skilled problem solving. **Journal of Experimental Psychology. General**, v. 110, n. 1, p. 21–38, 1981.

CHASE, William G.; SIMON, Herbert A. Perception in chess. **Cognitive Psychology**, v. 4, n. 1, p. 55–81, 1973.

CHESS.COM. **Sistema de rating Elo (Termos de xadrez)**. [S.l.], 2020. Disponível em: <https://www.chess.com/pt-BR/terms/sistema-rating-elo-xadrez>. Acesso em: 07 de jul. 2022.

CHESS.COM PORTUGUÊS. **De HOJE não passa! Quem será o NOVO Campeão Mundial de Xadrez? - !Desempate**. Comentado por GM Krikor Mekhitarian e WIM Florencia Fernández. *Youtube*, 30 de abr. 2023. 4h 58min 30s. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/y5hi97rn92M?si=qr7HCWSQhMfIl6ju>. Acesso em: 30 de abr. 2023.

CITRO, Silvia (Coord.). **Cuerpos plurales: antropología de y desde los cuerpos**. Buenos Aires: Biblos, 2010.

CLARK, Candace. **Misery and company: sympathy in everyday life**. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

COMUNICAÇÃO FLAMENGO. **Mequinho, ídolo do Xadrez brasileiro que representou o Mengão, completa 70 anos**. Notícia com colaboração de Denys Presman. [S.l.]: 23 jan. 2022. Disponível em: <https://www.flamengo.com.br/noticias/institucional/mequina--idolo-do-xadrez-brasileiro-que-representou-o-mengao--completa-70-anos>. Acesso em: 24 jun. 2024.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2004.

COSTA, Waldemar. **Epopéia do Campeonato Brasileiro de Xadrez 1927 - 2008**. 1ª ed. Santana de Parnaíba, SP: Solis, 2009.

COX, Charles. **Entrevista com Ding Liren: "Eu Não Quero Ser Famoso"**. Site Chess.com, 31 de jan. 2020. Disponível em: <https://www.chess.com/pt/article/view/entrevista-com-ding-liren>. Acesso em: 10 de mar. 2023.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional**, v. nº27, n. 1, p. 8, 1978.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese de Doutorado—Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.

DESJARLAIS, Robert. **Counterplay: an anthropologist at the chessboard**. Los Angeles, CA: University of California Press, 2011.

DEVEREUX, George. **From Anxiety to Method in the Behavioral Sciences**. Paris: Mouton & Co and École Pratique des Hautes Études, 1967.

DIÁRIO DE SÃO LUIZ. Ano de 1972/Edição 00276 (1). Em: HEMEROTECA (Coleção Digital de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional). **Diário de S. Luiz (MA) - 1920 a 1949**. Maranhão, 24 de nov. 1922. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/093874/2613>. Acesso em: 11 de out. 2023.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1986.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A outra saúde: mental, psicossocial, físico moral? **Saúde e doença: um olhar antropológico**, p. 1–9, 1994.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1985.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Tradução de Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FALCÃO, do futsal, rebate ministra Ana Moser sobre esportes e opina sobre a modalidade: ‘Mundo mudou’. **Lance!** São Paulo (SP), 14 de mar, 2023. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/falcao-do-futsal-rebate-ministra-ana-moser-sobre-esportes-e-opina-sobre-a-modalidade-mundo-mudou.html>. Acesso em: 18 de jul. 2023.

FARNELL, Brenda. **Dynamic Embodiment for Social Theory**. 1ª ed. New York: Routledge, 2012.

FERNANDES, MF José Costa. **A arte do lance do mestre: melhore seu xadrez de forma lúdica**. Niterói, RJ: Editora NCO, 2021.

FEXERJ. **Estatuto da Federação de Xadrez do Estado do Rio de Janeiro**. Assinado por André Kemper Baptista e Alberto Pinheiro Mascarenhas. Rio de Janeiro, 1º de fev. 2014. Disponível em: <https://www.fexerj.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Estatuto-da-FEXERJ.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FIDE CHESS. **Ding Liren about the game: "I'm not happy; I'm a little bit depressed. During the game, [...]"** 9 de abr. 2023a. X.com (Twitter): @FIDE_chess. Disponível em: https://x.com/FIDE_chess/status/1645076957703307264. Acesso em: 11 de set. 2023.

FIDE CHESS. **World Champion Ding Liren: "I thought if I lost the match, I'd retire from chess"**. *Youtube*, 4 de maio, 2023b. 17 min 04s. Disponível em: <https://youtu.be/JYjKD-fTK2Y?si=bgESis2iBJUmtJLt>. Acesso em 01 de julho de 2023.

FIDE. **FIDE Charter**. [S.l.]: Estatuto da Federação Internacional de Xadrez, 1 de mar. 2020. Disponível em: <https://handbook.fide.com/chapter/FIDECharter2020>. Acesso em: 23 de maio, 2023.

FLEISCHER, Soraya. O “cansaço” como categoria norteadora das experiências de adoecidos pulmonares. **Saúde e Sociedade**, v. 24, p. 1332–1348, 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. **1972: Após façanha no xadrez, Mequinho vai ser recebido com festa no Rio**. Coluna especial de 50 anos. 14.jan. 2022. Disponível em: <https://folha.com/7k1jb3wg>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”. **Teoria e Cultura**, v. 2, n. 1, p. 39–53, 2008.

FONSECA, Ingrid Ferreira. **Sociabilidades em um clube de malha: perspectivas antropológicas sobre jogo, masculinidade e envelhecimento**. Niterói, RJ: Programa de Pós-graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2015.

FOOTE WHYTE, William. **Sociedade de esquina**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2008.

FURIA contrata bicampeão brasileiro de xadrez Krikor Mekhitarian. **Globo Esporte**. São Paulo, 08 de dez. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/esports/noticia/furia-contrata-bicampeao-brasileiro-de-xadrez-krikor-mekhitarian.ghtml>. Acesso em: 15 de ago. 2023.

GAY, Peter. **O cultivo do ódio**. Tradução de Sergio Flaksman. 1ª ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galo balinesa. Em: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de Fanny Wrobel. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

GIL, Carlos; RODRIGUES, João Gabriel. **Ana Moser traça planos no Ministério e explica polêmica sobre esports: "Esporte é movimento"**. Globo Esporte, 12 de mar. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2023/03/12/ana-moser-traca-planos-no-ministerio-e-explica-polemica-sobre-esports-esporte-e-movimento.ghtml>. Acesso em: 18 de jul. 2023.

GOBET, Fernand. **Expert memory: a comparison of four theories**. Cognition, Volume 66, Issue 2, 1998, pp 115-152. ISSN 0010-0277. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0010-0277\(98\)00020-1](https://doi.org/10.1016/S0010-0277(98)00020-1). Acesso em: 15 de janeiro, 2024.

GONÇALVES, Michelle Carreirão. **Corpos e subjetivações: o domínio de si e suas representações em atletas e bailarinas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Florianópolis, SC: Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

GROOT, Adriaan De. **Thought and choice in chess**. [S.l.] Ishi Press, 1968.

GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. Em: DAMATTA, Roberto *et al.* **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pinakitheke, 1982.

GUTTMANN, Allen. **Games and empires: modern sports and cultural imperialism**. New York: Columbia University Press, 1994.

HAMAYON, Roberte. **Why we play: an anthropological study**. Tradução de Damien Simon. 1ª ed. Chigago: Hau Books, 2016.

HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. Tradução de Rodney e Claudia Needham. **Religião e Sociedade**, v. 06, 1980.

HOBBSAWN, Eric John. **A era do capital: 1848-1875**. Tradução de Luciano Costa. 21ª ed. Santa Ifigênia, SP: Editora Paz e Terra, 2015.

HORST, Heather A.; MILLER, Daniel. (Org.). **Digital anthropology**. English ed ed. London ; New York: Berg, 2012.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. Tradução de João Paulo Monteiro. 1ª ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2000.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. Tradução de José Fonseca **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

JANUÁRIO, Jéssica dos Anjos. **A herança na trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros: processos educacionais e esportivos de formação de uma elite cultural**. Tese de Doutorado – São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2017.

JOHNSON, Daniel. **Rei branco e rainha vermelha: como a Guerra Fria foi disputada no tabuleiro de xadrez**. Tradução de Vitor Paolozzi. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

JONASSON, Kalle; THIBORG, Jesper. Electronic sport and its impact on future sport. **Sport in Society**, v. 13, n. 2, p. 287–299, mar. 2010.

JORNAL DO BRASIL. Ano de 1971/Edição 00169. Em: CPDOCJB (Centro de Pesquisa e Documentação do Jornal do Brasil. **Jornal do Brasil (RJ) - 1970 a 1979**. Rio de Janeiro, 22 de out. 1971b. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&Pesq=%22mequinh%22&pagfis=220703. Acesso em: 15 fev. 2023.

JORNAL DO BRASIL. Ano de 1971/Edição 00239. Em: CPDOCJB (Centro de Pesquisa e Documentação do Jornal do Brasil. **Jornal do Brasil (RJ) - 1970 a 1979**. Rio de Janeiro, 13 de jan. 1971a. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=202278. Acesso em: 15 fev. 2023.

JUN, Xie. **Xie Jun - Chess champion from China: the life and games of Xie Jun**. United Kingdom: Gambit Publications, 1998.

KASPAROV, Garry. **Deep thinking: where machine intelligence ends and human creativity begins**. 1ª ed. Nova Iorque: PublicAffairs, 2017a.

KASPAROV, Garry. **Meus grandes predecessores - Volume 2**. 2ª ed. Santana de Parnaíba, SP: Solis, 2017b.

KONDO, Dorinne K. **Crafting Selves: power, gender, and discourses of identity in a japanese workplace**. Chigado, United States of America: University of Chicago Press, 1990.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Tradução de Didier Martin e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAMBEK, Michael. Cuerpo y mente en la mente, cuerpo y mente en el cuerpo: algunas intervenciones antropológicas en una larga conversación. Em: CITRO, Silvia (Coord.) **Cuerpos plurales: antropología de y desde los cuerpos**. 1ª ed. Buenos Aires: Biblos, 2010.

LE BRETON, David. **Antropologia da dor**. Tradução de Iraci D. Poleti. 1ª ed. São Paulo, SP: Unifesp, 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Tradução de Wilson Martins. Editora Anhembi Ltd. São Paulo, 1957.

LOUREIRO, Luiz. Xadrez. Em: DACOSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

LUTZ, Catherine. **Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian Atoll & their challenge to western theory**. London: University of Chicago Press, 1988.

LUTZ, Catherine. Engendered emotion gender, power and the rethoric of emotional control in American discourse. Em: ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. **Language and the politics of emotion**. 1º ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental**. Tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Dossiê Corpo e História**, v. 1, n. 1, p. 1–15, 2001.

MARINS, Cristina Teixeira. **Entre palcos e flashes: reflexão etnográfica sobre trabalho, construção de reputação e circuitos de consagração de fotógrafos de casamento**. Tese de Doutorado em Antropologia – Niterói: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2018.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. Em: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

MOREIRA, Verónica. Aprendiendo con el cuerpo. Etnografía sobre boxeo en la ciudad de Buenos Aires. **Atlántida Revista Canaria de Ciencias Sociales**, n. 10, p. 119–132, 2019.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 5º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. v. 1

MOSER, Ana. **Discurso de posse como ministra do Esporte**. Brasília, Palácio do Planalto: proferido em 4 de jan. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte/noticias_esporte/com-meta-de-revolucao-no-direito-ao-esporte-para-todos-ana-moser-assume-o-ministerio-do-esporte/discurso_posse_ana_moser.docx. Acesso em: 14 de jun. 2023.

MURRAY, Harold James Ruthven. **A history of chess**. 1ª ed. Oxford: Clarendon Press, 1913.

NETFLIX. *O Gambito da Rainha*. Criado por Scott Frank e Allan Scott. Baseado em *The Queen's Gambit*, de Walter Tevis [S.l.]: Netflix, 2020. 1 temporada. (60 min/episódio).

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.

NIMZOVITSCH, AARON. **Meu Sistema: o primeiro livro de ensino de xadrez**. Tradução de Francisco de Assis Garcez Leme. Santana de Parnaíba, SP: Solis, 2007.

NXN. **Estatuto do Núcleo de Xadrez de Niterói**. Niterói: 7 de mar. 2016. Disponível em: <https://nxniteroi.blogspot.com/2018/02/estatuto-nxn.html>. Acesso em: 4 de ago. 2023.

OLIVEIRA, Cilene Lima De. **Aventura, Performance, Sofrimento: construção de corporalidades em Esportes de Aventura**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Niterói, RJ: Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, 2016.

OLIVEIRA, Cilene Lima De. “O corpo não traslada, mas muito sabe”: refletindo sobre construção de corporalidades na Antropologia dos Esportes no Brasil. Em: **Vinte anos de diálogo: os esportes na Antropologia brasileira**. Curitiba: aeditora, 2021.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso De. **O trabalho do antropólogo**. 2º ed. São Paulo, SP: UNESP, 2000. v. 53.

ORTNER, Sherry B. **Life and Death on Mt. Everest: sherpas and himalayan mountaineering**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1999.

PEIRANO, Mariza G. S. Artimanhas do acaso. **Anuário Antropológico**, v. 14, n. 1, p. 9–21, 1990.

PERRUSI, Artur. Utopia da saúde perfeita: a nova ideologia do corpo na modernidade. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, v. 3, p. 3–15, 2001.

PITT-RIVERS, Julian. Honor and social status. Em: PERISTIANY, J. G. (Ed.) **Honour and Shame: the values of mediterranean society**. London, UK: Weidenfeld and Nicolson. 1965.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia Pereira. **Antropologia das emoções**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2010.

RIAL, Carmen. Rúgbi e Judô: Esporte e Masculinidade. Em: PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José (Orgs.). **Masculinidades: teoria, crítica e artes** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 199-221.

ROHDEN, Fabíola. Para que Serve o Conceito de Honra, ainda hoje? **CAMPOS - Revista de Antropologia Social**, v. 7, n. 2, 31 dez. 2006.

ROJO, Luiz Fernando. A produção de gênero no hipismo à luz dos discursos sobre as emoções. Em: **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa, 2011.

ROJO, Luiz Fernando. Caminhando através de trilhas fechadas: reflexão sobre objetos nunca ou quase nunca estudados na antropologia brasileira. **Análise Social**, v. 1, n. 4, p. 766–782, 2015.

ROJO, Luiz Fernando. **Por mares nunca dantes navegados: uma etnografia da prática de vela em um clube de Niterói (RJ)**. Niterói, RJ: Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense, 2022.

ROWSON, Jonathan. **The seven deadly chess sins: scotland's youngest grandmaster discusses the most common causes of disaster in chess**. Londres: Gambit Publications, 2008.

SABINO, Cesar. **O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas - Sociologia) – Rio de Janeiro, RJ: Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

SANJEK, Roger. **Fieldnotes: the makings of anthropology**. Nova Iorque: Cornell University Press, 1990.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução de Lygia Araujo Watanabe. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SHENK, David. **O jogo imortal: o que o xadrez nos revela sobre a guerra, a arte, a ciência e o cérebro humano**. Tradução de Roberto Franco Valente. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. v. 1

SOUZA, Juliano De; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Rupturas e tensões no processo de constituição estrutural do subcampo esportivo do xadrez (1900-19060). **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 34, n. 3, p. 557–570, set. 2012.

STALLONE, Sylvester (dir.). **Rocky Balboa**. Produção de Charles Winkler, William Chartoff, Kevin King Templeton e David Winkler. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, Columbia Pictures, 2006. 1 DVD (102 min), son., color.

TORRE na Sétima - MN Daniel Brandão Mariani. Entrevistado: MN Daniel Brandão Mariani. Entrevistador: Derlei Alex Florianovitz. [S.l.]: **Torre na Sétima**, abr. 2022. 2h 7min. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1OhR2EWc1VBJjRILyhi0t?si=4fe23f8fbe85449f>. Acesso em: 14 de jun. 2023.

TURELLI, Fabiana Cristina. **Corpo, domínio de si, educação: sobre a pedagogia das lutas corporais**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Florianópolis, SC: Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Tradução de Fabiano Moraes. Niterói: Editora da UFF, 2008.

UOL. **Ana Moser fala de atos golpistas, uso político da camisa da CBF, posicionamento no esporte e mais**. *Youtube*, 10 de jan. 2023. 59min 22s. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/4rYA72SHTHo?si=97IklsuLRJuQI2tc>. Acesso em: 17 de jun. 2023.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. Em: VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 6ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1999.

VERONEZ, Luiz Fernando Camargo. **Quando o estado joga a favor do privado: as políticas de esporte após a Constituição Federal de 1988**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Campinas: Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

VIDAL, Fernando; ORTEGA, Francisco. **Somos nosso cérebro? Neurociências, subjetividade, cultura**. Tradução de Alexandre Martins.. 1ª ed. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2019.

WACQUANT, Loic. **Corpo e alma**. Tradução de Angela Ramalho. 1ª ed. ed. [s.l.] Relume Dumara, 1995.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460–482, 2001.

WENDLING, Thierry. Playing with time: The chess clock. **Homme**, v. 138, p. 87–109, 1996.

WENDLING, Thierry. **Ethnologie des joueurs d'échecs**. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

WINTER, Edward. **FIDE: The Prehistory**. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.chesshistory.com/winter/extra/fideprehistory.html>. Acesso em: 20 de jun., 2024.

XADREZ DE QUINTA. **Entrevista com Equipe Brasileira Feminina nas Olimpíadas de Xadrez - Chennai, 2022**. Realizada por Tais Julião com MF Juliana Terao, WIM Julia Alboredo, WIM Kathiê Librelato, WCM Vanessa Gazola e MN Ellen Bail. 3 de jun. de 2022. Disponível em: <https://youtu.be/Nq7rrl7dC9o?si=DTL2M2bpZBu3n5z0>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

YALOM, Marilyn. **Birth of the Chess Queen**. [s.l.] Harper Collins, 2004.

ZWEIG, Stephan. **O livro do xadrez**. Tradução de Silvia Bittencourt. 1ª edição ed. São Paulo, SP: Fósforo Editora, 2021.